



IDEOLOGIA DE GÊNERO

Entendendo o que é
e qual a sua responsabilidade

ADRIEL LEMOS
ROBSON CARVALHO



IDEOLOGIA DE GÊNERO

Entendendo o que é
e qual a sua responsabilidade

ADRIEL LEMOS
ROBSON CARVALHO

Adriel Lemos
Robson Carvalho

IDEOLOGIA DE GÊNERO

Entendendo o que é
e qual a sua responsabilidade

Adriel Lemos
Robson Carvalho

IDEOLOGIA DE GÊNERO

Entendendo o que é
e qual a sua responsabilidade

1ª Edição



CPAD

Rio de Janeiro
2020

Todos os direitos reservados. Copyright © 2020 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Miquéias Nascimento

Capa: Fabio Longo

Editoração e projeto gráfico: Anderson Lopes

Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 240 - Moral cristã e teologia devocional

e-ISBN: 978-65-86146-86-8.

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <https://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2020

DEDICATÓRIA

Dedicamos este livro
a todas as famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, pelo fato de ter-nos escolhido para esse importante projeto. Por ter-nos permitido transmitir seu lindo evangelho para todas as famílias através deste livro e por cruzar meu caminho com o querido amigo pastor Robson Carvalho, de Brasília, que, mesmo distante a milhares de quilômetros, ainda assim nos unimos no propósito santo desta obra.

À minha esposa em especial, Talita Colombo, que, durante muitos dias, até o término da escrita do livro, começou seu sono de cinderela sozinha. A meu príncipe encantado, Vinicius, meu lindo filho! Amo vocês, meus amores!

Dedico esta obra também a meus pastores, Roberto Ohlweiler e Jocimar Marciano, que são exemplos em meu ministério, e também a CPAD, que acreditou em nós. Obrigado, Irmão Ronaldo Rodrigues de Souza e a todos os demais amigos do Conselho Nacional da Juventude, pastor Neto e Luaran Lins.

PASTOR ADRIEL LEMOS

“Que darei eu ao SENHOR por todos os benefícios que me tem feito? Tomarei o cálice da salvação e invocarei o nome do SENHOR. Pagarei os meus votos ao SENHOR, agora, na presença de todo o seu povo” (Sl 116.12-14). Meu agradecimento primeiramente a Deus, na pessoa do Espírito Santo, pela inspiração, auxílio, consolo e edificação em cada momento da escrita desta obra literária. Toda honra, toda glória e todo louvor sejam dados ao único digno de ser adorado.

Também à minha família, à minha esposa Akaya Hannane, que, sem dúvidas, é a mulher mais exuberante que conheci, e a meu filho Áquila Raphá, nosso pequeno grande milagre vivo. A meus pais, minha avó, irmã Bia, fiel intercessora, e demais parentes. A meus pastores, pastor Orcival Xavier (Pastor Presidente da ADEB – Assembleia de Deus de Brasília) e pastor Manoel Xavier

(Vice-presidente da ADEB) que me têm dispensado todo apoio, credibilidade e liberdade para o exercício do ministério que me foi confiado. A meus queridos amigos, companheiros, apoiadores, intercessores e membros da União de Adolescentes da Assembleia de Deus de Brasília (UNAADEB). Aos amigos que profetizaram este livro, irmã Carla Teixeira (Vice-coordenadora Geral da UMADEB) e o pastor Thiago de Assis (Coordenador Geral da UMADEMATs).

Em especial, a meu amigo e pastor Adriel Lemos, que, juntamente comigo, assumiu a responsabilidade de escrever essa obra, bem como ao pastor José Wellington Júnior, presidente da CGADB, que tem dedicado atenção especial à juventude assembleiana, ao irmão Ronaldo Rodrigues de Souza, diretor executivo da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), por acreditar em nosso ministério, ao pastor Wellington Neto, presidente do Conselho Nacional da Juventude (CNJ) da CGADB e ao pastor Luaran Lins, de quem partiu a indicação para a abordagem do tema por ocasião do III Fórum Nacional de Líderes de Juventude da Assembleia de Deus no Brasil em 2018.

PRESBÍTERO ROBSON CARVALHO

PREFÁCIO

Aqueles que conhecem minha história de vida e minhas batalhas pessoais, sabem que sou defensora incondicional da família, das causas que envolvem nossas crianças e da valorização da mulher, sempre me respaldando em princípios éticos e morais e em conformidade com os valores judaico-cristãos. Há muito tempo, entendi que eu fora chamada por Deus e que Ele vem me capacitando para esta batalha — inclusive, por sua imensa graça e misericórdia, Deus tem-me alçado a lugares inimagináveis para promoção e defesa dessas causas.

Dentre tantas batalhas, a luta contra os pressupostos da ideologia de gênero tornou-se uma de minhas prioridades. Não posso ficar calada diante das investidas de uma militância que quer desconstruir as bases da família tradicional. Não posso fechar os olhos diante do perigo que correm nossas crianças de terem a infância roubada ao serem submetidas, cada vez mais precocemente, a conteúdos de apelo sexual que invadem nossa sociedade por intermédio da promoção midiática de uma cultura hedonista, que busca justificar todos os tipos de opções sexuais como possíveis, inclusive a pedofilia. Não posso cruzar os braços diante do ataque empreendido à família e às instituições que a defende, como a igreja, e ver que o ensino sobre sexualidade tem sido contaminado por conceitos filosóficos e ideológicos, invadindo nossas escolas de forma inescrupulosa e partidária, suprimindo do seio familiar o direito e o dever de instruir as crianças sobre o tema. Não posso e não irei. Lutarei sempre por nossas crianças e adolescentes, pela família, pelos direitos humanos e também pelo evangelho de Jesus Cristo.

Ao deparar-me com essa obra, descobri a poderosa ferramenta preparada pela CPAD para presentear a igreja brasileira e a todos aqueles que, juntamente comigo, vêm se alistando na defesa da família. Essa obra chega em um momento extremamente oportuno, pois é necessário revelar os planos e estratégias da militância que tentam implantar uma agenda liberal com a desconstrução dos padrões de sexualidade, pautados nas questões do gênero e que são apresentados com um pretenso discurso de amor e respeito. A doutrinação ideológica do gênero tenta desvalorizar e desacreditar a própria ciência que, através de estudos metódicos e recorrentes, confirma a binariedade do gênero humano.

Fico muito feliz em descobrir que não estou sozinha nessa guerra, que é, na verdade, uma batalha ideológica, filosófica e espiritual, trazendo o inimigo no seu aparato bélico não armas de fogo, mas estratégias e artimanhas persuasivas de convencimento e doutrinação. Dou graças a nosso Senhor Jesus, pois sou conhecedora de que há inúmeros combatentes, homens e mulheres de Deus, que também estão alistados nesse exército em oração e em campanha, batalhando em defesa de nossas famílias, crianças e adolescentes. Em especial, os pastores Adriel Lemos e Robson Carvalho, que, com muita perspicácia, se engajaram para escrever esta obra tão profunda e, ao mesmo tempo, prática, de extrema relevância para todas as pessoas de bem que desejam o fortalecimento da família e dos valores morais. Acredito que você ficará surpreso com as verdades aqui apresentadas, pois elas transcendem a crítica e a problematização do tema, apresentando sugestões de atuação prática nas principais instâncias de luta, a sociedade, a família e a igreja.

Tenho plena convicção de que esta obra é um marco para a igreja brasileira, para as famílias cristãs e para todos aqueles que adquirirem, ganharem ou presentear com este livro alguém que também luta contra a ideologia de gênero em busca de proteção especial para família e filhos.

Parabéns aos amigos e pastores Adriel Lemos e Robson Carvalho por essa escrita e, também, ao irmão Ronaldo Rodrigues de Souza, diretor executivo da CPAD, pelo lançamento desta obra.

A Deus seja a honra, a glória e o louvor.

Damara Alves

Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos

INTRODUÇÃO

Caro leitor(a), você inicia agora uma jornada pelas páginas deste livro, que ora será prazerosa, ora tenebrosa, não por nosso desejo e vontade, mas, sim, pelas horripilantes verdades que apresentaremos.

Infelizmente, essa é uma realidade e não podemos negar que, por vezes, você sentirá náuseas e, por vezes, sentirá vontade de estar nos céus com o Senhor Jesus, longe de tantos pecados e maldades que apresentaremos, praticados por homens sem Deus que abandonaram os bons princípios em nome da modernidade.

É repugnante perceber como a sociedade atual desvirtuou-se dos padrões divinos e mergulhou na promiscuidade e no pecado. Mais nefasto ainda é perceber que não estão apenas vivendo um estilo de vida pecaminoso, como também motivando e lutando por pecados embalados em papéis de presente, estampados com respeito e poliamor. Deus ama o pecador enquanto homem que precisa de arrependimento, mas detesta o pecado. Quando homens deliberadamente e de forma escancarada defendem pecados graves, impondo à sociedade a normalidade da transgressão, sérias consequências podem ocorrer à semelhança de Sodoma e Gomorra.

Diga-se de passagem, a realidade atual da cultura — e da sociedade brasileira de forma genérica — é uma mistura das características de Sodoma e Gomorra e os piores defeitos das igrejas da Ásia, alvo das palavras de Jesus em Apocalipse. Vivemos um tempo em que ser moralista tornou-se pejorativo, ser fundamentalista é sinônimo de retrocesso, e mais alarmante ainda é a veridicidade de que o errado tornou-se certo e ainda incentivado, enquanto aquilo que é o certo tornou-se errado e coibido. A patrulha do politicamente correto não “perdoa ninguém” e está à espreita para linchar nas redes sociais aqueles que incentivarem o correto e discursarem contra o errado. E, apesar de conhecermos as profecias bíblicas e compreendermos que essa inversão de valores proposta pelo relativismo é o cumprimento fiel das palavras de Jesus, descritas biblicamente no Evangelho de Mateus 24, ainda assim, é impossível um cidadão de bem, pai e mãe de família não ficarem “chocados” com o mal que

avassala nossa nação, com tudo o que está ocorrendo.

Por isso, a abordagem sobre a ideologia de gênero tornou-se extremamente necessária, uma vez que, dentre centenas de outros assuntos que poderiam ser escritos, essa temática é a expressão perfeita de toda a investida de Satanás contra o homem. Ousamos dizer que a ideologia de gênero nasceu nas profundezas do Inferno por ter no seu arcabouço um leque muito grande de desconstrução de princípios e tradições, a saber: busca desconstruir a naturalidade da sexualidade humana, com a falsa alegação de neutralidade do gênero; busca desconstruir a sexualidade normal, ou seja, a heterossexualidade; busca desconstruir o pilar mais básico de qualquer sociedade e também um dos pilares do cristianismo: a família; busca desconstruir os papéis masculinos e femininos, de pai e mãe, além de colocar os filhos contra estes, suscitando um vil conflito de tradições dentro da família; busca invalidar as doutrinas bíblicas com o discurso de ódio enrustido em respeito e liberdade; busca hegemonia de uma minoria em detrimento da maioria, entre outras pautas defendidas pelos ideólogos do gênero, que, juntamente com a militância LGBT e partidos de extrema esquerda, buscam impor uma nova sociedade.

Assim é a ideologia de gênero: um esboço de ideias filosóficas com uma agenda progressista que conta com dezenas de frentes de atuação, desde a escola municipal onde nossos filhos estudam até mesmo nos mais altos escalões do Governo Federal. Trata-se de uma ideologia muito bem apresentada, com apelo muito profundo ao discurso de amor e inclusão; entretanto, e além da beleza pela qual se apresenta, é podre por dentro de suas entranhas. Tal ideologia é travestida de angelical respeito à diversidade, que “chega a dar dó” pela manipulação com que convence, manifestando-se, na verdade, como um demônio voraz que busca implantar as suas pautas a qualquer custo. É muito bonita por fora, porém pervertida por dentro, fazendo-nos lembrar da religiosidade apresentada pelos fariseus, que, nas palavras de Jesus, assemelhavam-se a “sepulcros caiados” (Mt 23.27), que estavam muito bem apresentados por fora, mas estavam cheios de imundícias e coisas que desagradam a Deus por dentro.

Escrevemos este livro para descortinar a você, leitor(a), a realidade dos ensinamentos dos ideólogos do gênero, que pregam um respeito que se manifesta como a linda face de uma donzela em corpo de bruxa. Esse tipo de fantasia, portanto, é imprescindível que seja conhecido por você, com todas as artimanhas e intenções, pois esse movimento está colocando sua família em risco e a igreja em sérios perigos. Assim sendo, é nosso dever conhecer o inimigo contra o qual

lutamos. Nosso maior objetivo é dar a você a oportunidade de juntar as peças soltas deste movimento filosófico, entendendo o que está sendo arquitetado para a completa destruição da família e da igreja.

Inicialmente, na Parte I, parece não fazer muito sentido analisar marxismo, feminismo, militância LGBT, politicamente correto, elites culturais e outros movimentos e entidades brasileiras; porém, é possível com um olhar mais apurado, como num quebra-cabeça depois de juntadas as peças, perceber a arquitetura pretendida com a conexão entre todos esses movimentos, qual seja, a relativização da família e, conseqüentemente, a desvalorização do sagrado, da religião e de tudo o que se opõe a esse plano ideológico. Aliás, tal desejo não é novidade, pois qualquer feminista ou militante LGBT discursam¹ escancaradamente que a militância religiosa, com suas fortes bases no cristianismo, é um dos principais obstáculos à aprovação das “garantias dos homossexuais”.

O intento desses movimentos é empreender uma espécie de engenharia social, com ideias antagônicas que buscam diversidade com hegemonia e respeito com desrespeito, visando persuadir o cidadão para aprovação de pautas liberais, que trazem normalidade àquilo que a Bíblia demonstra ser anormal (Lv 20.13). Há, portanto, um projeto concebido por Satanás e empreendido por diversas frentes de batalha buscando a destruição da família tradicional, pois, nas palavras de Karl Marx (1818–1883), somente assim seria possível uma sociedade igualitária.

Após montado esse quebra-cabeça, ou seja, entendida as ligações entre todos esses movimentos, teremos condições de conhecer o inimigo e montar as estratégias de defesa. E, para tanto, esse livro propõe-se a ir além da crítica e da pura e simples demonstração do problema, pois é frustrante quando lemos uma obra que apresenta apenas os problemas do mundo e não apresenta soluções. Muitas obras existem, porém são poucas as propostas que são apresentadas. “Ora, bolas”, todos sabemos que os problemas existem, mas o que queremos saber mesmo é como enfrentá-los, correto?

Por esse motivo, buscamos apresentar aqui ferramentas de enfrentamento e defesa, mas também, e principalmente, chamá-lo(a) ao compromisso de alistar-se para essa batalha.

Entrar nessa batalha, porém, sem as devidas armas é cortejar a derrota, correto? Por esse motivo, há capítulos extremamente práticos na Parte II. São capítulos

bem fundamentados, que provarão científica e biblicamente que a ideologia de gênero não passa de uma falácia criada artificialmente para impor o desejo de uma minoria. Já na Parte III, você terá diversas estratégias de enfrentamento para defender sua família, sua igreja e também para atuar como cidadão consciente de suas responsabilidades civis.

Já passou da hora de ficarmos apenas sentados no sofá de casa, de braços cruzados, reclamando da política e das propostas curriculares da educação brasileira ou, então, reclamar que agora a escola de seu filho possui um banheiro unissex. É hora de agir.

Como igreja, temos que despertar da sonolência causada pela riqueza e bem-estar social que se goza em um território de livre expressão religiosa, pois até mesmo essa liberdade está sob risco. Devemos aproveitar essa liberdade, na verdade, para defender nossos dogmas, crenças e valores religiosos, e não apenas para reunirmo-nos em templos moderníssimos com poltronas almofadadas e ares-condicionados; igrejas que mais parecem clubes de férias, sendo algumas semelhantes a clãs fechados. Entenda que não somos contra a modernização dos templos, mas, sim, contra a zona de conforto que criam nos cristãos. O problema, inclusive, não são os templos, e sim nós, cristãos, homens e mulheres de Deus, pois quanto mais benesses temos, menos lutamos; quanto mais acomodados ficamos, mais Satanás está alargando suas tendas e frentes de batalha, ganhando, dessa forma, espaço para impor suas ideologias.

Basta olharmos as propostas curriculares dos últimos anos na educação brasileira, as sentenças judiciais nos tribunais, que produzem jurisprudência, as leis aprovadas em favor da causa LGBT, a massificação da cultura gay em todas as instâncias da mídia digital, televisiva e impressa, além de outras dezenas de exemplos que poderíamos citar aqui para demonstrar a você, leitor(a), que infelizmente Satanás “deitou e rolou” em território nacional nos últimos anos, enquanto nos preocupávamos em discutir vãs filosofias teológicas.

Quem diz que a igreja deve orar e buscar ao Senhor está profundamente correto — conforme, inclusive, será frisado no decorrer do livro; porém, além de orar e buscar ao Senhor, também é preciso agir e demonstrar atitude assim como Davi, que se indignou com o famigerado incircunciso que estava afrontando Israel.

Seja sincero, será que ainda ficamos desconfortáveis como Davi e buscamos soluções para os problemas, ainda que custe — caso necessário seja — nossa

vida e liberdade, ou será que nos amedrontamos como os milhares de soldados da guarda de Saul e, assim, resguardamos nossa vida e liberdade? Que Deus nos livre de sermos coniventes com o pecado por medo de demonstrar posicionamento, pois tal atitude desagrada o coração de Deus.

Nos capítulos finais, você será confrontado para deixar o conforto do terno e gravata e entrar nesta batalha, de defesa de nossas crianças e adolescentes que estão diariamente sofrendo abusos nas escolas e locais públicos. Convidamos você a defender nossas igrejas, a liberdade religiosa e, especialmente, os fundamentos de nossa doutrina cristã, que são a expressão máxima da voz de Deus para conosco, a Bíblia Sagrada.

A leitura deste livro certamente causará um impacto a você, leitor, e temos por certo que você nunca mais será o mesmo. Cremos que este livro será um “ponto fora da curva” em sua vida para tirá-lo da zona de segurança e colocá-lo na zona de batalha espiritual, pois, caso contrário, nossas crianças sofrerão consequências mais graves do que as que já estamos enfrentando.

Não cruze os braços. Separe seu bloco de anotações e caneta, pois mergulharemos muito profundamente no tema, e muitas anotações serão necessárias.

Boa leitura!

1 “Conservadorismo” no Congresso é obstáculo a direitos de gays, diz Marta.

G1. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/05/conservadorismo-no-congresso-e-obstaculo-direitos-de-gays-diz-marta.html>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[PARTE 1 O que É e o que Propõe essa Ideologia?](#)

[Capítulo 1 Origem, Mitos e Verdades](#)

[Capítulo 2 Influência Histórica e Atual](#)

[Capítulo 3 Teorias de quê mesmo?](#)

[Capítulo 4 As Estratégias dos Defensores da Ideologia de Gênero](#)

[PARTE 2 Afinal, quem Está com a Razão?](#)

[Capítulo 5 O que a Ciência Diz sobre a Ideologia de Gênero?](#)

[CAPÍTULO 6 O que a Bíblia Diz sobre a Ideologia de Gênero?](#)

[PARTE 3 O que Temos a Ver com a Ideologia de Gênero e como Enfrentar esse Terrível Mal?](#)

[Capítulo 7 Tornamo-nos Alvos](#)

[Capítulo 8 O Papel da Família](#)

[Capítulo 9 O Papel da Igreja](#)

[Capítulo 10 O Papel e a Responsabilidade do Cidadão e da Sociedade](#)

[Analisando tudo, qual a Conclusão?](#)

[Depoimento dos Autores](#)

[Referências Bibliográficas](#)

Landmarks

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Página de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[Sumário](#)

[Início](#)

[Bibliografia](#)

Parte 1

O QUE É E O QUE PROPÕE ESSA IDEOLOGIA?

Nessa primeira parte do livro, convidamos você, leitor(a), a uma leitura um pouco mais densa, com uma abordagem ora acadêmica, ora técnica, sobre as mais relevantes características que envolvem a ideologia de gênero.

Nosso intuito é apresentar, mediante uma abordagem histórica, filosófica e conceitual, algo sobre a ideologia de gênero, os principais aspectos ligados à origem, aos mitos e às verdades que você talvez já deva ter ouvido.

Ainda nessa primeira parte, mostraremos as principais influências, tanto históricas — a partir de manifestações ideológicas — quanto contemporâneas com as mudanças e transformações sociológicas e antropológicas reveladas no comportamento humano em busca de seus anseios e pretensões libertárias.

Por fim, com uma demonstração mais técnica e conceitual, definiremos os principais significados dos termos e teorias empregados pela ideologia de gênero, além das estratégias utilizadas na busca pela ruptura das tradições, bem como a implementação performativa de novos conceitos de sexualidade.

Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência, proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças (1 Tm 4.1-3).

CAPÍTULO 1

ORIGEM, MITOS E VERDADES

Aqui começamos nossa caminhada em busca do conhecimento acerca desse tema atual e controverso, a ideologia de gênero. Trata-se de um tema que vem sendo discutido em todas as instâncias da sociedade, desde sala de aula, audiências públicas, debates no âmbito legislativo, estando presente até mesmo na campanha presidencial do Brasil no ano de 2018.

Na igreja, por exemplo, o tema ganhou notoriedade nos últimos anos devido a seu conteúdo agressivo e desconstrutor, que busca colocar em xeque uma das doutrinas mais bem fundamentadas da Bíblia: a criação do homem. Centenas e centenas de seminários, debates, palestras e pregações na igreja brasileira estão sendo ministrados em busca do antídoto dessa ideologia, que busca a desconstrução do gênero e a criação de um corpo indefinido. Diante desse fato, pode surgir a pergunta: “É realmente alarmante assim?”. A resposta é um sonoro “sim”! O tema é realmente complexo e controverso, pois coloca frente a frente duas visões antagônicas de mundo, a saber, o marxismo cultural e a cultura judaico-cristã.

Antes de tudo, porém, para que haja clareza para o leitor, definiremos o que é ideologia de gênero: basicamente, seria dizer que ninguém nasce homem ou mulher, ou seja, cada indivíduo constrói sua própria identidade, ou seu gênero. Nessa perspectiva, o gênero não seria o caráter biológico do indivíduo a partir da diferenciação entre homem e mulher dada no nascimento com a verificação da genitália do bebê. Gênero seria uma construção social, com a ideia de que todos nascem iguais, e a diferenciação entre o homem, masculino, e a mulher, feminina, é desenvolvida pela sociedade por um processo histórico e cultural. Quanto à expressão “ideologia de gênero”, é importante frisar que a terminologia “ideologia” — que será explanada com maior clareza à frente — é frequentemente usada nos meios cristãos, visto ser o arcabouço de ideias e pressupostos dos defensores do gênero neutro, enquanto que, nos meios acadêmicos, o termo comum é teoria ou estudo do gênero. Entretanto, usando

ainda a Filosofia e a Sociologia como aliadas, a maneira mais correta de falar sobre o tema é colocando-o em patamar de ideologia, e não de fundamentação científica, pela carência de experimentos que comprovem tal afirmação. Diga-se de passagem, a afirmação de que falta fundamentação acadêmica não é nossa, e sim de uma associação de pediatras dos Estados Unidos, a American College of Pediatricians, que, através de um documento oficial, expôs oito razões para os “educadores e legisladores rejeitarem todas as políticas que condicionem as crianças a aceitarem” a teoria de gênero (RICARDO, 2016).

A pergunta que nos resta é: Como uma teoria sem fundamentação científica ganhou tamanha notoriedade no mundo, em especial no Brasil? Iniciaremos este entendimento partindo da origem, isto é, de onde surgiu tal ideologia, e de quais pressupostos filosóficos ela vale-se.

Karl Marx e a Militância Marxista em Favor da Ideologia de Gênero

Karl Marx (1818–1883) viveu sua juventude no período da Revolução Industrial (1760–1840), época em que também teve como pano de fundo as grandes transformações econômicas, políticas e sociais que ocorreram na Europa no fim do século XVIII e início do século XIX. Marx atuou como filósofo, economista, historiador, jornalista, teórico político, além de ter sido um importante revolucionário e intelectual alemão, bem como fundador da doutrina comunista moderna.

A cultura em que Marx viveu foi um período de revoluções em que o campo foi abandonado para o crescimento vertiginoso das cidades industriais, onde parte do trabalho braçal foi substituída pelas máquinas e produções em série, trazendo detrimento ao valor da mão de obra do homem em relação à indústria. Nesse tempo, vale lembrar, não existia Consolidação das Leis de Trabalho (CLT), direitos dos trabalhadores, etc. As pessoas trabalhavam entre 12 e 16 horas por dia para terem os seus míseros salários ao final do mês, enquanto que os burgueses, donos das grandes indústrias, criavam uma nova classe buscando a desconstrução do clero e da monarquia, muito evidentes ainda nesse período. Os trabalhadores, pobres e excluídos nas periferias das cidades eram a massa operária, formada por homens, mulheres e crianças que diariamente expunham

suas vidas ao risco dos trabalhos industriais, onde quase todos os dias pessoas perdiam suas vidas pela falta de condições dignas de trabalho e segurança. Nessa época, não se ouvia falar em segurança do trabalho.

Karl Marx, mesmo gozando de uma vida privilegiada — filho de advogado, estudante acadêmico, um luxo para a época —, sente-se extremamente desconfortável pela exploração dos mais pobres e a ascensão da burguesia. Marx relata que a cena era deplorável nas periferias, onde os trabalhadores adoecidos viviam à mercê de doenças contagiosas e morriam sem qualquer atenção médica (FEDOSSEIEV, 1983). Nesse cenário, ele chamava essa dinâmica de “luta de classes”, da burguesia contra o proletariado. A burguesia correspondia à classe opressora e detentora do patrimônio, enquanto que o proletariado, à classe trabalhadora dos oprimidos. Assim, o proletariado vendia sua força de trabalho para a classe dominante, a burguesia, e ambas sobreviviam do capital. Em outras palavras, o mais pobre era explorado como matéria-prima sem muito valor, e a burguesia, sedenta por lucros, impunha cada vez mais trabalho a homens, mulheres e até mesmo crianças.

Buscando compreender de forma simplória o pensamento de Marx, este entendia que o triunfo do proletariado faria surgir uma nova sociedade sem classes, distinta e diferente do capitalismo que começava a fortalecer-se com o advento da Revolução Industrial. Ele acreditava que mudaria a condição social da periferia das grandes cidades europeias, que foram invadidas pela revolução na indústria através da união da classe trabalhadora, organizada em torno de um partido revolucionário. Segundo Marx, contra a ordem capitalista e a sociedade burguesa, era inevitável a ação política do operariado, a revolução socialista, que faria surgir uma nova sociedade, a sociedade comunista (BEZERRA, 2018). Para tanto, Marx, junto com o seu amigo Friedrich Engels (1820–1895), publicaram uma das obras mais importantes do século XIX, o Manifesto Comunista, um panfleto que tinha como objetivo conscientizar os trabalhadores de sua condição e da força de sua união.

Nesse ponto do texto, com uma aula de história, talvez você esteja pensando: “O que tudo isso tem a ver com ideologia de gênero?”. Tem muito a ver, pois a publicação do documento Manifesto Comunista abre as portas de uma guerra contra o capital e também contra a família, pois o texto é bem explícito em dizer que a ascensão do comunismo e, conseqüentemente, a derrocada do capitalismo burguês só seria possível com a abolição da família, a principal motivadora do capitalismo.

Karl Marx identificou que a origem do capitalismo era a família. Ele compreendeu a importância da família para a manutenção da ordem social (capitalista), e, para acabar com essa ordem, fazia-se necessário destruir a herança cultural da família. Destruir a ideia de que o pai ensina ao filho: estudar, trabalhar, adquirir e formar outra família, para essa outra família burguesa ser complementada por várias outras famílias proletárias e, dessa forma, formar-se um ciclo sem fim, onde, para ele, instalava-se o capitalismo.

Veja a seguir o texto escrito por Marx em Manifesto Comunista de 1848:

Abolição da família! Até os mais radicais ficam indignados diante desse desígnio infame dos comunistas. Sobre que fundamento repousa a família atual, a família burguesa? No capital, no ganho individual. A família, na sua plenitude, só existe para a burguesia, mas encontra seu complemento na supressão forçada da família para o proletário e na prostituição pública. A família burguesa desvanece-se naturalmente com o desvanecer de seu complemento. E uma e outra desaparecerão com o desaparecimento do capital (ENGELS; MARX, 1986, p. 32).

Entretanto, ponhamos nossos pés no chão e vamos gradativamente entender o fundamento aqui proposto antes de crucificar Marx, assim como foi com as “Bruxas de Salém”.

O primeiro ponto a ressaltar é o tempo em que ele viveu. Como dito, em meados do século XIX, a vida era muito diferente, especialmente as relações familiares. Analise a primeira estrofe do texto supracitado: “abolição da família! [...]. Sobre qual fundamento repousa a família atual, a família burguesa?”. Perceba que, para Marx, o modelo de família repousava sobre uma classe em específico: a burguesia; e os motivos são óbvios: a família burguesa tinha laços que transcendiam o trabalho, ou seja, a burguesia não tinha filhos para o trabalho, ao contrário do que era com o proletariado, que, a partir do momento em que o filho tinha força e destreza suficiente para executar certos afazeres, já era posto a trabalhar junto de seu pai para complementar a renda familiar.

Para Marx, o modelo de família visto como pai, mãe e filho, que juntos formam um corpo afetivo, era encontrado somente nas famílias empresárias, pois as

famílias operárias eram vistas como pai, mãe e filho como corpo operacional que deve comer para ter força para trabalhar, que deve dormir para ter ânimo para trabalhar, que deve ter filhos para ter mais mão de obra no trabalho, etc.; e é neste ensejo que vem a “abolição da família”. Basta com o modelo exploratório, onde uma vive e a outra existe. A fundamentação vai além. Marx explica que a família atual, que só é encontrada nos moldes da família burguesa, é complementada pela família proletária, ou seja, uma só existe, pois a outra a sustenta, e ambas têm um ponto central: o capital. Marx queria acabar com a exploração existente, e essa exploração existia por um fundamento, que é o ganho individual. Só existiria uma saída então: acabar com a família, pois a família genuína (encontrada somente na burguesia) só existe porque existe a exploração do seu complemento, a família proletária. Sendo assim, para Marx, a origem do capitalismo era a família.

Vale um parêntese aqui para ressaltar que o tema é bem espinhoso e controverso, pois há quem diga que Marx não incentivou a abolição da família diretamente, mas, sim, indiretamente, e tampouco motivou qualquer ataque a esta. Segundo tais, o desejo real de Marx era o capital, e não a família, e a família seria abolida sim, mas não por força do comunismo, porque até mesmo os comunistas tinham as suas famílias, e sim por força da destruição do capitalismo. Porém, independentemente disso, fica evidente que a militância marxista pouco se preocupou com isso e, até hoje, ataca diretamente a família, tentando desconstruí-la de todas as maneiras.

Parêntese devidamente fechado. Voltando à Marx, foi apenas ele quem destilou o seu veneno filosófico contra a família? Não! Engels também contribuiu e muito. Ele coloca mais fogo na fogueira ao declarar que a família nos moldes como era vivida na sua época era a primeira instituição a manifestar a luta de classes, a primeira instituição opressora. Para ele, era inaceitável a opressão do sexo feminino pelo masculino (ENGELS, 2014). Segundo Engels, na sua obra *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, a monogamia empreendida pela família é a forma mais vil de escravização dos sexos. Para ele, a escravização do proletariado pela burguesia tem a sua gênese na escravização do homem para com a mulher. Engels defendia que a família tradicional era uma forma de escravidão doméstica e que, para liberar a mulher, era necessária a supressão da família monogâmica. Veja o que ele diz:

A monogamia não aparece na história, portanto, como uma reconciliação entre o homem e a mulher e, menos ainda, como forma mais elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como a proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. [...] Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino (ENGELS, 2014, p. 79).

Com tais ideias, Marx e Engels alimentaram o ódio da militância marxista pela família e, dessa forma, preconizaram no mundo moderno uma guerra antes não experimentada. Veja que não há inocência e tampouco despropósito nos dois filósofos quando declaram a abolição da família e a supressão da família monogâmica nos seus escritos. Pode até ser que o desejo primário não era a família, e sim o capital como o marxismo puritano ensina, mas é fato que Marx considerou essa hipótese pelo bem maior, que, para ele, era a destruição do capital.

A busca da destruição da família foi um mal necessário para o filósofo. Com isso, teóricos, filósofos e especialmente a militância proletária empreenderam uma guerra silenciosa e travada não com armas, canhões e cavalos, mas, sim, com ideias e argumentos. Trata-se de uma guerra que transcende o corpo e chega ao campo da mente, uma guerra ideológica. Marx sabia que a redenção do proletariado não viria com armas ou ferramentas nas mãos, mas, sim, com influência política e ideológica, com uma batalha travada no xadrez da mente humana, que, aliás, é tudo que vemos hoje.

Marxismo e o Discurso Polilologista

Perceba que Marx não empunhou armas de fogo para a classe burguesa e para a família; antes, destilou seu ódio através de seu papel e caneta, influenciando milhares de pessoas à militância pela luta de classes, pela abolição da família e pela criação de uma sociedade comunista.

Ele foi um grande questionador da mente e da lógica da mente, pois sabia que as maiores batalhas da humanidade acontecem nesse campo. Ele e seus seguidores, em especial o filósofo proletário Joseph Dietzgen², ensinaram que o pensamento é determinado pela classe social do pensador, e não do pensar sobre a classe social, raça ou cultura; que a produção do pensamento não se dá por verdades absolutas, mas apenas por “ideologias absorvidas da classe” — em outras palavras, para clarificar ainda mais, para Marx, o pensamento manifesta os interesses egoístas da classe social a qual pertence o pensador (VON MISES, 2017). Nesse sentido, seria inútil discutir qualquer assunto com um burguês, visto que o mesmo estava apenas reproduzindo as ideologias de sua classe. Constantino (2008) fundamenta tal ensino de Marx como polilogismo — doutrina que assegura que a estrutura lógica humana difere-se entre as pessoas devido à sua classe, raça ou nação, ou seja, cada raça possui sua lógica e, portanto, sua própria filosofia, economia, etc. Com esse entendimento, não era necessário refutar ideias com argumentos sólidos e inteligentes, mas, sim, refutar ideologias, denunciando a classe, raça ou origem social de seus autores. Assim sendo, não seria preciso provar o contraditório, e sim apenas denunciar sua classe — muito semelhante ao que se vê hoje na sociedade, onde comunistas e progressistas sem argumentação científica ou filosófica optam pelo ataque à pessoa por sua religião ou raça, e não por suas ideias.

Para quem se dizia ser um defensor e exterminador da luta de classes, Marx alimentou ainda mais o ódio entre os proletários e os burgueses com sua teoria de alienação da mente. Engels alimentou com ódio as mulheres de seu tempo, lançando sobre elas um discurso esquizofrênico de libertação. Marx não enxergava a pessoa, e sim a classe.

É pertinente dizer que Ludwig von Mises, reconhecido líder da Escola Austríaca de pensamento econômico e “pedra no sapato” do marxismo, encontra ligações ideológicas no pensamento de Marx e de Hitler, o “diabo encarnado” em forma de homem, responsável pelas atrocidades da Alemanha Nazista. Von Mises (2017) destrincha tal afirmação atestando que, assim como Marx, Hitler valeu-se do mesmo pressuposto “polilogista” em afirmar que somente a raça ariana era digna de vida, pois somente ela possuía a lógica e a ciência verdadeiras. Assim como Marx — que, ineficiente em refutar o capitalismo burguês por meio do raciocínio discursivo, atacava o indivíduo, e não suas ideias —, Hitler e o partido nacional-socialista não foram capazes de demonstrar a veracidade de suas declarações e, por isso, foram buscar abrigo no polilogismo marxista. Com tal credo, centenas de milhares de pessoas morreram na Alemanha Nazista sob a

alegação de que apenas os arianos detinham a estrutura lógica perfeita, enquanto que os demais não. Fato é que nem Marx e nem Hitler conseguiram provar que a lógica do proletário é diferente da lógica do burguês e que a lógica do judeu é diferente da dos alemães.

Por tudo isso, reafirmamos que o marxismo inaugurou uma guerra antes não vista, uma guerra no campo da mente humana, com ideologias contrárias à vida social e à manutenção da mesma. E é justamente nessa batalha ideológica que se construiu o pano de fundo perfeito para o questionamento da família, do casamento monogâmico e do estabelecimento da família patriarcal heterossexual com o acúmulo de bens privados, pois Marx não se detinha em argumentar discursivamente suas ideias, e sim as lançava através de seus escritos, atacando as classes, raças e credos. Perceba que a luta que vivemos hoje no campo ideológico em Marx e Engels foi potencializada, pois foram eles que incitaram o mundo contra a família, a igreja e os valores morais do cristianismo. Indiretamente — pois Marx nunca falou de gênero —, não há como dissociar os ensinamentos de gênero de hoje da figura de Marx, pois ele começou a desconstrução do papel masculino, do feminino e da família.

Todos os movimentos libertários de hoje beberam em fontes marxistas e não há como pensar em ideologia de gênero sem pensar no marxismo, mesmo que indiretamente, pois há uma ligação histórica e filosófica de influência.

Por isso, caro leitor (a), iniciamos o livro com essa abordagem aprofundada, pois, caso você seja chamado(a) a um debate ou diálogo sobre ideologia de gênero, é necessário conhecimento para refutar tais ensinamentos comunistas baseados em Marx.

O Movimento Feminista e a Ideologia de Gênero

Marx ofereceu o arcabouço filosófico perfeito para o surgimento de uma nova luta contra a família e os valores ensinados por Cristo, o movimento feminista. Em termos bem simples, Marx lançou as bases desse empreendimento, e o feminismo construiu a teoria, como num prédio, onde você não enxerga as sapatas, mas elas existem e são profundas, densas e importantes para a

construção. Assim é o marxismo para o feminismo, e o feminismo para a ideologia de gênero.

E o que é o feminismo?

A primeira coisa que vem à cabeça quando pensamos em feminismo é um movimento de pessoas protestando de maneira hostil, em geral nuas, com seios ou genitálias à mostra, desrespeitando tradições e costumes da cultura do país e religião, correto? Certamente que sim, pois é quase impossível não ver qualquer coisa dessa natureza nos noticiários mundo afora. Isso porque tem crescido nos últimos anos essa militância feminista extrema e radical pertencente à “terceira onda” do feminismo no mundo. Porém, o feminismo, na sua gênese — ou “protofeminismo”³, como alguns teóricos classificam — nasceu através da literatura, da arte e da cultura por mulheres que buscaram o seu espaço na sociedade, na indústria, não da maneira brutal e grosseira como a conhecemos hoje.

A escritora italiana Cristina de Pisano (1363–1430) é o exemplo perfeito do feminismo original (intelectual) e não antagônico ao machismo como hoje. Pisano, autora dos livros *Le Livre de la Cité des Dames* (O Livro da Cidade das Damas) e *Epître au Dieu d’Amour* (Epístola ao Deus do Amor), é citada por Simone de Beauvoir (1908–1986) — importante militante do feminismo no mundo — como uma das precursoras dos direitos femininos ainda no século XV, antes mesmo até do marxismo (DE BEAUVOIR, 2014). Após ela, outras mulheres destacaram-se por suas lutas, como a notável escritora e filósofa Mary Wollstonecraft (1759–1797), além de homens como Marie Jean Antoine Nicolas Caritat (1743–1794), mais conhecido como Marquês de Condorcet, e Jeremy Bentham (1748–1832).

Permita-nos aqui “uma deixa”, que não pode passar despercebida: tais mulheres, mesmo inconformadas com a desigualdade em que viviam, não ousaram desmoralizar seu corpo para lutar por seus ideais, mas, sim, de maneira sábia, prudente e ética, usaram sua capacidade intelectual para, através da arte e literatura, empreender sua luta contra a exploração das mulheres e a luta por igualdade — e não uma luta por privilégios como hoje. Diferentemente do que se vê hoje — não generalizando, pois há feministas intelectuais também —, vemos cada vez mais um número crescente de feministas rebeldes que deturpam a sua moral, deixando de lado qualquer pudor em busca de suas afirmações feministas, que se tornam o extremismo antagônico ao machismo ao invés de ser

uma luta pelos direitos da mulher.

Infelizmente, uma parcela de militantes feministas deturpou o verdadeiro sentido da igualdade, pois o feminismo na sua essência buscava maior espaço para as mulheres, respeito e liberdade, enquanto que o atual, embebido pela visão marxista de relação opressora de classes, busca superioridade e privilégios. O feminismo foi corrompido pela militância oriunda do pensamento marxista. É como alguém que, ao sentir-se injustiçado, busca a revanche de forma megalomaniaca por meio da vingança ao invés de buscar justiça por meios legais e, com isso, comete aquilo que mais questiona: o desrespeito. Já dizia o ditado popular que “a vingança é um prato que se come frio”. Não se trata de uma busca por igualdade, e sim o extravasar do ódio reprimido.

Voltando à ideologia de gênero, é preciso entender a evolução histórica e a mudança de ideias do movimento feminista. Para tanto, basta entender a diferença entre as três ondas do feminismo no mundo. Com base nisso, é possível compreender o ideal desvirtuado e corrompido da militância atual.

Segundo o politólogo⁴ Agustín Laje, escritor da obra *O Livro Negro da Nova Esquerda*, a história da luta pelos direitos das mulheres pode ser entendida em três grandes ondas do feminismo: 1) uma “primeira onda”, ocorrida durante o século XIX e início do século XX em todo o mundo, em particular em países como França, Reino Unido, Canadá e Estados Unidos, que buscaram o acesso da mulher aos plenos direitos civis e políticos, em especial, o direito de propriedade, o direito da mulher ao voto e a participação política; 2) depois, uma “segunda onda”, que começou na década de 1960 nos Estados Unidos e eventualmente se espalhou por todo o mundo, a qual buscou ampliar o debate de diversas questões ligadas à mulher: sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos e desigualdades legais. Essa onda tem influência no pensamento marxista, pela luta de direitos em detrimento da opressão masculina, dita como modelo patriarcal; e também aqui se inicia a militância feminina, que ganha adeptos mundo afora, os quais protestam veementemente pela liberdade da mulher; e (3) a “terceira onda”, vigente nos dias atuais, que se fortaleceu em todas as instâncias da sociedade, desde a área política, jurídica e acadêmica, em virtude de renomadas cientistas como Simone Beauvoir e Judith Butler, que abraçaram a causa do feminismo e que, por meio de suas pesquisas e obras, levantaram supostas falhas no entendimento da sexualidade humana, colocando em xeque a compreensão de gênero, conforme veremos exaustivamente no decorrer deste livro.

Simone Beauvoir, ícone da terceira onda do feminismo, no seu livro *O Segundo Sexo*, faz uma das declarações mais contundentes da história feminista: “Não se nasce mulher: se chega a ser”. Ou seja, a sexualidade deixa de ser natural e torna-se construção social, o que hoje se chama de desconstrução do gênero. Entretanto, é a feminista Judith Butler que exaure excessivamente o termo para extrair dele a afirmação da multiplicidade de gênero.

Judith Butler é professora da Universidade de Berkeley (EUA), filósofa pós-estruturalista estadunidense e uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria queer, filosofia política e ética. É ela quem preconiza o que conhecemos hoje como ideologia de gênero. A teoria queer é, principalmente, uma teoria sobre o gênero que assegura que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. Em outras palavras, para clarificar ainda mais a compreensão: não se nasce mulher, torna-se mulher; e não se nasce homem, torna-se homem. Com isso, o sexo biológico é apenas uma evidência genética, e não uma determinação dos papéis sexuais ou biológicos.

Butler e Beauvoir incendiaram a discussão sobre o papel da mulher por meio da desconstrução de gênero, pois, se realmente “ser mulher” é apenas uma construção social, não tendo nenhuma relação com a biologia e a genética humana, então, segundo tal ideologia, o “ser biológico” homem pode também se tornar mulher e o “ser biológico” mulher tornar-se homem. Com isso, segundo eles, desestrutura-se toda a cultura patriarcal machista existente no mundo.

Veja que os ensinamentos marxistas estão intimamente ligados à ideia feminista da terceira onda, em que a luta contra o patriarcado é o foco central e para onde está apontada a arma feminista. E é nesse ponto da história, onde feministas intelectuais conseguem pulverizar suas teorias por todos os campos do saber e todas as instâncias da sociedade, que se consolida o feminismo extremo, esdrúxulo e militante como o conhecemos hoje, no qual mulheres vão às ruas nuas em luta de seus pseudodireitos. Aqui, a luta feminista é desvirtuada.

Infelizmente, em todas as lutas, quando o real objetivo desvirtua-se por sua militância, perde-se a verdadeira busca e essência empreendida; e assim é com o feminismo atual. Aliás, permita-nos aqui esclarecer que nenhum de nós, autores, possuímos qualquer resistência contra a luta pelos direitos feministas e pelo

respeito. Muito pelo contrário! É, porém, impossível concordar com a militância ocorrida na terceira onda do feminismo, em que seios e nádegas à mostra ganham maior valorização e relevância na luta do que ideias. É inadmissível que o debate inteligente dê lugar a ações deploráveis já vistas como, por exemplo, a de defecar em locais públicos ou introduzir símbolos religiosos em orifícios das regiões íntimas.

Conforme já observado, o feminismo intelectual deu lugar ao feminismo militante. A luta por igualdade tornou-se uma luta por privilégios, e a busca por respeito é feita de maneira a desrespeitar tudo e todos. Infelizmente, o discurso de respeito é embebido em ódio e segregação, em que muitas mulheres, na ânsia de terem as suas reivindicações aceitas, cometem o erro que criticam: ser misóginas. Por quê? Simples! Mulheres que não concordam com a pauta feminista são hostilizadas, odiadas e ridicularizadas. A militância feminista encontrou apoio na militância LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais), que, em busca de direitos e respeito, desrespeitam um dos maiores direitos da sociedade moderna, a liberdade de expressão, e, em nome do politicamente correto, pessoas e entidades são caladas e forçadas a prosseguir com a “pseudopauta” de respeito e amor ao próximo.

Diante do exposto, reforçamos o fato de que a luta pela aprovação e aceitação da ideologia de gênero também é uma luta feminista, que também é uma luta da esquerda marxista militante, pois ambos possuem na sua essência o mesmo objetivo: a desconstrução dos papéis masculinos e femininos familiares estabelecidos na sociedade ao longo da história, em especial nos países de matrizes cristãs.

Note que é impossível dissociar feminismo, ideologia de gênero e marxismo, pois ambos fazem parte da luta militante da esquerda que invadiu o Brasil nos últimos anos. São pessoas sem escrúpulos que, em busca de privilégios e supremacia, colocam em risco até mesmo a saúde psicológica de crianças e adolescentes por meio da confusão criada pela ideia de que “podemos ser mulheres mesmo sendo homens”.

Estudos estão demonstrando o prejuízo psíquico causado pela ideologia de gênero na mais tenra idade. O mais alarmante de tudo isso é perceber que a sociedade embarcou nesse navio por acreditar que tal ideologia é a maneira pela qual alcançaremos o respeito e a diversidade, quando, na verdade, o que se busca é uma preeminência hegemônica e prerrogativas vantajosas de uma minoria em detrimento da maioria. Isso é triste, pois tais ensinamentos não estão restritos aos centros acadêmicos e já estão invadindo escolas de ensino primário, onde crianças ainda em desenvolvimento psíquico e motor são confundidas com tais aprendizados. A ideologia de gênero é uma falácia sem qualquer fundamentação teórico-científica. Não existe a desconstrução do gênero no mundo natural. O fomento de tal pensamento só encontra respaldo na mente criativa de inconformados militantes de esquerda e de feministas intelectuais.

Mais interessante é pensar que toda luta do feminismo é pela igualdade e respeito, porém o próprio movimento prega a desigualdade, uma vez que são intolerantes com os contrários, principalmente quando não possuindo argumentos, utilizam-se do polilogismo, atacando não as ideias, e sim as classes. O ataque com todo e qualquer argumento à cultura patriarcal e capitalista é a forma mais pura da amostra e do reflexo percebidos na militância marxista e feminista. Nessa visão, não precisa fundamentar discurso, mas apenas acusar de injusto, intolerante ou homofóbico por partir da classe “opressora”.

² Joseph Dietzgen (1828–1888) foi um filósofo alemão que emigrou para os EUA e dedicou-se ao estudo do materialismo dialético.

³ O termo protofeminismo é, às vezes, aplicado a uma pessoa que defendia valores semelhantes aos atuais valores feministas em uma época em que o termo “feminista” ainda era desconhecido.

⁴ Profissional formado em Ciências Políticas.

CAPÍTULO 2

INFLUÊNCIA HISTÓRICA E ATUAL

Neste capítulo em específico, discorreremos sobre a influência histórica e cultural que os pensadores e defensores da ideologia de gênero tomaram por base para seu pensamento e teoria, em especial os movimentos libertários de cunho comunista que, quando importados para o Brasil, conseguiram muitos adeptos. A ideia deste capítulo é continuar investigando a história, porém com maior profundidade filosófica do que o capítulo anterior, onde investigamos a gênese do questionamento do gênero com base na militância marxista e, principalmente, no movimento feminista. Além de continuar a investigação da história, também abordaremos os dias atuais, onde tão intensamente se discute o tema. Aliás, o objetivo do livro não é ser histórico, porém seria irresponsável tratar desse assunto sem entender primeiramente o marxismo, o socialismo, o movimento feminista e tudo o que cooperou para o embasamento teórico dos pensadores do gênero.

Olhando o passado histórico sem perder de vista o presente, conseguiremos entender com mais clareza o que é, de fato, essa ideologia e como ela está ganhando adeptos e movimentos sociais, além de quais ferramentas são utilizadas para a propagação e aceitação da desconstrução do gênero.

As Influências do Pensamento Esquerdista

Certamente, você já ouviu em debates ou diálogos políticos os termos “esquerda” e “direita”. Mas você sabe o que é? Se perguntarem a você qual sua posição política, você responderia “direita” ou “esquerda”? “Centro-direita” ou “centro-esquerda”?

De maneira simplista — pois este capítulo não busca esgotar o tema, e sim trazer um entendimento mais global —, ser de “esquerda” ou de “direita” significa seguir, buscar, estar alinhado a uma determinada visão de mundo, visão da vida e da sociedade; é seguir uma ideologia, onde cada lado possui seu entendimento e lutas de acordo com suas crenças, valores e moral. Os termos “esquerda” e “direita”, portanto, são usados para qualificar a postura político-ideológica de um grupo de indivíduos que compartilham a mesma visão.

Conforme o texto de Andreia Martins, “Política: O que é ser esquerda, direita, liberal e conservador?”⁵, os termos foram usados pela primeira vez durante as assembleias francesas do século XVIII, quando a burguesia procurava com o apoio da classe trabalhadora diminuir os poderes da nobreza e do clero no período da Revolução Francesa (1789–1799). Com a Assembleia Nacional Constituinte estabelecida para criar a nova constituição, os pobres sentaram-se de um lado, e os burgueses, para não estarem junto aos pobres, sentaram-se de outro, ficando pobres à esquerda e burgueses à direita; e, dentro dessa visão, à esquerda ficaram aqueles que lutavam pela classe trabalhadora, ou seja, os mais pobres e renegados da sociedade, e, à direita, os burgueses, conservadores, ligados ao comportamento tradicional que buscava a consolidação da elite em detrimento do enfraquecimento dos poderes da nobreza e do clero.

Pois bem, passaram-se dois séculos e, até hoje, esquerda e direita travam embates com ideologias e pressupostos diferentes. Devemos entender que, quando se trata de questões políticas, esquerda e direita possuem certa volatilidade, já que não há solidez eterna, e sim lutas políticas de acordo com o cenário estabelecido. Por exemplo, um determinado partido ou político poderá exercer papel de esquerda ou direita dependendo de qual sua posição no atual governo. Um partido que é de direita hoje poderá ser de esquerda amanhã.

Nesse caso, quando se trata de política, ser de esquerda e direita depende exclusivamente do cenário político do país, estado ou município. Mas vale aqui ressaltar algo extremamente importante que, mesmo que algum partido seja de esquerda ou de direita no quesito governabilidade, tal partido sempre terá sua matriz filosófica embasada em uma causa que acredita. Temos, então, os partidos alinhados com a tradicional esquerda, que lutam pelo empoderamento do governo, pelo poder absoluto do Estado, sendo este grande e forte, controlador, regulador e socialista; e temos também os partidos da tradicional direita, que defendem a globalização, o livre comércio, as privatizações, a propriedade privada, etc. Assim sendo, observe que esquerda ou direita podem ser voláteis

quando se trata de governabilidade, porém não quando o assunto é matriz filosófica e convicções ideológicas.

E aqui chegamos ao foco da discussão, a matriz filosófica e ideológica da esquerda ou direita, ou seja, o campo da moralidade. Conforme já exposto, não há volatilidade, e sim constância nesse campo, pois a agenda esquerdista e a conservadora são diametralmente opostas. Enquanto que a esquerda, em tese, defende temas como liberação do aborto, legalização das drogas e casamento gay, a direita defende o conservadorismo, lutando por temas como família tradicional, direito à vida, liberdade religiosa, etc. Esquerda e direita são duas forças opostas que não se atraem, mas que travam embates perenes.

Agora, com base nessas informações, talvez você pense: “Mas o que isso tem a ver comigo, cidadão comum sem ligação político-partidária?”. Tem tudo a ver, sem sombra de dúvidas, pois você está agora mesmo sendo governado por um prefeito, um governador e um presidente que possuem uma visão de mundo baseada na esquerda ou direita, dependendo de suas bases filosóficas e/ou do partido ao qual pertencem. A visão de mundo e as ideologias partidárias têm muita relação com o dia a dia da sociedade, pois o executivo, o legislativo e até mesmo o judiciário são ocupados por pessoas que não estão isentas de uma visão político-partidária.

Se trouxermos a discussão para nossa visão de mundo do evangelho, creio que o assunto ficará ainda mais compreensível. No caso de um cristão que reside em países como China, Rússia e Coreia do Norte, todos com a mesma matriz comunista, socialista, com estados fortes e controladores, este estará sob a égide de uma cultura anticristã e privado da plena liberdade religiosa que gozamos no Brasil. Não há liberdade, não há expressão pública verdadeira, e os movimentos religiosos são perseguidos, manipulados e, em alguns casos, até mesmo proibidos em virtude da matriz político-partidária do governo e da sociedade. Na fechadíssima Coreia do Norte, por exemplo, que é considerada a nação mais fechada do mundo para o cristianismo, o evangelho é expressamente proibido conforme matéria veiculada pelo site CPAD News⁶, sendo a liberdade de culto que temos aqui no Brasil impensada por lá. Lá na Coreia do Norte, simplesmente não existe. No Brasil, por exemplo, temos uma vasta literatura cristã, editoras, livrarias, uma diversidade de Bíblias, locais de encontro de cristãos, clubes, igrejas para todos os gostos; já na Coreia do Norte não existe nada disso. E sabe por quê? Devido à sua ideologia política comunista que proíbe qualquer manifestação contrária ao líder supremo da Coreia do Norte, Kim Jong-un, uma

espécie de deus coreano, adorado e venerado pelos 25 milhões de habitantes da península coreana.

Compreenda que política tem mais a ver conosco do que pensamos. A falsa sensação de não haver ligação do cidadão comum com política é equivocada. A prova cabal dessa afirmação foram os anos em que vivemos de 2002 a 2018, onde a política brasileira, maculada pelo pensamento de esquerda e extrema esquerda que governou o Brasil, introduziu em todas as instâncias de poder ideologias contrárias à família tradicional e à Igreja de Cristo. A agenda esquerdista imposta à sociedade brasileira trouxe riscos incalculáveis a nossas crianças e adolescentes. Foram ataques infernais que serão colhidos ainda por muitos anos de nossa história.

O Pensamento Progressista no Brasil

A construção do texto que precedeu este tópico foi idealizada para que possamos refletir sobre a impossibilidade de dissociar política e convicções ideológicas, bem como dissociar política e vida cristã. São assuntos intimamente encadeados que não podem ser analisados separadamente. Assim também o tema ideologia de gênero, como movimento filosófico e acadêmico, está associado à influência do pensamento progressista⁷ que invadiu o Brasil nos últimos anos. O esquerdismo doentio trouxe a pauta da ideologia de gênero ao nosso cenário de forma gradativa, por meio de debates, estudos e pesquisas importadas de países extremamente liberais quanto à moralidade, como França, Estados Unidos e Alemanha.

Uma vez que o debate sobre gênero foi iniciado em ambientes acadêmicos e ganhou forças em outras instâncias, o modelo liberal de visão moral começou a espalhar-se também em todo o sistema educacional brasileiro, facilitado pela ocupação política de representantes com viés esquerdista de governo totalitário. Os mesmos abusaram do poder político para impor a discussão propositadamente no local de formação da sociedade, o ambiente de educação de crianças, adolescentes e jovens, os quais, sob influência, também passaram a ter essa perspectiva de esquerda.

Dessa forma, iniciou-se o plano de doutrinação nacional, pois, uma vez o indivíduo doutrinado com viés político partidário, com convicções antagônicas à moral cristã, passa a restringir sua visão de mundo, resistindo a quaisquer discursos contrários, inclusive a pregação do evangelho. Perceba que a estratégia foi perfeita, porque com o sistema educacional maculado no seu propósito de educar, produz-se em larga escala militantes da causa gay por exemplo. Muitos políticos, professores, advogados, juízes e até mesmo pais de família, hoje profissionais formados, foram educados pelo sistema que operou após o ano de 2012 e tornaram-se defensores da agenda de esquerda, que crê piamente na falácia chamada ideologia de gênero. Milhares foram os estudantes formados debaixo do escudo esquerdista, e tal afirmação não é teoria da conspiração, mas, sim, uma verdade absoluta escancarada pela doutrinação dos estudos de gênero.

Infelizmente, a ideologia de gênero veio ao Brasil pelas mãos de partidos que (des)governaram o país durante muitos anos e escancararam o país a essa ideologia diabólica e contrária à educação bíblica. Perceba que o Brasil de 2002 era um país sadio, coerente e tradicional quanto à moralidade e não estava disposto a abrir mão de princípios bíblicos, da família e da vida; porém, alguns anos após a ascensão do pensamento de esquerda que invadiu a nação, o país já adotou opiniões diferentes, divergentes, polarizadas. Com tais ações, a discussão do gênero entrou no Brasil sobre “tapetes vermelhos”. Alegar que a discussão do gênero não tem ligação com política, como afirmam, é semelhante a dizer que as marés não dependem da Lua. Por isso, não feche os olhos para esta luta, principalmente no campo político, onde devemos defender nossos ideais, nossos valores morais e os bons costumes.

E não pense que a luta acaba quando partidos ou políticos de direita ascendem ao poder. Mesmo que declarem princípios cristãos, a política é muito volúvel, e outro mandato pode ser preenchido por partidos ou políticos com ideologias contrárias à moral cristã. Infelizmente, a verdade que não gostaríamos de ver é a que estamos vendo em frente a nossos olhos. Durante muitos anos, escolas e universidades formaram profissionais engajados na luta da esquerda, na liberação das drogas, da diversidade de gênero, da supremacia LGBT em detrimento da heterossexualidade e de outros assuntos que fazem parte dessa pauta ideológica; e tais movimentos não serão rapidamente dissipados. Ainda estamos longe de descansar ou de cruzar os braços dessa luta ideológica, pois nossas crianças ainda correm sérios riscos nas mãos de pessoas maléficas comprometidas com a destruição da família. Há, ainda, muitas forças contrárias à família operando em muitas instâncias no Brasil. A grande mídia, a Internet e

também as redes sociais são campos propícios para o recrutamento de militantes e simpatizantes das pautas liberais. Muitas pessoas, diga-se de passagem, são recrutadas sem ao menos saberem, pois são manipuladas e forçadas ideologicamente a fazerem e comprometerem-se com aquilo que consomem em frente a seus televisores e celulares. Muitos nem concordam, porém são massa de manobra, influenciados pela grande mídia. São presas fáceis de um terrível inimigo, o “politicamente correto”.

A Influência do Politicamente Correto

Você certamente já ouviu esse termo, “politicamente correto” (abreviado no texto como PC), mas você sabe o que ele significa e o que implica em nosso comportamento no dia a dia? Será que é apenas mais uma invenção moderna ou algo realmente importante a ponto de ser colocado neste livro com foco específico em ideologia de gênero? O que um assunto tem a ver com o outro?

Primeiro, vamos entender que, em termos gerais, PC é o termo usado para descrever o comportamento de uma pessoa ou grupo que busca evitar o uso de linguagem ou ações que são vistas como excludentes pela sociedade moderna — ou uma parte dela — que marginalizam ou insultam grupos de pessoas que são vistos como desfavorecidos ou discriminados. O PC tem no seu discurso um objetivo muito nobre, que é a prevenção do preconceito, porém é utilizado unicamente para esse fim? Infelizmente não!

O PC ganhou tamanha notoriedade e importância por trazer na sua essência o fim da discriminação, mas infelizmente foi desvirtuado de sua essência primária. O PC tem a sua gênese nos Estados Unidos, e um dos primeiros registros de seu uso deu-se em 1793, quando foi criado para falar de algo que era, de forma total e expressa, politicamente correto — ou seja, correto em termos políticos — em uma decisão da Suprema Corte Americana. Porém, hoje o que vemos é completamente diferente, pois em nada o PC tem relação com sua gênese, e sim com um discurso travestido de respeito, que, na verdade, desrespeita e segrega.

O PC vem sendo usado como um mecanismo de censura moderna. Não é mais necessário utilizar os mecanismos da ditadura para censurar as pessoas, mas,

sim, um discurso discriminatório politicamente correto, onde se coloca o indivíduo dentro de uma caixa, generalizando a todos; assim, cerceiam o seu direito de pensar diferente. Infelizmente, conforme já descrito, uma minoria desfavorecida encontra no discurso do respeito um terreno fértil para buscar supremacia e privilégios em detrimento da maioria. O respeito à minoria é construído sob o desrespeito e desconstrução da maioria. Do mesmo modus operandi, busca-se o respeito à diversidade sexual por meio da desconstrução da heterossexualidade. Sob o falso pretexto do respeito, desrespeitam seu direito de ser diferente.

Pensando ainda na sua definição, o PC não se trata de uma luta em defesa das minorias ou pela evolução da sociedade para atingir o ápice do respeito humano; não! Trata-se de uma arma baixa para favorecer aliados em debates públicos e inviabilizar o debate de ideias. A questão é tão séria que até mesmo um renomado publicitário questiona o PC em detrimento do empobrecimento das ideias no campo da publicidade. Segundo Nunes (2016), Washington Olivetto, um dos publicitários mais premiados do país e do mundo e com mais de 50 leões no Festival de Publicidade de Cannes, afirmou em entrevista para a Folha de São Paulo que o pensamento politicamente correto “acabou com a alegria da liberdade criativa”. Segundo ele, as publicidades lendárias seriam hoje censuradas e taxadas como racistas, xenofóbicas, homofóbicas e outras pseudofobias.

Essa geração criada sob a alegação do PC é tão hipersensível que tudo ofende. É preciso extrema vigilância em cada conversa ou diálogo. Quando numa palestra ou ministração, o orador precisa pisar sobre ovos em todas as palavras, pois um erro e “bingo”, ele pode ser pego pela patrulha militante que espera apenas um termo, uma palavra que possa enquadrar como preconceituosa, pois esse é o discurso da esquerda. Se o orador é homem, branco e de classe média, é porque é machista, racista ou homofóbico. E nada resolverá questionar, pois ele logo será taxado de intolerante. E se for “crente”, então... aí mesmo é que se inclui mais alguns adjetivos como fundamentalista, moralista e retrógrado.

Ser politicamente correto, portanto, é abrir mão de seus ideais de vida, suas crenças e, principalmente, de sua individual maneira de pensar em detrimento daquilo que as minorias ditam como correto, que, aliás, dizem ser correto, pois quem são eles para definirem a dicotomia entre correto e incorreto na sociedade moderna? Muitas vezes, os fatos denunciados ou pregados são verdadeiros, embasados, o discurso é inteligente, com conteúdo; porém, se não está de acordo

com a visão moderna da sociedade de respeito e diversidade, contraria a narrativa política dominante. Ou, então, conforme fizemos menção, você é branco, homem e de classe média, “então pronto”, seu discurso está equivocado e repleto de preconceitos. E ponto final.

Um exemplo simples e claro sobre o tema em discussão: a obesidade é uma doença catalogada na CID 10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde — sob o registro E66 — Obesidade) e, portanto, é uma doença reconhecida mundialmente que afeta milhares de pessoas. Porém, caso uma pessoa discursar de maneira aberta sobre o tema, logo será chamada de “gordofóbica”. Evidentemente que, com esse exemplo, não estamos aqui validando o preconceito que tais pessoas sofrem; porém, em nome do respeito e para enfrentar o preconceito, a patrulha militante do PC está em busca de qualquer um, qualquer discurso fora de contexto. Agora, quando o discurso é contra a agenda homossexual, torna-se ainda mais impetuosa a revolta dos patrulheiros militantes, pois “mexeu com um, mexeu com todos”. Em breve, o indivíduo recebe uma notificação judicial, pois assim agem aqueles que buscam seus direitos à custa dos direitos alheios, e é assim que age a patrulha militante do PC.

Certamente, muitas pessoas que lerão este livro farão isso não com o objetivo de defender as suas famílias das nefastas ciladas da ideologia de gênero, mas, sim, para pescar qualquer furo e escarnecer publicamente da visão cristocêntrica e bíblica da Igreja. Aliás, é justamente o que fazem, promovem um linchamento através das redes sociais e mídias de quem deles discordam, rotulando a todos de machistas, racistas, homofóbicos, fundamentalistas e outros adjetivos. São falsos moralistas que estão sempre à espreita para censurar, incriminar e, com isso, lançar medo sobre as pessoas de bem.

Ainda sobre o linchamento social, é importante ressaltar algo pertinente. Esse mecanismo de chasco público só é efetivado quando o “alvo” não é de esquerda, porque, se for alinhado com eles, vale tudo. Exemplo disso é o comportamento machista, racista e xenofóbico de muitos integrantes de legendas políticas de esquerda que, quando pegos em discursos racistas, não recebem muito holofote das mídias. Experimente, porém, separar uma frase de contexto de um pastor para ver o estardalhaço que é feito. Experimente apanhar um discurso sobre ideologia de gênero de um político da base evangélica para “ver o que acontece”. O tratamento é diferente. Tal hipocrisia é vista até mesmo nas questões políticas, pois sempre criticaram a corrupção e, quando puseram as mãos na máquina do

governo, “lambuzaram-se igual criança em chocolate”.

Essa gente descaradamente não demonstra respeito nem mesmo com a infância de nossas crianças, pois basta olhar para os materiais didáticos lançados nos últimos anos para perceber que, com o pretexto de respeito, tentaram empurrar goela abaixo de nossos filhos de 5–7 anos um ensino descontextualizado de sexualidade e diversidade. Atacaram a família com todas as armas possíveis, forçando a ruptura de valores morais e éticos.

Desconstruindo o Politicamente Correto

O PC é tão irreal e falacioso que Possenti (1995) evidencia no seu artigo que não é a mera substituição de termos, conforme objetiva os defensores das minorias, que trará respeito e harmonia à sociedade. Mudar palavras em busca de respeito é um grande erro, pois isso apenas transporta o preconceito de uma expressão para outra. Chamar uma prostituta de profissional do sexo ou prestadora de serviços sexuais em nada muda o preconceito e não produz respeito, pois apenas transporta o preconceito de termo. O autor ainda reflete a superficialidade do discurso PC tomando como base o questionamento da palavra “mulato”, que, para o PC, é preconceituosa por supostamente derivar de mula — motivo pelo qual se considera discriminatório. O autor observa que tal observação é falaciosa e tendenciosa, pois é possível ponderar que a palavra “mulato” deriva do vocábulo árabe mohalát, que significa mestiço.

No Brasil, essa discussão não é nova, pois, desde os anos de 1990, o assunto já ganhava notoriedade na Folha de São Paulo, que veiculou uma entrevista sobre o tema com o filósofo Renato Janine Ribeiro. Após este, outras entrevistas importantes estamparam o jornal e, por conseguinte, toda a mídia impressa, rádios e televisão. No final dos anos 90 e início do ano 2000, o debate acalorou-se e chegou também ao ambiente universitário, muito em especial na defesa dos diretores LGS — lésbica, gays e simpatizantes (WEINMANN; CULAU, 2014). Entretanto, foi em 2004 que o tema explodiu em todas as instâncias brasileiras por meio de uma ação do governo federal, o qual lançou um documento oficial chamado “Politicamente correto e direitos humanos” com o pseudointuito de respeito — como sempre fazem. Só que o tiro do governo “saiu pela culatra”,

pois ficou evidente que o governo estava empreendendo uma luta desproporcional e equivocada em busca de supremacia às minorias. A cartilha foi duramente criticada por muitos setores da sociedade e teve sua distribuição suspensa. Ela foi alvo de crítica de escritores, acadêmicos, imprensa e até mesmo por setores do próprio governo que não concordaram com a ditadura politicamente correta ali empreendida pelo governo brasileiro (WEINMANN; CULAU, 2014). Aliás, permita-nos aqui um comentário — sem que haja desejo de nossa parte de manipulação —, mas percebeu o ano de lançamento da cartilha? Faz sentido? Que governo imperava nesse ano?

Esteja atento aos detalhes e abra os olhos para perceber que não é mera coincidência o tema ser abordado de forma autoritária por um governo esquerdista justamente nesse ano. Houve um desejo latente dos partidos de esquerda em transformar o Brasil numa comunidade comunista e liberal quanto à moralidade.

Veja que o discurso empreendido neste livro não é apenas um texto com críticas infundadas, um discurso de ódio ou qualquer coisa do gênero, mas, sim, uma crítica fundamentada na verdade evidente, em que, durante anos de nossa história, fomos governados por um partido de esquerda que empreendeu esforços para dominar o país. Tal partido esforçou-se para implantar a agenda homossexual, com pauta na defesa da ideologia de gênero. Buscou-se impor a agenda totalitária liberal, que visava tachar todo e qualquer cidadão de homofóbico caso não aprovasse as discussões de gênero em apoio à homossexualidade no tocante à diversidade sexual.

E será que tudo isso tem ligação? Ideologias marxistas, lutas de classes, abolição da família burguesa, partidos de esquerda, agenda homossexual, defesa de minorias, politicamente correto? O que você acha?

Para o filósofo Vladimir Volkoff (1932–2005), a ligação é direta e indissociável. Veja o que ele diz: “Se compararmos a demolição do comunismo com uma explosão atômica, diremos que o politicamente correto constitui a nuvem radioativa que acompanha a hecatombe”. Bem observado, não? O PC é uma praga que vem impregnada no comunismo e marxismo que operam no Brasil, que tentam por meio de seus tentáculos impor uma mordaca no cidadão brasileiro, impedindo este de demonstrar seu pensamento real e individual; que tentam impor uma mordaca até mesmo no evangelho, onde igrejas e líderes religiosos são perseguidos e tachados de intolerantes e fundamentalistas por não

concordarem com práticas pecaminosas denunciadas pela Bíblia Sagrada.

Existe, portanto, um sistema orquestrado por uma classe seleta da sociedade que busca impor suas crenças e agenda. Não é à toa que todos esses movimentos libertários valem-se da mesma filosofia, pois existe, de fato, um elo muito direto entre marxismo, esquerda, comunismo, feminismo, ideologia de gênero e o politicamente correto. Pondé (2012), na sua obra Guia Politicamente Incorreto da Filosofia, demonstra que há uma ligação muito intrínseca entre esquerda e PC. Para ele: “a diferença entre a velha esquerda e a nova esquerda é que, para a velha, a classe que salvaria o mundo seria o proletariado (os pobres), enquanto, para a nova, é todo tipo de grupos de ‘excluídos’: mulheres, negros, gays” (PONDÉ, 2012, p. 30).

Influencia Midiática, Politicamente Correto e Ideologia de Gênero

Já caminhamos bastante no entendimento da relação entre PC e a ideologia de gênero, mas ainda basta entender a relação da mídia de massa. Para tanto, propomos aqui um exemplo para clarificar tal questão. Entenda-se por mídias todo e qualquer instrumento de informação, seja ele por televisão, rádio, jornal impresso, Internet, streaming e outros; e também se entende por grande mídia as empresas de comunicação mais poderosas do país, que são as grandes corporações que arrebatam milhares de pessoas com seus canais de comunicação.

Infelizmente, existe na grande mídia uma manipulação ideológica muito intensa, que busca o controle da opinião pública, tão importante para a aprovação e aceitação de pautas da esquerda. Um exemplo disso é que você certamente já se deparou com fatos importantes da vida em sociedade que não ganharam tamanha notoriedade e que deveriam repercutir em todos os locais, porém apenas pequenos canais de informação veicularam. Em contrapartida, coisas irrisórias ao primeiro olhar ganham tamanha notoriedade, chegando a estranhar até mesmo o mais desapercebido cidadão.

Outro exemplo simples e corriqueiro é a manipulação midiática nos noticiários, que selecionam a informação a ser transmitida para tendenciar seus

telespectadores ou leitores. Tais editoras e canais servem a um propósito maior: aos interesses de um grupo que busca aprovação de suas ideias para a sociedade.

Não estamos dizendo com isso que existe uma sociedade secreta, um grupo de grandes empresários que se reúnem regularmente para decidir os rumos do país mediante a manipulação midiática — apesar de que não seria impossível. A ideia é demonstrar que existe um objetivo comum por trás da grande mídia, que é a aprovação de pautas liberais de esquerda.

Vejamos alguns exemplos bem simples e práticos para você entender. No ano de 2017, um artista drag queen ficou nacionalmente conhecido por participar de um clipe da cantora pop Anitta. Após a participação do artista, sua carreira cresceu de maneira meteórica, sendo alavancada por toda a mídia brasileira, e tal artista ganhou espaço em todos os canais de comunicação. Sua carreira foi içada devido ao indivíduo levantar a bandeira das minorias e do movimento LGBT.

É evidente que existe por trás da ascensão de tal artista um interesse obscuro, arquitetado por gente poderosa, com grande influência em várias áreas da comunicação brasileira, com o único objetivo de agenciar uma agenda homossexual, com intenções de popularizar a cultura drag, de promover a tolerância e, principalmente, massificar a cultura LGBT no Brasil. Diga-se de passagem, o próprio ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) tem servido ao mesmo propósito, posto que, ano após ano, inclui nas perguntas aos alunos de ensino médio questões relacionadas ao movimento LGBT, cultura gay e até mesmo beijo lésbico por avós, tema que foi abordado em 2018.

Se o motivo exposto não for suficiente para convencê-lo(a), temos outro ponto a ser discutido sobre a influência midiática na promoção da cultura LGBT e da aceitação da desconstrução de gênero.

É realmente verdade que uma mulher foi indicada para concorrer ao posto de homem mais sexy do Brasil 2018? Sim, é isso mesmo! Um homem trans (nasceu mulher, porém diz ser homem) foi indicado ao posto popular de mais sexy do Brasil. Convenhamos que não é necessária muita capacidade intelectual para compreender que, por trás dessa indicação, existe um desejo orquestrado por uma parcela da sociedade que busca impor sua pauta liberal.

É realmente verdade que um homem foi indicado para concorrer ao posto de mulher mais sexy do Brasil em 2018? Sim, é isso mesmo! Um homem drag

queen indicado ao posto de mulher mais sexy. E esse parágrafo não é repetição do anterior, e sim outra ação escancarada da patrulha. Não estamos questionando a beleza física de tais pessoas, mas, sim, lançando dúvidas sobre tal indicação, onde uma mulher é indicada para ser o homem mais sexy, e um homem indicado para o posto de mulher mais sexy. Tais escândalos são, no mínimo, inadmissíveis num país direito.

E não é de hoje que tais estratégias acontecem. Uma jogadora de vôlei transexual (nasceu homem, porém diz ser mulher) foi a primeira mulher trans a jogar entre as mulheres e ganhou extremo holofote da mídia esportiva — por que será? Primeiro, por ser a primeira trans e, por tal motivo, acabou estampando todos os veículos de comunicação esportivos —, servindo ao propósito de massificação da agenda LGBT. Depois, continuou surfando na grande mídia devido seus resultados na liga, suscitando debates calorosos sob a participação de um homem na liga feminina. Não deixando barato, a patrulha organizou-se para rechaçar qualquer opinião contrária. Até mesmo o médico responsável pela liberação da atleta pronunciou-se sobre o caso. O Dr. João Granjeiro, coordenador do CONAMEV (Comissão Nacional de Médicos do Voleibol), alegou: “Ela nasceu homem e construiu seu corpo, músculos, ossos, articulações com testosterona alta. Nenhuma mulher, a não ser que tenha usado testosterona de origem externa ao organismo, conseguiria formar o mesmo corpo. É só olhar para a atleta, alta e muito forte”.⁸ Esperávamos que a declaração de um órgão importante do esporte fosse ouvida, correto? Não! Não houve qualquer ação, pois existem interesses por trás de tais ações.

Outro exemplo nítido da manipulação ideológica empreendida pela grande mídia para alinhar pensamento e opinião pública para a pauta homossexual é a massiva participação de gays em todas as instâncias midiáticas.

Em programas voltados para adolescentes como, por exemplo, novelas e séries teens, a manipulação extrapola os limites. A todo o momento, estão criando pontos de ruptura da cultura tradicional, da cultura cristã, colocando todo tipo de situação para criar no cidadão de bem a visão de aceitação passiva da ideologia de gênero. São inúmeras situações expostas nos folhetins, desde beijo gay adolescente, adolescentes bissexuais, transgêneros, assexuais, etc. E para reverberar a ideologia, não pode faltar o politicamente correto, onde sempre contam com personagens preconceituosos que são rotulados de machistas, racistas e homofóbicos em tais programas e novelas.

Outra atração produzida para cumprir o propósito da aceitação LGBT é a série *Super Drags*, produzida pela Netflix. A série mostra as aventuras de Patrick, Donizete e Ralph, amigos que trabalham em uma loja de departamentos e tornam-se três heroínas: Lemon Chifon, Scarlet Carmesim e Safira Cyan, as *Super Drags*, responsáveis pela proteção da comunidade LGBT.

Muitas dessas programações estão sendo criadas intencionalmente para defender e hastear a bandeira gay em diversas plataformas, para alcançar a maior quantidade possível de pessoas. Só a Netflix, maior plataforma de streaming de vídeo do mundo, conta com mais de 120 milhões de assinantes.

Diversas produções nos mais variados canais midiáticos hoje não buscam apenas interesse financeiro, mas são dotados de intenções ideológicas, de manipulação e controle de massas, para motivar e influenciar o usuário às culturas homossexuais, transgênero, transexual, travesti, etc. Tal influência é tão intensa e nociva que até mesmo a Sociedade Brasileira de Pediatria condena a série *Super Drags*, pois esta foi produzida em forma de animação e, com isso, atingirá inevitavelmente crianças e adolescentes. A nota de repúdio diz: “Alerta para os riscos de se utilizar uma linguagem iminentemente infantil para discutir tópicos próprios do mundo adulto, o que exige maior capacidade cognitiva e de elaboração por parte dos espectadores”.⁹ A nota ainda reitera que “vários estudos internacionais importantes comprovam os efeitos nocivos, entre crianças e adolescentes, desse tipo de exposição. Ressalte-se o período de extrema vulnerabilidade pela qual passam esses segmentos, com impacto em processos de formação física, mental e emocional”.

Com tais afirmações lançadas pela Sociedade Brasileira de Pediatria, uma entidade séria e respeitada no Brasil, com cerca de 40 mil especialistas na saúde física, mental e emocional e cerca de 60 milhões de crianças e adolescentes pacientes, fica mais uma vez escancarada a estratégia e o desejo da elite esquerdista por trás da grande mídia, das artes e cultura em, com isso, consolidar-se a aceitação da cultura gay, da ideologia de gênero e outras pautas da nova esquerda.

Abramos, pois, os olhos, para enxergar o quão alinhado o discurso da ideologia de gênero está com a mídia impressa, televisiva e digital.

Cultura e Ideologia de Gênero

Não é apenas nas instâncias midiáticas que existe o interesse de aprovação e aceitação da ideologia de gênero, pois nas artes e cultura também se percebe a defesa e o hasteamento da bandeira gay, bem como a tentativa de manipulação do povo em defesa da diversidade.

Um caso emblemático foi a exposição no Santander Cultural em Porto Alegre. Em setembro de 2017, a exposição “Queermuseu — cartografias da diferença na arte brasileira” expôs diversos quadros com cenas explícitas de sexo, principalmente de cunho homossexual. A “cultura gay” foi disponibilizada “gratuitamente” para crianças, adolescentes e famílias em geral. Com curadoria de Gaudêncio Fidelis, a exposição tinha como mote a diversidade e as questões LGBT.

Pensemos um pouco! Se a Sociedade Brasileira de Pediatria pronunciou-se contra a exposição de desenhos animados com imagens e conteúdos impróprios para crianças e adolescentes através da Internet e televisão por serem prejudiciais à infância, imagine só o impacto de tal exposição ao vivo, em espaços culturais, com maior interação com o público! A vivência nesses espaços é mais intensa e, ao mesmo tempo, nociva.

Houve também o caso do Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo. Em uma “exposição de arte” intitulada “La Bête” em setembro de 2017, foi apresentado no MAM, pelo artista Wagner Schwartz, um homem nu deitado ao chão, que ficou exposto a todos os visitantes. A performance chamada de “Bichos” teve a intenção de transpor os limites da superfície de um quadro. E mais repugnante que um homem exposto nu ser chamado de arte moderna foi a participação de crianças e adolescentes na exposição. Na época, o caso ficou conhecido e chocou a sociedade devido uma criança de aproximadamente quatro anos de idade ter tocado o homem. Além de terem deixado uma criança tocar o homem, os meios de comunicação, de forma sutil, colocaram uma tarja — ou seja, se for em espaços culturais sob a alegação de cultura, é permitido.

Outro caso também da hipocrisia da nova esquerda e da militância intelectual vinculada à grande mídia deu-se num famoso programa de auditório veiculado na maior emissora do país, onde uma atriz mirim de 14 anos, salvo engano, foi

retirada do programa com a alegação de que, no próximo quadro, seriam tratados assuntos inapropriados para a idade da atriz. Entretanto, na discussão sobre sexualidade, a intermediadora do debate defendeu que crianças das fases primárias de educação tenham acesso a conteúdo sobre sexualidade, em especial sobre assuntos ligados à desconstrução dos gêneros. Em outras palavras, a atriz mirim não pôde participar do programa por ter apenas 14 anos, só que no debate a intermediadora defende a educação sexual de crianças na mais tenra idade? Hipócrita, não? Essa é a grande mídia.

Bem-vindo à sociedade em que vivemos hoje, manipuladora e obcecada pela modernização do pensamento, dos costumes e da moral. A grande mídia não vacila quando o assunto é produzir massa de manobra. Infelizmente, são muitos os brasileiros que estão deixando o palco e o protagonismo da vida para tornarem-se meros expectadores passivos em frente a telas coloridas. E quanto mais passivos, mais a ideologia da nova esquerda invade o país por meio das mídias e de seus militantes vorazes.

Abra os olhos. Esteja atento e defenda sua família deste mal evidente no Brasil. Não tenha medo de expressar suas convicções. Chega de viver uma vida fake e servir como massa de manobra a um grupo de pessoas com ideais e desejos contrários ao desejo do coração de Deus. Devemos manifestar nossa crença com liberdade e criar nossos filhos de acordo com nossas ideologias, pois tal prerrogativa é-nos garantida pela legislação brasileira e também por instituição divina.

⁵ Política: O que é ser esquerda, direita, liberal e conservador? UOL Atualidades. Disponível em <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/politica-o-que-e-ser-esquerda-direita-liberal-e-conservador.htm>> Acesso em: 28 set. 2018.

⁶ A ditadura da Coreia do Norte tem muito medo do Evangelho, diz missionário. CPAD News. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/39489/a-ditadura-da-coreia-do-norte-tem-muito-medo-do-evangelho-diz-missionario.html>> Acesso em: 25 nov. 2018.

⁷ Esquerdistas fanáticos e doentes contra todas as evidências.

⁸ Médicos que liberaram Tiffany acham que ela não deveria atuar no feminino.

O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/esportes/medicos-que-liberaram-tiffany-acham-que-ela-nao-deveria-atuar-no-feminino-22230250>> Acesso em 26 ago. 2018.

⁹ Sociedade Brasileira de Pediatria condena “Super Drags”, animação brasileira que é voltada para adultos. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2018/07/20/sociedade-brasileira-de-pediatria-condena-super-drags-animacao-brasileira-que-e-voltada-para-adultos.ghtml>> Acesso em: 29 nov. 2018.

CAPÍTULO 3

TEORIAS DE QUÊ MESMO?

Neste capítulo, abordaremos de forma teórica alguns termos que fazem parte do estudo sobre a ideologia de gênero, os quais são necessários para a perfeita compreensão do raciocínio desenvolvido. Por vezes, tratar de teorias e conceitos pode ser maçante, porém pedimos gentilmente paciência e atenção, pois será necessário para a compreensão plena dos termos ora abordados.

Ideologia

O termo ideologia vem da junção das palavras gregas “idea” mais “logos” e quer dizer, literalmente, “doutrina das ideias”. A palavra foi criada pelo francês Louis Claude Destutt de Tracy no livro Elementos de Ideologia em 1801, com o significado de ciência das ideias, ou estudo científico das ideias.

No campo sociológico, a ideologia é vista a partir de uma associação de representações e ideias produzidas por um determinado grupo social, no meio em que está inserido e em função desse meio. Assim, é possível perceber grupos que defendem ideologias políticas, econômicas, jurídicas, religiosas, etc. Geralmente, o grupo que defende certa ideologia busca convencer outras pessoas a seguirem essa mesma ideologia.

O assunto é muito amplo e há ideologia demais. A história mostra-nos algumas defendidas por determinados grupos sociais, políticos e econômicos. Como exemplo, pode-se citar a ideologia fascista, que foi implantada na Alemanha e Itália com caráter militar, expansionista e autoritária; a ideologia comunista, disseminada na Rússia e outros países, visando a implantação de um sistema de igualdade social; a ideologia democrática, que surgiu na Grécia Antiga e teve

como ideal a participação dos cidadãos na vida política; a ideologia capitalista, que nasceu na Europa e era ligada ao desenvolvimento da burguesia, visando o lucro e o acúmulo de riqueza.

Servindo ainda de exemplos, alguns comportamentos ideológicos também são entendidos como ideologias, a saber: a ideologia conservadora, ligada à manutenção dos valores morais e sociais da sociedade; a ideologia anarquista, que defende a liberdade e a eliminação do Estado e das formas de controle de poder; a ideologia nacionalista, que exalta e valoriza a cultura do próprio país. Os cristãos, por exemplo, têm por ideologia a defesa de princípios bíblicos baseados nos ensinamentos de Jesus Cristo, tais como o amor, o perdão, a liberdade, a solidariedade, a justiça, etc.

No campo social e antropológico, percebemos nitidamente diversas manifestações ideológicas. Mas e no campo filosófico? O que vem a ser ideologia a partir da construção do saber por meio do raciocínio consciente?

A compreensão filosófica do termo ideologia requer um esforço maior, pois não há um conceito único a ser adotado para o termo, já que possui significados diferentes, podendo-se ter uma concepção neutra ou crítica.

Na concepção neutra, ideologia pode ser entendida como um sistema de ideias, valores e princípios que definem uma determinada visão do mundo, fundamentando e orientando a forma de agir de uma pessoa ou de um grupo social. Nesse contexto, entende-se por ideologia como um conjunto de ideias com a função de orientar a ação social de indivíduos e de grupos, tendo caráter descritivo (que explica como as coisas são) e normativo (como as coisas deveriam ser).

Já para os que adotam o termo ideologia de forma crítica, é considerada como um instrumento de dominação, sem o uso da força ou opressão física, mas pelo convencimento, pela persuasão ou despersuasão, em busca da alienação da consciência humana. Essa concepção crítica de ideologia foi admoestada, mas também utilizada pela visão marxista. Para Hegel, a ideologia seria uma separação da consciência em relação a si próprio. Marx utilizou essa visão hegeliana entendendo a ideologia como causadora da alienação do homem através da separação da consciência. No pensamento marxista, a ideologia funcionava como um conjunto de proposições elaborada na sociedade burguesa com o intuito de que os interesses da classe dominante, com interesse coletivo,

construíssem uma hegemonia.

Não aprofundaremos muito mais do que isso no assunto, até por ser uma dialética mais pesada que exigiria um estudo mais denso. Mas só de verificar as concepções conceituais, será que é possível identificar alguma semelhança? Você consegue perceber que a ideologia de gênero tem tentado manipular a consciência mediante um processo persuasivo.

Embora haja um antagonismo na visão marxista de ideologia com relação às classes dominantes e dominadas, perceba como essa forma de ideologia crítica enquadra-se exatamente no perfil dos adeptos da ideologia de gênero. Nesse viés, já deixamos a crítica não à ideologia, mas à forma ditatorial adotada por aqueles que tentam impor seu ideal pela opressão persuasiva do discurso. Falam muito sobre respeito, mas não vemos o discurso enquadrar-se às práticas. Uma coisa é a defesa dos princípios que adotaram seguir, e outra coisa totalmente diferente é o fato de querer impor-nos de forma opressiva ideias e valores — totalmente deturpados, diga-se de passagem — os quais vão exatamente de encontro a tudo aquilo que defendemos.

Por questão de justiça, sejamos sinceros. Sim! Nós também somos ideológicos. Também temos nossos ideais baseados em princípios e valores bíblicos, mas nosso discurso é — e deve ser — pautado no amor. É isso que nos diferencia. Não usamos de imposição ou ditadura. Pregamos e acreditamos que o convencimento acontece pela ação sobrenatural do Espírito Santo de Deus e não por imposição de leis e manipulação de sistemas públicos e educacionais.

No entanto, uma coisa precisa ficar clara. Uma ideologia diferencia-se de uma ciência por não ter fundamentação em uma metodologia exata capaz de comprovar essas ideias. De forma concisa e objetiva, ideologia é entendida como um conjunto de ideias e opiniões de uma sociedade ou grupo social, e não como ciência com seus métodos.

Compreendendo melhor o que é ideologia e tomando por base alguns exemplos de manifestações ideológicas, fica mais fácil assimilar o porquê da utilização do termo “ideologia de gênero”.

Os estudiosos do gênero não aceitam e negam o uso do termo “ideologia” de gênero. Entretanto, é clara e evidente a forma como o movimento feminista radicalizou-se, encontrando apoio nos defensores e ativistas do movimento

LGBT e trazendo a imposição, ou por que não dizer, uma espécie de ditadura do gênero por intermédio da doutrinação ideológica.

A Teoria do Gênero

Estamos vivendo e sofrendo as influências da ditadura do gênero na sociedade pós-moderna, a qual tem passado por significativas transformações na compreensão de família, principalmente a partir da redefinição dos papéis de homem e mulher trazida pela “teoria do gênero”. A teoria do gênero evoluiu a partir dos “estudos do gênero” (gender studies), isto é, estudos interdisciplinares sobre a identidade de gênero e sobre a representação de gênero.

O conceito tradicional do termo “gênero” era usado como sinônimo de “sexo”, referindo-se ao que é próprio do sexo masculino, assim como do sexo feminino, mas o conceito contemporâneo trouxe à palavra “gênero” uma significação mais ampla. No Dicionário da Língua Portuguesa Porto Editora, o verbete gênero traz, entre os variados significados da palavra, o seguinte conceito: “categoria resultante da diferenciação sociocultural (e não exclusivamente biológica) entre homens e mulheres, que varia consoante a cultura e que influencia o estatuto, o papel social e a identidade sexual de cada indivíduo no seio da comunidade em que se insere”.

Se essa onda consolidar-se, daqui uns dias será difícil até a adequação das concordâncias nominais para a gramática da Língua Portuguesa. É possível lembrar-se do tempo em que, quando queríamos concordar com uma oração, era comum dizer: “Concordo em gênero, número e grau”.¹⁰ Tomara que não cheguemos ao ponto de termos que passar por mais uma reforma ortográfica da Língua Portuguesa, pela neutralidade da palavra gênero, não mais se enquadrando entre masculino e feminino.

Atualmente, portanto, gênero passa a não mais ser visto apenas como sinônimo de sexo. Enquanto o sexo é biológico, o gênero é constituído histórica, cultural e socialmente. Para uma melhor compreensão da diferença, alguns ditados populares ajudam-nos a perceber como se dá a interpretação cultural e social do gênero. “Homem que é homem não chora”, “menina brinca com boneca, e

menino joga bola”, “menino se veste de azul, e menina de rosa”, “lugar de mulher é na cozinha”.

É importante ressaltar que concordamos com o fato de que alguns desses ditados podem soar de forma radical ou machista, pois sabemos que os papéis hoje não se restringem a comportamentos culturais de alguns anos atrás. Já evoluímos e entendemos que algumas coisas realmente precisavam mudar. Contudo, um pouco só de visão é suficiente para entender que essa evolução de significado não ocorreu de forma natural — imparcial ou ingênua. Na verdade, basta avaliar a forma como foi proposta e as consequências dessa mudança para perceber-se que é fruto de um trabalho meticulosamente planejado em busca de uma desconstrução ideológica não só cultural, como também da própria criação natural divina.

Uma das responsáveis por essa reinterpretação do termo “gênero” foi a feminista e historiadora estadunidense Joan Scott, que assumidamente pós-estruturalista, escreveu o artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, publicado originalmente em 1986. Ela retoma o método de desconstrução do francês Jacques Derrida, buscando desconstruir os vícios do pensamento ocidental relativos à oposição entre homem e mulher. Também influenciada por Michel Foucault, ela entende gênero como um saber sobre as diferenças sexuais. Scott conclui que gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais. Ela não nega que existem diferenças entre os corpos sexuados, mas que o que interessa são as formas como são construídos significados culturais para essas diferenças, posicionando-as dentro de relações hierárquicas.

Outra personagem marcante foi Judith Butler, com a publicação do livro *O Problema do Gênero*, contribuindo expressivamente para a resignificação da palavra gênero à sua atual configuração, totalmente carregada de preconceito ideológico. Fazendo uma manobra semelhante à Joan Scott, Butler pretende acabar com a concordância entre o corpo e o sexo, dissolvendo a dicotomia sexo x gênero, que fornece às feministas possibilidades limitadas de problematização da “natureza biológica” de homens e de mulheres. Butler define gênero assim:

O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história asseverante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação,

diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este ato contínuo é confundido com um dado linguístico ou natural, o poder é posto de parte de forma a expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos (BUTLER, 2011, p. 87).

Perceba a astúcia. Para Butler, o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz. O sujeito, portanto, não é preexistente; ele é um processo instável, que se constrói e destrói o tempo todo. Em sua concepção, o sujeito é um construto performativo. Butler desconstrói o binarismo gênero/sexo segundo os quais afirmamos que o gênero é social, enquanto o sexo é natural. O sexo, tanto quanto o gênero, é discursivamente produzido e inscrito num conjunto de práticas, moralidades e significados. Sendo assim, a separação entre sexo e gênero é abandonada e dá lugar a uma noção de sexo/gênero inscritos materialmente no corpo.

Segundo o Prof. Dr. Claus Schwambach, “o conceito contemporâneo de gênero apareceu pela primeira vez em 1985, no 3º Fórum Mundial da Mulher promovido pelas Nações Unidas, em Nairóbi, no Quênia. A palavra ‘gênero’ é usada para substituir a palavra ‘sexo’ na descrição dos papéis sexuais das pessoas” (SCHWAMBACH, 2015, p.1). Ainda sobre a utilização do termo “gênero”, Lobo (2016) afirma que na IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz, realizada em Pequim em 1995, constava no programa que se falasse sobre “discriminação sexual”, mas os grupos feministas conduziram astutamente a discussão para a “discriminação de gênero”. A confusão semântica causada pela palavra gênero durante a Conferência e nos anos subsequentes teve culminância na Conferência de Yogyakarta, na Indonésia, em 2006, quando se produziu um consenso acerca dos termos identidade de gênero e orientação sexual (consulte o conceito desses e de outros termos no final deste capítulo).

Os articuladores desses conceitos de “gênero” são formados por representantes de Movimentos Feministas e LGBT que, com esforço, conseguiram acolhimento dos conceitos por diversos setores ligados à defesa dos Direitos Humanos, inclusive no programa da Organização das Nações Unidas (ONU) e, conseqüentemente, seus países membros. Além disso, esses movimentos têm defendido, com grande adesão da mídia internacional, com ajuda do politicamente correto, uma nova compreensão do que vem a ser “orientação

sexual” e “identidade sexual”.

Teoria queer

Teoria o quê? Poderíamos chamar de teoria da conspiração, mas o nome é esse mesmo: queer. Antes, porém, vamos compreender o significado e a origem da palavra queer. A palavra vem do inglês e, na sua tradução literal para o português, quer dizer excêntrico, insólito. Em seu significado, diz Louro (2004, p. 38) “queer pode ser utilizado como estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”. O termo é usado para representar gays, lésbicas, bissexuais, pansexuais, polissexuais, assexuais e também as pessoas não binárias, transgêneras ou transexuais.

Mas, então, o que seria a teoria queer? Ela é derivada do termo inglês queer theory e é conhecida como uma teoria sobre gênero, a qual assegura que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos sujeitos resultam de uma construção social e que, dessa forma, não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana, mas, sim, formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Com essa teoria, a palavra queer é ressignificada, passando-se a positivar a forma pejorativa como eram tratados os homossexuais. A proposta é dar um novo significado ao termo, passando a entender queer como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas.

Com surgimento nos EUA na década de 1980, a teoria queer é mais um desses terríveis movimentos progressistas que visam arruinar com as tradições — fortemente influenciada pela filosofia desconstrutivista de Foucault, de Derrida e pela terceira onda do feminismo. Tentam esconder-se atrás da retórica de extinção do preconceito entre homens e mulheres, mas, para isso, querem desconstruir o entendimento de que a heterossexualidade seja normal, chamando-a de heteronormatividade — termo utilizado como forma de associar a heterossexualidade como uma imposição — homofóbica. Veja que incoerência. Querem propor a extinção de um preconceito com um sermão preconceituoso.

Mas não basta rejeitarem o natural e rotularem-nos de homofóbicos. O maior esforço de Judith Butler, apontada como uma das precursoras da teoria queer, foi o desenvolvimento do que ela nomeou de teoria da performatividade. Para Butler (2002), essa maneira de identidade — de identificarmo-nos heterossexuais — não corresponde à realidade, mas a uma imposição, e diz que a performatividade “não é um ‘ato’ singular, porque sempre é a reiteração de uma norma ou um conjunto de normas e, na medida em que adquire a condição de ato no presente, oculta ou dissimula as convenções de que é uma repetição”. Grosso modo, a teoria da performatividade é a forma pejorativa como nos definem, ou seja, de adeptos da heteronormatividade, nada mais que uma subversão em busca de desconstruir o tradicional, pois julga que a sociedade cria sujeitos heterossexuais por imposição, negando os fatores biológicos e psicológicos. E mais do que isso, eivada de preconceitos, desmerecem nossas convicções e opções heterossexuais.

Butler expõe que as identidades de gênero atualmente apresentadas são excludentes; portanto, a necessidade de desconstruí-las para acolher todas da maneira como cada um deseja ser. Mas não é só isso. A partir da teoria quer, todos os tipos de atividade sexual e de identidade sexual passam a ser classificadas como “normativa” ou “desviante”; ou seja, nas palavras de Lobo (2016, p. 48), “tudo o que a ciência classifica como normal a teoria queer desconstrói; tudo o que as ciências médicas, por exemplo, consideram comportamentos desviantes, parafilia (doenças sexuais), esse movimento militante classifica como apenas gênero ou orientação sexual”.

Inacreditavelmente, para essa teoria demoníaca, todos os tipos de desvios, transtornos de orientação e de preferência sexual devem ser encarados apenas como modos de viver e experimentar a sexualidade, maneiras distintas de obter-se prazer, consideradas apenas como diversidade ou pluralidade sexual. Estão querendo justificar todo tipo de perversidade sexual. Por exemplo, a atração sexual por crianças, ou seja, a pedofilia, seria apenas mais uma forma de opção sexual que deveria ser aceita.

O que acha de tudo isso? Normal? O objetivo da teoria queer é desconstruir a tradição heterossexual para que todos os modelos de relacionamento sexual sejam vistos como “normais” e gozem de igual amparo legal.

Conceitos de Sexualidade

Com a evolução hermenêutica de termos, além dos novos que surgiram para trazer um melhor esclarecimento de forma mais concisa e didática, apresentaremos alguns conceitos que circulam o debate sobre ideologia de gênero.

Este trecho do livro funciona como um glossário que poderá servir de auxílio sempre que houver dificuldade de lembrar o significado de cada um dos termos.

- Assexualidade refere-se à falta de atração sexual por qualquer pessoa ou, ainda, o pequeno ou nenhum interesse por atividades sexuais humanas.
- Bissexualidade refere-se à atração sexual por mais de um sexo binário, não se identificando apenas com a heterossexualidade ou homossexualidade.
- Cissexualidade ou cisgênero são termos utilizados para referir-se às pessoas cujo gênero é o mesmo que o designado no seu nascimento. É a concordância entre a identidade de gênero com o seu sexo biológico.
- Gay é o termo coloquial que expressa o relacionamento sexual com pessoas do mesmo sexo; homossexual.
- Gênero é a categoria resultante da diferenciação sociocultural (e não exclusivamente biológica) entre homens e mulheres, que vai consoante à cultura e que influencia o estatuto, o papel social e a identidade sexual de cada indivíduo no seio da comunidade em que se insere.

- Heteronormatividade é um termo utilizado para descrever uma perspectiva que considera a heterossexualidade e os relacionamentos entre pessoas de sexo diferente como fundamentais e naturais dentro da sociedade, levando por vezes à marginalização de orientações sexuais diferentes da heterossexual.

- Heterossexualidade refere-se à atração sexual entre indivíduos de sexo oposto, sendo a mais comum orientação sexual nos seres humanos.

- Homossexualidade refere-se à atração sexual entre indivíduos do mesmo sexo.

- Identidade de gênero refere-se ao gênero com o qual a pessoa identifica-se, ou seja, se ela identifica-se como homem, mulher, ou ainda como lhe convém. Assim, a pessoa pode pertencer a determinado sexo e sentir-se do outro sexo, como, por exemplo, ter um corpo masculino, porém sentir-se mulher, ou vice-versa.

- Ideologia é o sistema de ideias, valores e princípios que definem uma determinada visão do mundo, fundamentando e orientando a forma de agir de uma pessoa ou de um grupo social (partido ou movimento político, grupo religioso, etc.); ou ainda, para filosofia, estudo da origem e da formação das ideias.

- Intersexualidade refere-se a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas. Seriam pessoas com qualquer variação de caracteres sexuais incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais que dificultam a identificação de um indivíduo como totalmente feminino ou masculino.

- Lésbica é o termo utilizado para definir mulher homossexual.
- Orientação sexual está relacionada às diferentes formas de atração afetiva e sexual de cada pessoa, ou seja, refere-se à questão da sexualidade, do desejo sexual por alguém de determinado gênero, de acordo com sua preferência.
- Pansexualidade refere-se à atração sexual por pessoas, independentemente do sexo biológico ou identidade de gênero, ou seja, é a atração sexual por pessoas que se identificam como homem, mulher ou que possam ser identificadas por outras identidades sexuais.
- Parafilia refere-se a cada um dos distúrbios psíquicos e sexuais caracterizados por um desvio na escolha do objeto sexual, como a pedofilia, ou por uma deformação do ato sexual, como o sadismo, masoquismo, etc.
- Polisssexualidade refere-se à atração por vários gêneros. Uma pessoa polisssexual é abrangente ou caracterizada por diferentes tipos de sexualidade.
- Transexualidade refere-se à condição do indivíduo cuja identidade de gênero difere daquela designada no nascimento e que procura fazer a transição para o gênero oposto mediante intervenção médica, podendo ser redesignação sexual ou apenas feminilização/masculinização.
- Transgênero difere-se da transexualidade. São pessoas que têm uma identidade de gênero ou expressão de gênero diferente de seu sexo biológico, independentemente da orientação sexual. As pessoas transgênero podem identificar-se como heterossexuais, homossexuais, bissexuais, pansexuais, assexuais, etc., ou podem considerar os rótulos convencionais de orientação

sexual inadequados ou inaplicáveis.

- Travesti é a pessoa que gosta de vestir roupas normalmente associadas ao outro sexo.

¹⁰ Termo quase em desuso e que atualmente já foi corrigido para: concordo em gênero, número e caso. MORENO, Cláudio. Sua língua. Disponível em <<http://sualingua.com.br/2009/05/12/genero-numero-e-caso/>> Acesso em: 03 nov. 2018.

CAPÍTULO 4

AS ESTRATÉGIAS DOS DEFENSORES DA IDEOLOGIA DE GÊNERO

Uma vez entendida as teorias e os conceitos dos principais termos que envolvem a ideologia de gênero, é preciso compreender o que realmente esse movimento busca, pois nada é despropositado neste movimento.

Será possível perceber neste capítulo que alguns acontecimentos que aparentemente passam despercebidos como naturais ou, quem sabe, já podem até ter trazido comoção pela causa LGBT, devido ao discurso de vitimização e preconceito, ou ainda pelo convencimento através da manipulação, do marketing e de táticas de persuasão empregadas, todos são, na verdade, estratégias utilizadas para a promoção e apologia à ideologia e ditadura do gênero.

Estamos passando por tempos difíceis. Somos vítimas de um sistema que visa estabelecer uma nova ordem mundial por meio da reorientação da sexualidade humana com a ideologia de gênero. As estratégias adotadas para essa reorientação são de dominação política e subversão sexual, cultural e religiosa, que serão abordadas com suas variantes neste capítulo.

Para que uma causa — no caso, a promoção da ideologia de gênero com o movimento LGBT — seja conhecida e defendida, é necessário primeiro que se torne pública, de maneira que a sociedade passe a dar a devida atenção a ela.

As Estratégias Utilizadas pela Ideologia de Gênero e a Promoção da Causa LGBT

Segundo Haley (2005, p. 165), o artigo *The Overhauling of Straight America* (A

Revisão da América Heterossexual), escrito pelos ativistas homossexuais Marshall K. Kirk e Erastes Pill (Erastes Pill foi o pseudônimo utilizado por Hunter Madsen) em 1987 para a revista americana Guide Magazine, tinha o objetivo de promover uma campanha na mídia que facilitasse o sucesso do movimento homossexual em seis frentes cruciais, sendo elas:

Objetivos:

1. Falar sobre gays e a homossexualidade tanto quanto possível;
2. Mostrar os gays como vítimas, e não como agressores;
3. Dar aos protetores uma justa causa;
4. Fazer os gays parecerem bons;
5. Fazer com que os vitimizadores pareçam maus;
6. Pedir dinheiro: até chegarmos.

Vejamos os trechos abaixo extraídos do artigo The Overhauling of Straight America, que, segundo estudiosos do gênero, é a “bíblia” do movimento homossexual, pois apresenta estratégias para tornar os homossexuais mais aceitáveis e para demonizar os opositores da homossexualidade:

Fale sobre os gays e sobre ser gay o mais alto e com a maior frequência possível. Retratar os gays como vítimas, não como adversários agressivos. Forneça protetores para uma causa justa. Faça os gays parecerem bons. Faça os opositores parecerem maus [...] A conversa aberta e franca faz com que o assunto pareça menos furtivo, estranho e pecaminoso, mais acima do normal. A conversa constante cria a impressão de que a opinião pública está pelo menos dividida sobre o assunto, e que um segmento considerável aceita ou até mesmo pratica a homossexualidade. Mesmo debates rancorosos entre oponentes e defensores servem ao propósito da dessensibilização, desde que os gays “respeitáveis” estejam na frente e no centro para fazer seu próprio discurso. O principal é falar sobre homossexualidade até que a questão se torne completamente cansativa (KIRK e PILL, 1987, p. 1).

Contra os fatos apresentados não há argumentos, e é notável a utilização de tais estratégias por parte da militância que busca aprovação da ideologia de gênero. Pois, sejamos sinceros! Você já percebeu a constância com que os temas sobre homossexualidade e ideologia de gênero estão cada vez mais presentes nas programações televisivas, nos artigos de jornais, revistas e materiais publicitários? Ou, ainda, você já viu ou assistiu algum filme, programas de auditório, documentário, reportagem ou novela em que o tema não seja tratado de forma reiterada ou em que os gays não sejam vítimas, sempre rotulados como bonzinhos? Nada é sem propósito. Tudo cumpre um roteiro.

Em pesquisa ao site testifyintotruth.wordpress.com (“Testificando a verdade” em português), há o relato que Marshall Kirk e Eraste Pill eram homens altamente educados. Kirk era um pesquisador de neuropsiquiatria, formado em Harvard; Pill tinha doutorado em Política, em Harvard, e era especialista em táticas de persuasão pública e marketing social. A campanha meticulosamente proposta por ambos ativistas gays não se baseia apenas em argumentos intelectuais, mas também na manipulação emocional do público. Vamos a mais um trecho do artigo de Kirk e Pill:

Uma campanha dessensibilizadora de conversas abertas e sustentadas sobre questões homossexuais atinge todos os opositores fanáticos da homossexualidade? Claro que não. Enquanto a opinião pública é uma fonte

primária de valores tradicionais, a autoridade religiosa é a outra. Quando as igrejas conservadoras condenam os gays, só há duas coisas que podemos fazer para confundir a homofobia dos verdadeiros crentes. Primeiro, podemos usar conversas para enlamear as águas morais. Isso significa divulgar o apoio aos gays por igrejas mais moderadas, levantando objeções teológicas próprias sobre interpretações conservadoras de ensinamentos bíblicos e expondo o ódio e a inconsistência. Em segundo lugar, podemos minar a autoridade moral das igrejas homofóbicas retratando-as como remansos antiquados, mal de acordo com os tempos e com as descobertas mais recentes da psicologia. Contra o poderoso impulso da Religião institucional, deve-se definir a mais poderosa atração da Ciência & Opinião Pública (o escudo e a espada daquele maldito “humanismo secular”). Tal aliança profana tem funcionado bem contra igrejas antes, em tópicos como divórcio e aborto. Com bastante conversa aberta sobre a prevalência e a aceitabilidade da homossexualidade, essa aliança pode funcionar novamente aqui (KIRK e PILL, 1987, p. 2)

Perceba que o discurso vitimizante utilizado pelos ativistas do movimento LGBT não passa de uma estratégia. Não é por que somos cristãos e heterossexuais que somos homofóbicos! Resguardados os excessos, não somos homofóbicos. Veja que essa também é uma das estratégias disseminadas pelos homossexuais para rotularem-nos como intolerantes e radicais. Somos conservadores de princípios que não abrimos mão por opção e fé, pois não podemos ir contra o natural, contra a criação divina e contra a Palavra de Deus. Portanto, não aceite ser estigmatizado. Os adeptos dos movimentos LGBTs e demais ideólogos do gênero têm adotado como estratégia rotular-nos como homofóbicos, como radicais e intolerantes, querendo colocar em nossa conta a responsabilidade por todas as agressões, violências e perseguições que sofrem.

Essa é a realidade que os cristãos devem reconhecer. Não estamos enfrentando um novo desafio inesperado à liberdade religiosa. Essa campanha de difamação foi implementada há mais de três décadas para normalizar e institucionalizar uma forma de comportamento pecaminoso que, segundo a Bíblia, destrói a vida e a alma. Note que a estratégia utilizada pelos ativistas do movimento homossexual, defensores da ideologia de gênero, baseia-se em uma reorientação cultural e social, com a engenharia de conceitos na sociedade, visando mudar e perverter radicalmente princípios e valores morais estabelecidos e reconhecidos ao longo da história.

Perceba como tudo começa a fazer sentido quando nos é apresentado um pouco de conhecimento teórico sobre como acontece a manipulação por artifícios psicológicos, com a relativização de valores e a mudança de paradigmas. Diante de tais teorias, começa-se a clarificar o entendimento das estratégias adotadas por esse verdadeiro sistema diabólico que se tem infiltrado em nossa sociedade aos poucos. O que o movimento busca é uma hegemonia cultural e comportamental implementada de maneira gradativa e pacífica; para tanto, são utilizadas as sutis técnicas de Gramsci.

Amplamente conhecido por mostrar como a cultura influencia mudanças importantes na sociedade, o filósofo italiano Antônio Gramsci apresentou conceitos elaborados ainda no início do século XIX, de hegemonia cultural e revolução passiva, bem como diretrizes de manipulação, relativização de valores, superação do senso comum e ocupação de espaços estratégicos — tudo que a militância LGBT utiliza.

Segundo Nogueira (2017), em artigo publicado na Revista Galileu, com Gramsci o termo “hegemonia” adquire um caráter mais amplo que “dominação”. A hegemonia cultural ocorre quando um grupo ou um conjunto de grupos da sociedade, organizados em associações ou partidos, conseguem exercer influência o suficiente sobre outras pessoas a ponto de direcioná-las. A natureza dessa influência, porém, não é física, mas, sim, de ordem moral e intelectual.

A psicóloga Marisa Lobo corrobora a visão de Gramsci, no qual demonstra que “o convencimento é alcançado com infiltração lenta e gradativa da ideia revolucionária — sem que a sociedade perceba — sempre pela via pacífica, legal e institucional, entorpecendo consciências e massificando a sociedade com uma propaganda subliminar” (LOBO, 2016, p. 214).

E tais técnicas estão sendo utilizadas em larga escala pelo movimento LGBT para alcançar uma dominação ideológica através do alcance de todas as instâncias de poder, desde política até educação. Basta abrir os olhos e enxergar o cenário político, jurídico e administrativo público atual. Nas centenas de cidades, dezenas de estados e em todo o território nacional, há pessoas malévolas influenciando sistemas mediante técnicas e estratégias para aprovar suas pautas e credos, empurrando e forçando suas doutrinas na sociedade civil.

Vejamos, a seguir, os infames desejos dos defensores da ideologia de gênero através das técnicas aqui apresentadas.

Dominação Política com a Ocupação de Espaços Estratégicos

A ocupação de cargos estratégicos faz parte de um contexto utilizado pelos ideólogos de gênero, tendo por objetivo facilitar a implementação da cultura LGBT de forma ampla e sem que haja resistência, pois, tendo pessoas influentes em todas as áreas, torna-se fácil conseguir o convencimento por meio da manipulação.

Segundo Lobo (2016, p. 215), “outra técnica de Gramsci amplamente utilizada pela política vigente e pelos movimentos que desejam implantar essa nova ordem mundial, estabelecendo um novo sistema de governo socialista/comunista, é denominada ocupação de espaços”. Os ideólogos de gênero têm buscado ocupar espaços na política, nas escolas, na mídia, na sociedade e nas discussões sociais e culturais.

Você já percebeu como os locais de grande influência e de formação de opinião, em atenção aqueles de cargos de prestígio ou alto escalão, com autonomia para tomada de decisões, assessoramento à tomada de decisões ou com forte poder de legislatura, estão cada vez mais ocupados por pessoas adeptas aos movimentos homossexuais? A finalidade é ter acesso a ações e medidas, inclusive legais, para deslegitimar os que se opõem. Confira a estratégia:

Ora, um dos fronts mais importantes da estratégia revolucionária de Antônio Gramsci é aquele que se empenha em “ocupar espaços” nas instituições de cultura, educação e jornalismo, expulsando os adversários e colocando em seu lugar os militantes e colaboradores do partido — os ativistas culturais. O objetivo final é ocupar todos os espaços, de modo que não existam mais intelectuais (...) fora do controle do partido (CARVALHO, 2008, Editorial, Diário do Comércio).

Por isso, é comum perceber o rechaço de políticos religiosos e o aplauso de

pessoas que militam pela causa gay, pois esta é a estratégia: menos religiosos e mais militantes pela causa.

Buscam uma Sociedade Igualitária através de um Falso Discurso

Outra estratégia é a promoção de um discurso manipulador de luta entre classes, carregado de rotulação contra a homofobia, a intolerância e a busca de uma sociedade igualitária.

Em um primeiro momento, o discurso sobre ideologia de gênero visa acabar com o preconceito contra as “minorias sexuais” (LGBT’s), promovendo, dessa forma, a igualdade entre os seres humanos; e seria perfeito se não fosse manipulado e carregado de más intenções. Seria a utópica solução para todos os conflitos sociais relacionados a questões sexuais, não fosse a forma proposta totalmente subversiva. A estratégia de relativização moral e religiosa, com a imposição de ideologias e pensamentos subversivos, tenta convencer com falácias — afirmações falsas ou errôneas, enganosas — apelativas e emocionais que a heterossexualidade só é considerada normal dentro de uma sociedade heteronormativa, ou seja, que uma sociedade religiosa e proselitista normatizou esse modelo de opção sexual, sendo contrário a todas as outras. Com esse falso discurso, colocam a igreja e a família tradicional como vilãs, como responsáveis por impedir a promoção da paz e da igualdade entre as classes sociais.

É exatamente isso que o Inimigo quer: colocar toda a sociedade contra nós, tornando-nos responsáveis pelos conflitos sociais. O problema é que certo ditado diz que uma mentira repetida por várias vezes acaba sendo aceita como “verdade”. Em época de Fake News, é fácil compreender que essa é uma forma estratégica de doutrinar alunos, de manipular a sociedade através de apelos políticos, midiáticos e correntes ideológicas, de conquistar adeptos e torná-los ativistas. Ameaçando, alienando e manipulando de forma reiterada, fazem uma lavagem cerebral naqueles que não têm estrutura, firmeza e convicção de valores para, de forma crítica, avaliarem e ponderarem as informações disseminadas. Estamos nos tornando vítimas de uma ideologia que não se contenta em requerer seus direitos, mas querem punir quem não os apoia, quem pensa diferente.

Quebra de Paradigmas Morais através do Relativismo

Tão horrível quanto as estratégias mencionadas é a relativização moral. Ela é uma das mais nocivas ferramentas de desconstrução dos valores e princípios morais e éticos da sociedade. De forma sucinta, podemos conceituar ética e moral da seguinte forma: ética está associada ao estudo fundamentado dos valores morais que orientam o comportamento humano em sociedade; já a moral são os costumes, regras, tabus e convenções estabelecidas por cada sociedade. O relativismo moral é outra estratégia dos defensores da ideologia de gênero, a qual visa acabar com toda e qualquer verdade absoluta. Não há mais princípio moral absoluto; tudo é relativo. Não há mais comportamento eticamente certo ou errado; tudo depende de um ponto de vista. O julgamento moral ou de valores varia conforme diferentes indivíduos, culturas e classes sociais o propõe. Imagine um mundo em que nada estaria errado, em que não há regras de conduta que se apliquem a todos. Isso é anarquismo.

Em certa mensagem pregada pelo reverendo Hernandes Dias Lopes, este afirma que um dos terríveis males da sociedade pós-moderna é o relativismo moral que está baseado no tripé pluralização, privatização e secularização. Por pluralização, entende-se que o mundo é plural e que há muitas ideologias, muitas religiões, muitos conceitos; portanto, não existe um conceito, nem um valor ou verdade absolutos. Na religião, o pluralismo que sustenta o relativismo moral preconiza que há muitos caminhos que conduzem à salvação e que nenhuma religião tem o direito de achar-se a única dona da verdade, inclusive o cristianismo. Por privatização, a ideia é a de que cada indivíduo tem a sua verdade privada ou particular, e cada um tem a sua. Com isso, a verdade é subjetiva, ou seja, temos nossa verdade, e você tem a sua verdade. Já por secularização, a linha de pensamento é a de que, se Deus existe, Ele restringe-se aos assuntos que dizem respeito ao templo e assuntos sagrados. Não cabe, portanto, a Deus interferir em minha vida particular, meu casamento, meu trabalho, meu lazer, meus desejos, tornando o ser humano o senhor das suas próprias decisões.

Com tais estratégias, perde-se qualquer parâmetro ético e moral que poderia ser utilizado como referencial para ponderar-se as ações do indivíduo; afinal de contas, ninguém poderá mais ser julgado sobre a moralidade de seu

comportamento. Há um grande problema quando se perde qualquer referencial ético e moral com o pensamento relativista, pois, em busca da felicidade, da satisfação e do prazer, qualquer comportamento torna-se justificável e, ainda que não seja amplamente aceito, também não pode ser recriminado. A única barreira, então, seria a lei, que pode impor limites quanto a determinados tipos de condutas. Porém, você já ouviu a frase: “Pode não ser ilegal, mas é imoral”? Então, se não há mais parâmetro, princípio ou norma moral, como julgar? Não se pode mais julgar, não se pode sequer discordar, pois será taxado de intolerante, restando-nos apenas aceitar. Com isso, querem calar-nos, querem que sejamos permissivos e tolerantes, querem acabar com qualquer tipo de censura, censurando-nos, empurrando “goela abaixo” o permissivismo.

Se não podemos mais protestar contra práticas e condutas imorais, não podemos mais pregar contra o pecado? Sim, esse é o objetivo central, a “Lei da Mordaça”¹¹ que tanto criticam é exatamente o método que querem utilizar para calar-nos.

Por exemplo, a palavra pudor. Ela pode ter sido banida da vida cotidiana, mas a palavra ainda existe e quer dizer sentimento de vergonha ou timidez causado por algo que fere a sensibilidade ou a moral de uma pessoa. Agora, imagine que a moral seja relativa, ou seja, que o que é moralmente proibido para uma pessoa, não necessariamente seja para outra. Com base no relativismo moral, não é preciso importar-se com pudor, ou seja, não precisamos ter vergonha de qualquer tipo de prática sexual, pois não existe uma moral absoluta a ser preservada. É isso que buscam, libertinagem e não liberdade.

Por fim, os ativistas querem liberdade para satisfazerem-se em atividades — conforme expressas pela mais nova palavra do momento do estilo homossexual, “poliamor”, que é sexo grupal — que destruirão qualquer definição significativa de família. O objetivo é abolir todas as proibições contra o sexo com múltiplos parceiros. Em outras palavras, vale tudo! Só não vale ser contra!

Banalização Sexual, Erotização Precoce e Desconstrução do Modelo Familiar Tradicional

Através da permissividade, bem como do relativismo, é possível notar que o nível de promiscuidade na sociedade tornou-se excessivo. Estamos vivendo um contexto de banalização moral e sexual sem precedentes. Nunca o erotismo e as satisfações sexuais gozaram de tanto prestígio como atualmente. A liberalização total banalizou o sexo na vida cotidiana. Há uma supervalorização e excesso de oferta de pornografia, ao alcance de um clique do mouse, com relações sexuais descartáveis, com imagens sexualizadas presentes nas campanhas publicitárias e em boa parte das programações televisivas, dos filmes e séries da indústria cinematográfica. Fala-se tanto em sexo hoje e de forma tão vulgar que muitas condutas já se tornaram comuns. Isso é muito sério. “Nudes”, vídeos íntimos, atos sexuais públicos são compartilhados e disseminados fácil e rapidamente por meio dos recursos tecnológicos existentes. Esquecemos de como distinguir entre o certo e o errado e fazer o uso correto de nossa liberdade.

Todo esse apelo sexual sofreu forte incentivo da chamada “Revolução Sexual” ocorrida em meados do século XX. Em 1950, o marxista Herbert Marcuse propôs a “liberação sexual” como meio de destruir a família monogâmica tradicional e acabar com o capitalismo. Por meio da difusão de uma ideologia sexual, que consiste na inexistência de qualquer restrição a práticas sexuais — imagine as mais variadas possíveis, bestialismo, pedofilia, necrofilia, incesto —, acreditava-se em uma revolução que promovesse a libertação sexual, especialmente de crianças e adolescentes, eliminando qualquer restrição moral e, consequentemente, os tabus sexuais.

Outros pesquisadores sobre a sexualidade também contribuíram para a Revolução Sexual, como o psicanalista Sigmund Freud (1856–1939), que disseminou a tese de que um impulso erótico não poderia ser reprimido ou contrariado, com risco de que o indivíduo contraísse uma neurose. Freud revolucionou o conceito ocidental da infância com sua teoria psicanalítica, sendo o primeiro a defender, sobre bases científicas, a existência da sexualidade infantil. A tese básica freudiana é que a sexualidade da criança é “polimorficamente perversa” e que desenvolve fortes impulsos.

Essa questão da sexualidade infantil trouxe uma série de incentivos ao ativismo pedófilo. Alguns estudiosos, cientistas e psicólogos trazem teorias abomináveis como, por exemplo, o psiquiatra austríaco Wilhelm Reich (1897–1957), que era aluno de Freud, ficou conhecido por sua denúncia agressiva à sexualidade. Reich (2005) tentou combinar a teoria política marxista com a defesa da educação sexual e da liberdade, atribuindo à repressão da sexualidade infantil e à

consequente repressão da sexualidade adulta a uma imposição moral milenar que se manifestaria no sistema capitalista por meio da família burguesa patriarcal, que agiria como representante e reprodutora da repressão política do Estado. O cientista americano Alfred Kinsey (1894–1956) é outro ativista que apoia a normalidade da pedofilia com as suas teorias. Segundo Santiago (2004), Kinsey defendia empenhadamente o permissivismo das relações sexuais entre adultos e crianças ao considerá-las como uma experiência saudável para o menor, desde que o adulto sentisse carinho pela criança. O ativista Frits Bernard (1920–2006), psicólogo clínico e especialista em pedofilia, defende que crianças podem desejar e consentir relações sexuais com adultos e que estas não são necessariamente prejudiciais em todos os casos. Na defesa à prática da pedofilia, segundo Santiago (2004), Bernard critica o fato de a sociedade apenas apontar a parte negativa da pedofilia (abuso sexual infantil), causando efeitos negativos e persistentes na mente da criança quando uma relação pederástica, por exemplo, é descoberta, e o tabu é aplicado sobre ela.

É inacreditável o ponto que chegou o ser humano, com o objetivo da satisfação de seus mais perversos desejos sexuais. Chega a ser repugnante tamanha promiscuidade e imoralidade. Porém, é exatamente com base nessa ideologia de revolução sexual, totalmente hedonista — em que a busca pela satisfação dos desejos sexuais precisa ser atendida por mais perversa ou imoral que seja — que está alicerçada boa parte das filosofias e teses de defesa da ideologia de gênero, que dizem respeito ao contato com as questões sexuais ainda na infância. Ora, se na infância, momento em que a personalidade do ser humano é formada, há a doutrinação sobre as questões de liberdade de escolha sexual, elimina-se, assim, qualquer tipo de sistema de valores morais e afetivos que possam ser incutidos; dessa forma, a criança crescerá internalizando crenças sexuais que poderão fazer parte de toda a sua vida.

E o pior é pensar que os limites inescrupulosos dos ideólogos não têm fim, pois utilizam o espaço mais sagrado na infância, a escola, longe da proteção e interferência dos pais; pois a militância tem buscado incorporar tais assuntos no currículo e nas atividades escolares. Em capítulos à frente, essa temática será abordada com mais profundidade, mas a forma como foram disseminados e implementados os estudos de gênero nas mais diversas instituições de ensino e centros acadêmicos colocou os estudantes em conflito com sua realidade, com suas tradições familiares, provocando no núcleo familiar um terrível conflito de valores.

E sabe qual o objetivo? Desestabilizar a família, o núcleo que sustenta as tradições. Essa é a forma como os doutrinadores têm conseguido desestabilizar a sociedade, atacando a célula mater, a família tradicional.

No seu livro *The Global Sexual Revolution* (Revolução Sexual Global), a socióloga alemã Gabriele Kuby fala da destruição da liberdade em nome da liberdade, explicando, por exemplo, que o extermínio de quase toda norma moral da sexualidade é-nos vendido como “liberdade” ou “libertação”. Hoje, são impostos padrões hedonistas de sexualidade, e um ser humano que não é capaz de controlar seu apetite sexual torna-se escravo desse impulso, produzindo um caos social, favorecendo a deturpação dos conceitos morais sobre sexualidade. Por isso, é fundamental distinguir entre as formas de sexualidade que favorecem o casamento e a família e as que dão testemunho da vida entre aquelas que são contrárias a isso (KUBY, 2016).

Entre os adolescentes, a vida sexual ativa tem começado cada vez mais cedo. Disfarçada de liberdade, a permissividade é transmitida fazendo-se crescer o índice de jovens grávidas de forma precoce. Consequentemente, a quantidade de abortos tem aumentado; afinal, as gestações indesejadas ou precoces são empecilhos à tão desejada liberdade.

Infelizmente, é possível constatar que as estratégias apresentadas neste capítulo estão sendo milimetricamente colocadas em prática pela militância LGBT no Brasil. Lamentavelmente, essa é a verdade que precisamos amargamente, enquanto cristãos, conviver, pois que, nos últimos anos, nosso inimigo conseguiu atingir as suas metas para a aprovação de ideologias perniciosas como a ideologia de gênero.

Por isso, o propósito deste capítulo foi descortinar as estratégias que estão sendo implantadas sorrateiramente pelos defensores da ideologia de gênero, já que muitas famílias e igrejas não estão vendo e percebendo o grande mal e terrível perigo que estão correndo. Ou, talvez, estão tapando os olhos e fingindo não ver, pois a realidade que infelizmente incomoda é esta: nossa nação foi invadida e está sendo saqueada por esse terrível inimigo.

Mas em nome de Jesus esta obra servirá de apoio e escudo para todos os leitores!

¹¹ Lei da Mordaza é uma lei que regulamenta manifestações e impõe certos limites aos cidadãos em relação à sua capacidade de expressar livremente as suas ideias. Geralmente, recebe tal qualificação por carregar alguma controvérsia, especialmente em um contexto democrático. Ex: certos ideólogos têm chamado o Projeto de Lei “Escola Sem Partido” de “Lei da Mordaza”.

Parte 2

AFINAL, QUEM ESTÁ COM A RAZÃO?

Caro leitor, depois de ler capítulos bastante teóricos, nos quais foram apresentados conhecimentos históricos, antropológicos, sociológicos e conceituais; após ter aprendido sobre origem, influências e estratégias da ideologia de gênero, chegamos à segunda sessão do livro, onde será aprofundado o conhecimento acerca de duas visões muito importantes.

Tais abordagens são imprescindíveis para refutação das teorias apresentadas pela ideologia de gênero.

A primeira visão, a científica, traz abordagens sobre questões de gênero, elaboradas por doutores e especialistas que produziram conhecimentos científicos mediante estudos e pesquisas bastante elaboradas e consistentes.

Já a segunda visão, a bíblica, busca saber aquilo que os homens de Deus, inspirados pelo Espírito Santo, deixaram para nós como ensinamento acerca das doutrinas bíblicas correlacionadas à discussão sobre ideologia de gênero.

“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32)

CAPÍTULO 5

O QUE A CIÊNCIA DIZ SOBRE A IDEOLOGIA DE GÊNERO?

Primeiro, vamos à ciência, e nada melhor que a ciência para refutar a ideologia de gênero, pois, em se tratando deste assunto, uma coisa é o discurso que ouvimos falar no dia a dia, que é quase sempre trazido por pessoas que baseiam seu conhecimento apenas no senso comum, e outra coisa é o discurso de um especialista, de um mestre, de um doutor ou, ainda, um pós-doutor. Inclusive, o texto a seguir foi construído com base na ciência para refutar a ideologia de gênero; para tanto, os artigos e pesquisas serão todos referenciados e citados de acordo com seus autores e obras. Entretanto, fique tranquilo; o texto não é maçante de ler, e sim acessível a qualquer pessoa, mesmo sem qualquer formação universitária.

Lembremos que ciência, segundo o dicionário da língua portuguesa, é o corpo de conhecimentos sistematizados adquiridos via observação, identificação, pesquisa e explicação de determinadas categorias de fenômenos e fatos, além de formulados metódica e racionalmente. Para esclarecer ainda mais, não é ciência tudo aquilo que não possui um esboço sistematizado de conhecimentos. Não é ciência aquilo que não possui observação metódica, pesquisa e explicação por meio de formulações racionais. Não é ciência aquilo que é tido como postulado, ideologia, factóide.

Portanto, ideologia de gênero não é ciência, mesmo que apareça alguma prevalência que diga o contrário em um ou outro estudo, pois, assim como um texto não pode ser retirado de seu contexto para não gerar pretexto na exegese bíblica, assim também o conhecimento científico, para tornar-se um corpo de conhecimentos sistematizados, é necessário ser formado a partir de um conjunto de pesquisas, observações qualitativas e quantitativas que, de fato, demonstrem alguma prevalência naquilo que defende. É semelhante à formação de uma doutrina bíblica, que necessita de texto, contexto e outros textos relacionados em outros livros para fundamentar-se um conhecimento bíblico válido. Apenas um texto bíblico não gera doutrina, assim como na ciência um estudo isolado aqui

ou acolá também não é digno de gerar um corpo de conhecimentos sistematizados.

E, se não é ciência, é o que então? É uma ideologia, que, conforme você já leu, significa doutrina das ideias, ou seja, são ideias produzidas por um determinado grupo para defender a causa pela qual esse grupo luta. Perceba que ciência não é ideologia e que ideologia não é ciência, e, portanto, ideologia de gênero não possui respaldo científico concreto.

Vale ressaltar — para que não haja nenhuma dúvida e, tampouco, munição nas mãos dos defensores — que atualmente existem centenas de pesquisas científicas sendo conduzidas na área do gênero. Isso é fato. Contudo, nenhuma pesquisa até agora foi suficientemente “forte” para causar qualquer frisson no meio acadêmico. Nenhuma pesquisa conseguiu destronar a fundamentação científica bem sólida, que foi construída sobre os vários saberes da área médica: que homem nasce homem, e mulher nasce mulher.

Nas palavras de Carla Dorgam, médica filiada à Associação Médica Brasileira, proferidas na audiência pública em Brasília sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “devemos falar de ciência, e não de percepções sociais.”

Perceba que a ideologia de gênero invade os campos do saber das áreas científicas, tais quais: Química, Medicina, Biologia, Genética, etc., porém alguns poucos estudos conduzidos por defensores para encontrar respaldo para suas vãs filosofias não se baseiam nessas áreas. Antes disso, a base que fundamenta seus estudos são as áreas sociológicas, ou seja, querem contrapor a verdade absoluta de matérias bem sólidas nos campos da Medicina com fagulhas encontradas nas áreas sociais, em percepções sociais e insatisfações pessoais de pessoas com transtornos psicológicos, pois a verdade científica que querem mudar é esta: que o indivíduo que alega nascer no corpo de outro sexo possui um transtorno psicológico catalogado e bem definido nos manuais de psiquiatria. Tal fato não é um acidente da vida como defendem, ou um erro genético, mas, sim, um transtorno com causas bem definidas.

É por isso que este capítulo é tão importante. Nele veremos notas de repúdio, estudos, artigos e pesquisas científicas que serão colocados de maneira organizada para facilitar o entendimento.

Este capítulo será como um prato principal, pois nele teremos muito conteúdo

para refutar a falaciosa ideologia de gênero. Já para os defensores do gênero, será um prato bem indigesto.

Então, vamos à mesa!

O que Diz a Genética quanto à Ideologia de Gênero

Conforme o site InfoEscola, um conhecido e respeitado portal de conteúdo de ensino, a definição de genética é: “Ciência que estuda a hereditariedade, a estrutura e função dos genes e a variação dos seres vivos”.¹² Ainda segundo o site, “é através da genética que buscamos compreender os mecanismos e leis de transmissão das características através das gerações”.

É na genética humana que encontramos todas as informações de nossos corpos, tais como:

- 1 . DNA (Ácido Desoxirribonucleico), contido em todas as células de um organismo, formado por uma fita dupla composta por 4 letras — A, T, C e G, que respectivamente representam os compostos orgânicos: adenina, timina, citosina e guanina; os cromossomos, formado por sequências de DNA;
- 2 . Os genes, que são a parte funcional do DNA, que são sequências especiais de centenas ou até milhares de pares (do tipo A–T ou C–G), que oferecem as informações básicas para a produção de todas as proteínas de que o corpo precisa produzir;
- 3 . O genoma, que é toda informação hereditária, que está contida e codificada no DNA;

4 . E outros elementos que fazem do ser vivo a mais complexa máquina do mundo.

Veja que não somos apenas um acidente da natureza, mas, sim, seres criados e formados com um propósito maior, algo que transcende a vida humana, algo que a ciência humana não consegue explicar, que é a glória de Deus, por mais que nos queiram convencer de que o Universo não teve um criador, e sim um acaso. Tudo o que foi dito encaixa-se perfeitamente neste pensamento de Benjamin Franklin (1706–1790): “Achar que o mundo não tem um criador é o mesmo que afirmar que um dicionário é o resultado de uma explosão numa tipografia”.¹³

Mas, voltando à ciência, em específico à genética, é nela que encontramos as respostas mais básicas às dúvidas levantadas pelos ideólogos do gênero, como, por exemplo, Simone de Beauvoir, que afirma que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. E, antes que venha quem quer que seja chamar-nos de tendenciosos pelo fato de que a autora não estava falando de questões genéticas, e sim sociológicas ligadas ao gênero, corroboraremos a defesa em cima das questões sociais também, e não apenas genéticas.

O que a Genética Revela acerca da Formação do Ser Humano?

Com a fecundação do óvulo, o feto gradualmente se desenvolve de acordo com o código genético herdado dos pais. Somos formados com 46 cromossomos (23 pares), com 23 cromossomos oferecidos pela mãe e os outros 23 oferecidos pelo pai, e o interessante nisso é que, dos 46 cromossomos herdados, 44 são autossomos (encontrados em todas as células), e 2 deles são os cromossomos sexuais, sendo o “XX” feminino e o “XY” masculino. Nesse momento, entra o fator genético na definição do sexo e gênero do indivíduo, mesmo que alguém queira ensinar o contrário para você.

Para corroborar a afirmação, a matéria publicada na Revista Super Interessante afirma: “Desde 1950, sabia-se que o sexo com que se nasce é determinado por um dos 23 pares de cromossomos do ser humano: mulheres possuem o par XX e

homens, XY (assim chamados por causa da forma)”.¹⁴ E veja que interessante é a diferenciação dos sexos. O professor Paulo Otto, do Instituto de Biociências da USP, explica: “Ficamos sabendo que não é um cromossomo inteiro, X ou Y, mas apenas um único gene que determina o sexo”. E perceba o detalhe: um único gene entre cerca de 100 mil que formam a bagagem hereditária do ser humano.¹⁵ Sendo assim, é a presença do cromossomo Y na formação do feto que ocasiona a diferença entre macho e fêmea. Com ele, surge a reprodução de substâncias androgênicas, que estimulam ou controlam o desenvolvimento e manutenção das características masculinas.

Uma vez que o cromossomo Y fez seu trabalho e diferenciou o sexo masculino do feminino, as substâncias androgênicas entram em ação e atuam também no desenvolvimento de características da estrutura genética do indivíduo, conhecidas como genótipo, e também nas características mutáveis do indivíduo, conhecidas como fenótipos. Veja que o genótipo não pode ser mudado por ser parte da estrutura genética da pessoa, enquanto que as características fenotípicas, tais como cor dos olhos, cor do cabelo, etc., podem sofrer alteração do ambiente. Em outras palavras, para facilitar o entendimento do leitor mais leigo, homens e mulheres são diferentes em todos os sentidos, e não apenas nas questões sociais como nos quer ensinar a ideologia de gênero. Ela ensina que homem não nasce homem, mas isso é uma tremenda inverdade, pois o homem nasce homem tanto na questão genética, onde sua estrutura molecular é diferente da mulher, quanto nas questões fenotípicas, que dizem respeito às diferenças mais visíveis do corpo.

E aqui entra um ponto importante a ser discutido, que é a evidente diferenciação entre macho e fêmea, homens e mulheres. Veja que ela existe, é real e indiscutível.

Há defensores do gênero que afirmam que essas diferenças são limitadas à sexualidade, ou, então, são restritas a diferenças corporais (fenótipos), não atingindo, por exemplo, as capacidades intelectuais (genótipos). Tal afirmação é, sem sombra de dúvida, tendenciosa! O cérebro da mulher é diferente em relação ao do homem, e isso é afirmado pela ciência, e não por nós, “tendenciosos fundamentalistas”, como eles mesmos nos chamam. Há diferença nas estruturas cerebrais, desmontando, assim, qualquer falácia de que apenas as características sexuais e corporais são diferentes entre machos e fêmeas. Os cérebros são diferentes do ponto de vista estrutural e também diferentes do ponto de vista funcional.

Jaquelyne Cruz, professora da Universidade Federal de Campina Grande, demonstra que

a neurociência, diante de algumas descobertas realizadas, devido ao emprego e evolução de exames computadorizados, apontou que muitas destas distinções entre os organismos de homens e mulheres encontram-se em seus cérebros.¹⁶

Segundo a professora, há diferenças entre: o LIP (lóbulo ínfero-parietal), constatando-se que homens desenvolvem melhor o lado esquerdo, enquanto que as mulheres o lado direito, criando diferenças em questões como memória, percepções e emoções. Há diferença nos lobos frontais e temporais relacionados à linguagem, o que explica a notória superioridade mental das mulheres relacionada à linguagem.

Para o professor Dr. Renato M. E. Sabbatini, doutor em Neurofisiologia pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em artigo publicado na revista Cérebro e Mente, também há diferenças até mesmo no sistema neuronal masculino e feminino. A afirmação do professor é extraída de uma pesquisa conduzida na “University of Cincinnati”, e, segundo a pesquisa, ficou evidente por meio do experimento laboratorial que “homens têm mais neurônios no córtex cerebral, as mulheres tem um neuropil mais desenvolvido” (SABBATINI, 2000).

Tais afirmações, em que repetimos que são pesquisas científicas, e não nossa simples opinião, são a clara e evidente refutação da afirmação de que “ninguém nasce homem ou mulher”. Isso é irreal, uma fraude científica propositada para servir a uma causa, na defesa de uma ideologia com intenções maléficas, como é a ideologia de gênero.

A genética é a resposta para as diferenças que estão contidas nos cromossomos, conforme já exposto. Veja que, para a ciência, não há engano, questões sociais ou interesses políticos, e sim apenas o que é definido geneticamente. Os genes contidos nos cromossomos X e Y determinam o desenvolvimento físico dos fetos e ponto final. Não há discussão. Não há margem para erro ou qualquer outra interpretação tendenciosa que uma classe de pesquisadores queira alegar. Por meio dessa diferenciação dos cromossomos, os embriões desenvolvem

diferentes órgãos de acordo com o seu sexo, além de diferentes características estruturais e cognitivas.

Pamela Puppo, pesquisadora e doutoranda em Biodiversidade, Genética e Evolução pela Universidade do Porto (Portugal), declarou que: “Não aceitar ideologia de gênero não é discriminação, não é ser intolerante nem homofóbico, mas é simplesmente biologia” (COELHO, 2018). O fato de alguém nascer homem ou mulher não é um fator cultural; é biológico e nada mais. Não há outra variável. Possuímos o direito e a liberdade de não aceitar a ideologia de gênero, e isso não é ser intolerante ou homofóbico conforme quer rotular-nos a patrulha do politicamente correto; é apenas expressar sua opinião num país que lhe garante tal pressuposto. Não estamos falando em discriminação, perseguição, incitação ao ódio; estamos apenas falando em você demonstrar sua opinião de reprovação quanto a essa ideologia.

Para concluir esse subtópico, reforçamos que as descobertas científicas provam que não há questões genéticas para alegar gênero neutro e, tampouco, “ter nascido gay”, conforme alguns teóricos e militantes sustentam.

Homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, pansexualidade e demais manifestações da sexualidade, segundo os ideólogos do gênero, não são heranças genéticas, não são tendências inatas que já nascem com o indivíduo; e, ao contrário do que essa ideologia ensina, todos nascemos heterossexuais, e cada qual, pelas suas histórias de vida e escolhas pessoais, seguem o seu caminho quanto à opção sexual. Simples assim!

Nascido Gay? Estudos Mostram que não

17

A discussão desse tema é outro ponto importante que precisamos abordar neste capítulo: sobre a alegação de que gay já nasce gay — o termo gay, aqui, compreende homens e mulheres homossexuais.

Perceba que a discussão aqui é diferente da anterior, pois, antes, nossa discussão limitou-se a defender a ideia de que homem nasce homem, e mulher nasce

mulher nas questões genéticas e de gênero. Com argumentos sólidos extraídos dos saberes científicos, desconstruímos a falácia da ideologia de gênero. Doravante, a discussão será centrada em outro front de batalha filosófica e científica, que é a alegação de que homens nascem homens sim, e mulheres nascem mulheres sim, porém com tendência à homossexualidade. Aqui, a discussão não é sobre gênero, e sim sobre a opção sexual. Tais defensores alegam existir um gene gay, ou seja, um elo genético comum entre homossexuais. Dessa forma, eles defendem que a homossexualidade possui uma base genética.

E qual objetivo em provar geneticamente que gay nasce gay? Simples, para dar ar de normalidade à prática da sodomia, que é biblicamente condenada. Se realmente fosse uma condição genética, a condição de preconceituosos seria perpetuada. Seria a “prova final” que faltava para eternizar o preconceito daqueles que não concordam com a prática. Mas, até agora, nada! Homossexualidade continua sendo uma opção, um comportamento aprendido, e não uma condição genética.

Para começar, devemos lembrar que um dos primeiros estudos realizados com o objetivo de provar a existência de um gene gay foi em 1993, quando o geneticista Dean Harmer e seus colegas do Instituto Nacional do Câncer nos EUA apresentaram um estudo alegando que encontraram uma ligação genética à homossexualidade masculina (HAMER; COPELAND, 1994), e, posteriormente, centenas de outros estudos já foram conduzidos com essa finalidade, pois, conforme já exposto nos capítulos anteriores, existe um interesse científico para tais pesquisas para que haja maior intensificação da manifestação da cultura LGBT — nesse caso, no ambiente acadêmico.

Aliás, é oportuno abrir um parêntese aqui e ressaltar que grandes fundações internacionais, oriundas de grandes — leia-se gigantes — empresas, estão investindo milhares de dólares para financiar pesquisas científicas em universidades pelo mundo inteiro — universidades estas com histórico de lutas mais voltadas as questões LGBT, aborto, liberação de drogas e outros. Conforme matéria publicada no site Canção Nova¹⁸, um dos maiores portais católicos do Brasil, há até mesmo uma manipulação por tais entidades — inclusive algumas governamentais — que patrocinam bolsas de estudos apenas quando a pesquisa é direcionada à discussão da ideologia de gênero. Isso explica a enxurrada de pesquisas e artigos científicos publicados em revistas nos últimos anos. Ou você acha que a ciência é imparcial nas suas descobertas? Infelizmente, não!

Lamento, porém, dizer aos defensores da ideologia de gênero que nada conclusivo foi encontrado até agora, e nada encontrarão, pois a Bíblia não se engana quando afirma que “Deus, portanto, criou os seres humanos à sua imagem, à imagem de Deus os criou: macho e fêmea os criou” (Gn 1.27 – BKJ).

Voltando ao gene gay, após a veiculação da pesquisa do Dr. Dean Harmer, houve um sensacionalismo midiático devido às “descobertas”, pois, de maneira lógica, seria a prova que tanto esperavam para tachar a sociedade de ignorante e preconceituosa. Entretanto, como nenhuma mentira é sustentada por muito tempo, os problemas da pesquisa começaram a vir à tona pouco tempo depois: dados imprecisos, pouca ortodoxia do ponto de vista científico, além de cheia de falhas (SHELDON, 2012). Os relatórios apresentados pela mídia eram manipulados, enganosos, recortados de uma grande pesquisa, tendenciosos em validar algo que a pesquisa por si só não tinha demonstrado de maneira plena.

Logo depois de todo o frisson causado, “pesquisadores das universidades de Yale, MIT, Colúmbia e da Escola de Medicina da Universidade de Washington apontaram erros nas descobertas” (SHELDON, 2012, p. 35) e, com isso, refutaram as pesquisas e, principalmente, a mídia tendenciosa americana. Houve ainda analistas que declararam que a correta análise dos dados poderia levar à conclusão oposta.

Tais analistas e cientistas contrariados com a pesquisa, não satisfeitos ainda, conduziram outros estudos buscando respostas para o tema. E, dentre as pesquisas, separamos apenas uma dentre várias, a pesquisa liderada por Rice e Ebers (RICE et al, 1999 apud TAY, 2011), que demonstrou que os resultados encontrados não respaldam a existência de um gene ligado ao cromossomo X que oferecesse base para a homossexualidade masculina. Detalhe importante é que a pesquisa de Rice e Ebers foi conduzida nos mesmos moldes técnicos e científicos que Hamer e sua equipe. E, como já estava previsto, a genética mais uma vez demonstrou a binariedade do sexo humano — homem e mulher —, e o que passar disso é opção e comportamento, e não genética.

Uma vez que o tal “gene gay” foi refutado, outros estudos começaram a aparecer. Dentre eles, destacamos aqui um estudo importante com gêmeos idênticos — que compartilham a mesma carga genética devido à divisão do óvulo fecundado. É, no mínimo, lógico pensar que, se realmente há um gene gay, a evidência é indiscutível em gêmeos univitelinos, 100% de correlação, correto? Não! Não é bem assim! Vejamos. Em 1991, um estudo genético da orientação

sexual de homens foi conduzido por Bailey e Pillard (1991), que verificaram homens homossexuais com co-gêmeos idênticos, co-gêmeos não idênticos e irmãos adotivos. Ao final da pesquisa, percebeu-se que 52% dos co-gêmeos idênticos, 22% dos co-gêmeos não idênticos e 11% de irmãos adotivos eram homossexuais. Para Tay (2011, p. 20), “os gêmeos idênticos têm todos os genes em comum, e se a homossexualidade fosse totalmente determinada por genes, a proporção de concordância deveria ser de 100%”, o que não aconteceu no estudo em questão. O resultado demonstra aquilo que já estamos falando neste capítulo, que, geneticamente, não há qualquer respaldo para a homossexualidade; muito pelo contrário! Tudo isso prova que a homossexualidade é um comportamento, uma opção ou escolha do indivíduo.

E para aqueles que procurarem qualquer fagulha de defesa em alegar que 52% é um número bastante alto em se tratando de ciência para a correlação da homossexualidade em gêmeos idênticos, há outras pesquisas ainda que demonstram, no mínimo, duas questões pertinentes ao questionamento.

Primeiro, por que estamos falando de ciência genética, e não de Sociologia. A genética é pautada em argumentos “quase que matemáticos” — não tanto claro — e, portanto, mesmo que 52% de gêmeos idênticos optem pela mesma orientação sexual, isso não significa nada geneticamente falando, mas, sim, corrobora o fato de que homossexualidade é um comportamento aprendido, principalmente pelo fato de que existem poucos casos em que irmãos gêmeos declaram sua homossexualidade de maneira simultânea, e sim primeiro um declara e, depois, o outro.

Segundo, por que outros estudos foram conduzidos, como, por exemplo, uma pesquisa realizada na Austrália em 2000, que demonstrou que a concordância era de apenas 20% dos homens e 24% das mulheres, e não os mesmos números da pesquisa de Bailey e Pillard. Para Tay (2011), a diferença dos números dá-se, muito provavelmente, pelo método de verificação utilizado, que pode ter sido tendencioso no momento da busca por probandos¹⁹, em que foi escolhido um número maior de gêmeos idênticos correlatos na sua opção sexual.

Outro estudo, conduzido por King e McDonald (1992), pesquisou 46 probandos homossexuais e também afirma que “há divergência na orientação sexual de pares de gêmeos idênticos, o que confirma mais uma vez que fatores genéticos são insuficientes para explicar o desenvolvimento da orientação sexual” (TAY, 2011, p. 20).

Creio que ficou muito claro o fato de que não há qualquer prova contundente acerca do gene gay. Com isso, fica evidente o fato de que a homossexualidade não é inata, mas, sim, uma escolha emocional. A homossexualidade não tem relação alguma com questões intrauterinas, isto é, antes do nascimento, mas, sim, com questões pós-uterinas, pós-nascimento, por diversos fatores que estudaremos à frente. Prova disso, são os inúmeros casos de gays que mudam de opção sexual ao longo de sua vida.

A Homossexualidade É uma Escolha ou Consequência Emocional

A homossexualidade é praticada por uma pessoa que, por determinação genética, nasceu homem ou mulher, porém tornou-se homossexual por preferência aprendida ou imposta. Com isso, a homossexualidade perde o status de condição inata, isto é, que o indivíduo nasce e vai para o status de comportamento, em que fatores comportamentais como criação e experiências são os que a determinam.

Não há unanimidade dentro da Psicologia, pois, há tempos, os CRPs (Conselhos Regionais de Psicologia) estão engajados na luta pelas “ditas minorias” e pelos direitos LGBTs; porém, ainda assim, é grande o número de psicólogos que concordam que, mais importante do que a determinação genética para uma criança decidir a sua preferência sexual é a maneira como ela é criada, ou, ainda, a maneira como ela é concebida, pois até mesmo os fatores que rodeiam a concepção dessa criança favorecem a opção sexual futura.

Prova disso são os incontáveis casos clínicos de consultórios de Psicologia e Psiquiatria, onde os pais procuram o serviço de saúde com a queixa sobre o comportamento efeminado em meninos ou masculinizados em meninas, e, após a anamnese²⁰, percebe-se que tal comportamento é derivado dos próprios pais, e não das crianças. Por exemplo, quando o sexo do bebê não é o desejado no nascimento, isto é, os pais desejavam menino, mas nasceu menina, muitos pais e mães acabam por criar seus filhos tratando-os como se fossem do sexo oposto, assim como gostariam que fossem. Meninas são tratadas e cuidadas como meninos, e meninos como meninas, ou, então, semelhantemente, crianças que são emocionalmente rejeitadas por seus pais por terem nascido do sexo indesejado, e tal criação traz uma séria consequência psicológica à criança, que

fica com sua orientação sexual confusa. Não é apenas a concepção e a criação da criança que influencia na opção sexual, mas também um grande conjunto de fatores intrapsíquicos (processos da mente) e interpssíquicos (relações pessoais). E, para demonstrar a veracidade dessa afirmação, recorreremos a alguns estudos que comprovam nossa tese, que estão divididos abaixo por subgrupos.

1 – Sentimentos homossexuais podem diminuir ou desaparecer com o amadurecimento do indivíduo

Em 1994, um grande estudo com 411 gêmeos conduzido por McConaghy, Buhrich e Silove (1994) demonstrou que 20% dos pesquisados declararam ter alguns sentimentos homossexuais na adolescência, mesmo se declarando heterossexuais. Entretanto, ao entrar na fase adulta, esse índice caiu para apenas 12%. Para Tay (2011), o estudo deixa claro que a homossexualidade é inconsistente, visto que adolescentes heterossexuais declararam ter sentimentos homossexuais. Algo mais avassalador ainda para a militância homossexual é a descoberta de que os sentimentos homossexuais podem diminuir ou até mesmo desaparecer com o passar da idade e o amadurecimento do indivíduo.

Outro estudo conduzido por Diamond e Savin-Williams, com 80 lésbicas, bissexuais e sem classificação, conforme nos revela Tay (2011, p. 35), demonstrou também que “metade das participantes mudou a identidade sexual mais de uma vez, e um terço mudou a identidade desde a primeira entrevista”, e isso desmonta duas ideias: de que a homossexualidade seria genética; e, segundo, que é imutável.

E você sabe por que tais descobertas são tão importantes? Por que demonstram que, como não é genético, e sim comportamento, a terapia pode ajudar os indivíduos que desejam reverter sua orientação sexual. Caso fosse genético, isso seria impossível. E a prova cabal para essa afirmação é a instabilidade da opção sexual, onde adolescentes mudam sua opção sexual quando chegam à fase adulta e, mesmo quando adultos, ainda podem mudar sua orientação sexual, conforme demonstrou o estudo anterior.

Veja que contra fatos não há argumentos, e contra pesquisas não há preconceito. Não somos nós, os “fundamentalistas religiosos”, que alegamos que a

homossexualidade é uma escolha, e sim a ciência. Não existe imposição genética como nos querem ensinar a classe progressista, a elite cultural brasileira. Todo e qualquer cidadão tem o seu livre direito de fazer suas opções sexuais, não cabendo a nós determinar tal escolha; agora, empurrar goela abaixo do cidadão brasileiro que ideologia de gênero é questão genética, isso não! Jamais aceitaremos isso!

2 – Indivíduos homossexuais, bissexuais ou transexuais têm mais probabilidade de terem sofrido traumas diversos, assédio ou abuso sexual

Quem já está mais familiarizado com o tema ideologia de gênero e homossexualidade sabe que esse comportamento antibíblico está direta e indiretamente ligado a traumas sofridos na infância e na adolescência. São muitos os estudos que comprovam uma equivalência alta entre abusos sexuais, mães e pais opressores, traumas dos pais diversos e a homossexualidade. Não é de hoje que pesquisas provam tal afirmação, e até mesmo na prática clínica é possível perceber o altíssimo índice de relação.

Mas vamos aos estudos para ver o que nos é revelado.

Um estudo²¹ realizado na Nova Zelândia em 2010 na Universidade de Otago revelou que indivíduos homossexuais ou bissexuais têm mais probabilidade de terem sofrido uma variedade de traumas na infância, inclusive ataque sexual, estupro, violência e violência no lar. “As pessoas que se identificam como homossexuais ou bissexuais, ou tiveram um encontro ou relacionamento com pessoas do mesmo sexo, tendem a vir de contextos perturbados” ²², disse Elisabeth Wells, professora adjunta de pesquisas.

Outro estudo que segue a mesma linha foi realizado por Tomeo e seus colaboradores com 942 adultos homossexuais e heterossexuais de ambos os sexos. O estudo mostrou que 46% dos homens homossexuais relataram ter sofrido abuso sexual ou assédio por homens, enquanto que o índice foi de apenas 7% nos homens heterossexuais. Nas mulheres, o índice foi semelhante, em que 22% das mulheres homossexuais relataram ter sofrido assédio ou abuso por mulheres, enquanto que as mulheres heterossexuais foram apenas 1%. Outro dado extremamente importante foi que 68% dos homens e 38% das mulheres

homossexuais afirmaram que só se identificaram como homossexuais após o assédio (TAY, 2011). Já no estudo de Stoddard, Dibble e Fineman (2009), os agressores em geral eram os parentes homens. No estudo, os autores investigaram 324 pares de irmãs e relataram que os índices de abusos sexuais e físicos são maiores nas mulheres homossexuais em comparação às irmãs heterossexuais (TAY, 2011).

Os dados das duas pesquisas não são conclusivos, e não podemos afirmar por A mais B que a homossexualidade é causa de traumas, mas, conforme os estudos evidenciam, existe um elo entre abuso e homossexualidade ou bissexualidade, e estudos mais recentes dão conta, inclusive, também de correlacionar abuso com os transgêneros. Para Tay (2011), o assédio sexual na infância ou adolescência pode resultar na homossexualidade tanto em mulheres como em homens, independentemente do agressor ser do mesmo sexo ou do sexo oposto.

Outro trauma muito comum sofrido na infância e adolescência é a ausência dos pais, que acontece por uma variedade de fatores, desde trabalho, negligência, drogas e álcool, etc. Esses traumas também estão ligados através de pesquisas à escolha da homossexualidade. O estudo de Sutter e Rovers, que foi realizado em 2004 com homens seminaristas católicos, demonstrou que os autodeclarados homossexuais sentiam mais a ausência dos pais em comparação aos heterossexuais (TAY, 2011), e, para os autores, o estudo, apesar de não ser conclusivo, revela que há fatores de relação entre ausência emocional dos pais no desenvolvimento da criança com a homossexualidade.

A própria Psicologia revela que famílias desajustadas emocionalmente provocam traumas intrapsíquicos muito fortes em crianças e adolescentes, e os abusos emocionais que tais crianças sofrem podem contribuir para o surgimento do desejo homossexual. É um princípio simples de entender, em que famílias desajustadas por diversos problemas provocam desajustes emocionais em crianças e adolescentes, e tais confusões psíquicas devido aos traumas podem ocasionar escolhas homossexuais ou desenvolver patologias diversas, dentre elas a disforia de gênero.

Você percebe agora quantas mentiras contaram para você quando disseram que pessoas nascem gays? É isso que a mídia politicamente correta faz. Ela recorta pesquisas pela metade e expõe aquilo que lhes interessa sem ter um real compromisso com a verdade, mas, sim, compromisso com a agenda progressista, que busca impor goela abaixo da sociedade o respeito às minorias sexuais em detrimento do respeito à maioria. Em nome do respeito, desrespeitam. Em nome da promoção da cultura LGBT, sucumbem à normalidade da heterossexualidade.

É evidente que a homossexualidade é construída sim, e não é de nascença. Trata-se de uma opção, consciente ou inconsciente da pessoa. É consciente quando a pessoa escolhe o parceiro do mesmo sexo mesmo sem qualquer trauma — o que lhe é garantido por nossa constituição —, e inconsciente quando a pessoa pensa que está fazendo conscientemente as suas próprias escolhas, quando, na verdade, está sendo manipulada psiquicamente por processos complexos do pensamento, que agem de acordo com o inconsciente e todo o material psíquico nele condito. Em outras palavras, para clarificar, a pessoa é emocionalmente manipulada pelas suas experiências pessoais e toma decisões pautadas nos seus traumas, mesmo que ela não saiba disso. Trata-se de um processo inconsciente que todos vivemos, pois se engana quem pensa que governa sua própria vida, pois quem nos governa realmente são nossas experiências intrapsíquicas que nos influenciam diretamente, até mesmo na escolha de uma peça de roupa.

Se, portanto, a homossexualidade não é inata, e sim um comportamento, então significa que podemos sim nos manifestar contra, pois não se trata de uma condição genética, e sim de uma escolha. Não é uma doença, e sim um comportamento, e, portanto, temos o direito, enquanto cristãos, de não aceitar tal prática, pois assim nos demonstra o manual de regra e vida, a Bíblia Sagrada. Se não é inata, pode sofrer reveses durante a vida do indivíduo, conforme pesquisas demonstradas que sugerem a mudança de orientação sexual ao longo da vida, e não algo estático, fixo. A homossexualidade é fluida, volátil e inconstante em alguns casos. E, se não é inata, pode ser revertida conforme o desejo da pessoa — somente se esse for o desejo do indivíduo, pois ele possui seu direito inviolável de plena liberdade sexual.

3 – Pesquisas demonstram que 64,9% dos homossexuais que passaram por terapia de reversão de orientação sexual obtiveram êxito

A reversão da orientação sexual — chamada de cura gay — é possível sem que isso seja uma aberração, como postulam os movimentos LGBTs. Quem testifica tal fato não é nem um “cristão fundamentalista sem qualquer formação acadêmica” nem, tampouco, nós, autores, mas, sim, uma pesquisa conduzida por Nicolosi, Byrd e Potts (2000), que demonstrou que, dos 882 homossexuais insatisfeitos com sua orientação sexual, dos quais 726 receberam terapia de reorientação, 64,9% voltaram a ser heterossexuais. Isso mesmo, esmagadores 64,9%! Porém, a militância progressista fecha os olhos para pesquisas como essas e alegam apenas “cura gay”.

Esse assunto, inclusive, é motivo de grande debate ideológico, pois os defensores da ideologia de gênero e da causa gay rotulam-nos de fundamentalistas por acreditarmos na reorientação da sexualidade, enquanto que tal verdade é ilusão para eles. Tacham-nos de cegos, alegando que promovemos uma perseguição à causa gay por acreditar na reversão. Chamam de “cura gay”, pejorando claramente a ideia de reorientação, tratando como doença, e não condição ou escolha. E não há cura gay, mas, sim, o desejo de muitos homossexuais em abandonar a prática e voltarem a ser heterossexuais. Eles possuem esse direito e, como não conseguem sozinhos, buscam apoio e acolhimento em igrejas, pastores e líderes religiosos.

Abrindo um parêntese aqui para esclarecer, perceba que, nas duas sessões anteriores, deixamos um pouco de lado a questão “gênero” para debruçar-nos na questão “gay”, que, apesar de serem assuntos intimamente ligados, são diferentes quanto ao estudo, pois, conforme você já aprendeu, a ideologia de gênero ensina que ninguém nasce homem ou mulher, e sim neutro, e que a vida social é o que os constrói, enquanto que o gay nasce com o sexo e gênero definidos e, por escolhas emocionais, opta por sua orientação sexual.

Tal mudança de viés foi importante para refutar cientificamente a ideia de gene gay e, principalmente, para demonstrar a farsa que existe sobre o assunto, inclusive, conforme aprendemos, que há reorientação sexual. Porém, agora, o

foco volta-se novamente às questões do gênero, pois precisamos fechar esse assunto para prosseguir nos próximos capítulos.

Parêntese fechado! Prossigamos.

Entidades Importantes Refutam a Ideologia de Gênero

Nesta sessão, dedicaremos algumas páginas para demonstrar que alguns órgãos importantes pelo mundo manifestaram-se contra a ideologia de gênero, trazendo alertas contundentes sobre a devassidão e o perigo de tal ideologia para as crianças, adolescentes e sociedade de maneira geral.

Diga-se de passagem, tais notas de repúdio não foram lançadas pela associação de bairros da sua cidade — sem qualquer preconceito —, mas, sim, por entidades importantes da Pediatria, Medicina e outros campos dos saberes científicos que identificaram possíveis prejuízos na ideologia e, por isso, manifestaram-se contra. Também há relatos de profissionais gabaritados, todos com doutorado na área correspondente a sua nota.

Vejamos as notas de repúdio:

Nota Oficial da American College Pedriaticans (ACP):

Em março de 2016, a American College Pedriaticans (Associação Americana de Pediatria) emitiu uma nota oficial²³, que foi assinada por sua presidente, a Dra. Michelle A. Cretella, que alerta sobre os riscos da ideologia de gênero para a educação de crianças e adolescentes.

Em nota, a ACP defende que a ideologia de gênero é uma farsa científica e que muitos casos de meninos e meninas que dizem ter identidade de gênero diferente de seu sexo biológico são, na verdade, sofrendores de um transtorno de identidade

de gênero, ou comumente conhecido como disforia de gênero (DG).²⁴

Ainda segundo a ACP, um dos grandes problemas de tal ideologia é querer tratar crianças e adolescentes com DG através de tratamentos hormonais e cirurgias de mudança de sexo. Veja um trecho da nota:

O tratamento da DG infantil com hormônios equivale, na prática, à realização de experimentos em massa e esterilização de crianças e adolescentes que são cognitivamente incapazes de dar seu consentimento informado. Existe um problema ético grave em permitir que procedimentos irreversíveis e transformadores de vida sejam realizados em menores que não têm idade suficiente para darem o consentimento válido, eles próprios; os adolescentes não são capazes de compreender a magnitude de tais decisões (American College Pediatrics, 2016).

Um dos pressupostos da ideologia de gênero é permitir que crianças possam trocar de sexo quando estas alegarem ter nascido num corpo errado e quando se sentirem desconfortáveis com relação ao sexo que nasceram; o que seria um erro catastrófico, pois, conforme já exposto anteriormente, a homossexualidade — e, no mesmo princípio lógico de pensamento, a DG — não é uma condição inata, mas, sim, adquirida, ou seja, o indivíduo não nasce assim; ele torna-se assim. Isso acontece por diversos motivos já expostos, desde abuso sexual, desajustes familiares, etc.

A nota — que, infelizmente, não temos condições de colocar na íntegra aqui, devido ser muita extensa — reforça tudo aquilo que já escrevemos anteriormente nas sessões “O que Diz a Genética quanto a Ideologia de Gênero” e “Nascido Gay? Estudos Mostram que não”. No documento amplamente divulgado ao mundo, os autores colocam oito pontos fundamentais, sendo eles:

1. A sexualidade humana é um traço biológico binário objetivo: “XY” e “XX” são marcadores genéticos de saúde, não de um distúrbio;

2. Ninguém nasce com um gênero. Todos nascem com um sexo biológico. Gênero (uma consciência e percepção de si mesmo como homem ou mulher) é um conceito sociológico e psicológico, não um conceito biológico objetivo;

3. A crença de uma pessoa, que ele ou ela é algo que não é, trata-se, na melhor das hipóteses, de um sinal de pensamento confuso;

4. A puberdade não é uma doença, e hormônios que bloqueiam a puberdade podem ser perigosos;

5. De acordo com o DSM-V²⁵, aproximadamente 98% de meninos e 88% de meninas confusas com o próprio gênero aceitam seu sexo biológico depois de passarem naturalmente pela puberdade;

6. Crianças que usam bloqueadores da puberdade para personificar o sexo oposto vão requerer hormônios do outro sexo no fim da adolescência. Esses hormônios (testosterona e estrogênio) estão associados com riscos à saúde, inclusive, mas não apenas, aumento da pressão arterial, formação de coágulos sanguíneos, acidente vascular cerebral e câncer;

7. Taxas de suicídio são 20 vezes maiores entre adultos que usam hormônios do sexo oposto e que se submetem à cirurgia de mudança de sexo mesmo na Suécia, que está entre os países mais afirmativos em relação aos LGBTs;

8. Condicionar crianças a acreditar que uma vida inteira de personificação química e cirúrgica do sexo oposto é normal e saudável é abuso infantil.

Como é possível perceber, a nota é contundente e incisiva em refutar todos os pontos da dita ideologia de gênero. E, permita-nos aqui uma constatação, a ACP está corretíssima em refutar tal ideologia, pois permitir essa aberração a crianças que não possuem condições psicológicas e maturidade para tomar uma decisão tão importante seria uma espécie de castração química, pois, uma vez que o processo de mudança de sexo for iniciado, ele traz consigo consequências físicas e hormonais, e as consequências são gravíssimas conforme demonstrado na nota.

Vale ressaltar ainda que, de acordo com a nota e de acordo com o DSM-V, “98% de meninos e 88% de meninas confusas com o próprio gênero aceitam seu sexo biológico depois de passarem naturalmente pela puberdade”. Assim sendo, como podemos aceitar tal aberração? Como alguém em sã consciência pode acreditar nisso? É diabólica a ideia de que crianças possam submeter-se a cirurgias de mudança de sexo, uma vez que apenas 2% dos meninos e 12% das meninas continuam com o transtorno.

Não feche os olhos. Não aceite como normal um experimento social que busca castrar crianças saudáveis por um transtorno que possui cura. É algo muito sujo da militância homossexual; é algo muito baixo jogar nossas crianças no escuro porão da dúvida com relação a sua sexualidade.

Manifestação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP)

Seguindo a mesma linha de raciocínio da Associação Americana de Pediatria, o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (CREMESP) manifestou-se²⁶ em fevereiro de 2018 em nota oficial no seu site, relatando que:

O CREMESP entende que o cuidado com a saúde mental das crianças e dos adolescentes deve ser prioridade e que colocá-los em risco pode trazer consequências danosas à formação do aparelho psíquico. Entende que a determinação sexual é dependente de fatores genéticos, epigenéticos e do desenvolvimento psicosssexual precoce e que as variações do desenvolvimento

sexual podem ocorrer em crianças e adolescentes e devem ser abordadas como tal, não devendo ser objeto de questões políticas, ideológicas ou de outra ordem (CREMESP, 2018).²⁷

Com tais afirmações, o CREMESP reforça a nota da ACP em dizer que a grande verdade é que não existem crianças transgêneros, como os militantes esquerdistas querem ensinar. Existe, sim, a determinação sexual por fatores genéticos, epigenéticos e do desenvolvimento psicosssexual precoce — o que já abordamos anteriormente acerca dos abusos sofridos e traumas. O CREMESP deixa-nos entender que o que existe de verdade é disforia de gênero, e tal transtorno deve ser tratado como tal, e não ser usado como meio de manipulação para promover interesses políticos ideológicos.

Vejamos os itens propostos na nota²⁸:

1. a criança é uma pessoa em desenvolvimento e que o ser humano nasce desprovido de condições autônomas para se manter, tanto física quanto psiquicamente;
2. a criança é dependente e requer cuidados especiais, distintos em cada fase do desenvolvimento;
3. as diferentes fases de desenvolvimento evoluirão ao longo das duas primeiras décadas de vida e que essa evolução dar-se-á gradativamente;
4. os bebês e as crianças são absolutamente vulneráveis;
5. é negligente, irresponsável e alienante consentir ou induzir as crianças a

fazerem escolhas prematuras, já que são desprovidas de maturidade para tal;

6. é função parental apresentar referenciais para a educação psicosssexual da criança, podendo se valer de orientação médica e psicológica;

7. durante a adolescência ainda há parcial vulnerabilidade;

8. educação sexual, direito da criança e do adolescente, é muito diferente de incentivo à indefinição sexual, o que traz a eles insegurança, inadaptção e risco, com consequências para essa população vulnerável;

9. é medida antiética a realização de experimentos psíquicos, não aprovados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), conforme legislação vigente, com a população de crianças e adolescentes, visto sua vulnerabilidade;

10. os Conselhos de Medicina têm por função zelar pela saúde da população, em seus aspectos físicos e psíquicos, [...]”

Ante o dito, podemos concluir que a implantação de medidas operatórias para mudança de sexo em crianças e adolescentes, segundo defendem os ideólogos do gênero, deve ser repudiada por, pelo menos, dois fundamentos: 1) é absolutamente abusivo a ideia de transformação perpétua a um ser que não tem capacidade nem senso de responsabilidade para gerenciar tal situação e que está vivendo um transtorno psicológico; e 2) são ausentes as fundamentações científicas para respaldar a necessidade e a veracidade da dita ideologia.

Apelo Médico-Científico Acerca da Base Nacional Comum Curricular

O documento em questão, emitido por diversos médicos afiliados a Associação Médica Brasileira, datado de 25 de agosto de 2017 em São Paulo, traz o posicionamento dos autores acerca da inserção da ideologia de gênero nas escolas brasileiras através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e solicitam ao “Conselho Nacional da Educação e ao Ministério da Educação a retirada de toda menção ao termo ‘gênero’ e seu uso significando identidade pessoal, da redação da BNCC”.²⁹

O documento reitera nossos escritos acerca da ideologia de gênero e reforça a falibilidade da teoria. Segundo o texto, a ideologia de gênero “não é ciência, mas um agrupamento desarticulado de opiniões incertas, flutuantes ante a realidade como tal”. Para os autores, é falsa a ideia de que a identidade de gênero é definida por cultura ou sociedade, pois “a hipótese mal se sustenta quando analisada criteriosamente, pois carece de premissas verdadeiras para embasarse”.

O documento também reforça os escritos na sessão “O que Diz a Genética quanto a Ideologia de Gênero”, pois demonstra que há diferenças entre homens e mulheres já definidos por questão genética. Conforme a nota, “os artigos mostram, com imagens de ressonância magnética funcional, as evidentes diferenças entre os cérebros de homens e mulheres em diversas regiões cerebrais, como a junção temporo-parietal e sulco temporal superior direitos, o córtex somatossensorial, motor e pré-motor bilateralmente, o corpo caloso, regiões da amígdala e do hipotálamo”; corroborando, assim, a afirmação já exposta neste capítulo.

E, por fim, o documento dá conta de duas premissas principais dos ideólogos e refuta-os com veemência, e não com achismos e militância cega: “mulher” e “homem” são construções sociais e culturais; logo, não existem. Os seres humanos, ao nascer, são “páginas em branco”, cujos dados são preenchidos pela sociedade.

O documento conclui que não há base científica para a ideologia de gênero. Não há qualquer razão, motivo ou circunstância que justifique aplicar na rede de ensino brasileira, seja ela municipal, estadual ou nacional, tais ensinamentos. Não há

nada que justifique esse frisson todo que a grande mídia faz em torno do assunto; e muito menos há qualquer justificativa para a implantação de banheiros unissex nas escolas e locais públicos, a retirada dos nomes pai e mãe de documentos oficiais, etc.

Documentário Norueguês Abala Credibilidade da Ideologia de Gênero

E, por fim, pois não temos condições de colocar todo o conteúdo pesquisado aqui, destacamos uma importante perda para o “mundo colorido” da comunidade LGBT, que foi a interrupção de pesquisas nas áreas ligadas ao questionamento do gênero na Noruega. Durante anos, o país foi uma das nações nórdicas que mais investiu em pesquisas para alavancar a ideologia de gênero, porém algo aconteceu. Em 2011, um documentário chamado “Hjernevask” (“Lavagem Cerebral”)³⁰, editado em sete vídeos distintos, cada um refutando seriamente a ideologia de gênero, transmitido em rede nacional na Noruega, abalou a credibilidade dos defensores do gênero neutro nos países da Escandinávia, o qual trouxe graves consequências para o financiamento de pesquisas ligadas a questões do gênero.

Após a veiculação do documentário, o Conselho Nórdico de Ministros, que inclui autoridades da Noruega, da Suécia, da Dinamarca, da Finlândia e da Islândia, determinou a suspensão imediata dos financiamentos para pesquisas até então concedidos ao Instituto Nórdico de Gênero, entidade promotora de ideias esquerdistas e liberais ligadas ao gênero e direitos LGBTs.

Menos dinheiro significa menos pesquisas, e menos pesquisas significa menos manipulação midiática. E como não há nada de ciência em tal teoria, o mundo científico não perdeu nada.

Para concluir, queremos usar mais uma vez as palavras da Dra. Carla Dorgam, da AMD, que, em três minutos de palavras proferidas numa Audiência Pública em Brasília sobre a BNCC, desmonta qualquer gayzista com argumentos sólidos, contundentes e bem apresentados.

Em especial, Dorgam cita um estudo que nos mostra algo extremamente importante, que existe, sim, brinquedos de meninos e brinquedos de meninas, e isso é genético, e não social. Dorgam faz menção do estudo de Kahlenberg e Wrangham (2010), que apresentaram dados à comunidade científica que bebês chimpanzés diferenciam brinquedos masculinos e femininos. O estudo demonstrou que filhotes machos brincam de brigar com mais frequência que as fêmeas, e as fêmeas, por sua vez, possuem brincadeiras alusivas à maternidade, que filhotes machos não costumam brincar.

Perceba que até mesmo no mundo animal, criado por Deus assim como o dos seres humanos, os papéis de macho e fêmea estão bem estabelecidos, mesmo quando a cultura e a imposição social estão ausentes. Não há imposição cultural em colônias de chimpanzés como há na cultura humana. Sendo assim, a alegação de Judith Butler e Simone de Beauvoir não se sustenta pela experiência científica. A constatação não é machista, e sim genética. Não há fatores socioculturais que possam manipular qualquer identidade de gênero.

E, como não há fatores socioculturais, quebra-se a mentira dos ideólogos do gênero. Quebra-se a ideia de neutralidade genética. Isso não existe. Trata-se de uma mentira desprezível proposta para iludir e confundir o povo para a aceitação e supervalorização das minorias e para a aceitação dos pecados de sodomia, das ideias “malucas” da ideologia de gênero e tudo que vem junto com essa “maluquice” inventada por mentes férteis utilizadas pelo inimigo.

Não seja massa de manobra. Tenha consciência das verdades apresentadas neste capítulo e, se necessário for, volte e leia novamente para estar “afiado” quando for questionado sobre qualquer coisa do gênero — e aqui até vale a ambiguidade do termo.

¹² Genética. InfoEscola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/ciencias/genetica/>> Acesso em: 12 out. 2018.

¹³ Benjamin Franklin: Achar que o mundo não tem um criador é. Pensador.

Disponível em: <<https://www.pensador.com/frase/MjIz/>> Acesso em: 14 out. 2018.

¹⁴ Cromossomos: Coisa de homem. Super Interessante. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/cromossomos-coisa-de-homem/>> Acesso em: 14 out. 2018.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Diferenças cerebrais entre homens e mulheres. Revista Saúde UFCG. Disponível em: <<http://www.dsc.ufcg.edu.br/~pet/jornal/marco2009/materias/saude.html>>. Acesso em: 12 out. 2018.

¹⁷ É importante frisar que as pesquisas selecionadas para este subtópico encontram-se publicadas no livro *Nascido Gay? Existem Evidências Científicas para a Homossexualidade*. O livro foi usado pelos autores como fonte de pesquisa, tendo sido escrito pelo Dr. John S. H. Tay, formado em Medicina, mestre em Pediatria e dois doutorados — um em Genética Humana, e outro em Filosofia — pela Universidade Nacional de Cingapura.

¹⁸ O poder financeiro está por trás da propagação da ideologia de gênero? *Canção Nova*. Disponível em: <<https://blog.cancaonova.com/familiasnovas/2018/09/24/o-poder-financeiro-esta-por-tras-da-propagacao-da-ideologia-de-genero/>> Acesso em: 14 out. 2018.

¹⁹ Probando é um termo usado em genética médica e noutros campos da Medicina para designar um indivíduo particular (pessoa ou animal) que estiver sendo estudado ou reportado na literatura científica.

²⁰ Anamnese é uma entrevista realizada pelo profissional de saúde ao seu doente, que tem a intenção de ser um ponto inicial no diagnóstico de uma doença.

²¹ Study: Homosexuality Linked with Childhood Trauma. Life Site. Disponível em: <<https://www.lifesitenews.com/news/study-homosexuality-linked-with-childhood-trauma>>. Acesso em: 14 out. 2018.

²² Idem.

²³ Gender Dysphoria in Children. American College Pediatrics. Disponível em

<<https://www.acped.org/the-college-speaks/position-statements/gender-dysphoria-in-children>>. Acesso em: 15 out. 2018.

²⁴ Caracteriza-se por identificação forte e persistente com o gênero oposto; as pessoas acreditam que são vítimas de acidente biológico e estão cruelmente aprisionadas em um corpo incompatível com sua identidade de gênero subjetiva.

²⁵ DSM-5 – O Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5.^a edição é um manual diagnóstico e estatístico feito pela Associação Americana de Psiquiatria para definir como é feito o diagnóstico de transtornos mentais.

²⁶ A CREMESP manifesta-se sobre a saúde mental da criança e do adolescente após Plenária Temática. CREMESP. Disponível em: <<http://www.cremesp.org.br/?id=4880&siteAcao=NoticiasC>>. Acesso em: 18 out. 2018.

²⁷ Idem.

²⁸ Idem.

²⁹ Apelo Médico-Científico Acerca da Base Nacional Comum Curricular. Centro Dom Bosco. Disponível em: <<http://centrodombosco.org/wp-content/uploads/2017/09/medicos.pdf>> Acesso em: 30 out. 2018.

³⁰ O Paradoxo da Igualdade. Youtube. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=G0J9KZVB9FM

CAPÍTULO 6

O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE A IDEOLOGIA DE GÊNERO?

Depois de descobrir e aprender com a ciência o que diz a ideologia de gênero, bem como refutar as falácias das teses ideológicas a partir das evidências científicas, abordaremos o que diz a Bíblia Sagrada em relação às questões que envolvem esse sistema de ideias.

Um dos maiores ícones da ideologia de gênero, Judith Butler, em entrevista à BBC, afirma categoricamente que aqueles que se baseiam pela Bíblia identificam o quão ofensivo é “a ideia de gênero” por ela proposta: “Se você baseia a sua visão de mundo na Bíblia, então a ideia de gênero vai ser mesmo ofensiva”.³¹ Perceba que os próprios ideólogos de gênero veem a Bíblia como uma ameaça aos seus ensinamentos; por isso, dedicamos bastante conteúdo neste capítulo para, de forma exaustiva, “jogar por terra” qualquer tipo de teoria contrária à Palavra de Deus.

Antes de iniciarmos o confronto entre os preceitos da ideologia de gênero com as verdades bíblicas, gostaríamos de apresentar o porquê de termos a Bíblia como a Palavra de Deus e o motivo pelo qual a adotamos como referencial para contestar quaisquer tipos de ensinamentos contrários ao que ela traz como verdade. Achemos por bem colocar neste capítulo a defesa à Palavra de Deus porque acreditamos que, ao argumentar e confrontar alguém utilizando a Bíblia como respaldo, corre-se o risco da indagação quanto à sua credibilidade.

Por que Confrontar a Ideologia de Gênero com a Bíblia

Qualquer cético — aquele que adota uma atitude incrédula em relação a um domínio de conhecimento ou a um dogma — comparará a Bíblia a um livro

cheio de histórias fantasiosas e de milagres excessivamente difíceis de acreditar de forma razoável e plausível. É evidente que não é tarefa fácil convencer um incrédulo de que as Escrituras são de origem divina. A Bíblia, porém, diferentemente dos demais livros, é espiritual e por si só explica: “Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (1 Co 2.14). Nossos argumentos, portanto, nem sempre convencem os céticos; contudo, a incredulidade deles também não os invalida. A Bíblia não relata somente histórias; ela é viva, eficaz, poderosa para penetrar na alma, discernir pensamentos e intenções do coração (ver Hb 4.12-13), trazer consolo (ver Sl 119.50,52), sabedoria (v. 98) e também fé (ver Rm 10.17).

A fim de esclarecer o porquê dispensamos tanta credibilidade aos escritos bíblicos, observaremos algumas evidências internas e externas que tornam a Bíblia um livro singular.

Evidências internas são características do interior da Bíblia que testificam sua origem divina, como, por exemplo, a sua unidade. Nenhum outro livro foi capaz de reunir dezenas de autores diferentes, em épocas diferentes, em lugares diferentes, em culturas diferentes, escrevendo juntos uma só história, unificada e coerente desde o início até o fim, sem contradições, sobre a redenção de todas as coisas na pessoa de Jesus Cristo. São 66 livros individuais, escritos em três continentes, em três línguas diferentes, em um período de aproximadamente 1500 anos, por mais de 40 autores. Tamanha harmonia não é fruto de coincidência, tampouco feita por mão humana, senão uma evidência de origem divina. É evidente que nem sempre estamos certos a respeito do autor específico de alguns livros como, por exemplo, a Epístola aos Hebreus; porém, mesmo nesses casos, temos seguras evidências históricas que situam tais livros em períodos de tempo e circunstâncias em que sabemos que somente Deus poderia agir ativamente entre os escritores para revelar-lhes a sua Palavra. Essa unidade, em comparação a qualquer outro livro, traz à Bíblia uma singularidade marcante, servindo de parâmetro para defesa de sua origem divina.

Mais uma evidência interna observada na Bíblia Sagrada é a presença de algumas centenas de profecias, tanto relacionadas ao futuro de nações, de cidades e povos, em especial Israel, como aquelas relacionadas ao futuro da humanidade e à vinda de um Salvador, o Messias. Diferentemente de profecias apresentadas em outros livros religiosos, ou por previsões humanas feitas por “videntes”, tais quais Nostradamus, Mãe Dináh e outros, as profecias bíblicas

são compostas de muitos detalhes e nunca falharam. No Antigo Testamento, por exemplo, há mais de 300 profecias relacionadas a Jesus Cristo, referentes ao seu nascimento, origem e descendência, bem como se daria a sua morte e ressurreição ao terceiro dia; todas fielmente cumpridas conforme previstas. Diante dessas profecias comprovadamente cumpridas, não há explicação lógica ou qualquer outro livro religioso que possa ser considerado de origem divina como a Bíblia.

Ainda como evidência interna, porém subjetiva, podemos citar o poder das palavras contidas na Bíblia, bem como a autoridade com que ela alcança os leitores. É sabido que, por meio de incontáveis testemunhos, como também por meio da leitura bíblica, inúmeras vidas já foram agraciadas por curas, libertação, restauração, transformação, etc. Conversão de vida, arrependimento pelo pecado, libertação de vícios, regeneração da alma, transformação de ódio em amor, dentre outras maravilhas e experiências transformadoras também servem de evidência para crer que a Bíblia não é um livro comum, mas é a verdadeira Palavra de Deus.

Como evidência externa indubitável, pode-se citar o fato de a Bíblia permanecer preservada intacta até os dias atuais, destacando-se como o livro mais vendido em toda a história da humanidade. Dada sua importância e reconhecimento como a Palavra de Deus, a Bíblia sofreu mais ataques e tentativas de destruição do que qualquer outro livro na história. Dioclécio, Voltaire (1694–1778), Lenin (1870–1924), Josef Stalin (1878–1953), Adolf Hitler (1889–1945), Mao Tsé-Tung (1893–1976), Pol Pot (1925–1998) e muitos outros tentaram, e os ateístas continuam a perseguir a Bíblia para destruí-la. Decretos imperiais, restrições papais, destruição eclesiástica: nada disso conseguiu exterminar a Bíblia Sagrada. Que livro é esse que, em vários países como a China, Vietnã, Coreia do Norte, Cuba, dentre outros, têm feito de tudo para destruí-lo, mas pessoas arriscam a própria vida para tê-lo? Que livro é esse que já foi examinado, criticado e atacado severamente de todas as direções e, ainda assim, já foi traduzido em mais de 1000 idiomas por todo o mundo? A Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, provando seu caráter indestrutível como mais uma evidência de sua origem divina, assim como nela mesma está registrado: “Mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada” (1 Pe 1.25).

Além disso, o compêndio de livros que formam a Bíblia Sagrada foi submetido a um severo escrutínio e exame rigoroso de estudiosos, que confirmam ser

historicamente confiável e digno de credibilidade. A Bíblia contém os livros que o povo de Deus tem utilizado, confiado, lido e aplicado por milhares de anos, e esse testemunho deve receber a devida significância.

Começamos justificando o motivo pelo qual temos a Bíblia como a Palavra de Deus, e, por consequência, por que a adotamos como regra de fé para reafirmar a autoridade dela advinda e o motivo pelo qual não a consideramos um livro qualquer, extraíndo dela não apenas relatos históricos, conselhos e palavras de consolo, auxílio ou autoajuda. É possível notar que a Bíblia oferece-nos muito mais do que isso. As verdades nela contidas, como, por exemplo, o entendimento em relação às maiores questões da vida, que fornecem uma cosmovisão coerente e convincente, tornam a Bíblia Sagrada um livro singular e digno de ser aceito como indubitável fundamento em confronto às fatídicas ideias defendidas e propagadas pela ideologia de gênero.

A importância dessa compreensão sobre a autoridade da Bíblia dá-se pelo fato do questionamento advindo sobre sua utilização para contrapor-se à ideologia de gênero, servindo como base para defesa da fé nas Escrituras Sagradas. Ideologia de gênero é baseada em aspectos sociais e culturais relativos e subjetivos; já a Bíblia é autêntica, objetiva e absoluta.

Em resumo, nossa resposta é: “A Palavra de Deus é que julga toda cultura, e não a cultura que julga a Palavra de Deus”.

O que a Bíblia Diz sobre a Ideologia de Gênero?

A primeira refutação e, talvez, a mais básica de todas é que contra a ideologia de gênero a Bíblia apresenta a “Teologia de Gênesis”.

O ensinamento mais básico da ideologia de gênero é alegar que o sexo não define o gênero de uma pessoa, além de afirmar que o ser humano nasce com o gênero neutro. Esse conceito fica claro nas palavras de Simone de Beauvoir quando diz que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Entretanto, a Bíblia Sagrada ensina-nos:

E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra (Gn 1.27-28).

A Bíblia não deixa dúvida. A partir da passagem bíblica apresentada, é impossível separar o gênero do sexo como faz a ideologia de gênero, ou seja, o gênero é decorrência natural da criação.

Analisemos esse trecho bíblico por partes. Primeiro, a Bíblia diz que Deus criou homem e mulher: “homem e mulher os criou” (Gn 1.27b – ARA). Ainda em outra passagem do livro de Gênesis, em que se faz referência à criação, está escrito: “Macho e fêmea os criou, e os abençoou [...]” (Gn 5.2a – ARC). Note que a Palavra de Deus não dá brechas e nem deixa qualquer nuance sobre a neutralidade de sexo ou gênero no que diz respeito à criação divina da espécie humana. A Bíblia é taxativa ao afirmar que foram criados homem e mulher, ou seja, o sexo masculino e feminino, macho e fêmea respectivamente, sendo tal verdade confirmada pelas palavras do próprio Senhor Jesus Cristo conforme registrado no Novo Testamento: “Ele [Jesus], porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea” (Mt 19.4).

Conforme já exposto, cientificamente não há gene homossexual. A genética explica haver apenas a diferenciação binária entre os cromossomos, definindo o sexo entre homem e mulher. Na verdade, o que podemos ver é que a genética apenas comprovou o que a Bíblia já afirmava. A criação divina em relação à determinação sexual do indivíduo restringe-se aos sexos masculino e feminino. Conclui-se, portanto, científica e teologicamente, que a Bíblia tem razão: Deus criou homem e mulher.

Entre os ideólogos de gênero e os homossexuais, surge ainda uma grande

confusão, um certo antagonismo no que diz respeito à questão da sexualidade no nascimento. Enquanto por muito tempo os homossexuais tentam comprovar que a homossexualidade é inata — que se nasce homossexual por determinação genética —, os adeptos da ideologia de gênero defendem que o ser humano nasce neutro no que diz respeito à sua identidade genérica. A Bíblia descarta ambas indagações ao determinar a criação do ser humano: “homem e mulher os criou” (Gn 1.27 – ARA). Dessa forma, tanto a homossexualidade como qualquer outra variação no que diz respeito ao projeto natural criado por Deus é rebeldia; é não aceitar o que foi instituído divinamente. Portanto, a soberania divina no que diz respeito à criação é categórica ao definir o gênero humano nas figuras de homem e mulher. Qualquer interpretação, alteração, adaptação ou transformação contrária ao projeto natural do Criador é rebelião; é a criatura rebelar-se contra seu Criador. “Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura, a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim?” (Rm 9.20).

O grande dilema a que podemos ser questionados quanto a essas afirmações é no que diz respeito à teoria da criação, o criacionismo.³² Embora muitos atribuam ao criacionismo uma doutrina religiosa, a qual não pode ser provada cientificamente, sendo, portanto, uma questão de fé, é certo que os ateus que defendem a teoria da evolução, o evolucionismo,³³ também não podem comprovar cientificamente sua teoria e, da mesma forma, dependem de fé para sustentarem a causa. Dessa discussão, há ainda autores e estudiosos que tentam justificar que o criacionismo pode ser reconhecido cientificamente, mas todo o livro seria insuficiente para debatermos sobre tão divergentes teorias. Contudo, entendemos que é necessária mais “fé” para crer no evolucionismo do que no criacionismo. Sem contar que, para o criacionismo, temos como referencial a Bíblia Sagrada, enquanto que, para o evolucionismo, têm-se apenas argumentações científicas que carecem de comprovação concreta.

Ainda em análise ao texto bíblico extraído como referência, o versículo 28 do capítulo primeiro de Gênesis traz a seguinte afirmação: “[...] Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra”. Diante dessa passagem bíblica, é possível concluir que, ao criar homem e mulher no mesmo instante, Deus determina a heterossexualidade como norma e, mais do que isso, como condição para procriação. Ora, todos sabemos que a ciência vem mais uma vez confirmar o que já estava biblicamente comprovado: que só é possível a procriação humana entre homem e mulher, entre macho e fêmea. No texto, é clara a imperatividade do Criador: “Multiplicai-vos”. A multiplicação da espécie humana não é admissível entre dois gêneros iguais. Homem com homem, tampouco mulher

com mulher, são capazes de procriar. A única relação sexual natural capaz de gerar a procriação da espécie humana é a concebida entre homem e mulher.

Pode-se inferir que Deus, ao criar homem e mulher, já definiu a opção sexual da humanidade como heterossexual. A heterossexualidade foi criada por Deus com o propósito de completude para que o homem fosse completo e satisfeito com a mulher. Vejamos a Bíblia:

E disse o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dele. [...] E Adão pôs os nomes a todo o gado, e às aves dos céus, e a todo animal do campo; mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele. Então, o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão (Gn 2.18,20-22).

Deus deu origem ao homem e, a partir deste, criou uma ajudadora — não um ajudador. Deus viu que não era bom que o homem estivesse só; portanto, criou a mulher com o propósito de acabar com a solidão do homem para que ambos se satisfizessem mutuamente, como acontecia com os demais animais já criados.

Os gêneros masculino e feminino são opostos que se completam. Por ser a heterossexualidade a normativa divina, a própria Bíblia condena a homossexualidade como um sério afastamento, desvio e disfunção em relação à natureza humana e em relação aos propósitos originais da criação. Tal verdade pode ser observada nos seguintes textos bíblicos:

“Com varão te não deitarás, como se fosse mulher: abominação é” (Lv 18.22).

“Quando também um homem se deitar com outro homem como com mulher, ambos fizeram abominação” (Lv 20.13a).

“Pelo que também Deus os entregou às concupiscências do seu coração, à imundícia, para desonrarem o seu corpo entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém! Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro” (Rm 1.24-27).

Entretanto, e infelizmente, o movimento que defende a ideologia de gênero tem tentado a todo o momento deturpar os princípios bíblicos fundamentais, pois a Bíblia e a Igreja são alvos da militância esquerdista. A ideologia de gênero ainda busca, por intermédio do relativismo moral, disseminar uma cultura de depravação sexual e libertinagem, propondo os mais diversos tipos de práticas sexuais em uma busca inconsequente de satisfação dos prazeres. A Bíblia, porém, é bem categórica e mantém-se firme quanto aos pecados sexuais, por profanarem o corpo, que é o templo do Espírito Santo: “Fugi da prostituição. Todo pecado que o homem comete é fora do corpo; mas o que se prostitui peca contra seu próprio corpo. Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1 Co 6.18,19).

Percebemos, então, que as práticas homossexuais não são compatíveis com os ensinamentos bíblicos, nem com a natureza humana criada por Deus. A união homossexual, ainda que tenha amparo judicial em alguns sentidos, não é compatível com a compreensão bíblica de matrimônio, cuja formação é caracterizadamente heterossexual. A matriz sexual heterossexual constitui-se no plano divino para a criação e natureza humana, sendo reiterada pelo próprio Senhor Jesus:

Ele [Jesus], porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem (Mt 19.4-6)

Dessa passagem bíblica em específico, é possível extrairmos não só a defesa quanto à heterossexualidade, mas também a referente ao que diz a Bíblia em relação à família, confrontando a desconstrução familiar proposta pela ideologia de gênero.

O Desejo de Deus pela Família Heterossexual, Monogâmica e Patriarcal

Conforme já demonstrado, a Palavra de Deus só conhece um arranjo como normativo e aceitável: a união monogâmica heterossexual. Na passagem bíblica acima descrita, Jesus corrobora o que já havia sido instituído por Deus no Antigo Testamento por intermédio de Moisés:

E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem formou uma mulher; e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa, porquanto do varão foi tomada. Portanto, deixará o varão o seu pai e sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne (Gn 2.22-24).

Esse padrão foi estabelecido por Deus no Jardim do Éden e autenticado por Jesus, sendo aceitável e normativo para todos os homens e mulheres, em todos os lugares e em todos os tempos. O plano de Deus para a sexualidade humana é a prática heterossexual, monogâmica e dentro dos vínculos sagrados do casamento, conforme está expresso na 1ª epístola de Paulo aos Coríntios, no capítulo 7, quando no versículo 2 diz: “Mas, por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido” (1 Co 7.2).

Abrindo um parêntese, é importante pensar que hoje a homossexualidade pode até ser legal, sim, e a união homoafetiva, um direito. Contudo, não estamos aqui tratando sobre legalidade humana, mas exatamente sobre o que a Bíblia diz a

respeito. O grande problema é que agregaram com tanto êxito a linguagem dos direitos civis que transformaram um pecado que a Bíblia chama de abominação em um direito civil protegido. Nossa prática de vida, porém, deve ser pautada pelas ordenanças e mandamentos do infalível Deus, expressos por meio da Bíblia. Se houver contradição entre a Lei de Deus e a lei do Estado, devemos obedecer ao Senhor independentemente de nossa vontade ou desejos.

Deus orienta-nos por intermédio de Paulo quando afirma: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm [...]” (1 Co 6.12). A tradução da Bíblia A Mensagem apresenta essa referência bíblica com o seguinte texto: “Só porque algo é correto diante da lei, não significa que seja espiritualmente apropriado. Se eu sáísse por aí fazendo tudo que tenho direito de fazer, seria um escravo dos meus caprichos”.

Parêntese devidamente fechado, voltemos à família.

Diferentemente do que vem sendo dito no mundo, a família não é um projeto falido. Muito pelo contrário! A família foi instituída e criada por Deus segundo um padrão normativo heterossexual e monogâmico. Nesse padrão, Deus criou regras muito claras e, através das Escrituras, orientou qual deve ser o papel familiar do homem e da mulher:

Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido. Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo. Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja. Assim também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido (Ef 5.22-33)

Ao contrário do que muitos pensam, tal recomendação não pode ser taxada como machista, por indicar a liderança masculina, muito menos por atribuir à mulher um papel de submissão ao seu marido. O plano original de Deus traz completa harmonia entre homens e mulheres. Qualquer tipo de opressão por parte do homem contra a mulher, ou vice-versa, não tem como fonte a vontade de Deus; antes, manifesta a natureza pecaminosa e caída do homem. Embora Deus tenha determinado ao homem a missão de líder natural, Ele não aprova que essa liderança seja feita de forma machista e opressora. De forma contrária, a figura do marido apresentada no texto da missiva paulina ao povo de Éfeso é comparada à pessoa do próprio Cristo para com a Igreja, exigindo-se do homem um amor sacrificial por sua esposa. Seja sincero, qual mulher não se sentiria valorizada e realizada em receber de seu marido o mesmo tratamento dispensado por Cristo à Igreja?

Vejamos outra passagem bíblica onde se encontra a recomendação para que o homem trate sua mulher com honra: “Igualmente vós, maridos, coabitai com ela com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coerdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações” (1 Pe 3.7). Observe que a Palavra de Deus aconselha aos maridos que honrem as suas esposas, pois a mulher deve ser reconhecida assim. E o fato de trazer o texto bíblico no seu bojo a frase “como vaso mais fraco” não a diminui. Muito pelo contrário! A passagem prova que o homem, por ser fisicamente mais forte que a mulher, não deve utilizar-se dessa prevalência para subjugar-la, agredi-la ou desprezá-la, mas que a trate com honra para suas orações não serem impedidas. Qualquer conduta cotidiana observada em contrário ao que preceitua a Bíblia Sagrada está em desacordo com a recomendação divina para os padrões familiares.

Analisando ainda o papel da esposa de ser sujeita ao marido, confronta com a proposta do feminismo, de reconhecimento do valor e da dignidade da mulher, distorcendo o conceito da palavra “submissão”. Essa é uma virtude que é requerida não apenas às mulheres, como também a todos os servos de Cristo nos mais variados tipos de relacionamento humano e no contexto familiar das mulheres cristãs para com os seus maridos. Essa distorção é motivo para que muitas pessoas, incluindo muitas mulheres cristãs, sintam repulsa e aversão ao termo submissão. A prova de que não há qualquer depreciação de sexo e gênero ou qualquer tipo de classe aos olhos do Senhor pode ser vista no texto de Paulo

ao povo da Galácia, quando ele escreve que “não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

O feminismo, em busca do “empoderamento” da mulher, tem roubado dela a essência da submissão como uma benção e uma dádiva divina de servir a seu marido e a seu lar, no processo de constituição, proteção e zelo pela família, em conformidade aos padrões bíblicos.

A desconstrução do modelo familiar proposto pela ideologia de gênero não se restringe simplesmente à matriz sexual normativa aderida pelo casal ou aos papéis de marido e esposa, mas também temos visto uma cristalina motivação à insurgência dos filhos. O intuito é desconstruir princípios familiares, morais e religiosos, colocando a criança em conflito com sua realidade e suas tradições familiares para provocar no núcleo familiar uma guerra de valores.

No que diz respeito à família, já observamos claramente que a Bíblia apresenta categoricamente os papéis do gênero masculino e feminino, ou seja, de marido e esposa no tocante a como se comportarem no casamento. Porém, a passagem bíblica escrita por Paulo à Igreja em Éfeso ainda traz os papéis dos filhos e dos pais no que diz respeito à família e a criação:

Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor (Ef 6.1-4).

Obedecer aos pais é um preceito bíblico ordenado por Deus aos filhos. Não é somente uma questão cultural e nem apenas tradição ou valor moral. Perceba que esse mandamento expresso na Bíblia Sagrada é recomendado aos filhos, que devem, além de “obedecer”, também “honrar” seus pais. A passagem bíblica exposta reafirma o quinto mandamento do decálogo bíblico (Os Dez Mandamentos), que foi recebido de Moisés pelas mãos do próprio Deus: “Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá” (Êx 20.12). A longevidade é a promessa dada aos filhos que obedecem e honram a pai e mãe. Além disso, a Bíblia ainda traz mais

recomendações, com promessas referentes à obediência do filho para com os pais: “Filho meu, ouve a instrução de teu pai e não deixes a doutrina de tua mãe. Porque diadema de graça serão para a tua cabeça e colares para o teu pescoço” (Pv 1.8-9).

Da mesma sorte, o texto recomenda aos pais que a criação deve basear-se “na doutrina e admoestação do Senhor”. Em outras palavras, ao criarem os filhos, pai e mãe devem transmitir a eles os ensinamentos e preceitos bíblicos para que não sejam seduzidos por quaisquer outros ensinamentos contrários à vontade do Senhor. A criação e ensinamento de tradições familiares, valores bíblicos, morais, sexuais, etc., é missão da família. Os pais que obedecem à Palavra de Deus garantirão que tais instruções sejam perenemente guardadas pelos filhos: “Instruí o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele” (Pv 22.6).

A Bíblia Alerta quanto a Ensinamentos como a Ideologia de Gênero nos Últimos Dias

“Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas” (2 Tm 4.3,4).

Você sabe o que é comichão? Não é um bicho, nem um inseto. Comichão é uma sensação cutânea desconfortável que leva um indivíduo a coçar ou friccionar a pele; prurido. Faça o teste. Se você apenas tapar o ouvido e pedir a alguém que fale com você, ainda é possível ouvir mesmo que baixinho. Agora comece a coçar o ouvido e peça a mesma pessoa para continuar falando. Note que é impossível ouvir qualquer coisa, a não ser o barulho produzido pela fricção do dedo no ouvido. Engraçado, não é? Pois é exatamente isso que o versículo está alertando. Vivemos dias tão difíceis em que algumas pessoas não estão ouvindo, nem mesmo baixinho, a Palavra de Deus. Elas literalmente não suportam ouvir outra coisa senão aquilo que lhes é conveniente, pois é mais cômodo ouvir aquilo que não confronta.

O que a Bíblia ensina-nos na passagem em que Paulo instrui a Timóteo sobre os falsos ensinamentos que adviriam nos últimos dias nada mais é do que o que temos visto a cada dia em nossa sociedade. Veja a mesma passagem bíblica na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH):

Pois vai chegar o tempo em que as pessoas não vão dar atenção ao verdadeiro ensinamento, mas seguirão os seus próprios desejos. E arranjarão para si mesmas uma porção de mestres, que vão dizer a elas o que elas querem ouvir. Essas pessoas deixarão de ouvir a verdade para dar atenção às lendas (2 Tm 4.3-4).

Isso é claramente a realidade de nossos dias. As pessoas preferem ser enganadas com ensinamentos ideológicos, duvidosos e inverossímeis, que incentivam e promovem as suas práticas sexuais pecaminosas ao invés de aceitarem as verdades bíblicas que condenam, por exemplo, a imoralidade, a prostituição e a homossexualidade. É triste ver e conviver com isso. “Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados” (2 Tm 3.13).

Escatologicamente falando, tudo isso é um alerta. Ao analisar-se a ideologia de gênero, identifica-se que ela não tem um fim específico em apenas destruir a família ou reorientar a identidade sexual da humanidade, mas, na verdade, faz parte de um projeto satânico ainda mais audaz. A ideologia de gênero é apenas um dos braços de um sistema apocalíptico que tem agido em todo o mundo com o fim de preparar o cenário para a vinda do Anticristo, e este pretende acabar com todas as nossas verdades bíblicas. “E todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo” (1 Jo 4.3). “Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos; por onde conhecemos que é já a última hora” (1 Jo 2.18). Trazer mentiras que desacreditam e desmerecem a Palavra de Deus e, conseqüentemente, nossa fé e nossa esperança nada mais é que uma das estratégias e formas de agir do Anticristo.

A Bíblia, entretanto, ainda contém os verdadeiros ensinamentos. Ela é o manual para uma vida humana digna e de acordo com a vontade do Senhor. A verdade é absoluta e não depende de subjetividade ou circunstâncias, nem de ideologia, de

sociologia, de antropologia ou de qualquer outra ciência, pois é a verdade. A verdade liberta. A verdade santifica. A verdade é o caminho que nos leva a Deus, que nos conduz à salvação. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32). “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17). “Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

Encerramos com a recomendação: entre a mentira e a verdade, escolha a verdade, pois abraçar a ideologia de gênero é trocar as verdades bíblicas e científicas pela mentira fabricada pela própria concupiscência humana.

Não seja massa de manobra. Tenha consciência das verdades apresentadas nestes capítulos da Parte II (Afinal, quem está com a razão?). Se necessário, volte e releia o quanto achar necessário para estar convicto e pronto a responder aos questionamentos sobre a ideologia de gênero.

³¹ Filósofa americana diz que protestos contra ela no Brasil são “equivoco” e que falar de gênero “causa muito medo”. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41820744>> Acesso em: 25 set. 2018.

³² A crença de que o universo e organismos vivos originaram-se de atos específicos da criação divina, como descrito na narrativa bíblica, ao invés de processos naturais, como a evolução.

³³ Teoria que explica a evolução progressiva das espécies ao longo do tempo, causada por uma longa série de mudanças em sucessivas gerações desde as mais simples.

Parte 3

O QUE TEMOS A VER COM A IDEOLOGIA DE GÊNERO E COMO ENFRENTAR ESSE TERRÍVEL MAL?

Parabéns por ter vencido todos os capítulos anteriores cercados de elaborados conhecimentos históricos, teóricos e conceituais, além de fundamentos bíblicos e científicos a respeito da ideologia de gênero.

Agora que você está completamente bem informado(a) sobre de onde veio e sobre as influências, que são as estratégias e as falácias da ideologia de gênero, chegou o momento de identificarmos: o que realmente temos a ver com a ideologia de gênero?

Em um primeiro momento, vamos apresentar por que nos tornamos alvo, como estamos sendo atacados, ou seja, quais são as investidas malignas contra nossa família, contra a Igreja e nossas convicções religiosas e, também, contra nossa pátria, enquanto Estado laico, soberano e democrático de direito.

Logo em seguida, de forma bem prática, vamos propor estratégias e recomendações de como enfrentar esse terrível mal.

“Aquele, pois, que sabe fazer o bem e o não faz comete pecado” (Tg 4.17)

CAPÍTULO 7

TORNAMO-NOS ALVOS

Conforme já apresentado ao longo dos capítulos anteriores, a ideologia de gênero não é fruto do acaso, e tudo tem acontecido propositadamente. A forma como os acontecimentos estão ocorrendo deixa-nos evidente que a origem e as influências deste movimento, bem como as estratégias de implantação e promoção da ideologia de gênero seguem um rito que tem como finalidade atingir um objetivo específico.

Nessa linha de raciocínio, não é necessário tanto esforço assim para que logo sejam identificados os principais alvos a serem atingidos para alcançar êxito na implantação da ideologia de gênero de forma plena. Família, crianças, adolescentes, igreja e Estado são indubitavelmente alvos dessa política e cultura ideológica que ataca inescrupulosamente quaisquer barreiras, obstáculos e empecilhos para sua inteira implementação.

Família: Alvo Número 1

O conceito atual de família sem casamento, sem amor, sem compromisso, sem confiança, sem verdade, tem destruído não só os lares, como também a sociedade. A verdade é que a família é a base da sociedade e, assim como num edifício, se ocorrer a desestabilização da base — o fundamento, o alicerce —, toda a estrutura rui. Se ocorrer a destruição de famílias, as consequências são manifestas na sociedade; então, o caos está instaurado.

Hoje em dia, os heterossexuais não querem casar-se, enquanto os homossexuais estão batalhando pelo direito de casar. Os solteiros estão vivendo como casados, enquanto os casados querem viver como solteiros. A fidelidade conjugal tornou-

se banal, enquanto o adultério é incentivado e promovido pela mídia. As prostitutas tornaram-se profissionais do sexo. O reflexo de toda essa desconstrução familiar é percebido nas áreas de saúde física, emocional e psicológica, no sistema econômico, na segurança pública, no sistema penitenciário, etc., pois, conforme já exposto, toda a sociedade sofre com o caos do pecado.

Não há como fugir desta verdade escancarada: a família é a principal vítima da ideologia de gênero, sendo, portanto, o alvo nº 1 a ser atacado — ou, como queira, abolido nas palavras da militância marxista. Desde a origem e influências que sofreu, a ideologia de gênero tem buscado desestruturar, desestabilizar e desconstruir a família tradicional nos moldes da cultura judaico-cristã, ou seja, heterossexual, monogâmica e patriarcal.

Os homossexuais afirmam querer o direito de casarem-se e de terem uma vida normal como qualquer casal heterossexual, mas isso é uma mentira. Há algo muito terrível por trás dessa reivindicação. O que eles querem mesmo é forçar o casamento entre pessoas do mesmo sexo como parte de uma estratégia muito maior de destruir o conceito de casamento como um todo, pois, assim, acabam por interferir no núcleo familiar, mudando culturalmente o conceito do modelo tradicional de família. Enquanto a moral judaico-cristã compreende a importância da família e luta para que ela mantenha-se firme e coesa, os ensinamentos promovidos por ideologias marxistas e da cultura LGBT desprezam a família e desvalorizam-na, lançando todos os seus ardis contra ela.

O Manifesto Comunista demonstrou seu ódio contra a instituição familiar visando acabar com o capitalismo e a propriedade privada. Atualmente, a ideologia de gênero ataca a família com o intuito de desconstruir qualquer tipo de padrão referencial que eles chamam de imposição normativa. Com a fragmentação das famílias, quebram-se os vínculos afetivos, que são gerados e aprendidos a partir do relacionamento entre filho(s), pai e mãe.

Esse descrédito dado ao modelo tradicional familiar faz com que cada família seja configurada a partir das individualidades de cada um de seus integrantes, enquanto o que normalmente ocorria era o inverso, ou seja, os integrantes tinham de adequar-se ao modelo familiar. Os arranjos familiares atuais são bem distintos da configuração tradicional que víamos no passado. Esses não são os únicos novos modelos, mas, por exemplo, temos visto famílias formadas por mães solteiras, outras com filhos que vivem em dois lares devido ao divórcio dos pais,

já outras formadas com filhos criados por avós ou outros parentes, longe da presença dos pais, sem contar as uniões homoafetivas, inclusive aquelas que já gozam do direito de adoção de filhos. Todo esse processo de desconstrução familiar tem consequências danosas não somente para as crianças, como também para a própria sociedade.

A família não pode ser vista como um ajuntamento de pessoas sem identidade, sem papel social e sexual. A definição de papéis faz parte da construção familiar, sendo importante não apenas para sua proteção, como também para a saúde mental do cidadão, principalmente durante a infância. Em famílias fragmentadas, com ausências da figura paterna e/ou materna, sem definição de papéis e sem qualquer referencial, percebemos dois tipos de extremos de comportamento na educação dos filhos. Primeiro, o gerado pelo aumento dos índices de abuso infantil — tanto físico e moral quanto sexual —, pois as crianças não são cuidadas e protegidas como antes. O outro comportamento que é possível identificar beira outro extremo. A proteção exagerada — inclusive com a intervenção do Estado — na educação dos filhos, que vão crescendo sem regras, sem respeitar limites e autoridades, muitas vezes gera delinquentes, pois, ao crescerem com a ideia de que podem tudo, que é um liberalismo surreal, acabam por desrespeitar os direitos e leis que regulam a harmonia de convivência social.

Como tudo começa na família, que é a unidade estrutural de qualquer sistema social, todas as mudanças que acontecem com o núcleo familiar são potencialmente refletidas na sociedade. A família é a base da sociedade, e o descrédito da instituição familiar é o descrédito da sociedade.

Um exemplo claro desse reflexo pôde ser percebido com a Segunda Guerra Mundial (1939–1945), que gerou certo desequilíbrio social na América. Milhões de homens foram enviados à batalha, enquanto as mulheres precisaram preencher o espaço deixado pelos maridos e pais, abandonando, assim, as obrigações domésticas para entrar no mercado de trabalho e assumir a responsabilidade de provisão financeira do lar. Tal comportamento modificou o cenário econômico, levando as mulheres a conquistar a independência financeira em relação ao marido. Após essa independência, as mulheres buscaram a independência sexual, “libertando-se” do casamento e da família. E, ao olhar minucioso, uma reação em cadeia pôde ser percebida a partir dessa “libertação” da mulher.

Um parêntese necessita ser aberto neste momento para que fique claro que não

somos contra os direitos femininos. Entendemos o processo histórico evolutivo social que fez com que muitas transformações fossem necessárias, mas a visão de empoderamento — palavra que se origina do termo inglês empowerment — da mulher está, nos dias atuais, muito longe do que realmente é o poder dado por Deus à mulher. Enquanto as radicais feministas incitam que a família aprisiona e oprime a mulher, a história mostra que nenhuma outra instituição no mundo fez mais pela dignidade da mulher que a família e a Igreja. Com a proibição do aborto e do infanticídio, por exemplo, a visão cristã do papel da mulher na família fez com que ela deixasse de ser vista como propriedade do marido — para o mundo, um objeto de prazer, descartável — devendo, conforme a própria Bíblia recomenda, ter reconhecido seu papel de companheira, por quem o marido deveria dar a vida, como Cristo também deu a vida pela Igreja.

Em sermão dedicado à exposição bíblica sobre a criação da mulher, o Dr. Joel Beeke, presidente e professor de Teologia Sistemática e Homilética no Seminário Teológico Reformado Puritano e pastor da Heritage Netherlands Reformed Congregation of Grand Rapids, Michigan, cita Matthew Henry:

A mulher foi feita da costela do lado de Adão; não da sua cabeça, para não governá-lo; nem de seus pés, para não ser pisada por ele; mas do seu lado, para ser igual a ele, debaixo de seu braço, para ser protegida, e perto do seu coração, para ser amada.³⁴

Como já percebido, biblicamente não há como falar que o papel da mulher na família é o de ser subjugada pelo homem e, tampouco, não ser reconhecida. Se movimentos feministas apontam a família como responsável por subjugar ou manter a mulher sob opressão, que fique claro que tais comportamentos não condizem com os ensinamentos dados por Deus à Igreja sobre a família, mas, sim, a um desvirtuamento do homem aos preceitos divinos de seu papel social e familiar.

Vale ressaltar que toda a crítica que a igreja e a família têm recebido por parte das feministas, acusando-nos de misóginos, faz parte do script de desconstrução da igreja e da família, pois, conforme já “martelado” no livro, esse é o objetivo principal, pois, nas palavras dos próprios ideólogos do gênero, tanto a igreja

quanto a Bíblia são a “pedra no sapato” para a plena implementação dos ensinamentos do gênero neutro. Por isso, tornamo-nos alvos, pois a família monogâmica heterossexual é a perfeita representação da vontade de Deus na terra, a continuidade do plano divino para o homem.

De forma prática, vamos entender como as famílias estão sendo atacadas?

Enquanto o Brasil resiste bravamente à implantação legal da ideologia de gênero, perceba o caminho que escolheram percorrer alguns países quando adotaram a tal ideologia como um conceito amplamente introduzido nas escolas e na sociedade de um modo geral. Vejamos que:

- “Na Alemanha, um casal, pai de nove filhos, está ameaçado de perder a liberdade, porque sua filha se negou a participar das aulas de ‘educação sexual’ previstas para escola primária”. A polícia alemã encarcerou Eugen Martens e só não prendeu sua esposa, Luise, porque ela estava amamentando o filho mais novo. O casal teria cometido crime, por sua filha ter recusado a receber aulas de gênero que ensina as crianças como funciona o sexo entre homens e mulheres, além de colocar uma “variedade” de práticas sexuais, como, por exemplo, sexo oral, sexo anal e muito mais, bem como a escola primária dizer aos meninos que seu gênero não está determinado e que não podem saber se são meninos ou meninas; que devem refletir;³⁵

- “Na província de Ontário do Canadá, foi aprovada uma nova lei que permite que o governo separe crianças de suas famílias que se recusam a aceitar a ‘identidade de gênero’ ou a ‘expressão de gênero’, escolhida por seus filhos”. A nova lei exige que as entidades de proteção de crianças, adoção, provedores de serviços de adoção e juízes levem em consideração e respeitem além de origem étnica, cidadania e outros, também a orientação sexual, identidade e expressão de gênero de cada criança. O ministro dos Serviços para Crianças e Família, Michael Coteau, que apresentou o projeto de lei para ser votado, disse que “considera uma forma de abuso, quando uma criança se identifica de um jeito e seu cuidador está dizendo: ‘não, você precisa fazer isso de um jeito diferente’. Conforme o ministro, “se é abuso, e se estiver dentro da definição da lei, uma criança pode ser removida do ambiente onde vive para ser colocada em proteção,

onde o abuso é interrompido”;³⁶

- “Mãe quer mudar sexo de filho de 6 anos. Pai discorda e pode perder a guarda da criança”. Um pai iniciou uma batalha na Justiça dos Estados Unidos para impedir que sua ex-mulher mude o sexo do filho James, de seis anos. O Tribunal decidirá se a mãe poderá seguir com o plano de castração química a partir dos 8 anos e se o pai terá direito de continuar a ver o filho. De acordo com os autos, a mãe veste o menino com roupas de menina desde os 3 anos de idade. Ela também o matriculou na escola com nome de menina, como “Luna”. O pai, por outro lado, afirma que, quando está com ele, o menino nega-se a usar roupas de mulher e identifica-se como menino.³⁷

Poderíamos aqui citar dezenas de acontecimentos mundo afora que demonstram a gravidade e o perigo que estamos correndo no Brasil se não nos posicionarmos contra essa diabólica ideologia. Esses exemplos de desestruturação e desestabilidade familiar ocasionadas pela ideologia de gênero em outros países são reais, e não histórias fictícias. Não obstante, e infelizmente, não é necessário atravessar as fronteiras para descobrir situações semelhantes, pois muitas escolas no Brasil também estão ensinando a tal “educação sexual” a muitos de nossos filhos. A diferença é que ainda possuímos — e, se depender de nós, sempre possuiremos — o direito de discordar de tal educação e podemos, dessa forma, contrapor-nos a essa ideologia.

Por fim, perceba que todos esses ataques, como educação sexual precoce às crianças e adolescentes, normatização da fragmentação familiar, novos modelos de família, crise de identificação de papéis e responsabilidades familiares, influências externas de movimentos feminista e ideológico de gênero, acabam por atingir em cheio o núcleo doméstico, afetando drasticamente as crianças e adolescentes que se encontram em idade de formação intelectual e de assimilação dos conceitos e modelos de padrão familiar, causando severos choques culturais entre as gerações.

Crianças e Adolescentes, os mais Vulneráveis

Por que você acha que os ativistas preferem a doutrinação da criança e do adolescente? A ideia é simples. Eles buscam acabar com os princípios e valores morais e bíblicos ainda na infância, pois sabem que, mesmo depois de crescidos, continuarão seguindo o que aprenderam ainda em tenra idade. Eles usam a mesma estratégia que nos recomenda a Bíblia: “Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele” (Pv 22.6), porém pervertendo o ensino.

Já na adolescência, é possível perceber mais vulnerabilidade às influências sociais a que são submetidos, geralmente por dois fatores aparentes. Primeiro, em virtude da faixa etária. Recheada de incertezas, somada à transição da fase da infância para a fase adulta, a adolescência é marcada por uma crise de identidade. Por não ter sua identidade totalmente formada, o adolescente acaba sendo socialmente influenciado por comportamentos que despertam nele interesse ou com os quais se identifica. O grande problema é que, para buscar sua própria identidade, o adolescente acaba sujeitando-se a uma espécie de experimentação de diversos costumes, práticas e hábitos para que ele possa conhecer a si mesmo. “É aí que mora o perigo”. Ao submeter-se a esse teste de identificação de personalidade, o adolescente pode acabar por ceder a influências maléficas, que são capazes de corromper valores e costumes previamente consolidados pela família.

Em segundo lugar, outro fator que torna o adolescente vulnerável a influências é o fato de ele querer demonstrar um evidente desejo de aceitação, ou seja, de aprovação como membro de um grupo ou tribo. Tal necessidade de sentir-se aceito por amigos, familiares e/ou grupos sociais faz com que o adolescente — de igual modo como na crise de identidade decorrente da imaturidade — facilmente se submeta a comportamentos nem sempre desejados. Então, diante da necessidade de aceitação, ele acaba cedendo à influência daqueles que o cercam simplesmente para que não seja rejeitado e, assim, sinta-se incluído. Ao cederem, acabam tendo o primeiro contato com bebida alcoólica, drogas ilícitas e as primeiras experiências sexuais — algumas até homoafetivas — nem sempre por interesse, e sim mais por curiosidade ou por pressão.

E não pense que isso seja apenas um arroubo juvenil, não! A ciência tem resposta para esse comportamento vulnerável e imaturo na adolescência. Estudos comprovam que o cérebro do adolescente está mais propenso a usar o sistema

límbico (a parte emocional) do que o córtex pré-frontal (a parte analítica, mais usada pelos adultos) na tomada de decisões. Então, se eles forem influenciados pelo “calor do momento” e precisarem agir muito rápido, levarão suas emoções mais em conta do que a razão. E é aqui que reside o perigo, pois eles são diariamente influenciados e atacados com as investidas de Satanás.

As influências vêm de todos os lados, transmitindo a crianças e adolescentes a ideia de que, para serem “descolados” — pessoas que demonstram iniciativa e desembaraço, espertos, safos —, precisam ter um estilo de vida moderno, liberal, aberto a vários tipos de experiências. A indústria televisiva e cinematográfica, por exemplo, promove ativamente a homossexualidade a nossas crianças e adolescentes sem qualquer preocupação com as consequências. Hoje em dia, pouquíssimos jovens entendem os riscos do estilo de vida gay, e, nas escolas e faculdades, eles estão sendo incentivados a serem defensores expressivos da homossexualidade e desse estilo de vida.

Pela idade, a maioria das crianças e dos adolescentes vivenciam essas experiências no ambiente escolar, onde, por vezes, passam a maior parte do tempo. Ao serem matriculados nas escolas, os pais esperam que lá seus filhos possam ser alfabetizados e formados mediante um processo de ensino-aprendizagem, com propostas educativas que atendam às necessidades fundamentais do desenvolvimento, formando um cidadão crítico e participativo. A escola deve servir como local de ensino e de aprendizagem, de preparo de um cidadão, capacitando-o para o mercado de trabalho, jamais como lugar de doutrinação. O fato de os alunos estarem afastados da tutela dos pais não pode ser motivo para que sejam submetidos a um conteúdo pedagógico doutrinador — como os propostos pela ideologia de gênero —, que tem como fundamento desconstruir o processo de educação de valores e princípios morais recebidos no lar.

A forma de institucionalizar o ensino ideológico de gênero nas escolas seria oficializar o tema por meio do Plano Nacional de Educação (PNE), porém de uma forma dissimulada. A ideologia de gênero, como um “Cavalo de Troia”³⁸, viria mascarada sob o pretexto de combater o preconceito e a discriminação, inserindo na grade curricular do ensino infantil e fundamental assuntos relacionados ao gênero e à orientação sexual.

Apesar de rejeitada pelos plenários de ambas as casas legislativas — Câmara dos Deputados em 2014 e Senado Federal em 2012 —, a apresentação pelo Governo

Federal da implementação dos estudos de gênero no PNE, em manobra extremamente artificiosa, o Ministério da Educação (MEC) tentou incluir em 2016 os estudos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Devido à mobilização feita pelos defensores da família (políticos das bancadas evangélicas, católicas e conservadores de vários segmentos), com a justificativa de que a temática de gênero provocara muita controvérsia — tanto na tramitação do PNE quanto da BNCC —, o MEC suprimiu os termos “gênero” e “orientação sexual”, contudo com sugestão ao Conselho Nacional de Educação (CNE), que, por sua vez, acatou e prometeu posteriormente soltar documentos com orientações sobre o tema.

Veja que, embora em meio a resistências a ideologia de gênero tenha sido barrada, a guerra continua, pois os esforços ainda não acabaram para tentar, por todos os meios e canais disponíveis, incluir o tema nos currículos escolares. E que fique claro que uma coisa é a negativa oficial de implementação do tema, e outra coisa é a prática. Por diversas partes de nossa nação, há denúncias de pais de que professores tem utilizado e recomendado cartilhas, material didático e paradidático que contém, além de erotização infantil, temas explicitamente ligados à ideologia de gênero e à ideologia política de esquerda marxista. Eles tentam desconstruir conceitos sobre a sexualidade e o sentido original de família para promover o que chamam de “diversidade cultural” sob a perspectiva de gênero e da quebra de tabus e paradigmas culturais e morais.

Acredite, as explicações dos professores e pedagogos responsáveis é que os temas são populares e que devem ser tratados de forma aberta entre os jovens. A questão é exatamente esta: a forma como é tratada. É possível perceber de longe a tendência e o incentivo com que os temas sobre sexualidade são trazidos para debate no ambiente escolar, fazendo-se uma clara apologia e promoção da homossexualidade e de relações sexuais cada vez mais precoces e irresponsáveis.

A seguir, demonstraremos de forma prática como acontece a promoção e o incentivo à homossexualidade, às práticas sexuais e à doutrinação sexual de gênero. Estes exemplos são apenas alguns dos incontáveis casos:

Matéria veiculada em um telejornal trouxe a seguinte manchete:

Tarefa escolar sobre sexo revolta pais e mães em Contagem/MG. Em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, um trabalho escolar sobre sexo dividiu pais e professores de uma escola pública: a lição continha perguntas constrangedoras como “o que é boquete?”, “o que é sexo anal?” ou “como dois homens fazem sexo?” — tudo isso para crianças entre dez a doze anos. Mães e pais ficaram indignados. A professora não quis gravar entrevista e a diretora alegou que o tema sexualidade foi escolhido pelos próprios alunos.³⁹

Veja outra: A psicóloga Marisa Lobo relata no seu livro *Famílias em Perigo* uma experiência chocante de uma denúncia recebida em 2014 por e-mail. Uma mãe reclamava da professora do ensino básico que fez uma dinâmica com crianças de 0 a 6 anos, entre elas, o seu filho:

A professora colocou sobre a mesa batom e esmalte e convidou todos os meninos e meninas “a juntos, passem uns nos outros”. Os meninos não aceitaram, então a professora, de forma impositiva, obrigou-os a passarem alegando que eles podiam e que não existem diferenças, questionando a sexualidade e a orientação sexual deles. Um dos meninos chorou e disse à professora: “Meu pai disse que homens não passam batom. Eu não quero!” A professora questionou e retrucou: “Seu pai pode, sim, passar batom, usar esmalte; não tem nada a ver. Deixa de ser preconceituoso!” (Lobo, 2016, p. 151).

De forma equivocada, crianças e adolescentes acabam assimilando o que lhes é incutido por não terem repertório suficiente para questionarem determinados temas e debater a respeito. Acabam assumindo comportamentos para os quais não estão preparados devido à imaturidade emocional, psíquica e até biológica.

A preocupação é exatamente em cima da influência recebida ainda em tenra idade, pois, diferentemente do que negam, muitos jovens e adultos tornam-se homossexuais não por suas escolhas, e sim por traumas sofridos.

Em entrevista publicada pela Revista Veja⁴⁰, a psicóloga Rozângela Justino responde a uma série de questionamentos, mas queremos trazer pelo menos dois

deles para nosso contexto:

VEJA: Na sua opinião, quais são as principais razões, raízes ou causas da homossexualidade?

ROZÂNGELA: Parte dessa raiz se encontra em traumas sofridos na infância e adolescência, incluindo o abuso e a violência sexual.

VEJA: Todo gay foi abusado? E os que não foram, por que teriam se tornado gays?

ROZÂNGELA: Em minha experiência clínica, posso afirmar que 100% daqueles que procuravam o atendimento psicoterápico sofreram abuso sexual na infância ou na adolescência.

Esses dados são uma triste realidade que reforçam nossa afirmação de que a homossexualidade é um comportamento decorrente de traumas geralmente sofridos na infância e/ou na adolescência. Como já visto, não se trata de uma conduta natural, mas, sim, de uma consequência, uma resposta a um estímulo.

Além do mais, outra informação que nos deve servir de alerta é o fato de que a maioria dos casos de abuso sexual entre crianças e adolescentes é cometida por pessoas com vínculo afetivo ou do convívio das vítimas, que são geralmente familiares. Infelizmente, crianças e adolescentes tornaram-se alvos até mesmo nas suas próprias casas por causa da sua condição de vulnerabilidade.

Segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde⁴¹, foram notificados 184.524 casos de violência sexual entre 2011 e 2017, sendo 58.037 (31,5%) contra crianças e 83.068 (45%) contra adolescentes. Observe a análise dos dados:

- Dentre os números, chama atenção a vulnerabilidade dos mais jovens. Entre crianças, o maior número de casos de violência sexual acontece com as de 1 a 5 anos (51,2%). Já entre os adolescentes, o maior índice está entre a faixa etária de

10 a 14 anos (67,8%);

- Crianças e adolescentes do sexo feminino também são maioria entre as vítimas de violência sexual. Representam 74,2% dentre as crianças e um número ainda maior dentre as adolescentes: 92,4%;

- Apesar disso, os meninos também sofrem com a violência sexual. Entre as crianças, são eles quem mais sofrem abusos na escola (7,1%). Por outro lado, os adolescentes do sexo masculino são os mais explorados sexualmente e são a maioria das vítimas de pornografia infantil.

Entende o porquê da vulnerabilidade de crianças e adolescentes — e por que acabam sendo alvos — a estímulos e traumas decorrentes de contatos inapropriados com questões que envolvem a sexualidade?

Gostaríamos de convidá-lo a refletir com extrema franqueza conosco sobre alguns exemplos de situações relativamente comuns.

Primeiro, imagine que uma garota de aproximadamente 12 anos, na escola onde estuda, esteja interessada por um colega de sala. Vamos fantasiar a situação e imaginar que a garota está completamente apaixonada pelo garotinho lindo de sua sala. Ela dá aquelas investidas, mas não tem o seu sentimento correspondido. Em outras palavras, ela começa a sofrer por amor — seu primeiro amor. Ela apaixonou-se pelo amiguinho da escola, mas não foi correspondida e, de uma hora pra outra, fica revoltada pelo fato de ter sofrido e pensa consigo mesma: “Ah, quer saber de uma coisa? Não quero mais saber de homem nenhum!”. O sentimento de frustração traumatiza-a tanto que ela diz não querer mais relacionar-se afetivamente com homem nenhum, pois acredita no seu íntimo que qualquer homem por quem ela possa ficar interessada fará com que ela sofra de alguma forma. Isso é ou não é comum? Tirando o fato de que nem todas as garotas permaneceriam traumatizadas. A grande maioria, na verdade, aprenderá com essa situação e partirá para um novo garoto de forma natural. Porém, para a ideologia de gênero, essa situação normal pode transformar-se em uma recomendação para a reorientação sexual, ou seja, um incentivo para uma

experiência homoafetiva. Por incrível que pareça, situações tão triviais como essa, em que uma garota apaixona-se por um rapaz, mas não é correspondida, podem tornar-se um pretexto para a homossexualidade e/ou bissexualidade.

Para a ideologia de gênero, na verdade, esse sentimento é uma evidência de que a garota pode não gostar de rapazes, mas pode relacionar-se melhor com outra garota. É aí que “mora o perigo”, pois o incentivo vem da seguinte forma: “Por que não tentar? Vai que eu goste mesmo é de mulher!”. Perceberam a vulnerabilidade da adolescente que foi influenciada a tomar uma decisão em um momento de instabilidade emocional? Perceberam que ela poderia tomar a equivocada decisão de mudar sua opção sexual ou até mesmo sua identidade de gênero? Esse é apenas um exemplo da sutileza com que se pode propor uma mudança de opção sexual por algo que, na verdade, não se justificaria.

Imaginemos mais uma história. Dessa vez, de uma adolescente que conviveu durante sua infância num lar onde cenas de violência doméstica eram cotidianas. Seu pai, um marido exemplar para a sociedade, era, na verdade, um tremendo brutamonte. Rotineiramente, ele chegava a casa embriagado e discutia com a esposa não poucas vezes, agredindo-a fisicamente mesmo na presença dos filhos. Essa adolescente, diante das muitas cenas de violência presenciadas, cresce com traumas, imaginando que todos os homens do mundo são agressivos como o pai. Ao atingir a puberdade e a idade de namoro, pode não conseguir sentir atração por homens, ainda que deseje, pois poderá conviver com as imagens de agressão do pai na sua memória. As chances de desenvolver a homossexualidade são potencializadas. Se depender das orientações da ideologia de gênero, não tenham dúvidas de que se concretizarão.

Agora, vamos a outro exemplo mais “pesado”, porém com casos reais. Imagine um menino de aproximadamente 8 anos de idade, filho de pais separados, que mora com a mãe. Esta começa a relacionar-se com um novo pretendente, com o qual resolve morar junto (união estável não reconhecida). Ele, uma espécie de “namorado”⁴², é muito amoroso com a mãe e também gosta muito do garotinho. A mãe, independente e com um bom emprego, não fica muito em casa devido às responsabilidades do trabalho, deixando o filho sob os cuidados do novo companheiro. Ao chegar a casa, ela começa a perceber certo distanciamento do filho. O menino fica sempre recluso no seu quarto e evita qualquer tipo de contato afetivo, mas a mãe acredita que é devido o menino estar crescendo e por ambos não terem muito contato — afinal de contas, ela passa o dia inteiro fora de casa trabalhando. O que a tranquiliza é perceber que a relação do filho com o

companheiro parecer estar indo muito bem. Ledo engano. Na verdade, o companheiro está abusando sexualmente do menino. O relacionamento termina após alguns meses, e a mãe talvez não descubra nada do que aconteceu, mas o filho cresce com um trauma de mulheres por causa do abandono e falta de proteção da mãe. Em seu subconsciente, as mulheres irão abandoná-lo na idade adulta, assim como a mãe fez com o pai e com o namorado, e irão levá-lo a sofrer. Já adolescente, em virtude desse trauma de mulheres adquirido pelo abandono da mãe e também por ocorrência do abuso sexual sofrido pelo agressor do mesmo sexo, o menino começa a ter relações homoafetivas. Para a ideologia de gênero, esse menino apenas fez uma opção sexual livre, mas sabemos que esse garoto, na verdade, necessita de terapia pelo trauma adquirido.

Histórias como essas poderiam ser apenas fábulas e ilustrações hipotéticas, mas, infelizmente, fazem parte de nosso cotidiano. Por serem episódios que fazem parte da rotina, podem, inclusive, ter acontecido com você ou com alguém que conheça. Se for o caso, saiba que, mesmo sendo episódios comuns nos dias de hoje, ainda assim não são normais. Esses comportamentos, embora façam parte da realidade de algumas pessoas, não são adequadamente esperados, tampouco moralmente aceitos. E o motivo de escrevermos esse livro é para mostrar a você, bem como tentar orientá-lo(a) em como agir diante desses ataques.

A Igreja, um Duro Obstáculo

A igreja vive no mundo e acaba relacionando-se com ele, porém essa relação dá-se respeitando estruturas e finalidades próprias da natureza das diversas organizações humanas. Não se pode, contudo, confundir a relação de respeito com conformidade. A Bíblia assevera-nos: “E não vos conformeis com este mundo [...]” (Rm 12.2). Pelo contrário, nossa missão no mundo é manifestar as Boas Novas do Senhor Jesus mediante uma vida nova, transformada e livre do pecado.

Diante dessa missão, que não nos caemos, muito menos nos dobremos aos ditames do mundo pós-moderno. Pelo contrário! Mesmo diante de uma agenda progressista — cujo alvo é o sepultamento total dos valores que construímos e defendemos com a própria vida —, mantenhamo-nos firmes, denunciando o

pecado e jamais aceitando qualquer tipo de ideologia infame que quer destruir nossos filhos, nossa família e nós como Igreja. Por isso, tornamo-nos alvo!

A igreja sofre ataques e ameaças de tribunais, da mídia, das escolas e faculdades, das elites culturais e até mesmo das separações dentro da própria igreja. Estamos testemunhando um colapso da moral pública e sinais de desrespeito generalizado pelo evangelho e pela mensagem da redenção.

Percebendo que a subversão do modelo tradicional não aconteceria pelo simples ataque aberto à família, o movimento feminista aliado ao movimento pró-LGBT entendeu que precisa direcionar o ataque a quem consolidava na sociedade os valores, modelos e tradições de constituição natural da família, ou seja, a Igreja. A estratégia, então, é desconstruir os discursos, as doutrinas, os princípios que mantém a família em pé. E, quando eles perceberam que a sociedade e a família não abririam mão deste modelo, o *modus operandi* da revolução ideológica do gênero passou a trabalhar na desconstrução do tradicional a partir do convencimento de que o discurso da igreja é um impedimento para a consolidação da igualdade entre homens e mulheres. Ora, a Igreja não defende um modelo sexual por estar querendo dominar as pessoas, mas, sim, porque esse modelo corresponde à verdade do ser humano. Por isso, ela torna-se alvo de ataques inescrupulosos ao ensinar preceitos e ensinamentos bíblicos fundamentais no que diz respeito à origem binária de homem e mulher e ao modelo tradicional de família monogâmica heterossexual — ambos conforme as Sagradas Escrituras.

Com base no pensamento do filósofo Jacques Derrida (1930–2004), conhecido por sua teoria desconstrucionista, o ataque à Igreja visa trazer uma confusão conceitual a partir da interpretação dos significados originais dos textos sagrados. Derrida ensina que nenhum discurso mantém-se de pé se conseguirmos desmontar seus significados originais (conceitos) por meio de um processo dialético de embate, ou seja, jogando palavras contra palavras até que, através de uma confusão de termos, os conceitos originais sejam rejeitados.

Infelizmente, muitos líderes têm sido levados por esses falsos discursos, mudando a verdade sólida da Palavra de Deus, dando ouvidos aos enganos dialéticos de um raciocínio totalmente relativista, que em nada tem a ver com a real interpretação dos textos bíblicos. Tal investida ofensiva já era esperada, inclusive alertada pelo apóstolo Paulo, quando, ao escrever ao seu discípulo Timóteo, o instrui:

Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência, proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças (1 Tm 4.1-3).

Paulo não tinha conhecimento daquilo que aconteceria nos últimos tempos; porém, inspirado pelo Espírito Santo, ele alerta-nos acerca dessa estratégia satânica utilizada pela militância esquerdista, que é desconstruir as verdades bíblicas através do falso discurso do “amor”.

Por isso, Paulo traz o alerta do ensino sólido e sistemático da Palavra de Deus para que não sejamos levados por esses ventos de doutrinas que nos atingem, tentando desmerecer e desacreditar nossas convicções e bases doutrinárias. “Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo vento de doutrina, pelo engano dos homens que, com astúcia, enganam fraudulentamente” (Ef 4.14).

Mas, como bem sabemos, os inimigos internos são muitas vezes mais perigosos que os externos, e, infelizmente, até isso Satanás tem usado a favor da ideologia de gênero. O crescimento da “Teologia Inclusiva”⁴³ vem fazendo surgir novos modelos de “igreja”, que não deixam de ser um ataque a nossas tradições. Por meio de uma espécie de apropriação e releitura das Escrituras, novas perspectivas teológicas são geradas, adequando-se alguns princípios bíblicos, tornando-os compatíveis com a identidade, com os anseios e com o papel social daqueles que se intitulam “cristãos homossexuais” — se é que é possível essa utilização pela notória inconsistência do termo.

Já foi citado aqui no livro que não podemos interpretar versículos isolados, ou seja, fora do contexto bíblico. “Texto fora de contexto é pretexto”. A base de sustentação da aceitação de homossexuais, com a teologia inclusiva, dá-se ao lerem, por exemplo, o texto da epístola de Paulo aos Gálatas: “Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo

nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.26-28).

Ao querer empregar a hermenêutica inclusiva para o texto bíblico acima, o argumento LGBT de que os cristãos devem aceitar radicalmente os homossexuais nesta base vai exatamente ao caminho oposto à proposta que Paulo buscou quando escreveu aos cristãos da Galácia. A passagem bíblica paulina apresenta os antagonismos básicos culturais de sua época, a saber: judeus contra gentios, homens contra mulheres e os livres contra os escravizados. Estes alcançariam uma vida nova em Cristo após o renascimento nas águas com o batismo, acabando com as divergências culturais. Querer incluir a homossexualidade nessa categoria, descontextualizando a declaração de que “não há judeu nem grego, nem servo nem livre, nem homem nem mulher” é, no mínimo, ignorância por sabermos que, ao longo de toda a Bíblia, Deus condena a prática homossexual tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. E é exatamente isso que o movimento LGBT busca. Este é o alvo a ser atingido: redefinir e minar a ética sexual cristã e a identidade teológica, deturpando nossa pregação, querendo manchar nosso discurso. Isso coloca a própria igreja em desarmonia com ela mesma, ou seja, numa guerra interna que pode trazer prejuízos incalculáveis.

Um parêntese aqui é importante para entender que é nosso dever como cristãos amar e respeitar o pecador, assim como Deus faz com todos os pecadores que somos. Todos devemos acolher e respeitar os que sofrem com a situação da homossexualidade. Palavras e atitudes que humilham, vulgarizam e muitas vezes geram violência e ódio contra esses filhos de Deus não despertarão em nenhum pecador o ardente desejo de mudar, de ter uma novidade de vida. O amor e o respeito de Deus expressos por meio de um verdadeiro cristão são uma ferramenta poderosa do Espírito Santo para despertar no pecador o desejo de uma transformação real, significativa, verdadeira e perene, tornando-o uma nova vida, uma nova criatura.

Outra falácia contra nosso discurso é atacar a Igreja, rotulando os religiosos cristãos de preconceituosos, intolerantes e homofóbicos, com a alegação de falta de amor por não aceitação à homossexualidade. Esse também é um objetivo a ser alcançado pela ideologia de gênero.

Amor através do tratamento igualitário entre homens e mulheres não será conquistado ao negarem-se as diferenças sexuais e ao tentarem calar todos

aqueles que não concordam com essa corrente de pensamento, que é a ideologia de gênero. Tratamento igualitário, segundo a Bíblia, é quando cumprimos o amor pelo próximo. Contudo, amar ao próximo não é compactuar com seu erro ou com o seu pecado. Pelo contrário! Consentir com o erro e com o pecado de alguém que se perde nas suas próprias concupiscências, tendo a possibilidade de salvá-lo e não o fazer: isso sim é falta de amor. Aceitar o erro não nos fará amorosos; muito pior do que isso, revelará de nossa parte desprezo, desafeto, desafeição e, por que não dizer, omissão ao tolerar o mal. Infelizmente, alguns líderes preocupados em não querer ofender os homossexuais ficam calados, tornando-se cúmplices do pecado, confundindo o conceito de inclusão com a aceitação do erro.

Se a Igreja, por meio da sua liderança e/ou membresia, questionar uma opção sexual de forma ampla e geral sem atacar especificamente um indivíduo, com base na Bíblia Sagrada, nos seus manuais, dogmas e doutrinas estabelecidos previamente, não precisa temer, uma vez que estará amparada pelo ordenamento jurídico no tocante à liberdade de expressão, conforme a Constituição Federal de 1988 (CF/88), Art. 5º, inciso VI: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”.

E até mesmo esse direito assegurado por lei eles estão tentando tirar da igreja. Partidos socialistas de extrema esquerda vêm buscando aprovar leis que são um violento atentado contra a liberdade de expressão religiosa não só de evangélicos e católicos, como também de judeus, muçulmanos e de todos prosélitos que discordam dos privilégios buscados em favor das ditas minorias.

Um exemplo claro dos ataques satânicos direcionados à igreja com o objetivo de calar todos os cristãos é o Projeto de Lei Complementar 122/2006, a dita “Lei Anti-Homofobia”, apresentado na época pela ex-Deputada Federal pelo estado de São Paulo, Iara Bernardi, do Partido dos Trabalhadores (PT). O PLC tramitou no Senado e buscou definir e punir o crime de homofobia.

O PLC 122 foi motivo de grandes debates. A Senadora Marta Suplicy, relatora da proposta, modificou o texto tentando amenizar a versão discutida na Câmara dos Deputados, o que não quer dizer que tornou a lei aceitável. Uma das alterações visava a adequação constitucional do Art. 3º, buscando proteger cultos religiosos da criminalização. O novo texto, no entanto, foi reprovado por defensores dos direitos LGBT que consideraram que a alteração descaracterizava

o objetivo original da Lei. Em outras palavras, o que eles buscavam era atacar a todas as entidades que de alguma forma pudessem oferecer resistência à causa LGBT, principalmente as igrejas.

O projeto de lei definia e punia o crime de homofobia no mercado de trabalho, nas relações de consumo e no serviço público — tudo isso em oito artigos. O Artigo 8º, por exemplo, alterava seis artigos do Código Penal (61, 121, 129, 136, 140 e 286). Em todos os casos, as penalidades para os crimes neles tipificados eram agravadas quando as vítimas fossem homossexuais, buscando pela força repressiva do estado “direitos especiais” que julgam ter.

Outro exemplo, o projeto de Lei 291/2015, de autoria da então senadora pelo estado do Paraná, Gleisi Hoffmann, altera o Decreto de Lei 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal Brasileiro), para modificar a redação do §3º do Art. 140 para penalizar a injúria praticada por razões de gênero.

Outras leis ainda poderiam ser aqui apresentadas, porém não haveria condições de discutir e refutar cada uma; por isso, sugerimos uma pesquisa nas casas legislativas, inclusive de seu estado ou município, pois muitas leis estaduais e municipais também estão buscando colocar freios no crescimento e expansão da igreja, bem como colocar mordanças na igreja para não se contrapor aos ensinamentos da ideologia de gênero.

E que fique claro que, mesmo diante de tantos ataques e tentativas de silenciar-nos, não nos calaremos. Enquanto tivermos fôlego, faremos frente a tudo aquilo que tenta destruir o que nos deixou como herança o Senhor Jesus. Cremos, inclusive, que esse é o motivo que trouxe você até aqui a fim de estar preparado(a) para enfrentar todos os ataques diabólicos contra a noiva do Cordeiro.

A Igreja de Cristo não sucumbirá: “Pois também eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18).

O Estado e o Ataque a Princípios e Garantias Fundamentais

A CF/88, no seu preâmbulo, aponta que foi instituído um Estado Democrático de Direito a partir da reunião do povo brasileiro em Assembleia Nacional Constituinte, com o fim de assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, liberdade, segurança, desenvolvimento, bem-estar, igualdade e justiça como valores supremos.

As disposições apontadas — somadas ao estampado no artigo 2º da CF, onde se garante harmonia entre os poderes — são a base legal para conceber-se o sistema de freios e contrapesos. Estado Democrático de Direito é, assim, um Estado que visa à garantia do exercício de direitos individuais e sociais, e os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário são instituídos e organizados de forma a que um não avance sobre a função precípua do outro.

Diante do exposto e tomando, portanto, como referência, a CF, infelizmente se nota que alguns princípios fundamentais não estão sendo seguidos pelos organismos jurídicos, legislativos e executivos de nosso governo nas suas manifestações. Na Carta Magna (Constituição), temos:

Art. 3º Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV - Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

No tocante à abordagem do tema que propomos, quanto ao ataque ideológico ao Estado, no que diz respeito à imposição doutrinária dos estudos de gênero e a promoção da cultura LGBT em nosso país, e em análise ao trecho acima da CF, fica cristalino que o Inciso IV do Art. 3º traz o termo sexo, e não gênero, ao tratar da luta contra preconceitos e discriminação.

Vamos ao contexto prático, ou seja, vamos entender como na prática ocorrem as violações e desrespeitos à vontade do legislador. Já citamos aqui que foram rejeitadas as propostas de inserção dos termos “gênero” e “orientação sexual” no Plano Nacional de Educação (PNE), mas, na prática, é possível identificar a falsificação ideológica no PNE e na Conferência Nacional de Educação (CONAE) de 2014. Note que não há menção dos termos “gênero” e “orientação sexual” no PNE aprovado pelo Congresso Nacional através da Lei Nº 13.005 de

25 de junho de 2014, que tem vigência até 2024, trazendo o seguinte texto:

“Art. 1º - É aprovado o Plano Nacional de Educação - PNE, com vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, na forma do Anexo, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal.

Art. 2º - São diretrizes do PNE:

[...]

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;”

Já no documento final disponibilizado pelo MEC, produzido pela CONAE 2014, onde se deveria reescrever as diretrizes aprovadas pelo Congresso Nacional, há a reintrodução da ideologia de gênero que havia sido rejeitada pelos parlamentares. Ademais, há quase duzentas citações dos conceitos de gênero como sendo de adoção obrigatória pelos municípios. Veja parte do documento:

“Em consonância com esses princípios, o PNE, o planejamento e as políticas no Brasil devem orientar-se pelas seguintes diretrizes:

[...]

iii. superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual, e na garantia de acessibilidade;” (CONAE 2014, p. 19)

Em consonância com o PNE? Percebeu a falsificação em comparação ao PNE, sendo introduzidas estrategicamente os termos “gênero” e “orientação sexual”?

O mesmo documento ainda traz no seu eixo de ações propostas e estratégias de debate e promoção da diversidade de gênero e orientação sexual por meio de políticas pedagógicas e de gestão específicas para esse fim:

“Tendo em vista a construção do Plano Nacional de Educação (PNE) e do Sistema Nacional de Educação (SNE) como política de Estado, serão apresentadas, a seguir, proposições e estratégias indicando as responsabilidades, corresponsabilidades, atribuições concorrentes, complementares e colaborativas entre os entes federados (União, estados, DF e municípios), tendo por princípios a garantia da participação popular, cooperação federativa e regime de colaboração:

[...]

6. Garantir condições institucionais que assegurem uma educação que contemple o respeito aos direitos humanos como premissa de formação cidadã, tendo como perspectiva o direito à diversidade e formação para a cultura de direitos humanos, sob orientações curriculares articuladas de combate ao racismo, sexismo, homofobia, discriminação social, cultural, religiosa, prática de bullying e outras formas de discriminação no cotidiano escolar, para o debate e a promoção da diversidade étnico-racial e de gênero, orientação sexual, por meio de políticas pedagógicas e de gestão específicas para este fim.” (CONAE 2014, p. 24 e 25 – grifo nosso).

É importante ressaltar que, quando da escrita deste livro, o documento produzido pela CONAE 2018 ainda não estava concluído para análise da manutenção das políticas pedagógicas referentes à promoção da diversidade de gênero e da orientação sexual para com nossos estudantes.

Pode parecer exagerada a contestação pelo fato de constar na CF “quaisquer outras formas de discriminação”, mas a sutileza com que os termos são inseridos sob a justificativa de promoção da igualdade de direitos e deveres e de superação da discriminação e/ou do preconceito contra o relacionamento de pessoas do mesmo sexo, são exatamente uma estratégia para convencimento da inserção do tema em desacordo com o estatuído. Dessa forma, poder-se-ia afirmar que o Poder Executivo inova ao cumprir uma de suas funções subsidiárias, de legislar deixando de observar ao que previamente está estabelecido pelo Poder Legislativo.

Tentar impor a ideologia de gênero à sociedade ou, ainda, acrescentar na grade

curricular de nossas crianças assuntos provenientes de ideologias sem qualquer respaldo científico, com o intuito de acabar com o preconceito, com o uso de palavras discriminatórias ao desigual, é transgredir direitos já conquistados e abraçados pelo ordenamento jurídico brasileiro, ferindo o princípio da igualdade que tanto se celebra.

A CF ainda traz os seguintes artigos no seu bojo:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

§ 5º Os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

O destaque sobre a igualdade trazida na CF é para homens e mulheres, não comportando outra forma de gênero em concordância com seu sexo biogenético. A proposta do Constituinte é de que, ao citar homem e mulher, se tem alcançado a todos indistintamente, não havendo necessidade de reconhecimento de pessoas por outros gêneros. Porém, a união homoafetiva foi reconhecida pelo Supremo Tribunal Federal através da arguição de descumprimento de preceito fundamental (ADPF) 132, recebida como ação direta de inconstitucionalidade (ADI), cujo julgamento, com eficácia erga omnes e efeito vinculante, consistiu

em dar uma interpretação conforme a Constituição ao Art. 1723 do Código Civil, no sentido de riscar as expressões “homem” e “mulher” do referido dispositivo por serem discriminatórias, o que possibilitou sua aplicação ao instituto da união homoafetiva. O Art. 1723 do Código Civil dispõe que: “É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”. Logo, retirando-se as expressões “homem” e “mulher” do dispositivo, o instituto da união estável passa a ser aplicado à união homoafetiva com todas as suas disposições, ou seja, sem restrições, inclusive a possibilidade de sua conversão em casamento, estando os demais órgãos do Poder Judiciário vinculados a essa decisão.

Ainda em análise ao texto exposto, indica a CF que a família é a base da sociedade, tendo especial proteção do Estado, deixando explícito que, por família, o ordenamento jurídico entende a instituição composta por pessoas ligadas entre si por relações pessoais e patrimoniais resultantes do casamento, da união estável e do parentesco. No entanto, essa concepção constitucional tem sido ferida por decisões unilaterais do Poder Judiciário, dentre elas a Resolução nº 175 de 14 de maio de 2013, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), quando instituiu que os cartórios de todo o Brasil não podem deixar de converter em casamento a união estável homoafetiva. Aos casais homoafetivos, caberia legalmente a união civil, que se limita basicamente a uma sociedade de bens e direitos de sucessão.

É possível perceber a desarmonia dos Poderes quando o Judiciário dá interpretação criativa de leis, avançando na discricionariedade hermenêutica de certas legislações, além de, no exercício de uma de suas funções subsidiárias, acabar legislando sem observar preceitos constitucionais claros, colocados pelo Legislativo.

No Código Civil Brasileiro, instituído pela Lei 10.406 de 10 de janeiro de 2002, temos as mesmas figuras de que o casamento constitui-se num vínculo conjugal entre homem e mulher:

Art. 1.514. O casamento se realiza no momento em que o homem e a mulher manifestam, perante o juiz, a sua vontade de estabelecer vínculo conjugal, e o juiz os declara casados.

Art. 1.517. O homem e a mulher com dezesseis anos podem casar, exigindo-se autorização de ambos os pais, ou de seus representantes legais, enquanto não atingida a maioridade civil.

Note que, mais uma vez, a legislação brasileira, ao estabelecer legalmente o casamento, faz isso sobre vínculo conjugal de um casal, ou seja, homem e mulher. Dessa forma, ainda que tribunais estejam tomando decisões fundamentadas na hermenêutica jurídica ampliativa ao recepcionar a ideologia e a cultura que se tenta implantar, e não a letra da Constituição Federal e do Código Civil, entendemos que os argumentos ideológicos de gênero não possuem respaldo nesses instrumentos legais.

Diante do exposto, e até de determinações legais proferidas especialmente por órgãos do Poder Judiciário, Legislativo e Executivo, o que estamos sofrendo é uma violação à legislação brasileira, sob a tentativa de estabelecer-se uma nova concepção de família no ordenamento jurídico vigente. Busca-se, dessa forma, dar legitimidade à prática e à vivência cultural, estabelecidas especialmente por meio da influência e, por que não dizer, da insuflação dos meios de comunicação, com a ausência de princípios e valores universais substituídos por verdades individuais, mas, ao mesmo tempo, plurais, em que cada indivíduo é suficiente para determinar o que é legítimo ou não para si.

Ao mesmo tempo, surgem manuseios semânticos, de modo que definições até ausentes na legislação começam a ser difundidas na sociedade, ao ponto de autoridades jurídicas e legislativas sentirem-se compelidas a buscar respostas nos seus âmbitos para a prática social que se vai estabelecendo, numa espécie de processo jurídico-hermenêutico onde a crença universal ou prática comum (*consensus gentium*) deve tornar-se lei. A onda do politicamente correto tornou-se tão popular que permite até mesmo que juízes contraponham-se à Constituição do país para servir à agenda que eles consideram correta.

Infelizmente, esta é uma situação deplorável, pois, se as autoridades não conseguem cumprir e seguir as ordenanças legais, a figura do Estado perde toda a sua credibilidade em julgar, legislar e executar. Ver os Poderes contrariando os normativos legais revela a falência do poder público, pois como poderão exigir de nós o que eles mesmos não fazem?

O texto Constitucional garante a liberdade de expressão, e não a “liberdade de imposição”.

Como conservadores, acreditamos que as mudanças adequadas devam ocorrer na sociedade, mas de forma gradativa, sem bruscas rupturas que possam destruir a trama da sociedade que construímos, tampouco desrespeitar a Constituição Federal de nossa nação.

³⁴ A criação da mulher. Monergismo. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/antropologia-biblica/criacao_mulher.htm. Acesso em: 24 nov. 2018.

³⁵ Pais são presos por não aceitarem “ideologia de gênero”. CNP. Política. Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/blog/pais-sao-presos-por-nao-aceitarem-ideologia-de-genero>. Acesso em: 27 nov. 2018.

³⁶ Pais que discordam da ideologia de gênero podem perder a guarda de seus filhos, no Canadá. Guiame. Disponível em: <https://www.guiame.com.br/gospel/familia/pais-que-discordam-da-ideologia-de-genero-podem-perder-guarda-de-seus-filhos-no-canada.html>. Acesso em: 27 nov. 2018.

³⁷ Mãe quer mudar sexo de filho de 6 anos. Pai discorda e pode perder a guarda da criança. Gazeta do Povo. Justiça. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/justica/mae-quer-mudar-sexo-de-filho-de-6-anos-pai-discorda-e-pode-perder-a-guarda-da-crianca-bnqrdek0krmfrv354nre47w1/>. Acesso em: 30 nov. 2018.

³⁸ A expressão “Cavalo de Troia” tornou-se largamente usada na cultura popular sempre com o sentido de um artifício astuto, enganoso e perigoso, que possibilita a penetração dissimulada em território inimigo.

³⁹ Tarefa escolar sobre sexo revolta pais e mães em Contagem (MG). Jornal da Record. Disponível em: <http://recordtv.r7.com/jornal-da-record/videos/tarefa-escolar-sobre-sexo-revolta-pais-e-maes-em-contagem-mg-05102018> Acesso em 24 nov. 2018

⁴⁰ Todos os meus pacientes foram abusados, diz defensora da “cura gay”. Revista Veja. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/todos-os-meus-pacientes->

[foram-abusados-diz-defensora-da-cura-gay/>. 16 out. 2017](#)

⁴¹ [Maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes ocorre em casa; notificações aumentaram 83%. G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contras-criancas-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghml>>. 29 jun. 2018](#)

⁴² [Termo do dialeto informal que é formado a partir da união das palavras namorado + marido.](#)

⁴³ [Ramo da Teologia Tradicional voltado para inclusão, prioritariamente das categorias socialmente estigmatizadas como, por exemplo, os homossexuais.](#)

CAPÍTULO 8

O PAPEL DA FAMÍLIA

Caro(a) leitor(a), talvez seja necessário um tempo para você digerir todo o conteúdo exposto no capítulo anterior, pois concordamos que os escritos são fortes, profundos e deixam qualquer cidadão de bem boquiaberto com os ataques que as famílias, igrejas e até mesmo crianças têm sofrido por essa diabólica ideologia que brota do mais profundo das trevas.

Conforme já ficou claro, nossas famílias correm sério perigo, sendo nossa responsabilidade como pais e mães — ou mesmo como tios e tias, avôs e avós — lutar com todas as forças pela unidade e moralidade do lar. Este é o desejo de Deus para todos nós: que lutemos por nossas famílias e protejamos nossas crianças, ensinando-as não só o caminho do Senhor Jesus, mas no caminho, para que, mesmo depois de crescerem, não se desviem dele (ver Pv 22.6).

E aqui pode surgir a pergunta: “Mas o que posso fazer para proteger minha família da ideologia de gênero?”.

Você pode fazer muito; basta querer. E, caso você queira fazer parte deste exército que milita pela defesa da família, seja bem-vindo(a)! Ficamos felizes com sua decisão!

Logo a seguir, ofereceremos um treinamento para essa batalha, instrumentalizando você e sua família a combater esse inimigo feroz que busca destruir os laços da família, o respeito da família patriarcal e a inocência de nossos filhos.

Veja qual o papel da família nesta luta.

Sua Família, seu maior Patrimônio

“Quem causa problemas à sua família herdará somente vento; o insensato será servo do sábio” (Pv 11.29 – NVI).

Nossa família é nosso maior patrimônio, e não há nada que se compare ao valor que ela possui perante Deus. Nenhum imóvel, carro de luxo, carreira profissional ou investimento financeiro têm o valor de uma família. Nenhuma reserva de ouro é comparada ao valor dos filhos e do cônjuge. Por mais difícil que seja a relação familiar, a família é o maior patrimônio da vida; é um presente dado por Deus (ver Ec 9.9).

A família é o maior tesouro porque foi instituída por Deus para o bem maior, para a realização e satisfação mútua entre homem, mulher e filhos. É por meio dela que Deus cumpre os seus desígnios para a terra, e é também por meio dela que todos nós cumprimos o desejo do coração de Deus, quando, na sua benevolência, desejou que o homem não estivesse só (Gn 2.18). Sendo, portanto, um desejo do coração de Deus, devemos cuidar e zelar por nossas famílias com o máximo esforço possível, empenhando nossa vida nessa missão sublime e divina, que é a família tradicional.

Por isso, propomos aqui um questionamento muito pertinente: “Será que estamos cuidando de nossas famílias como devemos? Será que estamos valorizando-a como valorizamos bens imóveis, carreira ou ministério?”. Perceba que qualquer bem, seja ele móvel ou imóvel, necessita de cuidados básicos para o devido zelo, como, por exemplo, uma casa, que constantemente necessita de reparos, de limpeza e de cuidados. Agora, se bens passageiros como casa e carro são cuidados por nós, por que não cuidamos de nossa família como deveríamos? Limpamos muito bem o jardim de nossa casa, tiramos poeira e entulhos do pátio, aparamos a grama de maneira exemplar; porém, quando se trata de nossa família, parece que o cuidado é diferente. Há maior negligência em cuidar da família do que em cuidar do automóvel. Nossas relações familiares tornam-se campos de batalha onde não tiramos os entulhos emocionais. Nosso coração fica cheio de pensamentos negativos, palavras torpes e angústias de nossos cônjuges e filhos, e não limpamos tão bem quanto fazemos com nossa casa.

Perceba que o foco do livro não é a relação familiar em si, mas é impossível falar em ideologia de gênero sem falar das relações familiares, pois, infelizmente, muitas famílias estão escancarando suas portas para esse terrível

mal. Muitas famílias são como barris de pólvora prontos para explodir. Quando explodem, o Inimigo possui legitimidade para atuar implantando as vãs filosofias deste mundo no seio familiar, em especial a ideologia de gênero. O coração dos filhos acaba por ser um campo fértil do relativismo e do hedonismo, por exemplo, pois o espaço que deveria ser preenchido com amor e cuidado, muitas vezes dá lugar a um vazio existencial muito grande.

Existe hoje um colapso da família tradicional, não porque o plano de Deus falhou para a família, mas porque oferecemos brechas para Satanás atuar com liberdade. Quando, por exemplo, devotamos mais tempo ao trabalho, carreira, carro e projetos pessoais do que para o cônjuge e, principalmente, os filhos, infelizmente estamos abrindo uma porta enorme para Satanás atuar. Perceba que ele entra com liberdade e sem precisar fazer esforço, pois a estrada de entrada foi pavimentada pelas negligências do lar e por falta de vigilância dos membros da família. Evidentemente, não estamos generalizando e dizendo que todos são assim, mas é fato que muitas famílias vivem um colapso moral, ético e, principalmente e mais importante, um colapso espiritual.

Aliás, permita-nos aqui uma reflexão muito pertinente a todos aqueles que possuem qualquer papel de liderança na igreja. Até mesmo a religiosidade extrema de muitos líderes cristãos tem sido um veneno mortífero para a família, pois há pais que devotam tempo demasiado para a igreja — falamos aqui de igreja, e não de Cristo — e para exaustivas reuniões e ensaios, atividades das mais diversas, mas não possuem tempo para brincar, amar, abraçar e oferecer afeto a seus filhos. Há pais que têm tempo para os demais irmãos em Cristo na igreja, mas não possuem tempo para seus filhos. Isso é lamentável, pois tais atitudes estão criando um abismo emocional e espiritual entre pais e filhos que, mais tarde, culminará em distanciamento, desentendimentos e brechas para o Inimigo ocupar.

Tudo o que está acontecendo nada mais é que o fruto do trabalho organizado e meticuloso do movimento gay e da militância de esquerda, pois, quanto mais fragmentada a família for, cada qual no seu mundo, cada qual no seu celular, cada qual nas suas redes sociais, maior será a facilidade de implantar uma cultura LGBT nos lares, inclusive nos lares cristãos.

É muito propício neste ponto alertar a você, leitor(a), que, muitas vezes, essas negligências paternas/maternas, bem como o distanciamento emocional não são percebidos pelos entes familiares. Muitas famílias entram no “modo automático

da vida” e, quando menos percebem, já estão distantes e emocionalmente bloqueadas, criando abismos que impedem o agir do amor fraternal de Cristo. Muitos pais e mães não percebem o tempo demasiado que devotam ao trabalho, à carreira profissional ou até mesmo ao ministério. Eles fazem isso sem maldade de coração, ou, em muitos casos, fazem conscientemente, alegando que estão trabalhando mais e mais pelo bem-estar dos filhos, pelo equilíbrio do lar e pela sustentação financeira da casa; ledo engano. Mais valiosa é a presença do que presentes. Mais vale um dia de amor do que brinquedos luxuosos.

Não é à toa que uma pesquisa⁴⁴ conduzida pela Catho⁴⁵ demonstrou que 58,3% dos pais alegam que não passam tempo suficiente com sua família e, por conta disso, sentem-se culpados pelos problemas que os filhos enfrentam, pois internalizam a culpa e o pensamento de que poderia ser diferente se estivessem mais presentes. Outra pesquisa⁴⁶ ainda mais assustadora conduzida pela EBC (Empresa Brasil de Comunicação) demonstrou que apenas 12% dos pais estão comprometidos com a educação de seus filhos, enquanto que 88% alegam pequena ou grande negligência. É assustador pensar que apenas 12% dos pais participam avidamente do dia a dia de seus filhos.

Tais dados demonstram a fragilidade de muitos lares e o alerta que devemos ter quando se trata do bem-estar de nossas famílias, pois não há nada mais perigoso ao equilíbrio familiar que o distanciamento emocional e a ausência dos pais. O reflexo de tais males é o fato de que filhos criados em lares emocionalmente instáveis e com pais emocionalmente ausentes tendem a ser adultos inseguros, insensíveis e com dificuldade de estabelecer vínculos duradouros na vida adulta (PAPALIA, 2009). Ou seja, lares desajustados geram filhos desajustados. Por isso, deixamos aqui registrada nossa dica de ouro: valorize seu trabalho e valorize seu chamado ministerial, pois foi o próprio Deus que o confiou a você, mas não esqueça que sua primeira igreja, seu primeiro ministério, é a família. Seu primeiro rebanho é seu cônjuge e seus filhos. Nada é mais importante que eles para você, e nada pode ser colocado como pretexto para alcançar a harmonia familiar, pois esse é o desejo do coração de Deus.

Queridos pais, esse trecho do livro tem o objetivo de chamá-lo primeiramente ao compromisso de amar a sua família e fechar as brechas para a ideologia de gênero, pois, conforme já estudamos, o índice de homossexualidade em lares bem estruturados, em filhos bem amados é extremamente baixo — apesar de existir — enquanto que lares desajustados, quebrados emocionalmente, favorecem a homossexualidade e a disforia de gênero, que pode culminar na

transsexualidade.

A família é nosso maior patrimônio; por isso, devemos tirar um tempo de qualidade com os filhos, com o cônjuge. Dedique tempo para as relações familiares, principalmente para o diálogo, pois este é o maior elo entre os membros da família. Pesquisas revelam que a falta de diálogo é responsável por quase 80% dos problemas familiares e, muito em especial, pelos desajustes de relação entre pais e filhos. A falta de diálogo é como uma ferida aberta sem cuidados, podendo causar a infecção de um membro do corpo, o qual passa a sofrer por diversos males oriundos da infecção. A ausência do diálogo na família é justamente o meio pelo qual a ideologia de gênero invade nossas casas e tomam como reféns nossos filhos, pois, quando os pais não conseguem estabelecer uma conversa de instrução, cuidado e carinho, os filhos preenchem esse vazio com os amigos, na escola e via meios de comunicação. Uma frase conhecida ilustra muito bem esse quadro caótico que muitas famílias vivem: “A rua ensina o que os pais negligenciam”.

Estabeleça uma cultura de diálogo em sua casa. Converse com seus filhos temas controversos como sexo, homossexualidade, namoro, etc., tudo à luz da Bíblia. Ensine-os preceitos bíblicos para cada área da vida, desde integridade, namoro, amizades e outros assuntos pertinentes à faixa etária de seus filhos. A conversação é o meio pelo qual a instrução será oferecida aos filhos. O diálogo é o antídoto que bloqueia a ação de Satanás na relação familiar, pois, uma vez que os filhos forem bem instruídos e possuírem liberdade para confidenciar aos pais seus medos e ansiedades, as portas obscuras do pecado serão fechadas, e o Inimigo perderá sua legalidade. É por meio da conversação que a relação familiar será mais forte, duradoura e profunda. Por meio do diálogo, a família alcançará maior proximidade para fortalecer os laços harmoniosos do lar; a família conseguirá pequenas ações que ajudarão no amor familiar, como: reservar um dia específico para a família; juntos, pais e filhos poderão realizar um piquenique, acampamento, momentos devocionais, culto no lar, dentre outras atividades que podem ser feitas, pois, quanto mais fortes forem os vínculos afetivos e do diálogo, maior será o tempo e qualidade das relações familiares, e, conseqüentemente, menos brechas serão abertas para o Inimigo atuar na família.

Quanto maior o tempo que passamos com a família, menor tempo eles terão para novelas, reality shows, redes sociais, seriados e demais programações que trazem nos seus objetivos apologia ao sexo livre, à homossexualidade, às drogas, à pedofilia, à cultura LGBT, etc. Conforme já exposto, isso faz parte da

estratégia empreendida pela militância gay para ocupar todos os espaços midiáticos, principalmente na mídia televisiva, onde a grande massa e um número exorbitante de famílias preenchem os seus tempos livres de descanso; onde os gays são retratados como as pessoas mais amáveis, afetuosas e carinhosas possíveis, e sempre há um pai de família opressor, estuprador, espancador; quando não, tal figura paterna opressora está ligada à religiosidade, a um pastor, bispo ou algo semelhante. Evidentemente que tal manipulação acontece para distorcer os reais fatos e criar uma massa de manobra politicamente correta a favor da diversidade. Agora, a pergunta é: “Por que não o contrário? Por que não mostram a realidade, que muitos casos de homicídios cometidos a homossexuais não são por motivos da homofobia, e sim por seus próprios parceiros? Por que não mostram que as relações mais abusivas são entre pessoas do mesmo sexo?”. Não mostram, porque há interesses políticos e ideológicos por trás de tais programações, muito em especial o de dessensibilizar a população aos temas gays, criando uma cultura de aprovação à homossexualidade.

O resultado dessa barbárie é catastrófico para a sexualidade sadia que a Bíblia ensina. A todo o momento, estão deturpando o casamento monogâmico e a relação sexual entre homem e mulher, e nossas crianças e adolescentes são ouvintes passivos dessas programações diabólicas. Por isso, nosso chamado de urgência e importância a todos os pais e mães é para que a família tenha um tempo de qualidade nas relações. Sejam exigentes se necessário for, pois melhor é ser um pai/mãe exigente e ter seus filhos nos caminhos do Senhor do que ser um pai/mãe bonzinho e ter seus filhos dominados pelo Inimigo, vivendo fora dos princípios bíblicos estabelecidos por Deus e manipulados por ideologias sexuais hedonistas.

Primeira lição acerca do papel de sua família: feche as portas de sua casa para a ideologia de gênero, utilizando a ferramenta do amor, cuidado, diálogo e respeito. É dessa maneira que nosso caminho será próspero e bem-sucedido (Js 1.8). É dessa forma, pai, que sua esposa será uma fonte de alegria para o lar, e seus filhos serão fortes e cheios de saúde como uma

oliveira nova, reunidos à volta da mesa (Sl 128.3).

Estruture bem sua família na rocha verdadeira, que é Cristo (Mt 7.24). Famílias bem estruturadas dificilmente sofrerão com esse mal, pois, mesmo que Satanás lance ventos e tempestades nos seus filhos na escola, Internet ou com os amigos, eles terão suporte emocional para vencer as tentações e o pecado e, assim, triunfar na presença de Deus. Uma família bem estruturada gera filhos bem estruturados; numa família onde o amor impera, os filhos não serão facilmente manipulados por militantes de esquerda; numa família onde há tempo de qualidade para as relações familiares, a homossexualidade dificilmente entra, pois as portas e janelas de sua casa emocional estarão bem guardadas pelo amor e respeito e ainda terão o auxílio do querido Espírito Santo, que nos guarda diariamente das investidas de Satanás (Sl 33.20).

Tenha essa primeira lição como algo fundamental, pois de nada vale as demais lições se sua família não estiver bem estruturada na base principal, que é o amor.

Pai e mãe, amem-se uns aos outros, amem os seus filhos e cuidem deles com zelo e carinho, pois “os filhos são herança do SENHOR, uma recompensa que Ele dá” (Sl 127.3 – NVI).

Acerca do papel educativo da família, queremos abordar dois vieses parecidos, porém diferentes. O primeiro é o falso pensamento dos pais em achar que a igreja, o pastor ou a Escola Dominical são responsáveis pela educação dos filhos. A segunda, e mais perniciosa, é pensar que a escola secular é responsável pela educação dos filhos.

Família Educa, Igreja Congrega

Inicialmente, devemos entender que a responsabilidade de educação dos filhos é nossa enquanto pais, e não do pastor, igreja ou a professora da Escola Bíblica Dominical (EBD). Infelizmente, é cada vez maior o número de pais que erroneamente “entregam” seus filhos à igreja, como se esta fosse a instituição educadora da família, e não é, pois a família é a instituição incumbida por Deus para essa sublime responsabilidade.

Queridos pais, é um ordenamento bíblico o ensino aos filhos quanto à Palavra de Deus e quanto aos valores bíblicos. Veja o que a Bíblia diz: “E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te” (Dt 6.6-7). O texto é evidente em demonstrar nossa responsabilidade enquanto pais educadores. Devemos ensinar a nossos filhos aquilo que aprendemos acerca do amor de Deus e de Jesus Cristo, e tais ensinamentos devem ser feitos a todo o momento, desde a mesa, no caminhar juntos, na hora de dormir, etc.

Somos nós que devemos ensinar nossos filhos a, por exemplo, orar, a buscar a Deus, a jejuar, a ler a Bíblia e a manter uma vida de intimidade com o Espírito Santo. Não é a igreja que faz isso, muito menos o pastor, que pouco contato tem com seus filhos. A pregação da Palavra de Deus na igreja é importante e muito decisiva na vida de uma pessoa; entretanto, é o ensino no lar que transforma e educa verdadeiramente. É no lar que transmitimos os valores bíblicos da Palavra de Deus e ensinamos os filhos a permanecerem nos caminhos do Senhor.

Hoje em dia, muitas famílias infelizmente vivem desajustes terríveis na sua relação familiar, porque os pais falharam no processo de educação bíblica enquanto seus filhos eram pequeninos. Não que seja regra que o filho amado não se torne homossexual, mas é evidente que, quanto maior o aprendizado ético, moral e bíblico e quanto maior o tempo de qualidade dos pais para com os filhos, menor será a possibilidade de a ideologia de gênero abalar sua casa.

A educação bíblica espiritual, assim como o amor e o diálogo, são barreiras que inibem Satanás de destruir seus filhos com a confusão gerada pela ideologia de gênero. Nunca foi tão necessária a presença dos pais e, principalmente, a educação bíblica no lar, pois, atualmente, todos temos dentro de casa uma espécie de janela aberta — Televisão e Internet — para o mundo. Quando essa janela não é bem usada, pode mostrar horizontes terríveis a toda a família. Por isso, queridos pais, não há como fugir de tal responsabilidade, pois poderemos ser cobrados diante de Deus pela vida daqueles a quem o Senhor confiou a

educação em nossas mãos. Colheremos o fruto daquilo que plantarmos. Por isso, trazemos aqui o apelo que todos os pais plantem amor, carinho, respeito e, principalmente, exemplo, pois os filhos aprendem mais com os exemplos do que com as palavras.

Família Educa, Escola Ensina

Tão importante quanto à educação bíblica que os pais devem fornecer aos filhos no lar é a responsabilidade de educação dos pais quanto aos valores morais, especialmente ao tema da sexualidade.

O termo moral é muito amplo e discutido há séculos nos campos da Filosofia, da Psicologia e da Religião; porém, adotaremos aqui o conceito pragmático e amplo do termo, no qual moral é a diferenciação de intenções, decisões e ações entre aquelas que são distinguidas como próprias e as que são impróprias, ou, ainda, “é o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, e que orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade”.⁴⁷ Em outras palavras, a moral é o conjunto de regras que aprendemos durante o percurso da vida e que nos ajudarão a tomar decisões e atitudes.

Para exemplificar de maneira prática o que é moral, basta pensar numa situação hipotética em que um adolescente no caixa da padaria recebe o troco errado a mais e rapidamente pensa: “Vou devolver a diferença, pois este dinheiro aqui não é meu”; ou pensa: “Vou aproveitar o erro do caixa para ficar com este dinheiro”. A decisão a ser tomada depende de seu aprendizado moral. Se os exemplos de vida desse adolescente em casa sempre foram irrepreensíveis, ele tomará a melhor decisão de devolver o troco. Entretanto, se esse adolescente já presenciou ou presencia diariamente situações onde seus pais querem levar vantagem em tudo, certamente a decisão será tomada da maneira errada, ficando com o dinheiro que não lhe pertence.

Esse aprendizado é fornecido em casa, e não na escola. Por isso, proeminentes pessoas no Brasil levantam a bandeira chamada “família educa, escola ensina”, pois lutam contra um sistema opressor que se instalou na educação brasileira

para extrair dos pais o direito assegurado por lei de educação moral e sexual dos filhos.

Sabemos que, se for feita uma leitura rápida e sem muito foco, pode parecer que este livro seja uma ficção da teoria da conspiração, só que esse movimento organizado na sociedade de retirar dos pais o direito de educação dos filhos e transferi-lo ao Estado também faz parte de um sistema organizado pela elite socialista brasileira, que visa enfraquecer a família tradicional. “A lei da palmada é um exemplo claro dessa estratégia ideológica de antagonizar filhos contra pais e enfraquecer o poder familiar. A justificativa é justa — proteger as crianças de castigos físicos — mas, na verdade, o objetivo é antagonizar filhos contra pais” (SCHELB, 2016, p. 11). Ainda conforme o Procurador da República Guilherme Schelb, imagine uma criança ou adolescente instruída a denunciar seus pais por terem-lhe aplicado um castigo justo. Tal dinâmica familiar contribui para o enfraquecimento do lar e da família e está intimamente ligada ao superpoder que a militância LGBT quer oferecer ao sistema de educação, pois ali, com o discurso do respeito e diversidade, manipulam os filhos e buscam destruir as relações familiares.

Propostas que aspiram antagonizar pais e filhos não faltam no Congresso Nacional, e muitas dessas são importadas de países europeus, que são “exemplares na promoção da diversidade”. Na Escócia, por exemplo, há um projeto de lei em análise no parlamento que prevê a designação de um tutor legal para cada criança nascida a fim de representá-la contra seus pais em caso de conflito de interesses (SCHELB, 2016). Sabe o que isso significa? Que, caso o filho declare ser transexual e os pais não apoiem tal atitude do filho, um tutor entra em ação para “libertar o filho da opressão preconceituosa da família”. Isso é um absurdo! É muito sério o perigo que nossas famílias correm de serem desintegradas diante de tantos males e setas diabólicas que são lançadas pelo inimigo de nossas almas.

Tendo em vista esse cenário de luta, este trecho do livro quer chamar a todos os pais ao compromisso e à responsabilidade de educação moral dos filhos — responsabilidade esta que não pode ser transferida à escola sob a alegação de pouco tempo e por causa do trabalho. Por força de lei, os pais possuem esse dever e direito. É garantia legal que os pais eduquem os seus filhos de acordo com suas convicções morais e religiosas.

Veja o que diz o Código Civil Brasileiro – Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de

2002, in verbis:

Art. 1.634. Compete a ambos os pais (...) em pleno exercício do poder familiar, que consiste em, quanto aos filhos:

I – dirigir-lhes a criação e a educação.

A lei é clara em estabelecer aos pais o direito à criação e à educação dos filhos, inclusive conforme sua crença e moral. A Convenção Americana de Direitos Humanos, ou também conhecida como Pacto de São José, da Costa Rica, é outro documento importante que possui força de lei no Brasil. O tratado internacional, vigorado em 18 de julho de 1978, é uma importante base dos direitos humanos, especialmente em assegurar à família o seu real poder.

Veja o que diz o documento:

Art. 12. (...)

Os pais e, quando for o caso, os tutores, têm direito a que seus filhos e pupilos recebam a educação religiosa e moral que esteja acorde com suas próprias convicções.

É fundamental compreender que nenhum professor doutrinador esquerdista possui o direito de ensinar a nossos filhos aulas sobre prática sexual ou comportamento sexual, assim como também não possuem o direito de menosprezar ou agir com preconceito com nosso credo religioso e nossa moralidade.

Conforme já esmiuçado no capítulo anterior, infelizmente nossas escolas tornaram-se quartéis gerais de toda a corja de esquerdistas inescrupulosos, que, para aprovar suas pautas, querem até mesmo retirar a inocência de nossas crianças. Em nome do respeito e da diversidade, ministram aulas de prática

sexual sob o pretexto de educação sexual, quando expõem crianças indefesas e vulneráveis a conteúdos explícitos e inapropriados para a faixa etária.

Querido pai e mãe, devemos acompanhar o dia a dia de nossos filhos e não apenas levá-los para a escola como os levamos para a casa da vovó e do vovô. A escola é necessária, importante, e toda criança possui o direito assegurado por lei de ser ensinada; a escola, porém, não é esse mar de rosas, e sim um local que pode servir de doutrinação de ideologias perniciosas à fé cristã e aos bons costumes. É necessário acompanhar de perto o que nossos filhos estão aprendendo nas escolas. É necessário verificar o material didático utilizado, pois esse é um papel fundamental da família na luta contra a ideologia de gênero.

Porém, infelizmente, muitas famílias não procedem assim, e o que mais chama atenção é o completo descaso das famílias quanto à ideologia de gênero. Uma pesquisa conduzida pela psicóloga Marisa Lobo, apresentada no seu livro *Famílias em perigo: O que todos devem saber sobre a ideologia de gênero*, demonstra uma triste realidade: muitos pais não sabem o que significa ideologia de gênero, a sigla LGBT e não conhecem o plano de educação escolar. Eles alegam, inclusive, que já ouviram ou se depararam com os assuntos nos materiais didáticos, porém não sabem do que se trata e, tampouco, sabem dialogar com seus filhos acerca dos temas. Pense como isso é grave! Pois o descaso das famílias é a porta de entrada para a cultura gay nos lares. A força da ideologia de gênero alimenta-se da ignorância da população quanto ao tema e especialmente à negligência da família em acompanhar o que as crianças estão aprendendo.

Não acompanhar o dia a dia da escola e dos conteúdos lá ensinados é abrir portas gigantescas para a ideologia de gênero. Muitos professores aproveitam de sua autoridade em sala de aula, onde os alunos são ouvintes passivos, para promover a cultura gay por meio de dinâmicas e trabalhos em sala de aula. São inúmeros os casos no Brasil — uma rápida pesquisa no Google pode constatar isso —, em que professores doutrinadores incentivam crianças de 6 ou 7 anos a manipularem preservativos, a escreverem sobre sexualidade, a lerem contos eróticos que falam de beijo gay e sexo homossexual, a descobrirem a sua própria sexualidade através do toque nas suas genitálias, além de outros pecados condenados biblicamente.

Uma atividade muito comum que professores estão realizando em salas de aula com crianças do primário é a troca de papéis masculinos e femininos, uma

evidente apologia à ideologia de gênero, em especial à homossexualidade. Na atividade extracurricular — assim alegam os professores para extrapolar o campo do saber e a determinação do currículo escolar —, os meninos precisam vestir-se como meninas, e as meninas como meninos. Os papéis são trocados, e o professor levanta questionamentos com crianças do ensino fundamental acerca dos papéis do gênero. Ensinam que gênero difere de sexo e que nada passa de cultura e imposição social. Há professores ainda mais ousados que passam filmes sob o pretexto de educação sexual, mas que são, na verdade, exposições pornográficas, de sexo explícito. Segundo Lobo (2016, p. 173), tais atividades e vídeos pornográficos “antecipam fases do desenvolvimento e desorganizam o ambiente escolar, desviando o foco dos estudos e produzindo conflitos”. Isso é muito grave, pois retira da criança seu bem mais precioso, que é a inocência, sem contar o fato de que coloca a moral e a cultura familiar em xeque ao expor as crianças a conteúdos não autorizados pelos pais.

E, caso você, leitor(a), não tenha mais filhos pequenos ou adolescentes para preocupar-se com tais assuntos, ou se seu filho já está crescido e em outra fase da vida, não se engane. Não pense que só porque seu filho é jovem que ele não precisa de suporte contra essas maldades aqui apresentadas. Pelo contrário, pois as universidades hoje no Brasil tornaram-se redutos esquerdistas do movimento gay. Muitas universidades estão engajadas em quebrar paradigmas morais com o pretexto de criar a consciência da diversidade — leia-se consciência gay —, porém estão fazendo apologia ao sexo livre, às drogas, à homossexualidade, bissexualidade, transexualidade e outras “modinhas” juvenis inventadas por ideólogos do gênero. Não é à toa que aproximadamente 70% dos jovens cristãos que entram no ensino superior abandonam a igreja. A pesquisa realizada pela Lifeway Research⁴⁸ demonstrou que o ambiente extremamente hostil à fé cristã e inundado de ideologias marxistas favorece o êxodo dos jovens cristãos da igreja.

Outros estudos demonstram o mesmo:

“[...] uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2010 identificou que aproximadamente apenas 40% dos jovens continuam na igreja depois da formatura [...]. Estudo idêntico realizado em 2006 por Steve Hernderson, presidente do Instituto Consulting for Colleges and Ministries, também demonstrou que na época algo em torno de 58% dos jovens cristãos norte-americanos se afastaram da igreja ao ingressar na universidade. Na época, a

pesquisa também foi aplicada dentro das universidades brasileiras e o resultado foi basicamente o mesmo” (NASCIMENTO, 2016, p. 15).

As universidades são locais propícios para a proliferação de pecados abomináveis aos olhos do Senhor Jesus. Com isso, não estamos incentivando você a tirar ou privar seu filho de frequentar uma universidade. Muito pelo contrário, pois ele deve preparar-se para a vida e, após formado, deve também entrar na luta pela família. O alerta aqui é para que você, pai ou mãe, esteja atento ao seu filho também enquanto jovem, e não apenas enquanto criança ou adolescente.

Devemos exercer nosso direito de educação dos filhos e não permitir que professores esquerdistas — sejam eles do ensino fundamental, médio ou superior — ensinem para nossos filhos aulas tendenciosas e de sexualidade explícita, pois tal conduta do professor é crime, punido pela justiça, conforme Art. 234 do Código Penal Brasileiro e Art. 240 e 241 do Estatuto da Criança e do Adolescente. Não aceite o caos como normal. É em casa que tais assuntos são ensinados, uma vez que cada família ensinará a sua prole os costumes e morais que dizem respeito a sua cultura e religião.

A casa deve ser a primeira escola da criança, e não o contrário. É em casa que a criança é educada e aprende a dizer “bom dia!”, “boa tarde!”, “desculpe!”; é onde também se aprende a ser honesto, pontual, não xingar. Já na escola, os professores devem ensinar: Português, Matemática, Geografia, Educação Física, etc.

A casa é a fonte formal de educação dos filhos, e não a escola. A escola ensina enquanto a família educa. É a família que provê a educação emocional e sexual, os valores morais e religiosos, os costumes e a cultura familiar. É em casa que os pais passam a seus filhos a educação afetivo-sexual, e não na escola. O professor não tem qualquer legalidade em ensinar a nossos filhos outra coisa senão as matérias básicas estabelecidas no seu plano de educação.

É hora de despertarmos da sonolência e começarmos a enxergar com seriedade esta batalha ideológica e espiritual. Nosso inimigo não está vacilando em serviço e tem conseguido grandes vitórias por meio da educação de crianças e adolescentes, alistando-as para a destruição das famílias e a abolição do

cristianismo.

Não se engane. A batalha é travada. O texto da epístola aos Efésios 6.11-13 é muito propício para entendermos a gravidade do momento em que estamos vivendo:

Vistam-se de toda a armadura de Deus, a fim de que possam permanecer a salvo das táticas e das artimanhas de satanás. Porque nós não estamos lutando contra gente feita de carne e sangue, mas contra pessoas sem corpo — os reis malignos do mundo invisível, esses poderosos seres satânicos e grandes príncipes malignos das trevas que governam este mundo; e contra um número tremendo de maus espíritos no mundo espiritual. Portanto, usem cada peça da armadura de Deus para resistir ao inimigo sempre que ele atacar e, quando tudo estiver acabado, vocês ainda estejam de pé (Bíblia Viva).

O apóstolo Pedro ainda nos alerta para estarmos alertas e vigilantes: “O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar (1 Pe 5.8 – NVI).

Apesar das intempéries, porém, devemos ter nossa esperança firmada em Cristo Jesus, pois é nEle que iremos barrar as armadilhas ideológicas de Satanás e salvar nossas famílias da perversão do homem mal. “Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo entendimento à obediência de Cristo” (2 Co 10.3-5).

Segunda lição acerca do papel de sua família: Devemos assumir o compromisso de educação dos filhos e não terceirizar para a igreja ou escola. A responsabilidade é nossa! Devemos assumir o papel protagonista

de instruir os filhos no caminho do Senhor, e, pela autoridade a nós concedida pelo Espírito Santo, devemos repelir toda e qualquer investida de Satanás contra nossa casa.

É uma garantia constitucional que os pais possuem de investigar, acompanhar e exigir que seus filhos sejam educados por seus princípios e moralidade e de acordo com os valores e crenças familiares, e não conforme as convicções de um professor doutrinador.

As Leis em Favor da Família

Até aqui, o livro tem deixado claro que os ensinamentos da ideologia de gênero são uma espécie de câncer que se alastrou na sociedade brasileira e que está infectando nossa educação, cultura, esporte, lazer, filosofia e até mesmo a igreja, pois já há igrejas “inclusivas”, que instruem os seus membros que homossexualidade, bissexualidade e transexualidade não são pecados, mas, sim, manifestações legítimas da vontade de Deus. Misericórdia! Como todo câncer, precisamos lutar contra a expansão do tumor.

A família como instituição divina, representante do desejo de Deus para a harmonia no lar, possui papel fundamental nesta luta. Por isso, elencaremos a seguir algumas leis brasileiras que podem contribuir com os pais na luta pela segurança psicológica e emocional de seus filhos. São leis que asseguram aos pais o direito da educação e da fiscalização do ensino público e privado.

1 – Os pais têm o direito a ter ciência do processo pedagógico, bem como de participar da definição das propostas educacionais (Art. 206, VI, da Constituição Federal de 88):

É garantia constitucional que a família tenha ciência de todo o processo pedagógico, desde o material escolar até à ministração das aulas. Os pais,

inclusive, podem participar da gestão escolar, direito garantido por lei, a qual define que “o ensino será ministrado com base na “gestão democrática do ensino público” (Art. 206, VI, da CF/88).

Sugestão prática:

A - Acompanhe semanalmente ou mensalmente, de acordo com o tempo disponível para tal, as ações desenvolvidas com os alunos nas escolas, desde festas, quermesses, gincanas e demais, pois nem sempre a ideologia de gênero entra pelas aulas, mas, sim, por atividades extracurriculares ministradas pela escola.

B - Sempre que for chamado(a) para reuniões escolares, nunca falte, pois é um momento propício para que sua voz seja ouvida. Quando isso acontecer, esteja preparado(a) em toda forma da lei para combater a ideologia de gênero durante a reunião escolar.

C - Participe das APP's (Associação de Pais e Professores), pois, por meio destas, poderá ter acesso mais direto e contato frequente com diretores e professores.

D - Em caso de desacordo com o conteúdo ministrado pela escola ou professor, questione a escola quanto ao mesmo e, caso nada seja feito, tenha ciência e liberdade de transferir seus filhos de escola, pois tal prerrogativa também é direito seu. Conforme Lima (2008), os pais possuem a garantia legal da escolha da instituição escolar em que seus filhos estudarão.

2 – Ver respeitados os valores culturais, artísticos e históricos; valores estes

próprios do contexto social de cada criança e adolescente de cada família.

“Ninguém será objeto de ingerências arbitrárias ou ilegais na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem de ataques ilegais à sua honra e reputação” (Art. 17 do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos).

O mesmo princípio, segundo Lobo (2016), é encontrado na Declaração Universal dos Direitos Humanos no Art. 12 (Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra e reputação. Contra tais intromissões ou ataques toda a pessoa tem direito à proteção da lei).

Também o Art. 17 do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) define que é “inviolável a integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente (...) abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças...”.

Até mesmo as programações midiáticas em território nacional deveriam seguir o mesmo princípio, o de respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família — o que infelizmente não acontece no Brasil. O Art. 221, IV, da Constituição Federal define tal segurança às famílias: “A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios: (...) IV — respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família”.

De acordo com as leis supracitadas, a família possui total respaldo legal para assegurar a seus filhos a transmissão da cultura e valores que lhes forem pertinentes, não cabendo ao professor, escola ou meios de comunicação interferirem em tais valores.

Sugestão prática:

A – Se a família perceber qualquer interferência da escola ou professor em qualquer questão cultural, moral ou religiosa acerca dos valores familiares, os

pais podem procurar a escola e manifestar sua insatisfação quanto à violação do direito garantido por força do Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos, o qual possui força de lei no Brasil.

3 – O Código Penal brasileiro (Art. 218-A), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Art. 78, 79 e 232), a Constituição Federal (Art. 21, XVI; 220 cc/ 221; 226 e 229) e até o Código de Defesa do Consumidor (Art. 37, parágrafo único) proíbem expressamente a apresentação de mensagens, imagens, vídeos ou áudios de cunho pornográfico, obsceno ou abusivos ao entendimento de crianças e adolescentes.

As leis acima apresentadas tratam de uma questão de respeito à cidadania, direitos humanos e democracia, e não apenas de segurança familiar ou mero moralismo religioso como os militantes da causa gay costumam dizer.

A família possui total respaldo para assegurar que seus filhos menores tenham a educação que lhes seja autorizada, e não aquela que o professor define ser necessária. Não é o professor que define a descoberta da sexualidade, tampouco a primeira relação sexual, e sim a família. Assim como qualquer profissional que respeita a sua profissão e segue um código de ética rigoroso para exercê-la, os professores também devem respeitar as leis vigentes ao exercerem a sua função de magistério em sala de aula ou em atividades na escola. Segundo o Procurador Guilherme Schelb, “é preciso reagir contra estes abusos em Políticas Públicas de Educação e em práticas pedagógicas ilegais em salas de aula” (SCHEL B, 2016).

Não podemos fechar os olhos ou atenuar uma grave verdade, de que muitos professores estão cometendo infrações penais no ambiente escolar com crianças inocentes e indefesas.

Porém, não são apenas os atos extracurriculares que extrapolam o limite do bom senso, mas também os materiais didáticos e paradidáticos que os alunos recebem. Esteja atento(a) a todo material que seus filhos recebem e também aos materiais que os professores solicitam comprar ou pesquisar. Por isso, é tão importante, conforme já frisado neste capítulo, o acompanhamento dos pais quanto ao dia a dia de seus filhos.

Sugestões práticas:

Conforme orientações do Procurador Guilherme Schelb, divulgadas no seu blog “Infância e Família”, os materiais didáticos ou livros para crianças e adolescentes menores de 14 anos de idade não podem conter:

1. Palavrões ou palavras chulas de cunho sexual; 2. Palavras como: “identidade de gênero” ou “ideologia de gênero”, ou “gênero” (no sentido de comportamentos sexuais adultos como, bissexualidade, transexualidade, homossexualidade, etc.). É bom frisar que não há nenhum preconceito à liberdade sexual de pessoas adultas. O abuso se configura quando se impõe a crianças conhecimentos complexos da sexualidade adulta em sala de aula e sem o conhecimento dos pais e mães. Além disto, ao negar a relevância do sexo biológico para a sexualidade, estas teorias se constituem manipulação abusiva do entendimento natural e biológico de pessoas em desenvolvimento. Por fim, é bom salientar que houve uma tentativa de incluir a ideologia de gênero como conteúdo no Plano Nacional de Educação, e o Congresso Nacional não aprovou a proposta. Obs.: Se a palavra “gênero” se referir a homem/mulher, há apenas impropriedade vocabular, sendo adequado falar em “sexo” (ver Lei nº 13.104/2015, lei do feminicídio); 3. Fotos ou descrição textual de órgãos genitais masculinos ou femininos, ainda que em desenho ou cartoon; 4. Fotos ou descrição textual de relação sexual heterossexual ou homossexual. Obs.: a exposição biológica do corpo humano é permitida, respeitada a idade apropriada; 5. Foto ou descrição textual de ato libidinoso heterossexual ou homossexual (coito anal, sexo oral, masturbação, toques íntimos no próprio corpo ou de alguém, beijos intensos e eróticos, etc.); 6. Foto ou descrição textual de bestialismo, incesto ou sexo grupal, ainda que em desenho ou cartoon; 7. Foto ou descrição textual de comportamentos sexuais adultos como: bissexualidade, transexualidade, homossexualidade ou travestismo.⁴⁹

No seu blog, o Procurador Guilherme Schelb sugere atitudes práticas caso a família perceba qualquer infração citada acima:

Primeiro: Apure se na escola de seus filhos ou na secretaria de educação de sua cidade estão ocorrendo aulas com conteúdo impróprio sobre sexualidade; Segundo: Confirmada a prática ilícita, colha o máximo de provas e documentos que comprovem o abuso: livros, cartilhas, vídeos, gravações em áudio ou vídeo e faça contato com um advogado; Terceiro: Mobilize famílias de alunos, professores honestos e a igreja para uma atuação coletiva; Quarto: Conheça as leis e decisões da justiça sobre o tema⁵⁰.

Outra defesa da família também é o envio de uma notificação extrajudicial à escola e/ou professor caso perceba a conduta ilícita do mesmo, pois, com a demonstração de força da sabedoria e ciência da família, muitos professores cessam suas atitudes criminosas com receio de questionamentos jurídicos. No blog “Infância e Família”,⁵¹ há disponível um modelo de notificação extrajudicial.

Por fim, e ainda mais importante que todos os pontos aqui colocados, não se esqueça da oração e súplica em favor de sua família, pois: “Se o Senhor não construir a casa, os pedreiros trabalham em vão. Se o Senhor não proteger a cidade, o trabalho dos guardas é completamente inútil” (Sl 127.1 – Palavra Viva).

Não podemos deixar de lado o melhor seguro familiar, que é a presença do Senhor Jesus em nossas casas. Conforme o texto do Salmo 127, é uma grande tolice guardar a família com toda a sorte de leis e instrumentos jurídicos se o Senhor não a guardar. Deus é nosso refúgio, fortaleza, aquEle que nos guarda no momento de dificuldade e angústia. Mesmo que os males do pecado queiram afogar-nos e lançar toda sorte de desgraça sobre nossas famílias, não devemos temer, pois Ele é Deus.

A mensagem de Deus a todos nós nas páginas deste livro é: “Aquietai-vos e sabeí que eu sou Deus; serei exaltado entre as nações; serei exaltado sobre a terra” (Sl 46.10).

⁴⁴ 58,3% dos pais acham que não passam tempo suficiente com sua família, diz pesquisa da Catho. Disponível em: <https://www.catho.com.br/institucional/2014/08/583-dos-pais-acha-que-nao-passa-tempo-suficiente-com-sua-familia-diz-pesquisa-da-catho-2/> Acesso em 05 nov. 2018

⁴⁵ A Catho é uma empresa de tecnologia que funciona como um classificado online de currículos e vagas com diversas ferramentas e soluções de recrutamento que ajudam os clientes na carreira e no mercado de trabalho.

⁴⁶ Pesquisa mostra que 12% dos pais são comprometidos com a educação dos filhos. EBC. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2014-11/pesquisa-mostra-que-12-dos-pais-sao-comprometidos-com-educacao-dos-filhos> Acesso em 06 nov. 2018.

⁴⁷ Significado de Moral. Disponível em: <https://www.significados.com.br/moral/> Acesso em: 23 set. 2018.

⁴⁸ Estudo constata que período de faculdade faz com que 70% dos jovens cristãos abandonem a igreja. Gospel Mais. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/estudo-faculdade-faz-jovens-abandonem-igreja-86337.html> Acesso em 14 nov. 2018.

⁴⁹ Orientações para a análise de materiais didáticos em temas da sexualidade. Infância e Família. Disponível em: <https://infanciaefamilia.com.br/orientacoes-para-a-analise-de-materiais-didaticos-em-temas-da-sexualidade/>. Acesso em 14 nov. 2018.

⁵⁰ Atitudes Práticas em Defesa da Infância. Infância e Família. Disponível em: <https://infanciaefamilia.com.br/atitudes-praticas-em-defesa-da-infancia/>. Acesso em 14 nov. 2018.

⁵¹ Modelo de Notificação Extrajudicial de Escolas. Infância e Família. Disponível em: <https://infanciaefamilia.com.br/modelo-de-notificacao->

[extrajudicial-de-escolas/](#)>. 14 nov. 2018.

CAPÍTULO 9

O PAPEL DA IGREJA

Estamos chegando aos capítulos finais do livro e, doravante, o conteúdo começa a ficar mais direto e confrontador, pois partimos do pressuposto de que as vendas foram retiradas e a nudez da inocência foi aterrorizada pelas artimanhas satânicas da ideologia de gênero aqui apresentadas. Neste capítulo em específico, trataremos com contundência a responsabilidade da Igreja do Senhor Jesus, pois não somos mais bebês-cristãos que dependem de leite para sobreviver (Hb 5.13), e sim homens e mulheres maduros e fortes para a batalha espiritual que nos espera (1 Co 13.11).

O objetivo deste capítulo é justamente criar um desconforto inicial para que, pela reflexão, possamos sair da zona de conforto e entrar no front da luta espiritual. Uma vez que o assunto é ideologia de gênero, precisamos entender que “não temos que lutar contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12). Essa batalha não é apenas no campo dos saberes científicos próprios das academias, mas, sim, uma luta constante e diária que invade até mesmo as ruas dos grandes centros brasileiros com marchas a favor e contra as atrocidades já mencionadas.

Conforme o Comentário Bíblico Beacon, “o inimigo a ser derrotado é o diabo e todos os seus exércitos de forças demoníacas do universo”, e não os homens em si; por isso, a luta é travada, difícil e constante. Paulo deixa claro que a guerra cristã não é empreendida contra forças humanas, porque ele diz que não temos que lutar “contra carne e sangue”. Lutar contra a ideologia de gênero é lutar contra todo o Inferno, pois ali estão concentradas as forças de Satanás para destruir toda a instituição de Deus. Por isso, o peso, a luta, inclusive na escrita desta obra, onde sentimos a opressão diabólica tentando impedir sua realização, visto que o inimigo conhece a importância deste trabalho para o Reino de Deus e a defesa de nossas famílias. Todavia, não desistimos mesmo com a opressão e a oposição, pois sabemos que esta obra tem papel relevante em propor aos cristãos

uma luta ideológica em favor das suas crenças.

Este livro é um chamado para a luta de nossos direitos. Para Wiersbe (2006), mais cedo ou mais tarde, todo cristão percebe que sua vida com Cristo é um campo de batalha, e não um parque de diversões, e que, se não contar com a ajuda do Senhor, o inimigo que tem diante de si é muito mais forte do que ele.

Vamos à luta então? Não podemos garantir uma luta fácil, mas, certamente, poderemos garantir a vitória, pois “se Deus é por nós, quem será contra nós”? (Rm 8.31).

Tempos Difíceis para a Igreja

A solução para essa bagunça não será fácil. Dormir é fácil, mas a vigilância tem um preço. Fundamentalmente, se a Igreja não quiser ser pega dormindo de novo, nós precisamos priorizar nossas atividades e dedicar mais recursos tanto para a educação como para o ativismo em defesa da vida. Esse trabalho não poderá ser apenas um hobby; ele requererá tudo de nós. No entanto, isso deve soar familiar aos cristãos. (Pe Frank Pavone – Priests for Life (Padres Pró-Vida)).

O texto acima, colocado propositadamente no início do tópico, possui uma verdade muito intensa acerca dos últimos acontecimentos da Igreja. Ele traz o alerta sobre a necessidade de vigilância e o preço que isso custará aos cristãos. “Dormir é fácil, mas a vigilância tem um preço”. E talvez não tenha existido na História da Igreja um tempo em que tão necessário foi a vigilância constante contra as astutas ciladas do Diabo.

No limiar da história, não houve uma época em que a Igreja sofreu tanta pressão demoníaca por parte das muitas instâncias da sociedade. Estamos ameaçados pelos governos, tribunais, escolas, faculdades, mídia, pelas elites culturais e, infelizmente, até mesmo por divisões dentro da própria igreja. São tempos diferentes em que a perseguição não vem por meio de espada e armas de fogo, mas, sim, de lutas ideológicas que minam a resistência da Igreja e destroem a

principal semente da criação de Deus, a família. Apesar de parecer contraditório, as perseguições sangrentas dos tempos apostólicos foram menos eficazes que a luta ideológica empreendida hoje.

O Dr. Tassos Lycurgo, ministrando em uma palestra⁵², demonstrou que a perseguição sofrida pela Igreja Primitiva é diferente da perseguição sofrida nos dias atuais, pois a batalha espiritual nos primeiros séculos da Igreja deu-se através de ataques centrais contra o cristianismo e àqueles que professavam sua fé. Pessoas morreram por amor ao evangelho, mas, ainda assim, o amor de Jesus Cristo foi cada vez mais propagado às pessoas. O efeito foi contrário ao que Satanás arquitetou, pois, conforme O Livro dos Mártires, para cada mártir, centenas de cristãos professavam sua fé em Jesus Cristo (FOX, 2014). A luta, portanto, era direcionada à carne, para que, pelo sofrimento, os cristãos pudessem abandonar a sua fé.

A estratégia de Satanás, entretanto, mudou. Atualmente, em países que gozam de liberdade religiosa, os ataques acontecem não por meio da espada, “contra a carne”, mas, sim, por meio da sedução da fé. As estratégias diabólicas despertam simpatia, desejo e interesse de cristãos aos prazeres da carne, principalmente nas novas gerações de crianças, adolescentes e jovens. Muitos cristãos confundem a liberdade que temos mediante o livre-arbítrio com libertinagem, excedendo o limite pernicioso da imoralidade. É cada vez maior o número de jovens que defendem uma vida libertina utilizando-se de pretextos teológicos, que mais buscam validar sua decadência moral e espiritual. Paulo já alertara para esse terrível mal: “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor” (Gl 5.13 – NVI).

Dessa forma, a diferença da perseguição sangrenta e da perseguição ideológica é a negligência e a perda da fé, visto que muitos cristãos não possuem consciência crítica da força destrutiva da sedução. A perseguição sangrenta repelia os cristãos, mas, na prática, encorajava-os a continuar firmes em Jesus. Porém, com a perseguição ideológica, os cristãos estão vivendo suas vidas ludibriadas por Satanás, caminhando para o precipício do pecado sem ao menos enxergar o caminho. Conforme dito, nos primeiros séculos da fé cristã, a luta era direcionada à carne para que, por meio do sofrimento físico, os cristãos abandonassem a fé. Entretanto, hoje, a estratégia mudou, e a luta é direcionada à fé para que, por meio da ausência de fé, a carne seja contaminada pelo pecado. Antes, o alvo era o sofrimento do corpo; porém, com a ineficácia do plano,

Satanás agora enche a carne de prazeres mundanos para que a fé seja corrompida por meio dessa malévola estratégia. Os cristãos não são mais perseguidos com espadas, porém são diariamente tentados com os deleites da carne. Perceba que a tática utilizada por Satanás não é mais a caçada aos cristãos, e sim a atração por meio de pequenos pecados que, conforme a fala de muitos cristãos, “não tem nada de mais”.

Tal estratégia de Satanás, utilizada durante longos anos da História da Igreja, com o intuito de engodar os olhos do homem com pecados e mais pecados, produziu o momento atual da Igreja no Brasil, um momento em que possuímos lindos templos, bandas e gigantescos congressos, porém com crentes com pouca ou mesmo sem nenhuma fé. São cristãos que se assemelham aos fariseus da época de Jesus; pessoas que sabem tudo de Bíblia, porém não a praticam.

O grande ensinador e pastor Antonio Gilberto (in memoriam), na sua obra Daniel e Apocalipse, corrobora essa visão em apresentar os sete tempos da Igreja na terra. Para o autor, o último tempo da Igreja é o mais danoso, um tempo em que a Igreja assemelha-se às características da Igreja de Laodiceia, uma igreja prepotente e orgulhosa de si mesmo, que erroneamente pensa estar viva, porém está com o espírito em processo de morte (GILBERTO, 2014). Tal igreja alega não precisar de nada, porém Cristo declara que ela é desgraçada, e miserável, e pobre, e cega, e nua (ver Ap 3.17).

O pastor Antonio Gilberto ainda menciona que, na Igreja Primitiva, os cristãos sofriam na carne, mas perseveravam no espírito, enquanto que, na Igreja hodierna, a Igreja de Laodiceia, a carne está enriquecida, satisfeita e acomodada, porém sofre no espírito, e esse é o pior dos males, a mais terrível consequência do pecado, a morte espiritual pela ausência da fé.

Tudo o que Satanás mais deseja na sua existência é ver tal quadro da Igreja, pois, diante de tempos difíceis como este, suas ideologias perniciosas ganham força e espaço até mesmo dentro do cristianismo. Perguntas como “por que a ideologia de gênero ganhou tanto espaço no Brasil?” são respondidas facilmente devido esta doença crônica: a morte espiritual de muitos cristãos frente aos desejos da carne. Diante de uma igreja calada, o mal prevalece. Diante de uma igreja que imita a conduta e os costumes deste mundo (Rm 12.2), é inevitável que a ideologia de gênero avance a toda força em todas as instâncias da sociedade.

É facilmente constatada a dificuldade do tempo em que vivemos, tempos

difíceis. Porém, não é tempo para vivermos de lamentações. Se fôssemos elencar aqui os problemas da igreja hodierna, precisaríamos de alguns capítulos. Não devemos, portanto, cruzar os braços e reclamar das circunstâncias. É tempo de entrar na batalha espiritual e lutar pelas doutrinas bíblicas que nosso mestre Jesus ensinou.

A igreja já está repleta de pessoas negativas que reclamam até mesmo de sua existência. Devemos, então, fazer a diferença em busca de soluções para os problemas. Sempre haverá aqueles que enxergam dificuldades em meio às circunstâncias da vida, em meio às promessas de Deus, assim como os dez espias enviados a Canaã (Nm 13). Devemos, porém, ser semelhantes a Josué e Calebe, crendo nos projetos de Deus, não duvidando dos planos do Altíssimo.

Uma Batalha Espiritual contra a Ideologia de Gênero

Neste tópico, primeiramente necessitamos esclarecer que o termo “batalha espiritual” não é encontrado na Bíblia; contudo, não deixa de ser um tema extremamente importante e preocupante. Ideologia de gênero também não está na Bíblia, porém é um tema urgente a ser discutido.

Batalha espiritual é uma expressão teológica prática para demonstrar o conflito da vida cristã. Em especial apreço a este tópico é o conflito que travamos contra as artimanhas de Satanás através da ideologia de gênero. Para Mark Hitchcock⁵³, a batalha espiritual que estamos enfrentando hoje é uma luta épica contra Satanás e seus anjos, contra os principados e as potestades. Ela está sendo travada diariamente onde vivemos — em nosso lar, nosso escritório, nosso casamento, nossa igreja e no íntimo de nosso coração.

Para o pastor Billy Graham (in memoriam), na sua obra *Anjos: os Agentes Secretos de Deus*, as guerras entre nações são como brincadeira de criança, brincadeiras com armas de brinquedo comparadas à agressividade das batalhas espirituais que são travadas diariamente (GRAHAM, 1999). Conforme a obra, os últimos tempos são mais tenebrosos, pois as armas de Satanás estão voltadas com mais afinco às famílias, as quais representam o futuro da Igreja. Para o autor, a Igreja é o mais importante mecanismo de defesa contra os ataques

satânicos, pois, como instituição de Deus na terra, tem a responsabilidade de salvar os cristãos.

Permita-nos um parêntese para esclarecer que o objetivo deste tópico não é aprofundar a discussão sobre batalha espiritual, e sim trazer reflexões de como vencer tal batalha. Nosso objetivo não é produzir uma obra que informa apenas o caos sem apontar saídas. As prateleiras das livrarias cristãs estão cheias de obras que apenas criticam a Igreja e a família sem, contudo, apresentarem sugestões de melhorias, e nosso foco aqui é ajudar, e não aterrorizar. Com isso, a pergunta de “1 milhão de dólares” é: “De que forma a Igreja conseguirá êxito na sua responsabilidade de cuidar de nossas famílias em tempos de batalha espiritual?”.

A resposta já foi oferecida pelo pastor Antonio Gilberto, quando corretamente apresentou a Igreja de Laodiceia correlacionada à igreja de hoje, uma igreja rica, com grandes templos, moderna, contudo morta espiritualmente. É nesse trecho bíblico que encontramos as respostas para vencermos a batalha espiritual contra a ideologia de gênero.

O conselho de Jesus Cristo foi para que Laodiceia extirpasse a religiosidade de seu seio e pusesse o amor, trazendo novamente a espiritualidade plena ao centro de suas atividades. A mensagem do Mestre foi uma convocação urgente ao fervor espiritual. Cristo demonstra que Ele era suficiente para sanar os problemas daquela igreja. E hoje não é diferente, pois, do mesmo modo, precisamos, como Igreja do Senhor Jesus, aprender com os erros de Laodiceia e voltar ao evangelho genuíno, deixando de lado a religiosidade farisaica que invade muitas igrejas atualmente. Assim como em Laodiceia, Cristo é suficiente para a igreja atual vencer a batalha contra os ideólogos do gênero.

É urgente que vençamos a religiosidade que nos acorrenta, pois nossa luta não está apenas dentro de nossos lindos templos, mas, sim, nos tribunais, nas casas legislativas, escolas, universidades e, principalmente, nas ruas. Devemos ser uma igreja relevante assim como foi a Igreja Primitiva, que não se acomodou e tampouco parou diante das perseguições. Não somos um clã de pessoas reunidas como em uma espécie de clube de férias, mas, sim, o Corpo vivo de Cristo, atuante na defesa do evangelho, assim como nos ensinou o apóstolo Paulo, que combateu os erros e pecados das igrejas nas cartas que escrevia.

Entenda que oração, jejum e meditação na Palavra de Deus não farão sentido algum se não forem feitos com o coração voltado ao Senhor. Jesus denunciou os

fariseus de sua época, pois eles eram justamente os que mais oravam, jejuavam e meditavam nas Escrituras, porém faltava-lhes o mais importante: a vida. “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia” (Mt 23.27). A religiosidade é o primeiro inimigo interior que precisamos vencer, assim como Laodiceia, para avançar na luta contra a ideologia de gênero.

A religiosidade é um câncer, pois retira a força espiritual do cristão e, no seu lugar, insere o excesso de atividades eclesiais. Perceba que estar na igreja todos os dias não é o suficiente para uma vida espiritual plena. Estar envolvido em todos os departamentos eclesiais não é garantia de intimidade com Deus. Tudo isso apenas demonstra comprometimento com a igreja local, porém não revela vida espiritual. A religiosidade precisa ser transposta para que haja vida, pois o próprio Mestre afirmou que os religiosos estão “interiormente cheios de ossos de mortos e de toda imundícia”.

Uma vez a religiosidade sendo vencida, a Igreja obterá maior força espiritual para entrar nessa guerra, pois, declaradamente, o movimento gay e a militância esquerdista declararam guerra contra a cultura cristã. Eles querem varrer-nos de todas as instituições públicas e encurralar-nos em quatro paredes fechadas e isoladas acusticamente para não importunarmos ninguém. É isso mesmo que permitiremos? Estamos em um momento decisivo de nossa história, e a bandeira do evangelho precisa ser alçada em todos os cantos desta nação, sem medo, sem vergonha, com fé e esperança que o bem triunfará sobre o mal.

Se nos calarmos, “vamos permitir que toda a base do evangelho seja destruída, porque salvação exige arrependimento dos pecados, e com o arrependimento vem o perdão. Porém, se o mal for chamado de ‘bem’, e, se não houver confissão de pecado, como haverá salvação?” (Sheldon, 2012). É alarmante pensar que, se o pecado deixar de ser pecado para a humanidade, não haverá mais arrependimento e, conseqüentemente, não haverá salvação. E essa é a batalha espiritual empreendida pelo inimigo de nossas almas, uma luta no campo da fé, e não do corpo, como na Igreja Primitiva.

A batalha espiritual da fé evidencia-se pela luta do Diabo em colocar incredulidade no coração das pessoas, uma vez que, com o desaparecimento da fé, não haverá arrependimento, não haverá salvação. Essa é uma batalha de todos, desde crianças até pastores, pois a fé é nosso fundamento da salvação. A

fé também é o fundamento que nos faz lutar contra as estratégias de Satanás, como em oposição à ideologia de gênero. Perceba que a fé é a base de todo o evangelho, pois sem fé é impossível agradar a Deus (ver Hb 11.6).

É tempo de a Igreja despertar do sono fácil, conforme já conclamado pelo Pe. Frank Pavone, e estar pronta para a vigilância constante. É tempo de lutarmos por nossa fé. É tempo de lutarmos com todas as ferramentas que temos para vencer a batalha espiritual contra os ideólogos do gênero.

Por fim, devemos apegar-nos a Jesus Cristo cada vez mais intensamente por meio de uma vida de oração, jejum, intimidade com Deus e, principalmente, através da Palavra do Senhor, como nosso manual de vida, regra de fé e caminho para salvação, mesmo vivendo num mundo tão tenebroso. Dessa forma, estaremos aptos a lutar esta batalha espiritual contra a ideologia de gênero que nos está proposta, na qual devemos utilizar as armas que nos foram conferidas por Cristo (Ef 6.10-18).

A Responsabilidade da Liderança Cristã

Passagens bíblicas como a de 2 Coríntios 6.15 (“E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel?”) e de Salmos 97.10 (“Vós que amais ao SENHOR, aborrecei o mal [...]”) demonstram o extremo compromisso do cristão de apartar-se de práticas malignas. Em especial, tais passagens demonstram como deve ser a prática da liderança cristã, desde líderes de departamentos até pastores das maiores cidades do Brasil, devendo todos se apartar do mal. A liderança eclesial possui uma responsabilidade que transcende não apenas o afastamento do pecado como condição de vida, mas também o encargo da instrução do povo de Deus quanto a essa importante prática.

Não à toa, o apóstolo Paulo, preocupado com a instrução da igreja que havia plantado em Éfeso, manda chamar os presbíteros até Mileto para passar-lhes instruções valiosas acerca dos últimos acontecimentos após sua partida. Segundo o Comentário Bíblico Beacon, o apóstolo Paulo “ficou preocupado em providenciar para que os anciãos da igreja fossem orientados a preservar uma

elevada pureza de doutrina e conduta dos cristãos efésios”⁵⁴; e tão eficaz foi a estratégia do apóstolo que o “Dr. Cell, da Boston University School of Theology, costumava dizer que, no segundo século, tudo que fosse determinado por Roma e pelas igrejas da Ásia Menor era considerado como da mais alta autoridade pela igreja em geral”⁵⁵, ou seja, a preocupação de Paulo em instruir os líderes da igreja em Éfeso resultou numa igreja bem fundada na Palavra do Senhor Jesus, madura nas suas decisões e, conseqüentemente, referência para outras igrejas de sua época.

O apóstolo Paulo ensina-nos que, quando o líder manifesta preocupação com o futuro da igreja quanto a sua doutrina e ensinamentos, há sustentação, tornando-a referência. Um líder, quando preocupado com o rebanho que Deus colocou nas suas mãos, sendo ele ativo e esmerado no seu propósito de pastorear ovelhas, age de maneira que assegure às futuras gerações uma igreja firmada na Palavra com o seu discurso cristocêntrico. Assim como Paulo, devemos viver o evangelho hoje, porém pensando no futuro, no amanhã, onde nossos filhos e netos estarão prosseguindo em difundir a gloriosa mensagem do evangelho de Jesus Cristo.

Enquanto líderes chamados por Deus para o pastoreio e cuidado do rebanho, devemos ficar tão preocupados quanto Paulo com relação à instrução e cuidado com as ovelhas do Pai Celestial. Assim como Davi não permitiu que um leão devorasse as ovelhas de seu pai, também devemos, nós, líderes cristãos, livrar as ovelhas da boca voraz de lobos e leões, que muitas vezes chegam disfarçados de ovelhas, mas são lobos em pele de cordeiro. A história de Davi é paralela e profética para nossa liderança hoje, em que Davi não estava apenas lutando contra animais ferozes, mas, sim, cuidando das ovelhas de seu pai.

Esta é nossa responsabilidade enquanto líderes atualmente: livrar as ovelhas do Pai dos ataques ferozes de Satanás e, também, das sutis seduções que ele utiliza na modernidade. E o disfarce de lobo disfarçado de ovelha é manifesto em muitos pecados que não possuem um rótulo testificando seu mal ou, então, uma bula alertando sobre os efeitos colaterais, mas estão mascarados em ideologias perniciosas. Assim como a ideologia de gênero, que se apresenta de maneira muito educativa, por vezes com senso de justiça, em outras de forma lúdica, com o falso discurso do respeito e amor sob o manto da tolerância, mas que pune qualquer pessoa que ousa discordar de sua cosmovisão e, principalmente, trazendo efeitos nefastos para a família e a igreja.

Pode parecer repetitivo, porém é um reforço positivo: líderes precisam estar cada vez mais preparados para a batalha espiritual que a ideologia de gênero impõe-nos diariamente. Devemos estar preparados com todas as armas celestiais contra as hostes infernais, para que essa batalha seja vencida pelo poder sobrenatural que há em Cristo Jesus. E, mais do que nunca, a igreja necessita de líderes comprometidos com a defesa do evangelho. Não podemos cruzar os braços e esperar o fim dos tempos com um olhar fatalista, mas com o olhar de amor, com atitudes evangelísticas, que nos foram ensinadas por Jesus na grande comissão (Mt 28.16-20).

A mensagem deste livro conclama a todos para saírem de frente de seus televisores e monitores onde apenas reclamam dos acontecimentos dizendo: “Misericórdia! Onde é que isso vai parar?! Ah, no meu tempo não era assim!” e outras palavras de desesperança que em nada contribuem para a luta contra esse terrível mal. É tempo de usarmos nossas redes sociais para abençoar as pessoas e lutar por nossas doutrinas, e não fazer uso de xingamentos alheios com o falso pretexto de defesa. Todos fazemos parte desta batalha, e devemos agir cada qual em sua função no Reino de Deus.

Um artigo do reverendo Hernandes Dias Lopes é muito propício para corroborar a importância de líderes comprometidos com a defesa do evangelho, líderes preocupados com o crescimento saudável da igreja. No artigo intitulado O barulho dos ímpios e o silêncio dos piedosos⁵⁶, o autor constrói sua ideia com base na estrutura lógica deste capítulo. Ele primeiro afirma que a Igreja vive um tempo difícil, principalmente pela árdua batalha espiritual que enfrenta atualmente. Em seguida, ele constrói o seu discurso dizendo que “o povo de Deus não pode ser vencido pelo mal, mas deve vencer o mal com o bem. O povo de Deus não pode acovardar-se diante da arrogância do mal, mas deve erguer sua voz em defesa do bem. O barulho dos ímpios não pode silenciar os piedosos”!

Os piedosos não podem ser silenciados. A igreja necessita urgentemente ser mais ativa em determinadas discussões, especialmente quanto à ideologia de gênero.

É preciso uma reflexão de toda a liderança da igreja, desde convenções até igrejas locais, quanto a nosso papel enquanto defensores do evangelho. É tempo de olhar no espelho e parar de questionar ou indagar a Deus o porquê dos acontecimentos. Todos temos uma inclinação ao questionamento, inclusive sobre o assunto ideologia de gênero. Prova disso é que encontramos pela Internet muitos materiais de denúncia, reclamação, lamentações e pouco conteúdo sobre

o que fazer. Sabemos que os tempos são ruins, mas, assim como Neemias, devemos parar de rezingar e trabalhar em benefício do Reino de Deus, pois as gerações futuras necessitam de nosso otimismo e da força do evangelho, e não de uma geração saudosista que apenas pragueja de seu tempo.

É preciso descortinar a ideologia de gênero nas igrejas. É nosso dever fomentar na igreja o debate de ideias, pois, se não instruímos nosso rebanho quanto aos assuntos perniciosos da ideologia de gênero, quem o fará? A Televisão? A Internet?

É indispensável que a Igreja tome conhecimento do momento histórico que estamos vivendo, pois muitos cristãos estão longe do front de batalha, distantes da verdadeira guerra ideológica e, por consequência, tornam-se presas fáceis, pois, conforme a Bíblia Sagrada assevera, a falta de conhecimento traz destruição (ver Os 4.6). A Igreja necessita conhecer as maldades cometidas com nossas crianças, e a forma mais eficaz de fazer isso é descortinando o assunto.

Você, pastor, já conversou com sua igreja sobre esse tema? Ou será que essa temática não entra no púlpito de sua igreja? Certa vez, um pastor alegou que não abriria o púlpito de sua igreja para assuntos relacionados à sexualidade, à homossexualidade e à ideologia de gênero. Rapidamente, ele foi indagado por outro colega pastor que lhe questionou: “O engraçado é que o apóstolo Paulo trata desses assuntos nas suas cartas, que são inspiradas por Deus por intermédio do Espírito Santo, mas você não! Você não abre seu púlpito para assuntos que a Bíblia destina inúmeras páginas em muitos livros. É, no mínimo, contraditório um pastor dizer que não permite que sejam pregados temas bíblicos na igreja em que ele pastoreia”.

As colocações revelam-nos algo muito profundo, que, enquanto líderes, não podemos calar-nos e, principalmente, fraquejar no importantíssimo papel de recrutar defensores da “Teologia de Gênesis”, em contraponto à ideologia de gênero. Precisamos treinar nossas famílias para a defesa de suas crenças; do contrário, não teremos igreja daqui a alguns anos ou séculos. Se não quisermos perder nossa liberdade religiosa, devemos agir agora mesmo, pois, conforme já revelou o reverendo Louis P. Sheldon: “Pode ter certeza de que aqueles que não lutam por sua liberdade estão destinados a perdê-la”.

Por isso, a frase “o barulho dos ímpios não pode silenciar os piedosos” é profundamente emblemática. Essa frase é de uma profundidade inexplicável,

pois exprime com muita propriedade o momento atual da luta travada entre a Igreja e a ideologia de gênero. Infelizmente, pelo medo da opinião pública, medo do politicamente correto e do linchamento que a patrulha militante promove diariamente a quem manifesta opinião contrária, muitos líderes cristãos estão calados diante de tantas atrocidades; estão calados diante de tamanho mal cometido a nossas crianças e adolescentes através da ideologia de gênero. E o pior é que calam a igreja que pastoreiam quando negam a urgência do assunto.

É tempo de lutar — não com armas nas mãos, mas, sim, com as armas celestiais que Cristo já nos presenteou. É tempo também de lutar nas esferas públicas e privadas em favor da família e da igreja. Essa batalha é profundamente espiritual, porém transcende o mundo espiritual e chega ao mundo físico. Essa batalha é travada na rua, nas escolas, nas esferas jurídicas, etc.; por isso, a igreja, através de sua liderança, necessita também de atuações reais e pragmáticas. Devemos transpor o discurso para contrapor as armadilhas de Satanás. Devemos orar, jejuar, buscar a Deus em favor da Igreja e da família, porém também precisamos agir no universo físico. Deus pode operar o milagre através da intercessão sim, evidentemente, e devemos orar sem cessar (ver 1 Ts 5.17), mas não serão os anjos que descerão dos céus para lutar contra a ideologia de gênero, e sim todos nós, cristãos, pais, líderes, mulheres e homens cheios de Deus, manifestando a graça e a força do Espírito Santo em todos os locais.

Em suma, todos devemos ser líderes mais relevantes, líderes que influenciam estrategicamente as igrejas e também as cidades — por que não? Deus confiou-nos o poder do Espírito Santo para mudar a realidade social em que vivemos. É chegado o tempo em que nossa liderança cristã fará a diferença em todas as dimensões sociais possíveis através de uma igreja forte e cheia de graça.

No livro *Envisionar*, publicado pela CIADESCP⁵⁷, um dos ensinamentos extraídos demonstra que devemos ser líderes comprometidos em fomentar uma igreja mais relevante, preocupada não apenas com as quatro paredes do templo e com a temperatura do ar-condicionado, mas, sim, com questões que transcendem o território da igreja e avançam aos territórios sociais, políticos e econômicos. Segundo a obra, líderes comprometidos com o crescimento genuíno da igreja precisam atentar-se não apenas ao seu universo eclesial, como também a todos os campos que envolvem a vida cristã.

O autor, o pastor Linderson Teixeira, demonstra que uma igreja relevante necessita “ter projetos em relação à cidade em que a igreja está plantada”. Para

ele, assim como Jesus foi relevante para as cidades, a igreja motivada por lideranças eficazes também deve ser relevante. Jesus atuou em todas as camadas sociais, da prostituta ao fariseu, do leproso ao levita. Paulo também demonstra que devemos ocupar todos os espaços sociais, pois o apóstolo ministrou desde praças públicas a sinagogas e até mesmo no areópago, o supremo tribunal ateniense, lugar onde se cuidava de assuntos como educação, política e ciências.

Se Paulo ministrou no Areópago, por que muitos pastores pensam que os territórios da igreja devem limitar-se às quatro paredes do templo? Não há limites para a mensagem da cruz.

Assim como Jesus e Paulo, uma liderança relevante possui projetos que alcancem esses espaços, pois o evangelho transcende barreiras sociais e culturais para proporcionar graça, amor e esperança.

Vejamos, então, como pôr tudo isso em prática. Como ser um líder relevante no combate à ideologia de gênero e, principalmente, como conduzir sua igreja a tornar-se relevante em sua cidade, estado e país.

A seguir, elencaremos sugestões extremamente práticas de como atuar com ousadia nesta batalha.

Ações de uma Igreja Relevante Frente à Ideologia de Gênero

Frente a todo conteúdo já exposto nesta obra, é possível perceber que a igreja não está envolta em uma bolha, isolada dos acontecimentos mundiais; pelo contrário, a igreja faz parte deste mundo apesar de não pertencer a ele (Jo 17.11-14). Foi o próprio Mestre que nos enviou ao mundo: “Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os envie ao mundo” (v. 18); Ele pediu nosso

livramento a Deus (v. 15), e ainda orou não somente “por estes [discípulos], mas também por aqueles [nós] que, pela sua palavra, hão de crer em mim” (v. 20).

Com esse texto, é possível compreender que o local da Igreja é no mundo, pois foi para este que nos enviou Jesus. A Igreja não é um clã isolado, como se fosse uma espécie de reserva indígena intocável; muito opostamente a isso, a Igreja é um organismo vivo, enviado ao mundo para fazer a diferença mediante sua relevância. Prova disso é o sermão do monte, onde Jesus ensina-nos que devemos ser sal da terra e luz do mundo:

Vós sois o sal da terra; e, se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas, no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus (Mt 5.13-16).

Dessa forma, podemos perceber que é o desejo do coração de Deus que a Igreja esteja intimamente ligada com a sociedade e com questões que envolvem o dia a dia do mundo, pois, assim como o sal não deve perder o seu sabor, nem a luz ser colocada em baixo de um recipiente (alqueire), assim é a Igreja, que não pode iluminar apenas as quatro paredes de seu lindo templo.

Vamos, portanto, à prática de qual é o papel da Igreja frente à ideologia de gênero:

SESSÃO 1 – FOMENTAR E FORTALECER O CASAMENTO

Sheldon (2016), no seu livro *A Estratégia*, aborda com muita perspicácia o fato indiscutível que a principal arma do cristianismo contra a cultura gay e a

ideologia de gênero é a família. Famílias bem estruturadas, resolvidas emocionalmente, famílias que lidam com suas diferenças; essa é a maior arma da igreja contra a cultura esquerdista. Aliás, não é à toa que a militância marxista busca justamente a desintegração da família, pois tal militância entende aquilo que muitas igrejas ainda não entenderam: que a família é a única forma de luta contra a ideologia de gênero.

Dessa maneira, esta primeira sessão busca especificamente trazer reflexão acerca do papel da Igreja como promotora do casamento monogâmico e da família. A igreja é a principal responsável pelo equilíbrio social da família, e, para tanto, devemos focar nossas energias nessa instituição que nasceu no coração de Deus.

1 – Fomentar o casamento nacionalmente

Esse é um dos pilares do trabalho de prevenção que a igreja necessita realizar para frear o crescimento dos adeptos da ideologia de gênero, pois, uma vez que a igreja lançar sobre a sociedade uma maciça campanha de fortalecimento do casamento, as bases do movimento gayzista começarão a ruir. O casamento é o antídoto para o câncer ideológico que invadiu nossa sociedade. E a igreja precisa agir. A frase de Sheldon exprime com extrema profundidade esse papel relevante da igreja frente ao problema: “Se a igreja deseja evitar os desastres que advêm desse tipo perigoso de mudança na ordem social e moral, precisamos fortalecer o casamento tradicional e promover os valores das famílias fortes em nossas escolas, igrejas e lares” (Sheldon, 2016).

E, para atingir essa meta, deixamos aqui registrada nossa sugestão para que os ministérios locais de igrejas, as convenções de ministros e as igrejas das mais variadas confissões de fé e linhas teológicas — façamos isso porque, enquanto muitos estão discutindo Calvino e Armínio, nossas crianças estão morrendo — devem organizar-se para fomentar a cultura do casamento monogâmico entre homem e mulher. É o casamento monogâmico heterossexual e a família tradicional o principal antídoto para o terrível veneno destilado na sociedade pelos ideólogos do gênero.

Promova na igreja palestras, seminários, congressos da família, retiros e demais atividades que estimulem as famílias a buscar a excelência matrimonial e

familiar. A igreja não pode omitir-se dessa responsabilidade. É preciso um investimento maciço na fundamentação da família. Aliás, permita-nos aqui uma reflexão: por três vezes, Jesus disse ao apóstolo Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21.15-17). E, por meio da insistência de Jesus, percebemos a preocupação do Mestre em ver suas ovelhas bem cuidadas e bem apascentadas após sua partida. Perceba que essa é a mais sublime tarefa que uma pessoa pode receber: apascentar as ovelhas do Pai. Não há nada mais glorioso na terra do que pastorear pessoas, porém, e infelizmente, muitos líderes estão apascentando templos, e não pessoas, carreiras ministeriais, e não pessoas.

Nossa reflexão é para que o cuidado para com as pessoas venha antes dos templos e, com isso, as estratégias da igreja sejam mais voltadas ao rebanho do que à melhoria física dos templos. Não que o pastor não possa preocupar-se com a melhoria do templo; muito pelo contrário! O templo necessita ser o mais lindo possível, mas nossa força e energia para a construção de templos devem ser canalizadas, do mesmo modo, para o atendimento de pessoas e suas necessidades mais básicas, assim como a Igreja Primitiva narrada no livro de Atos dos Apóstolos.

Por isso, o reforço. Invista nas famílias. Tenha estratégias voltadas aos adolescentes e jovens de sua igreja para fomentar o casamento monogâmico heterossexual e a instituição de famílias, pois estaremos “tapando o sol com a peneira” se apenas lutarmos contra a ideologia de gênero sem fomentar o fortalecimento das famílias de nossas igrejas e também da sociedade a qual nos inseriu Deus.

2 – A igreja deve utilizar toda plataforma disponível

Não apenas na igreja, mas todas as plataformas de comunicação que convenções e igrejas possuem devem ser utilizadas como meio de propagar o casamento monogâmico heterossexual e a família tradicional.

A estratégia da militância gay, conforme já exposto no capítulo 4, é massificar a cultura gay na sociedade mediante a extensiva participação em todos os canais de comunicação e toda plataforma digital possível. A ideia é dessensibilizar a

aversão ao universo gay e, assim, encontrar apoio e arregimentar militantes. E por que estamos calados? Muitas igrejas estão preocupadas em divulgar suas programações, buscando, dessa forma, mais pessoas para seus templos, porém são poucos os que investem na defesa da família.

A proposta apresentada aqui é relativamente simples. Utilize programas de rádio, televisão, jornais, revistas, livros, periódicos, redes sociais, plataformas on-demand, transmissões ao vivo e mais centenas de publicidades possíveis, utilizadas pelas igrejas para a defesa da família através do fomento do casamento. É urgente que a igreja promova ostensivamente uma campanha em prol do casamento em todas as instâncias da sociedade, pois as novelas, filmes e seriados fazem o contrário há décadas. Cada vez mais expõem com normalidade a homossexualidade, transgêneros, a traição, as uniões poligâmicas e outros pecados condenados veementemente pela Bíblia, enquanto que a igreja cala-se diante desse tema.

É tempo de promover campanhas nacionais, estaduais, municipais, nos bairros, para incentivar e fortalecer o casamento, desde peças publicitárias em mídias digitais e impressas até spots para rádios. Tais estratégias não possuem resultados a curto prazo, porém, a longo prazo, os resultados serão colhidos através de casamentos mais fortes, duradouros e felizes.

3 – Promover o casamento por meio das artes, teatros, musicais e cantatas

Independentemente de a cidade ser grande como São Paulo (SP), maior cidade do país, com aproximadamente 12,1 milhões de pessoas, ou ser pequena, como Serra da Saudade (MG), com apenas 786 habitantes⁵⁸, o fato é que se produz pouca arte e cultura em favor da família no Brasil. São raras as telas pintadas, peças teatrais, musicais, cantatas, filmes, séries e até mesmo documentários que abordam o tema em questão, o fortalecimento da família. Quando tais produções são feitas nos templos, são, no máximo, com pouco ou quase nada de recursos aplicados, e o público não passa de membros da igreja local.

É tempo, ou melhor, já passou do tempo de a igreja brasileira fomentar a produção cultural não apenas em livros e periódicos, conforme exposto acima, mas também nas artes e cultura. Reclamamos muito de exposições como, por

exemplo, no caso do MAM (Museu de Arte Moderna) e do Santander, porém pouco fazemos para ocupar esses espaços. A igreja não pode omitir-se em difundir a cultura cristã do casamento, pois esta também é uma forma de evangelização e transmissão do amor do Mestre Jesus.

Incentive a produção de teatros, musicais, cantatas e demais produções artísticas para a promoção da família em sua igreja. Que esses eventos sejam mais frequentes, e não apenas em épocas de Natal ou Páscoa. Tais ações não são pecados! Aproveite a mão de obra de sua igreja através dos jovens e adolescentes, que possuem recursos intelectuais valiosos para essas atividades. Investigue em sua igreja local pessoas que fazem cursos de teatro, artes cênicas, pinturas, desenhos, etc., e massifique em sua cidade essa bandeira.

Uma dica: cantatas e musicais são mais complexas e demandam maior investimento, porém trazem resultados fantásticos para a igreja local. Procure um espaço público e planeje a longo prazo algo dessa natureza e chame toda a sociedade para o espetáculo. O nome do Senhor Jesus será glorificado, e a igreja ainda hasteará a bandeira da família patriarcal e do casamento monogâmico.

4 – Institucionalizar a família no seio da igreja

Muitas igrejas já possuem um departamento institucionalizado de família, porém outras muitas ainda não. É necessário ter um departamento da família na igreja; uma diretoria específica, que possa pensar estrategicamente as necessidades da família cristã. Por meio desse departamento, poderão ser criados debates, seminários, palestras, cultos e demais estratégias para a igreja local.

Além da igreja local, convenções também devem preocupar-se com as famílias e institucionalizar a família como departamento convencional. Assim como já existe o departamento de jovens, sugerimos também nas convenções a criação da Comissão Nacional Pró-Família e/ou Comissão Estadual Pró-Família. Por meio dela, as convenções podem desenvolver ações voltadas para a defesa da família cristã, materiais didáticos, livros, periódicos, capacitações e até mesmo um Congresso Nacional pela Vida e pela Família e/ou Congressos Estaduais pela Vida e pela Família.

São estratégias simples, mas que trazem resultados fantásticos. A partir do momento em que uma equipe específica de pastores e líderes trabalha para atingir este fim específico, que é a promoção da família, resultados maravilhosos serão colhidos e o nome do Senhor Jesus será engrandecido.

SESSÃO 2 – AÇÕES DE COMBATE À IDEOLOGIA DE GÊNERO

Neste momento crucial da batalha espiritual que travamos, a Igreja do Senhor Jesus necessita não somente fomentar o casamento, como também lutar por seus ideais e doutrinas, lutar pela defesa de sua crença e, principalmente, por nossas crianças e adolescentes.

O texto bíblico de 1 Tessalonicenses 5.22 é muito enfático ao ensinar que devemos abster-nos “de toda aparência do mal”. Já Romanos 12.2 enfatiza o inconformismo do cristão frente ao mundo horrível de pecados: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente” (NVI).

Os textos revelam o compromisso do cristão em abster-se dos pecados e das infames ideologias que o mundo ensina. Entretanto, o texto mais emblemático que podemos extrair para o ensino deste tópico é Oseias 4.6, pois ele ressalta a importância da liderança no papel de ensinar o povo de Deus, de cuidar da pureza da doutrina e, principalmente, para que heresias não adentrem nos lares cristãos. Vejamos o texto:

O meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei, para que não sejas sacerdote diante de mim; visto que te esqueceste da lei do teu Deus, também eu me esquecerei de teus filhos (Os 4.6).

O texto traz uma reflexão muito pertinente, pois revela que, quando a liderança cristã falha no seu papel de instrução da Palavra de Deus, o povo perece por falta

de conhecimento.

O Rev. Hernandes Dias Lopes, no seu Comentário Bíblico Expositivo, demonstra que houve deficiência no ensino da Lei para Israel e que essa falha gravíssima foi motivadora de um período de apostasia, pecados e negligência por parte de toda a nação:

Esses líderes abandonaram a palavra, rejeitaram o conhecimento e se esqueceram da lei de Deus. Os líderes espirituais sonegaram ao povo o pão da verdade para dar-lhes a palha das heresias [...] ao rejeitar esse conhecimento, Israel foi destruído (Lopes, 2010).

Portanto, a seguir, elencaremos sugestões práticas de como combater a ideologia de gênero em sua igreja e cidade para que não sejamos achados negligentes quanto ao ensino do povo de Deus.

1 – Fomentar a discussão na igreja

Conforme já exposto, há líderes que infelizmente menosprezam a temática deste livro. Tais líderes não entendem a amplitude e a gravidade dessa ideologia e, conseqüentemente, acabam por não permitir que o assunto seja tratado nas suas igrejas ou departamentos. Tal atitude é, no mínimo, uma negligência grave, pois o silêncio dos piedosos permite que as heresias dos ímpios sejam facilmente espalhadas por todas as instâncias da sociedade, chegando até mesmo dentro das igrejas.

Nossa singela recomendação é que o assunto seja descortinado em sua igreja em todos os níveis. Desde os adolescentes, jovens e adultos, o assunto precisa ser trabalhado em seminários, palestras e workshops. Toda e qualquer forma possível de comunicar esse terrível mal deve ser usada para que o povo de Deus esteja vacinado e, principalmente, alertado contra a ideologia de gênero.

Em todas as áreas da Igreja brasileira, desde reuniões de departamentos das igrejas locais até encontros nacionais de líderes, o tema ideologia de gênero deve ser abordado. Nas convenções de pastores, por exemplo, por que não abrir uma plenária para o assunto? Falamos de tantos outros temas, que muitas vezes já estão saturados no esboçário de pastores e líderes, mas não falamos de ideologia de gênero, que é um assunto importantíssimo para as crianças e adolescentes, presente e futuro da igreja.

Porém, é importante uma reflexão aqui. Ao tratar o assunto, a igreja e sua liderança devem ter cuidado para não abordarem o tema de forma fatalista sem preocuparem-se em oferecer sugestões. Como já dito anteriormente, a Internet está saturada de pessoas que apenas demonstram as mazelas da ideologia de gênero. A Igreja deve ir além de tal atitude, fomentar a discussão e não ficar apenas apresentando problemas. Problemas todos sabemos que existem; o que a igreja necessita mesmo é conhecer as soluções.

Uma vez que a discussão for fomentada e o problema apresentado com suas devidas soluções, teremos condições de prevenir nossos lares cristãos com o verdadeiro ensino da “Teologia de Gênesis”.

2 – Criação de conteúdo impresso, digital, revistas, etc.

Semelhantemente ao item 2, porém agora com foco na apologia e não no fomento do casamento, a igreja deve produzir filmes, seriados, programas, livros, periódicos, etc., de acordo com sua realidade financeira e cultural em todas as suas instâncias desde convenções até departamentos.

Uma ideia muito boa já desenvolvida pela Igreja Batista do Bacacheri, de Curitiba (PR), em parceria com a psicóloga Marisa Lobo e outros colaboradores, foi a criação de um material pedagógico gratuito voltado ao público infantil, com histórias em quadrinhos. O enredo criado traz o diálogo de uma família em que os pais ensinam os seus filhos sobre a criação de Deus, os princípios bíblicos e, principalmente, a valorização da vida, do casamento e da família.

Imagine agora um material desse sendo produzido em larga escala e distribuído gratuitamente a centenas de milhares de famílias brasileiras; seria uma grande

ferramenta apologética em favor da família e um golpe contra a ideologia de gênero, pois atacaria um dos principais problemas, que é a falta de conhecimento dos pais e a inocência das crianças.

E por que não produzir histórias em mangá⁵⁹? Precisamos atingir o público infanto-juvenil também, e os desenhos em mangá são uma ótima ferramenta. E por que não produzir uma série televisiva? Será que não temos recursos e mão de obra qualificada na igreja brasileira para isso?

Perceba que os leques de possibilidades são infinitos. Muitas estratégias podem ser aplicadas no combate à ideologia de gênero através da criação de conteúdo inteligente e de excelência.

Caro líder, invista nesta área. Faça uma rede de colaboração em sua igreja e agrupe publicitários, psicólogos, pedagogos, médicos, pastores e demais profissionais para traçar estratégias de defesa às famílias em sua cidade e bairro.

3 – Capacitar influenciadores e treiná-los para serem apologistas

Tão importante quanto as sugestões anteriores é capacitar pessoas em sua igreja para combater a ideologia de gênero e defender as famílias. Essa pessoa pode ser um pastor, líder, pai ou mãe de família, o líder do departamento de família ou casais ou até mesmo as professoras infantis. É importante que a igreja invista na preparação de um apologista para capacitar os demais líderes e pastores de seu ministério para compreender as armadilhas de Satanás e lutar contra esse terrível e diabólico sistema de opressão familiar.

As professoras infantis necessitam, muito em especial, de constante treinamento, pois são elas que ministram às crianças, principal alvo da militância gay infiltrada no sistema educacional. Nossas professoras da ED necessitam de capacitação para ensinar às crianças acerca da “Teologia de Gênesis”, demonstrando, assim, a verdade científica e bíblica que nosso gênero vem de Deus.

4 – Demonstrar à sociedade a verdade sobre a ideologia de gênero

Além do trabalho apologético eclesialístico, a igreja local e também as convenções necessitam manter uma comunicação ativa com a sociedade mediante os meios de comunicação em massa.

É extremamente importante o pastor manter um canal de diálogo com a comunidade local, pois, conforme já exposto, a Igreja carece de ser mais relevante na sua cidade, estado ou país, e não apenas um grupo fechado de pessoas que se reúne semanalmente num templo de portas fechadas.

Caso seja possível — pois cada igreja e cidade possuem as suas realidades —, mantenha uma coluna nos jornais da cidade em blogs, e não apenas em programas de rádio ou televisão da igreja. Evangélicos amam programas de rádio, porém negligenciam o poder da mídia impressa, televisiva e, principalmente, da Internet. Escreva semanalmente um artigo para o jornal da cidade, especialmente sobre apologética, temas relacionados à defesa da família tradicional, ao incentivo do casamento monogâmico heterossexual, manifestando-se contra o ensino da ideologia de gênero, etc., pois tais lutas são válidas e minam as trincheiras de Satanás.

Uma sugestão: caso o pastor local não possua afinidade ou não se sinta confortável em escrever para o jornal da cidade, ele pode delegar essa função a um membro. Certamente, um membro da igreja possui competência para defender a moral e os bons costumes diante da sociedade onde a igreja está plantada.

Além da mídia impressa, caso a igreja possua programas de televisão, invista em temas relacionados à família. Mantenha atualizados os blogs da igreja também com temas pertinentes para discussão. Escreva para os blogs da cidade. Utilize todas as estratégias possíveis para escancarar a farsa científica dessa ideologia.

Se nós não nos manifestarmos, ninguém fará isso por nós. Os militantes gay fizeram isso por anos, e o resultado está escancarado em todos os poderes públicos. Chegou nossa vez de ocupar todos os espaços possíveis na defesa da família.

5 – Estabelecer na igreja um porta-voz com a sociedade sobre a ideologia de gênero

Apesar de já termos citado nos itens anteriores sobre a escolha de pessoas para capacitarem-se e escreverem sobre o tema — dentre estes, o pastor local ou a convenção de igrejas dos mais variados ministérios no Brasil —, pode-se escolher uma pessoa que possua notada instrução acadêmica e capacidade intelectual para representar a igreja ou convenção em debates públicos, audiências das mais diversas instâncias de poder, desde Câmara de Vereadores até reuniões em escolas. Esse representante pode ser o próprio pastor do ministério local ou, na impossibilidade ou desejo do pastor, outra pessoa delegada para tal função. É indispensável que seja alguém capaz, inteligente, sábio, muito bem instruído no tema, de preferência com formação acadêmica para dar maior respaldo sobre sua fala e também que possua uma network⁶⁰ dentro da cidade, pois tal influência pode capitalizar mais holofote para a igreja e os temas por ela defendidos.

A função desse indivíduo é vital para discussão na sociedade, pois seria este o porta-voz da igreja, um representante perante o poder público e privado, aquele que possui o dever de salvaguardar os princípios da família em contraponto aos ensinamentos malévolos da ideologia de gênero.

Em Gênesis 2.18, Deus disse: “Não é bom que o homem fique sozinho. Vou fazer uma companheira para ele, uma auxiliadora à altura dele” (Bíblia Viva); e, mais a frente, Deus reforçou este desejo através da ordem a Abrão para sair da região de Ur dos Caldeus, devido ser uma sociedade pecaminosa e promíscua em todo tipo de vício sexual e homossexual. A ordem divina foi motivada pela falência daquela região através do pecado e também pelo desejo de constituição de uma grande nação santa, separada para Deus, uma nação escolhida para ser seu povo.

Sheldon (2012) revela que “a homossexualidade estava fora de controle e os sacrifícios de crianças eram comuns. Por isso, Deus tirou Abraão daquele cenário e lhe disse: ‘Você será o pai de muitas nações’”. E aqui aprendemos algo extremamente importante:

Deus não quis estabelecer uma nação num cenário que estava saturado pela perversão sexual e pela homossexualidade. Assim, lá estava aquela pequena tribo, monogâmica e heterossexual, movendo-se pela Mesopotâmia, em uma área que estava submersa em pedofilia, bissexualidade e todo tipo de imoralidade. E Deus os tirou de lá (Sheldon, 2012, p. 266).

Deus ama o pecador, mas não tolera o pecado. O tempo da graça agracia-nos com o amor incondicional da cruz, mas Deus não se agrada da transgressão. Perceba que estamos debaixo da graça redentora sim, mas o desejo de Deus sempre foi uma nação santa, um povo separado e adorador, livre dos ensinamentos pecaminosos, como a ideologia de gênero.

Por mais que seja utópico pensar numa sociedade atual santa e irrepreensível nos moldes capitalistas e modernos, ainda assim devemos buscar e lutar pelo direito constitucional que possuímos de educar nossos filhos, ensinar a sã doutrina bíblica, os direitos da igreja, a liberdade religiosa e demais garantias legais que possuímos num estado laico.

Devemos estar alinhados com o coração de Deus, motivar pessoas a viver em santidade e separação do pecado. Devemos lutar por nossas famílias, pois são elas a expressão máxima do amor de Deus ao homem e mulher.

Não cruze os braços e, tampouco, menospreze essa luta antes que seja tarde demais.

⁵² A ideologia de gênero e o papel da igreja. Youtube. Disponível em: <<https://youtu.be/tkXQdJGC5Pk>> Acesso em 18 nov. 2018.

⁵³ O que é batalha espiritual? Estamos realmente em uma guerra? Chamada. Disponível em:

<https://www.chamada.com.br/mensagens/o_que_e_batalha_espiritual.html>
Acesso em 20 nov. 2018.

⁵⁴ Comentário Bíblico Beacon, Volume 7, João a Atos, p. 358.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ O barulho dos ímpios e o silêncio dos piedosos. Hernandes Dias Lopes.
Disponível em: <<http://hernandesdiaslopes.com.br/o-barulho-dos-impios-e-o-silencio-dos-piedosos/>> Acesso em: 28 nov. 2018.

⁵⁷ Convenção das Igrejas Evangélicas Assembleia de Deus de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná.

⁵⁸ Serra da Saudade segue como a cidade menos populosa do Brasil com 786 habitantes, segundo o IBGE. G1. Disponível em:
<<https://g1.globo.com/mg/centro-oeste/noticia/2018/08/29/serra-da-saudade-segue-como-o-menor-municipio-do-brasil-com-786-habitantes-segundo-o-ibge.ghtml>> Acesso em: 28 nov. 2018.

⁵⁹ O mangá ou manga é a palavra usada para designar história em quadrinhos ou banda desenhada feita no estilo japonês.

⁶⁰ Networking é uma atividade de negócios socioeconômicos na qual empresários e empreendedores reúnem-se para formar relacionamentos comerciais e para reconhecer, criar ou atuar sobre oportunidades de negócios, compartilhar informações e buscar parceiros potenciais para empreendimentos.

CAPÍTULO 10

O PAPEL E A RESPONSABILIDADE DO CIDADÃO E DA SOCIEDADE

Iniciamos este capítulo com a célebre frase de John Kennedy (1917–1963), o 35º presidente dos Estados Unidos: “Não pergunte o que seu país pode fazer por você; pergunte o que você pode fazer por seu país”. Refletindo a esse respeito, queremos alertá-lo(a) sobre o papel e a responsabilidade que temos como cidadãos na árdua batalha de construção do país que almejamos ter.

Já vimos que estamos sobre intenso ataque ideológico e espiritual diante de um inimigo que tem utilizado artilharia pesada em vários flancos da batalha. E, como cidadãos, também temos responsabilidades no embate frente à agenda progressista, que tem tentado de forma revolucionária romper com tradições e costumes conservadores através de rupturas ideológicas, com discursos de implantação de modelos utópicos de uma sociedade “perfeita”. Russel Kirk (1918–1994), teórico político americano, alertou:

O conservador pensa na política como um meio de preservar a ordem, a justiça e a liberdade. O ideólogo, pelo contrário, pensa na política como um instrumento revolucionário para transformar a sociedade e até mesmo transformar a natureza humana. Na sua marcha em direção à Utopia, o ideólogo é impiedoso.

Ora, além de sermos membros de uma família e/ou de uma igreja, também somos cidadãos e vivemos em sociedade (cidade, que, em grego, é “polis”, de onde advém o termo política), entendida como a comunidade organizada, formada por cidadãos (no grego “politikos”), isto é, indivíduos que, no gozo dos seus direitos civis e políticos, estão sujeitos a todas as obrigações inerentes a essa condição. Como cidadãos, temos direitos e deveres civis, políticos e sociais.

Entre os direitos civis, estão a liberdade de expressão, de imprensa, de associação e de reunião, dentre outros. Os direitos políticos são aqueles relacionados ao sistema político e à democracia e que dão ao cidadão tanto o direito de votar quanto o de candidatar-se a cargos eletivos. Já os direitos sociais estão relacionados à educação, à saúde, à alimentação, à moradia, ao transporte, à segurança, ao lazer, etc.

Assim como pastores, padres e líderes religiosos não são os únicos responsáveis pela missão de orientar e formar cristãos e indivíduos religiosos, a construção de uma polis (cidade, estado e país) digna de nela viver não é, de igual modo, competência apenas de políticos e governantes, mas também é obrigação de quem os elege, colocando-os como representantes.

O papel de um cidadão vai muito além de apenas possuir o direito de escolher seus representantes e ter título de eleitor. Por viver na polis, qualquer ação ou omissão do cidadão concorrem para um resultado político, favorecendo ou prejudicando uma conjuntura política. Aristóteles (384–322 a.C.), no seu discurso, já alertava que a forma como agimos ou deixamos de agir não afeta apenas a polis. Como membros desta, consequentemente somos afetados também.

Diante disso, não há como ficar isento das responsabilidades cidadãs sem sofrer as consequências dessa omissão. Devemos engajar-nos pelo bem da polis, e isso significa cuidar do bem comum e exercermos vigilância sobre os rumos da sociedade como um todo. É sabido que nem todos gostam de envolver-se em política; inclusive, algumas pessoas têm até aversão, mas Platão (427–327 a.C.) já advertia: “Não há nada de errado com aqueles que não gostam de política; simplesmente serão governados por aqueles que gostam”.

No Brasil, o voto é obrigatório, ressalvadas as devidas exceções — jovens com 16 e 17 anos, idosos com mais de 70 anos e analfabetos, para os quais é ponto facultativo comparecer às urnas. Dessa forma, na maior parte de sua vida, você terá o dever de ir às urnas a cada eleição para eleger seus representantes. O regime democrático brasileiro possibilita a participação popular na tomada de decisões de uma determinada sociedade, quer seja direta ou indiretamente. Daí a importância e o cuidado necessário ao confiar a um político a titularidade do poder de decidir por você. Além das regras de bom comportamento no dia das eleições, é preciso ter consciência. Votar em branco ou nulo em nosso sistema eleitoral equivale praticamente a jogar o voto fora.

A intenção aqui é alertar que, como cidadãos, somos responsáveis e devemos admitir isso. Para o bem da sociedade, de forma coerente e responsável, temos de assumir o papel de eleitor, envolvendo-se em questões políticas, tendo consciência da importância dessa participação. E sabe por quê? Porque não há como se abster, mostrar-se apolítico — alguém que não tem interesse por política — sem sofrer as consequências. Nas palavras de Platão: “O castigo dos bons que não fazem política é serem governados pelos maus”.

Portanto, ainda que você seja daqueles que, até então, não gostava ou não queria envolver-se em assuntos políticos, é hora de repensar sua opção, pois uma de nossas armas no enfrentamento de políticas de promoção e imposição de culturas e pensamentos ideológicos contrários a nossos princípios é, sem dúvida, o exercício da cidadania através da eleição de representantes que professem e comunhem desses mesmos valores. Nas palavras de Valmir Nascimento (2018, p. 51), a máxima “crente não se mete em política” deve e, na verdade, já foi sepultada. A máxima passou a ser “irmão vota em irmão”.

Quem me Representa?

A pergunta é bem direta. Afinal, o modelo de democracia em vigor no Brasil prevê que, através do voto, eleitores escolham os representantes que ocuparão os cargos políticos nas instituições que compõem as esferas do poder, ou seja, um governo representativo. Escolhem-se autoridades políticas que irão representar os interesses da sociedade e, já que o poder governamental não pode ser exercido pessoalmente, transfere-se a tarefa para representantes que a desempenharão de forma indireta. Sabendo, então, que o voto é o maior instrumento no exercício da responsabilidade política do indivíduo enquanto cidadão, qual deve ser o critério de escolha de um candidato na hora de votar?

Uma apreciação fundamental a ser alçada é: as bandeiras levantadas pelo partido — ou pelo próprio candidato — são condizentes com as suas crenças, como cidadão, em relação ao que é melhor para sua cidade, seu estado e para seu país?

Os autores Christina Vital da Cunha, Paulo Victor Leite Lopes e Janayna Lui, no livro *Religião e Política*, fazem uma análise mostrando que o Brasil

experimentou a partir dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) com os Ex-Presidentes da República, Luiz Inácio Lula da Silva (2002–2010) e Dilma Rousseff (2011–2016) muitos avanços em torno dos direitos da população LGBT.

Vários direitos foram conquistados, marcadamente desde 2008, pela população LGBT, tais como: a adoção de crianças por casais do mesmo sexo; o uso do “nome social” (nome pelo qual travestis e transexuais preferem ser chamados); a inclusão do companheiro ou companheira na declaração de Imposto de Renda; o recebimento de pensão do INSS depois da morte do cônjuge; a realização da cirurgia para mudança de sexo pelo Sistema Único de Saúde (SUS); o registro das uniões estáveis de casais, que permite que essas pessoas tenham acesso a heranças e pensões (alimentícia ou por morte), além do aval de tornarem-se dependentes em planos de saúde e de previdência; a inclusão do nome do cônjuge do mesmo sexo na identidade militar, permitindo acesso a todos os direitos e benefícios de um militar, como já ocorria com casais heterossexuais; o benefício de licença-paternidade a um pai adotivo que vive em união estável homossexual; e a conversão de uniões estáveis homoafetivas em casamentos civis (Cunha, Lopes e Lui, 2017, p. 160).

Não temos a intenção de promover e/ou desmerecer partidos ou políticos; antes, queremos mostrar o que cada um fez e tem feito, bem como as propostas do que pretendem fazer.

O Presidente Jair Messias Bolsonaro, eleito para o mandato (2019–2022), ficou conhecido pelo seu discurso ultraconservador. A esse respeito, Cunha, Lopes e Lui caracterizam o seu discurso como:

[...] dentro do ideário da moral cristã (contra o aborto e o controle da natalidade e a favor da assistência psicológica a homossexuais) e de princípios caros ao liberalismo na política e na economia (Estado mínimo e elogios ao livre mercado), [...] tem captado apoio para além do círculo religioso com o mote “é preciso salvar a família”. Em sua visão, a família está sob a ameaça dos movimentos civis por direitos sexuais e pelo enfrentamento da violência sexual,

reforçados pelas ações do governo federal desde que o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu em 2002, com abertura de mais espaços para legislação que responda a essas demandas (Cunha, Lopes e Lui, 2017, p. 159).

É bem verdade que um político, quando se candidata, deveria preocupar-se com o interesse coletivo; contudo, dado o pluralismo e a heterogeneidade sociais, com conflitos de interesses de variados grupos, geralmente temos notado a busca por interesses particulares sendo priorizados em detrimento do bem de todos ou da maioria.

A homossexualidade sempre esteve ligada a uma minoria de pessoas, ao menos a uma minoria que se apresentava como tal. As redes sociais e o despertar de movimentos sociais populares amplamente difundidos na rede mundial trouxeram diversos temas ao centro dos debates sociais a ponto de haver eleição de parlamentares com a missão de defender os direitos daqueles que são homossexuais.

Movimentos ditatoriais da homossexualidade têm, de forma incansável, buscado apoio de políticos que promovam suas causas, engajando-se na aprovação não só de leis que atendam a seus interesses, mas até mesmo daquelas que punam principalmente cristãos e todos os que se manifestem contra os vários tipos de comportamentos difundidos pelo relativismo sexual. Em capítulo anterior, já citamos a tentativa de aprovação do PLC 122 (“Lei anti-homofobia”).

De igual modo, o segmento religioso não pode e não tem ficado para trás. Na atualidade, temos percebido que lideranças evangélicas e católicas estão cada dia mais presentes no cenário político nacional. Inúmeros trabalhos acadêmicos — de monografias a livros — analisam a atuação de políticos religiosos, dando especial atenção ao significado ora político, ora religioso da aproximação entre essas duas esferas, bem como os impactos que promovem em nosso país. Segundo o escritor Valmir Nascimento, a literatura sugere que um dentre outros motivos pelos quais pastores e outros atores ligados às igrejas evangélicas procuram entrar na arena política é a “preocupação em evitar a aprovação de políticas que afetem a instituição familiar, como a permissão do aborto e do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo” (2018, p. 53).

Em outras palavras, o papel e responsabilidade buscados pelos cristãos, enquanto

cidadãos, pelo voto, é a defesa da família, das tradições e dos valores morais, pois que tais institutos prezam pelo bem-estar comum de toda sociedade, e não apenas por ser interesse particular do segmento. Eleitores cristãos devem votar de forma livre e consciente, no exercício do direito ao sufrágio, com responsabilidade, visando o atendimento do interesse coletivo, dando especial atenção aos valores morais e espirituais professados.

Tal pensamento é corroborado por Nascimento (2018, p. 160 e 161), quando alerta que o voto é o maior instrumento para o exercício da responsabilidade política do cristão, devendo ser consciente e precedido de avaliação aos candidatos, bem como suas propostas de governo, sendo recomendável optar por aqueles que demonstrem princípios e valores que estejam em consonância com a proteção à vida, à família tradicional, à dignidade da pessoa humana e à defesa das liberdades, inclusive religiosa. Deve-se, contudo, tomar cuidado com os falsos “políticos evangélicos”, pois muitos candidatos, aproveitando-se do crescimento dos evangélicos no país, têm-se assim apresentado com o intuito de conquistar o eleitorado das igrejas cristãs. Nesse cerne, é necessário discernimento, já que o simples fato de alguém se apresentar como “evangélico” não deve ser motivo suficiente para conquistar os votos dos fiéis.

De forma particular, o que se busca através dessa literatura é atuar por meio da conscientização e orientação do eleitor para que, com ética e discernimento, perceba a importância da politização sadia e a necessidade de envolvimento com as questões públicas. A política é, sim, uma importante arma na batalha contra a ditadura do gênero e da cultura homossexual, que tem sido imposta não só em nossa nação, mas em todo o mundo.

E, ainda que se levante a questão ensejada pelo secularismo — doutrina ou movimento que defende a separação entre o Estado e as organizações religiosas —, que fique claro que o Brasil adota, sim, a laicidade, mas, embora o Estado seja laico, não é ateu. Muito pelo contrário, pois, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem 86,8% de cristãos, sendo o maior país católico do mundo, com uma estimativa de 64,6% da população do país, e os evangélicos já são 22,2% da população brasileira⁶¹. Dessa forma, defende Nascimento (2018, p. 86), que a ideia de que a religião deve ficar adstrita eminentemente à esfera privada há de ser repensada. Esperar ou exigir que religiosos fiquem afastados dos embates inerentes a determinadas questões em consonância com seus próprios valores equivale a restringir o princípio democrático, obstando a participação de um determinado seguimento da

sociedade.

Os cristãos, afinal, compõem um grupo de interesse na disputa política, que defendem uma agenda conservadora em harmonia com seus preceitos e verdades. Do ponto de vista social e político, têm, portanto, uma admirável tarefa crítico-construtiva frente ao Estado, não devendo manterem-se reclusos ao mundo da individualidade privativa das igrejas, mas promoverem a construção da cidadania com o fortalecimento da democracia.

Proposta Prática na Hora de Escolher o Representante

Entendemos que é dever do eleitor — seja ele cristão ou não, conservador ou ainda que de qualquer outro viés político ideológico —, antes de escolher seus candidatos preferidos nas eleições, inteirar-se o quanto possível for sobre as propostas de cada candidato. De modo geral, o site Politize⁶² propõe algumas questões importantes a ser consideradas na hora de definir seu voto, tais quais:

- O candidato tem as contas de campanha em dia? Quem são seus financiadores? Como esses financiadores poderiam influenciar na atuação do candidato?
- Qual é a trajetória do candidato? Quais são suas origens? Como ele foi parar na política?
- O candidato é idôneo? Tem qualquer histórico de envolvimento em casos de corrupção?
- Qual é o partido do candidato? O candidato já passou por outros partidos? Se sim, por que mudou de partido?

- Conheça o projeto de governo de cada candidato (de preferência, vá atrás do documento original, apresentado à Justiça Eleitoral, para não ter dúvidas). As promessas que o candidato faz são condizentes com as funções e capacidades que o cargo a que ele concorre lhe investem? São promessas realistas, possíveis de serem alcançadas e adequadas ao contexto econômico e político?

Questões básicas como essas devem sempre ser ponderadas ao escolher-se um candidato. Porém, não são as únicas. O trabalho do eleitor não acaba depois das eleições. Afinal de contas, as eleições são apenas uma primeira etapa de um longo ciclo, que se repete a cada dois ou quatro anos, dependendo do domicílio eleitoral. Após as eleições, você, eleitor, deve assumir o papel de cidadão e acompanhar e fiscalizar o trabalho de seus representantes, especialmente aqueles que ajudou a eleger. São várias as formas de você cumprir seu papel:

- Informar-se constantemente. Nos dias atuais, com a facilidade tecnológica de acesso à informação, é praticamente impossível ficar alheio às notícias que envolvem a política. Dada a diversidade de canais, você tem a liberdade de escolher estar informado pelos veículos que preferir. Essa diversidade cai quando se trata de obter informações sobre governos estaduais e municipais, mas, ainda assim, existe a Internet para ajudá-lo a ter acesso a diferentes opiniões. O ideal é optar por ler uma diversidade de fontes para formar uma opinião condizente com a realidade;
- Manter contato com seus candidatos (os que foram eleitos) a fim de cobrar as promessas feitas durante a campanha e o posicionamento em temas importantes, como as que propomos aqui no livro, por exemplo, em defesa da família.

Mobilização Social

Logo no Art. 1º, inciso II, nossa Carta Magna destaca a cidadania como um dos seus principais fundamentos, reconhecendo a participação cidadã como instrumento fundamental da ordem social.

Nesse sentido, entendemos que a mobilização social é um extraordinário aparelho de fortalecimento da cidadania ativa e de construção de uma sociedade democrática. Envolve um processo de participação social em que pessoas e grupos são convocados a estarem unidos em torno de objetivos comuns para a busca de um país melhor e mais justo.

Segundo os filósofos Bernardo Toro e Nísia Werneck, a mobilização social é muitas vezes confundida com manifestações públicas, com a presença de pessoas em uma praça, passeata ou concentração. Eles, entretanto, esclarecem que não é só isso que caracteriza uma mobilização e explicam: “A mobilização ocorre quando um grupo de pessoas, uma comunidade ou uma sociedade decide e age com um objetivo comum, buscando, quotidianamente, resultados decididos e desejados por todos” (1996).

Toda mobilização pressupõe uma convicção coletiva da relevância, um sentido de público, aquilo que convém a todos. O fato é que a maioria dos debates sobre ideologia de gênero que ouvimos são acalorados de ambos os lados. Fica nítida a polarização. De um lado, estão aqueles que tentam defender a teoria dos estudos de gênero e da diversidade sexual sob a ótica dos direitos humanos e, com discurso vitimizante, buscam a garantia de direitos e a inclusão social. Do outro, estão os defensores dos bons costumes, da cultura e do modelo judaico-cristão de família tradicional, em consonância com os princípios bíblicos, com as evidências dos estudos científicos e do determinismo biológico.

Thomas Hobbes (1588–1679), na obra *Leviatã*, vaticinou no seu tempo que “apertado entre aqueles que de um lado se batem por uma excessiva liberdade, e do outro por uma excessiva autoridade, é difícil passar sem ferimento por entre as lanças de ambos os lados” (Wollmann, 1993). Seria fácil se houvesse o respeito no exercício da plena democracia e, excluídos o radicalismo e o extremismo manifestados em ambos os polos, os pleitos fossem atendidos sem a invasão dos direitos alheios. Talvez, assim, poderíamos ter uma convivência harmoniosa mesmo com discordâncias ideológicas. Porém, não é possível misturar água e óleo; não há comunhão entre a luz e as trevas.

Quando se observa a fenomenologia das manifestações populares e dos

movimentos sociais pró-LGBT, fica extremamente evidente a falta de respeito e a promiscuidade demonstrada por seus adeptos em eventos públicos. O Dia Internacional do Orgulho LGBT, 28 de junho, tem edições em diversas capitais do mundo em comemoração à Rebelião de Stonewall, um momento crucial nos movimentos civis LGBT modernos. No Brasil, o evento conhecido como “Parada do Orgulho LGBT” (“Parada do Orgulho Gay” ou, simplesmente, “Parada Gay”) acontece no mês de junho em diversas capitais, sendo a mais tradicional a realizada em São Paulo. Apesar de algumas Fake News já postadas acerca do evento, a cada ano são denunciados diversos comportamentos desrespeitosos, inclusive com símbolos religiosos, além de relatos de cenas de baixaria, promiscuidade e hedonismo até mesmo na presença de crianças. Tais comportamentos têm sido alvo de críticas até por alguns homossexuais.

Boa parte desses eventos é financiada com recursos públicos, tendo respaldo em agendas progressistas e no apelo político de legislações nacionais e internacionais que estão buscando o incentivo e a promoção das questões que envolvem a orientação sexual e a ideologia de gênero. Só a título de exemplificação, um breve olhar sobre alguns movimentos internacionais e sobre os documentos dos órgãos internacionais de maior proeminência no mundo hoje nos dá um vislumbre do estado atual dos acontecimentos nesse sentido. Na esteira dos acontecimentos, tanto a Organização das Nações Unidas (ONU) quanto a Organização dos Estados Americanos (OEA) têm aprovado resoluções e criado amplas plataformas que afirmam que a “orientação sexual” e a “identidade de gênero” devem ser consideradas como direitos humanos e não somente respeitadas, como também valorizadas, promovidas e estimuladas à experimentação.

A propósito, um texto bíblico é muito propício para reflexão: “Porquanto os filhos deste mundo são mais sagazes entre si, na conquista dos seus interesses, do que os filhos da luz em meio à sua própria geração” (Lc 16.8b – Versão King James Atualizada). Essa verdade bíblica deveria envergonhar-nos, principalmente por tratar-se de uma veracidade contemporânea referente às questões que envolvem a defesa da família e das tradições culturais.

Nesse capítulo em específico, como a abordagem consiste na responsabilidade e no papel do cidadão e da sociedade de um modo amplo, a pergunta que reverbera é: “Quais têm sido as manifestações públicas em defesa de princípios e valores que giram em torno da família por parte de cidadãos enquanto membros de uma comunidade que tem sido atacada nesses preceitos?”. Alerta-nos a célebre frase

atribuída a Edmund Burke (1729–1797): “Para o triunfo do mal, basta que os bons não façam nada”. Entendemos que a igreja tem o dever de orar e instruir; a família tem o papel de cuidar, proteger e educar; mas o cidadão também tem o compromisso de impor-se contra os ataques que visam trazer rupturas e consequentes desestabilidades e desajustes às bases que estruturam a sociedade.

Não é justo que a grande maioria da população fique calada e submeta-se às imposições doutrinárias ideológicas de uma minoria que ativamente protesta e ganha a cada dia mais terreno nas trincheiras dessa batalha. É inconcebível que a maioria tenha sempre que ceder às vontades e doutrinação da minoria.

No Estado Democrático de Direito, um importante procedimento para o exercício da democracia é saber que as decisões tomadas pela maioria não podem ameaçar os direitos básicos da minoria. Contudo, a vontade da minoria não pode sobressair-se à da maioria, tampouco restringir ou censurar o discurso contrário a práticas ideológicas sexuais, com o risco de atentar-se contra os direitos e garantias fundamentais da CF/88, que nos assegura a liberdade de expressão e a manifestação do pensamento in verbis:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

IV - é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX - é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

Dessa forma, são legítimas as manifestações públicas em defesa da família. E não só legítimas; tais reivindicações são a expressão manifesta de que o povo não aceita a imposição da doutrinação ideológica de gênero dissimulada por discursos de igualdade e promoção dos direitos humanos, principalmente nas escolas. Por meio de manifestações públicas, que pressupõem o envolvimento efetivo e o engajamento na luta pela causa defendida, a mobilização social consiste em uma das ferramentas mais eficientes de despertar para participação popular do cidadão.

O slogan “Con Mis Hijos No Te Metas” (Não se Meta com meus Filhos) tornou-se a bandeira de um movimento de resistência conservadora que levou mais de 1 milhão e meio de pessoas a manifestarem-se no Peru e já tem alcançado diversos países latinos na luta contra a doutrinação da ideologia de gênero a estudantes menores de idade. Segundo o Jornal El País, “com o intuito de estender seu alcance ao Brasil, as lideranças do grupo já articulam uma aproximação com o presidente eleito Jair Bolsonaro, visando a atuação conjunta em oposição às políticas de discussão de gênero por todo o continente”⁶³.

O site de notícia BBC Brasil afirma que o movimento “Con Mis Hijos No Te Metas” conseguiu barrar a implementação de parte do novo Currículo Nacional para Educação Básica no Peru, sendo que o governo baixou uma resolução alterando a redação de alguns trechos do currículo escolar com o objetivo de promover uma “adequação” para superar “mal-entendidos” sobre o enfoque de igualdade de gênero em sala de aula. O movimento vem servindo de inspiração para articulações em países como Equador, Chile, Argentina e Paraguai, sendo assemelhado ao movimento Escola Sem Partido no Brasil⁶⁴.

E nós, o que temos feito? Embora no Brasil ainda não tenham ocorrido manifestações públicas com a proporção e adesão de participantes como a vista no Peru contra a ideologia de gênero, temos em nosso histórico protestos e reivindicações que levaram milhares de brasileiros às ruas. O movimento “Diretas Já” em 1986 e o impeachment de Fernando Collor de Mello em 1992 são exemplos emblemáticos de manifestações populares com reivindicações políticas. Mais recentemente, o movimento que ficou conhecido como “Jornadas de Junho” em 2013 alcançou uma multidão de Norte a Sul e de Leste a Oeste de nosso país, com protestos inicialmente realizados por conta do aumento do valor das passagens de ônibus, mas que revelaram, na verdade, a insatisfação com a política social e econômica do governo da ex-presidente Dilma Rousseff.

A mobilização e os protestos contra a ideologia de gênero no Brasil começaram depois que o conceito surgiu nos debates prévios à elaboração do Plano Nacional de Educação em 2014. Isoladamente, têm ocorrido diversas manifestações e protestos em câmaras municipais, escolas e ruas. Em 2017, a filósofa americana Judith Butler, referência mundial nos estudos de gênero e na Teoria queer, esteve no Brasil para falar de política no seminário “Os Fins da Democracia”, organizado pela USP em parceria com a Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, sendo alvo de intensas manifestações públicas, tendo, segundo o Jornal Folha de São Paulo⁶⁵, uma petição on-line organizada pelo site CitizenGo, reunindo mais de 300 mil assinaturas pedindo o cancelamento do evento.

Em tempos de Internet e redes sociais, o ativismo que utiliza esses meios para mobilizar causas pelo apelo social costuma ser chamado de “ativismo de sofá” ou “sofativismo”⁶⁶. Autor de livros sobre cibercultura, o filósofo francês e professor da Universidade de Ottawa, no Canadá, Pierre Lévy, nega que a mobilização on-line seja menos legítima do que as manifestações tradicionais, como protestos na rua. De acordo com ele, “qualquer forma que o cidadão use para se expressar é positiva”⁶⁷, e a “democracia só progredirá explorando da melhor forma as ferramentas de comunicação contemporânea” (Lévy, 1998, p.62 apud Silvestri, 2015).

Na prática, o que queremos mostrar é que não é possível ficar parado. Quer seja através de manifestações públicas ou mesmo com o simples uso das tecnologias disponíveis, o ativismo propriamente dito ou o ativismo de sofá são formas democráticas de manifestar nossa intenção responsável, como cidadãos, de defendermos a manutenção da família, combatendo as insurgentes ideologias que tentam disseminar uma cultura sexual destrutiva, hedonista e antibíblica.

Não podemos assistir à guerra sem movermo-nos e participarmos da batalha. Você também é responsável. Sua família está sendo atacada. Seus filhos, netos e sobrinhos estão sendo vitimados.

Acreditamos que a construção de uma sociedade justa e solidária é feita com o engajamento de todos os cidadãos nas questões públicas e sociais, inclusive na busca em defesa da família e das tradições, sem a qual não se torna possível qualquer ação transformadora. Por isso, fomentamos o exercício da cidadania, visando o fortalecimento do controle social sobre a formulação e execução das políticas públicas, entendendo que esse é um caminho a ser trilhado com vistas à construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e democrática.

⁶¹ Fonte: IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>>. Acesso em: 05 dez. 2018

⁶² Qual é o papel do eleitor? POLITIZE! Disponível em: <<https://www.politize.com.br/papel-do-eleitor/>>. Acesso em 5 dez. 2018.

⁶³ Fonte: EL PAÍS. Educação: “Não se meta com meus filhos”: movimento contra políticas de gênero na América Latina corteja Bolsonaro. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/14/internacional/1542229156_126326.h>. Acesso em: 05 dez. 2018.

⁶⁴ Fonte: BBC. News Brasil. Como movimentos similares ao Escola sem Partido se espalham por outros países. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-44787632>>. Acesso em: 05 dez. 2018.

⁶⁵ Fonte: Folha de São Paulo. Manifestantes pró e contra Judith Butler protestam no Sesc Pompeia. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

⁶⁶ Sofativismo significa “ativismo de sofá”. Consiste em um tipo de mobilização social que surge na Internet, o meio usado pelos participantes (também designados “sofativistas”) para manifestarem o seu apoio em uma causa mediante ações diversas nas redes sociais. Em geral, o termo é usado com sentido pejorativo, tendo em conta que muitas dessas ações não resultam nenhum efeito prático para mudar a realidade. Para muitas pessoas, os sofativistas apoiam as causas apenas por uma questão de comodidade e alívio de consciência, visto que, em todas essas campanhas, não se vê o real envolvimento mostrado pelo povo em um protesto nas ruas. Fonte: <https://www.significados.com.br>

⁶⁷ LUPION, Bruno. O Estadão. Frenesi do abaixo-assinado pela internet desafia a classe política. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,frenesi-do-abaixo-assinado-pela->>

[internet-desafia-a-classe-politica-imp-,1007154>. Acesso em: 06 dez. 2018](#)

ANALISANDO TUDO, QUAL A CONCLUSÃO?

Por que uma ideologia sem consenso na sociedade e na ciência, mesmo nos campos científicos nos quais se estabeleceu, ganha status de verdade absoluta a ponto de influenciar leis e forçar a mudança de paradigmas sociais cristalizados?

Por que uma ideologia que, embora trate do corpo, não se firmou nos estudos biológicos e genéticos [antes] acomodou-se nas ciências sociais e humanas, sobretudo nos limites do discurso e do comportamento?

Por que é aceita uma ideologia que não consegue se equilibrar no critério cartesiano de verdade e que, para vestir-se no manto científico, orienta-se nos terrenos movediços do desconstrutivismo e do relativismo filosófico? (Lobo, 2016, p. 128).

Como? Por quê? As indagações não param de ecoar. Ao chegar ao final deste livro, depois de terem sido retiradas as vendas e expostas as origens, as estratégias, os objetivos e o que realmente é a tal ideologia de gênero, a pergunta é: “Como pode uma visão tão distorcida de sexualidade, homiziada em um pseudodiscurso de igualdade, que revela contornos de subversão e esquizofrenia social, ter chegado ao Brasil com tamanha receptividade?”.

Como a explicação para tais indagações é difícil de ser atingida de forma simplória, senão fazendo uso daquilo que transcende o campo cognitivo da razão e da lógica humana, por entendermos que, dada sua complexidade, não são apenas questões simplesmente naturais, mas que também envolvem de forma metafísica a área espiritual, queremos mudar as perguntas agora. Ao invés de tentar entender e explicar, vamos para a prática. Seja sincero(a), qual será sua reação de agora em diante? O que você fará depois de ter recebido tantas informações a respeito da ideologia de gênero e ter sido confrontado(a) com um choque de realidade sobre o seu papel e sua responsabilidade diante da ideologia de gênero?

Foi mostrado no livro que a ideologia de gênero tem resquícios da remota,

porém ainda atual filosofia marxista. A visão socialista de Marx, que propõe a destruição da família como forma de acabar-se com o capitalismo, somada à tese de Engels de antagonismo de gênero e conflito de classes, entre elas — na sua visão — a opressão feminina imposta pela subordinação da mulher em relação ao marido e o advento da propriedade privada, serviram de base teórica para o feminismo, movimento que alcançou, em um processo “evolutivo”, traços de radicalismo desviante. Inicialmente reivindicando a busca por direitos de igualdade aos dos homens, o feminismo passou por processos, chegando a sua terceira onda — com a influência dos discursos radicais de Simone de Beauvoir e Judith Butler — a questionar os papéis sexuais de homem e mulher diante de uma performatividade cultural. Para essas feministas, as evidências biológicas e genéticas não são suficientes para determinar os papéis sociais de homem e mulher, já que giram em torno de um constructo social performativo. Não sendo suficiente contestar a ciência com a cultura, o feminismo militante passa a buscar uma desconstrução da normalidade da heterossexualidade propagando a diversidade de gênero e a pluralidade sexual.

Tais manifestações logo foram fortalecidas pelas reivindicações de promoção da cultura LGBT, que, com estratégias meticulosamente arquitetadas, encontraram apoio midiático de distintas áreas e passaram a ocupar diversos espaços públicos e de influência social, trazendo um discurso de vitimização e exclusão, taxando a todos aqueles — principalmente religiosos — que são contrários a suas práticas sexuais como intolerantes, preconceituosos e homofóbicos. Esses rótulos foram logo estigmatizados pela patrulha do “politicamente correto”, que, com retórica travestida de respeito, acaba por desrespeitar e segregar todos que discordam de seu discurso impositivo. Os principais alvos dos ataques para que a ideologia de gênero fosse logo amplamente difundida e implementada foram a família tradicional e todos os que a defendem.

Mais uma vez, reverbera a indagação: “Diante de tantos ataques, qual tem sido sua reação? É sério que você aceitará passivamente que ataquem e destruam sua família?”.

Para os defensores da ideologia de gênero, o indivíduo nasce com o gênero neutro, ou seja, não há associação entre gênero e sexo biológico determinado com o nascimento. Nesse ponto, fica fácil entender o porquê de os movimentos homossexuais pegarem carona nessa ideologia, passando a defendê-la. Um indivíduo pode até nascer macho, mas, ao invés de ser homem, pode sentir-se, considerar-se ou escolher ser mulher. Da mesma forma, uma fêmea pode sentir-

se, considerar-se ou escolher ser um homem ao invés de mulher. Não é isso, porém, o que a ciência diz. Além das várias evidências genéticas, constatações biológicas e pesquisas realizadas já demonstradas aqui no livro, a verificação prática da teoria defendida pela ideologia de gênero pôde ser comprovada com a trágica história de David Reimer, no famoso caso do “menino sem pênis”, envolvendo o psicólogo John Money. O caso tornou-se emblemático e ganhou repercussão mundial, sendo alvo de documentários em diversos canais de jornalismo, entre eles a BBC⁶⁸. De forma sucinta, David Reimer (1965–2004) foi um indivíduo canadense do sexo masculino que nasceu saudável, mas teve sua identidade sexual modificada, sendo criado como uma menina depois que seu pênis fora acidentalmente destruído durante uma circuncisão. O psicólogo John Money supervisionou o caso e relatou que a atribuição da identidade sexual feminina havia sido um sucesso, como uma evidência do que prega a ideologia de gênero, de que a identidade de gênero é principalmente aprendida, ou seja, construída socialmente. Contudo, David Reimer não se identificava como menina dos 9 aos 11 anos de idade e começou a viver como um homem aos 15 anos. Reimer decidiu expor sua história publicamente para desencorajar práticas médicas similares. Ele cometeu suicídio devido aos anos de sofrimento de depressão nervosa, instabilidade financeira e um casamento conturbado. Veja o que acontece na prática com aqueles que adotam as falácias pregadas pela ideologia de gênero.

O mais triste de tudo é saber que as maiores vítimas são nossas crianças e adolescentes. É, no mínimo, revoltante ver o ataque a nossos pequenos, principalmente por não terem maturidade e repertório dialético suficiente para posicionarem-se diante das influências e da doutrinação. Não há como não se indignar! Não mexam com nossas crianças! É preciso fazer algo! Você não concorda?

Aqueles que propõem e incentivam a ideologia de gênero e a transgeneridade (ressignificação sexual por meio de hormônios e cirurgias reparadoras de mudança de sexo) sabem da vulnerabilidade da infância — tanto que têm buscado alcançá-los nas escolas, com abordagens tendenciosas e insanas, em atividades e materiais didáticos de educação sexual que incentivam e promovem a homossexualidade por meio de uma doutrinação ideológica do gênero.

A estratégia ainda passa pela busca de ocupação das principais cadeiras e locais de influência para aprovação e manipulação de leis, de recursos e de meios para que a agenda progressista ideológica seja consolidada. Mas estamos reagindo.

Buscamos representantes que limitem esse avanço e resgatem em nossa sociedade princípios e ações de valorização dos bons costumes e da família tradicional.

Participar ativamente desse combate é papel nosso. Devemos mobilizar-nos e engajar-nos na causa, e isso implica o compartilhamento de responsabilidades na construção de caminhos que alcancem o fortalecimento de nossas famílias, além de vontade e disposição para vencer os desafios e as barreiras que surgem, até conquistarmos vitória frente a diabólica e terrível ideologia que tenta destruir os fundamentos que defendemos. Uma sociedade justa e solidária é feita com o empenho de todos os cidadãos nas questões públicas e sociais, sem o qual não se torna possível qualquer ação transformadora. O fomento ao exercício da cidadania e ao fortalecimento do controle social sobre a formulação e execução das políticas públicas são, pois, um caminho a ser trilhado com vistas à construção de uma sociedade participativa e democrática.

O receio de ser rechaçado e até mesmo estigmatizado tem levado muitos a retraírem-se e omitirem-se, uma vez que ativistas gays acusam de homofóbicos, intolerantes e discriminadores os que não concordam com a homossexualidade como opção válida de orientação sexual.

O pastor americano John Piper — um dos ministros do evangelho mais proeminentes e atuantes dos dias atuais — é um dos idealizadores da chamada “Declaração de Nashville”, lançada em agosto de 2017 e que traz 14 tópicos condenando o estilo de vida homossexual, o sexo fora do casamento e as questões relacionadas à ideologia de gênero. Uma matéria publicada no site Gospel Prime traz os principais pontos de uma entrevista de John Piper acerca da Declaração de Nashville, na qual o pastor sentencia: “Se alguém pensa que há como pregar, escrever e fazer declarações em público apresentando as pérolas da verdade bíblica sem encontrar — nas mídias sociais ou de outras maneiras — mil críticos irritados, isso é ingenuidade. Não vai acontecer”.⁶⁹ Em outras palavras, Piper afirma que não há como pregar o evangelho e ser “politicamente correto”.

E é exatamente isso que queremos que você entenda. Somos literalmente chamados de protestantes. Sabe por quê? Um dos motivos é exatamente porque, no sentido literal da palavra, somos aqueles que protestam e discordam de tudo aquilo que é contrário à Palavra de Deus, a Bíblia Sagrada. Queremos convidá-lo a fazer parte de um povo que não se cala diante da opressão e perseguição

ideológica. Queremos que você, juntamente conosco, aceite o chamado de defender seus filhos, sua família e a Igreja de Cristo, ainda que o preço a ser pago seja alto. Segundo as palavras do próprio Jesus, “bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mt 5.11-12).

Se alguém se diz homossexual por decisão pessoal, ou crê que tenha nascido assim, ou ainda que acredite ou não que isso tenha sido fruto de influência familiar ou externa, precisamos respeitar. Se essa decisão de opção sexual foi dada de forma consciente ou inconsciente, se por decisão deliberada ou consequente, precisamos respeitar, ainda que biblicamente sem concordar. Discordar não significa desrespeitar. Discordamos da situação, porém respeitamos a opção e a pessoa. Julgamos ser essa a postura correta que o cristão deve ter. Inclusive, devemos demonstrar amor por essas pessoas a tal ponto que elas sintam o quanto são amadas por Jesus e o quanto podem ser libertas por Ele. Que elas possam desejar a libertação e uma vida de redenção através do amor. Se você conhece alguém que tenha a homossexualidade por opção sexual, não o maltrate por isso. Não manifeste ódio; pelo contrário, ame! “Abençoai aos que vos perseguem; abençoai e não amaldiçoeis [...]. A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens” (Rm 12.14,17-18).

Contudo, respeitar o ser humano não significa apoiar qualquer decisão, ato ou orientação sexual que tome, principalmente se estiver em desacordo com o que a Bíblia ensina quanto à família, à criação e à sexualidade humana. Não interprete mal o sentido da palavra respeito, pois precisamos preservar nossa mensagem, nossa igreja, nossos membros, nossas famílias. Precisamos de respeito e liberdade para seguir o que biblicamente aceitamos como regra de fé a ser seguida e manifestada por nós enquanto membros de nossas igrejas. Ora, a igreja é um ambiente com participação voluntária de pessoas que têm a mesma crença. Portanto, também queremos ser respeitados. Liberdade e respeito são uma via de mão dupla. Temos compromisso com o respeito e a liberdade, mas não podemos acatar nenhuma imposição que tente calar a Palavra de Deus ou aqueles que a pregam e seguem. Por isso, diante desse tema que vem impondo limites a nossa fé e abalando nossas famílias, vamos defender o respeito e a liberdade, mas nos manifestaremos contrários à imposição de conceitos e opções pessoais ou sexuais que desvirtuam nossos filhos, desacreditam nossas convicções religiosas

e destroem as bases sólidas de nossa comunidade.

Adotamos a Bíblia como nosso manual e prática de fé e, quando a analisamos, fica ainda mais cristalino o quão leviano e diabólico é o discurso dos ideólogos de gênero. Estes não aceitam a Deus como o supremo e infalível Criador, negando o próprio corpo em rebelião contra a ordem criada e, em uma tentativa de usurpar o poder divino, defendem que cabe ao indivíduo definir o seu gênero, rejeitando as diferenças biológicas sexuais na concepção e no nascimento. Biblicamente falando, não há como falar em determinação de gênero sem basear-se no sexo biológico. A Bíblia Sagrada, a Palavra de Deus, afirma categoricamente a distinção natural entre homem e mulher (Gn 1.27-28; 2.18-22; 5.2a; Dt 22.5; Pv 31.10-31; Mt 19.4-6; Ef 5.22-33), além de condenar veementemente as práticas da homossexualidade (Lv 18.22; Rm 1.24-27; 1 Co 6.12).

Concluimos, portanto, alertando que todo cristão verdadeiro deve opor-se à ideologia de gênero e saber refutá-la com bases filosóficas, científicas e bíblicas sólidas. Os cristãos devem falar da ideologia de gênero mostrando como ela é contrária às Escrituras e ao próprio Deus. Portanto, não fique calado(a) ainda que tentem calá-lo. Vença a timidez, o medo, o receio, o comodismo, a negligência.

Por fim, oremos para que todo debate e polêmicas que envolvem a ideologia de gênero gerem, a partir deste livro, profundo conhecimento e desejo de agir em busca de proteção de nossas crianças, de nossas famílias, de nossa fé, de nossa nação. Amém? A Deus seja toda honra, glória e louvor!

⁶⁸ [Documentário conta drama de gêmeo criado como menina após perder pênis. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/11/101123_gemeos_mudanca_s>](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2010/11/101123_gemeos_mudanca_s) Acesso em 12 dez. 2018.

⁶⁹ [John Piper afirma que não há como pregar o evangelho e ser “politicamente correto”. Gospel Prime. Disponível em: <https://noticias.gospelprime.com.br/john-piper-afirma-que-nao-ha-como-pregar-o-evangelho-e-ser-politicamente-correto/>](https://noticias.gospelprime.com.br/john-piper-afirma-que-nao-ha-como-pregar-o-evangelho-e-ser-politicamente-correto/) Acesso em: 12 dez. 18

DEPOIMENTO DOS AUTORES

Bom... ao chegar ao final desta leitura, precisamos, de forma extremamente sincera, confidenciar que foi desafiador e, por vezes, exaustivo escrever — ainda mais em dupla autoria — sobre um tema que mexe tanto com a família. Na verdade, vivemos um misto de sentimentos. Não podemos negar que nos sentimos privilegiados pelo convite, a confiança e a responsabilidade que a Casa (forma íntima de chamar a CPAD) depositou sobre nossas vidas. Porém, o grande e maior desafio era mostrar a você, leitor (a), a gravidade do tema. Sinceramente, em vários momentos durante os estudos e as pesquisas para escrita dessa literatura, ficamos revoltados, surpresos e emocionados ao descobrirmos coisas terríveis que são feitas para objetivos tão nefastos serem alcançados. Mas, graças a Deus, por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, que nos garante a vitória!

Acreditamos que assuntos como esse devam ser ainda mais suscitados e difundidos, pois trazem a oportunidade de esclarecimento, compreensão, debate e capacitação para o enfrentamento e defesa de nossa fé. Quem sabe venham mais trabalhos como esse e possamos novamente nos encontrar através das páginas de outros volumes literários.

Ao escrevermos, nosso desejo era transmitir não só conhecimento, como também trazer a você o sentimento, o anseio e o interesse de fazer algo para mudar esse quadro. Afinal de contas: você também é responsável!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Marcele Juliane Frossard de. Manifesto Comunista. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/manifesto-comunista/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2018.

BAILEY, J. Michael; PILLARD, Richard C. A genetic study of male sexual orientation. Archives of general psychiatry, v. 48, n. 12, 1991.

BEZERRA, Juliana. Karl Marx. 2018. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/karl-marx>>. Acesso em: 28/10/2018

BÍBLIA SAGRADA. Bom dia. Nova Tradução da Linguagem de Hoje. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

BLOM, Rianne M.; HENNEKAM, Raoul C.; DENYS, Damiaan. Body integrity identity disorder. PLoS One, v. 7, n. 4, 2012.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, DE 05 DE OUTUBRO DE 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 30 nov. 2018.

BRASIL. LEI Nº 10.406, DE 10 DE JANEIRO DE 2002. Código Civil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 30 nov. 2018.

BRASIL. LEI Nº 13.005, DE 25 DE JUNHO DE 2014. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 30 nov. 2018.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). Gênero, cultura visual e performance. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

BUTLER, Judith. Críticamente Subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. Sexualidades transgresoras. Una antología de estudios queer. Barcelona: Icària editorial, 2002, pp. 55–81.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CARDOSO, Renato; CARDOSO, Cristiane. Casamento Blindado: o seu casamento à prova de divórcio. Thomas Nelson Brasil, 2013.

CARVALHO, Olavo. Ocupando espaços. Editorial do Diário do Comércio; Abr. 2008. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/ocupando-espacos/>>.

COELHO, Mario Marcelo. Respostas Simples para Perguntas Difíceis. O que a igreja ensina sobre. Cachoeira Paulista: Editora Canção Nova, 2018.

CONSTANTINO, Rodrigo. A falácia do Polilogismo. 2008. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=283>>. Acesso em: 31 de outubro de 2018.

COUTO, Geremias. E agora, como viveremos? – A resposta cristã para tempos de crise e calamidade moral. Lições Bíblicas – Jovens e Adultos – 4º Trimestre. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CUNHA, Christina Vital da; LOPES, Paulo Victor Leite; LUI, Janayna. Religião e Política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll Brasil & Instituto de Estudos da Religião (ISER), 2017.

DE BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo. Nova Fronteira, 2014.

DE OLIVEIRA WEINMANN, Amadeu; VACARO CULAU, Fábio. Notas sobre o politicamente correto. Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 14, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/12663/9827>>. Acesso em: 25 set. 2018.

DIAMOND, Lisa M.; SAVIN-WILLIAMS, Ritch C. Explaining Diversity in the Development of Same-Sex Sexuality Among Young Women. Journal of Social

Issues, v. 56, n. 2, p. 297–313, 2000.

Documento Final da Conferência Nacional de Educação – CONAE. Fórum Nacional de Educação (FNE). Disponível em:
<<http://conae2014.mec.gov.br/images/doc/Sistematizacao/DocumentoFinal29012>
Acesso em: 30 nov. 18.

DOLL, Lynda S. et al. Self-reported childhood and adolescent sexual abuse among adult homosexual and bisexual men. *Child Abuse & Neglect*, v. 16, n. 6, p. 855–864, 1992.

ENGELS, Friedrich. A origem da família, da propriedade privada e do Estado. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2014, p. 79.

FEDOSSEIEV, P. N. et al. Karl Marx–biografia. Lisboa: Avante, 1983.

FOX, John. O Livro dos Mártires. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

GABRIELE, Kuby. The Global Sexual Revolution: Destruction of freedom in the name of freedom. Canadá: Angelico Press; 2016.

GILBERTO, Antônio. Daniel e Apocalipse. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

GONÇALVES, Carlos Roberto. Direito civil brasileiro v. 6–Direito de família. Editora Saraiva, 2018.

GRAHAM, Billy. Anjos: os agentes secretos de Deus. Editora Record, 1999.

HALEY, Mike. 101 Preguntas frecuentes sobre la homosexualidad. Florida: Casa Creación; 2005.

HAMER, Dean; COPELAND, Peter. The science of desire. The search for a gay gene and the biology of behavior. New York NY: Simon &, 1994.

HUMANOS, CONVENÇÃO AMERICANA DE DIREITOS. Pacto de San José da Costa Rica. PIOVESAN, Flávia. Direitos humanos e o Direito Constitucional Internacional, v. 10, p. 489–509, 1969.

INFOPÉDIA. Dicionários Porto Editora. Disponível em:
<<https://www.infopedia.pt/>>.

KAHLENBERG, Sonya M.; WRANGHAM, Richard W. Sex differences in chimpanzees' use of sticks as play objects resemble those of children. Current Biology, v. 20, n. 24, 2010.

KING, Michael; MCDONALD, Elizabeth. Homosexuals who are twins: A study of 46 probands. The British Journal of Psychiatry, v. 160, n. 3, 1992.

KIRK, Marshall; PILL, Erastes. The overhauling of straight America. Guide, November, v. 24, 1987. Disponível em: <<http://www.marriage-ecosystem.org/support->

files/THEOVERHAULINGOFSTRAIGHTAMERICA.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

LAJE, Agustin; MARQUEZ, Nicolás. O Livro Negro da Nova Esquerda. Curitiba: Editora Livraria Danúbio, 2018.

LAWRENCE A. Clinical and theoretical parallels between desire for limb amputation and gender identity disorder. Arch Sexual Behavior, 2006, número 35.

LIMA, Antonio Bosco de. ESTADO, ESCOLA E FAMÍLIA: SOBRE O DIREITO DE ESCOLHA. Educere et Educare, v. 3, n. 6, pp. 87–99, 2008.

LOBO, Marisa. A Ideologia de Gênero na Educação. Ministério Marisa Lobo. Curitiba, 2016.

LOBO, Marisa. Família em Perigo: o que todos devem saber sobre a ideologia de gênero. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Ed. Central Gospel, 2016.

LOBO, Marisa. Famílias em Perigo: O que todos devem saber sobre a ideologia de gênero. Editora Central Gospel, 2017.

LOPES, Hernandes Dias. Oseias, o amor de Deus em ação. Editora Hagnos. São Paulo, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. O Corpo Estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARINA, Diego López. Feminismo, ideologia de gênero e pedofilia? Especialista explica como se relacionam. 2017. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/no-ticias/feminismo-ideologia-de-genero-e-pedofilia-especialista-explica-como-se-relacionam-24553>>. Acesso em: 31 out. 2018.

MARX, K. e ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Global Editora, 1986.

MARX, Karl. A ideologia alemã. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. Boitempo, 2005.

MCCONAGHY, Nathaniel; BUHRICH, Neil; SILOVE, Derrick. Opposite sex-linked behaviors and homosexual feelings in the predominantly heterosexual male majority. Archives of Sexual behavior, v. 23, n. 5, 1994.

MEIRA, Iuri Lang. O politicamente correto e a publicidade de neutralização na campanha publicitária “The Hilfigers”. 2014. 59 f. Monografia (Bacharel em Publicidade e Propaganda). Curso de Publicidade e Propaganda. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2014.

NASCIMENTO, Valdir. Entre a Fé e a Política. Participação dos evangélicos no

processo político-eleitoral: Reflexões sobre a legitimidade, abuso de poder e ética cristã na esfera pública. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

NASCIMENTO, Valmir. O Cristão e a Universidade. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

NICOLOSI, Joseph; BYRD, A. Dean; POTTS, Richard W. Retrospective self-reports of changes in homosexual orientation: A consumer survey of conversion therapy clients. *Psychological Reports*, v. 86, n. 3_suppl, 2000.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Como Gramsci pode te ajudar a conquistar o mundo através do consenso. *Revista Galileu*, Abr, 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/04/como-gramsci-pode-te-ajudar-conquistar-o-mundo-atraves-do-consenso.html>>. Acesso em: 06 nov. 2018.

NUNES, Milena Ravanello Tonet. Criativamente incorreto: como o politicamente correto modifica o processo de criação na publicidade contemporânea. Monografia (graduação) – Universidade Federal do Paraná. Curso de Graduação em Publicidade e Propaganda. Curitiba, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete Vol. 1. Edusp, 1994.

PAPALIA, Diane E; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. *Desenvolvimento Humano*. 10.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PONDÉ, Luiz Felipe. Guia politicamente incorreto da filosofia. Leya, 2012.

POSSENTI, Sírio. A linguagem politicamente correta e a análise do discurso. Revista de estudos da linguagem, v. 3, n. 2, 1995.

REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RICARDO, Paulo. Associação Americana de Pediatras fulmina ideologia de gênero, 2016. Disponível em: <<https://padrepauloricardo.org/blog/associacao-americana-de-pediatras-fulmina-ideologia-de-genero>>. Acesso em: 30 out. 2018.

RICE, George et al. Male homosexuality: Absence of linkage to microsatellite markers at Xq28. Science, v. 284, n. 5414, pp. 665–667, 1999.

SABBATINI, Renato ME. Existem diferenças cerebrais entre os homens e as mulheres? Revista Cérebro e Mente, v. 3, n. 11, 2000. Disponível em: <<http://www.norponeto.com/antoniolima/linksPRA/cerebrais%20entre%20os%20>> Acesso em 04 out. 2018.

SANTIAGO, Pablo. La pedofilia como fenómeno psiquiátrico. Em: Alicia en el lado oscuro. Madrid: Imagine, 2004.

SARRINGTON, FrenchL. Atos dos Apóstolos. Comentário Bíblico Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

SCHELB, Guilherme. Orientações sobre Sexualidade Infantil. Limites e Desafios. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2016.

SCHWAMBACH, Claus. Teorias de gênero e suas influências sobre a educação de filhos. Disponível em: <<http://www.flt.edu.br/download/noticias/67/1187/11--cs--teorias-de-genero.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2018.

SEVERO, Julio. Manifesto comunista: manifesto contra a família. 2016. Disponível em: <<http://juliosevero.blogspot.com/2016/04/manifesto-comunista-manifesto-contra.html>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

SHELDON, L. P. A estratégia (The agenda): o plano dos homossexuais para transformar a sociedade. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2012.

SILVESTRI, Kátia Vanessa Tarantini. Ativismo como cidadania na contemporaneidade. Revista Publicatio UEPG, n. 23, jan.-jun. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/7270/0>>. Acesso em: 06 dez. 2018.

STODDARD, Joel P.; DIBBLE, Suzanne L.; FINEMAN, Norman. Sexual and physical abuse: A comparison between lesbians and their heterosexual sisters. Journal of Homosexuality, v. 56, n. 4, 2009.

TAY, John SH. Nascido Gay? Existem evidências científicas para a homossexualidade. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2011.

TEIXEIRA, Linderson. Envisionar: Metas e Valores para a Igreja que faz história. Blumenau: Editora Volante, 2018, p. 224.

TOMEIO, Marie E. et al. Comparative data of childhood and adolescence molestation in heterosexual and homosexual persons. Archives of Sexual Behavior, v. 30, n. 5, 2001.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria Duarte. Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação. Unicef, 1996.

VON MISES, Ludwig. O que os nazistas copiaram de Marx. 2017. Disponível em <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1518>>. Acesso em: 30 out. 2018.

WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Wiersbe Novo Testamento. Rio de Janeiro: Geográfica Editora, 2006.

WOLLMANN, Sérgio. O conceito de liberdade no Leviatã de Hobbes. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1993.